

S.278 Gonçalves Frane
Pe. Ralfy Mendes, S. D. B.

S.275

AMOR ...

ALEGRIA...

SACRIFICIO...

E. D. B.

1951

Brasil

P. RALFY MENDES
S. D. B.

AMÔR ...

ALEGRIA ...

SACRIFICIO .

UMA FLÔR SALESIANA DO BRASIL

VIDA DO P. FRANCISCO GONÇALVES

Leituras Catolicas de D. Bosco
III Serie - Leituras Edificantes - Vol. - I

BELO HORIZONTE

1951

NIHIL OBSTAT

São Paulo, 24 de Abril de 1950

P. Antonio Charbel, S. D. B.

Censor delegado

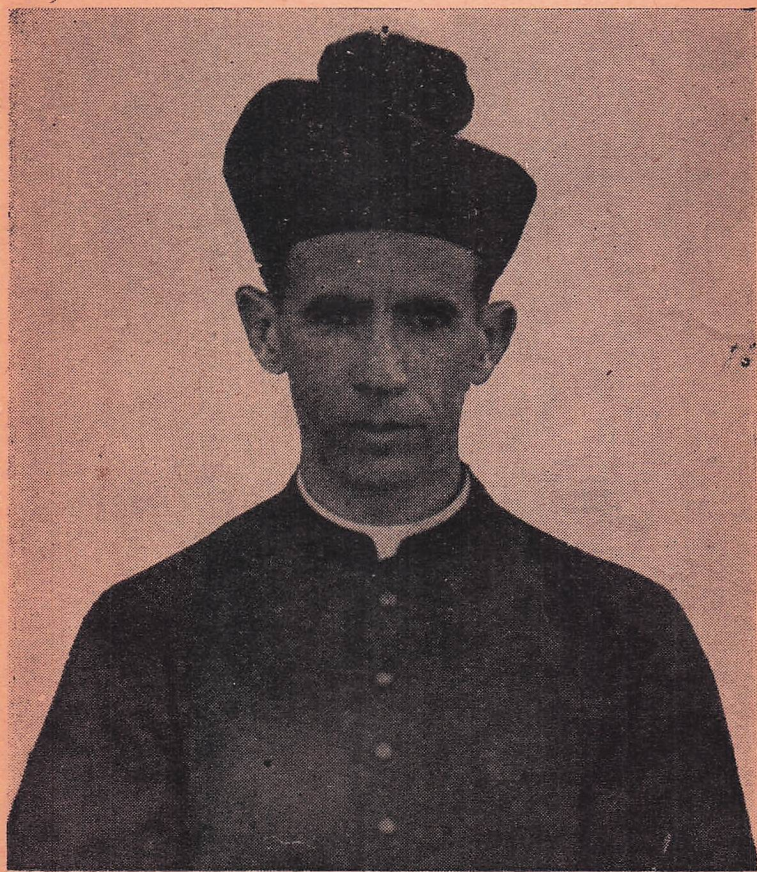
IMPRIMATUR

Sancti Pauli, 4.^a Maii 1950

Paulus, Episcopus Auxiliaris

INDICE

	PAG.
Morreu o Padre Francisco	5
Nascimento e Infância	9
Pela primeira vez numa Escola Salesiana	15
Partida para Lavrinhas — O Aspirantado	23
Noviciado	31
No Curso de Filosofia	41
Votos Perpétuos — Assistente em Cachoeira do Campo	49
Últimos degraus para o sacerdócio	57
O Sacerdote	67
Início de uma grande obra	77
O Oratório Festivo São João	85
Crescimento do Aspirantado	91
Zêlo pelas Vocações	101
A Escola Padre Sacramento	107
Padre Francisco, Vigário	115
O Religioso Exemplar	125
A virtude angélica	135
A piedade	143
Seus dotes de educador	155
Caridade sem limites	167
Com os cooperadores salesianos	175
Humildade e simplicidade	185
Sacerdote zeloso e trabalhador	195
Seus sermões, conferências e «Bôas Noites»	205
Último anos de atividades	219
Últimos dias	233
A saudade e a persuasão dos que ficaram	249



MORREU O PADRE FRANCISCO

«Beatus vir qui inventus est sine macula, et qui post aurum non abiit, nec speravit in pecunia et thesauris! Quis est hic? et laudabimus eum; fecit enim mirabilia in vita sua».

(Eccli, 31, 8-9)

«Feliz o varão que foi encontrado irrepreensível, que não correu atrás do ouro nem pôs suas esperanças no dinheiro e nos tesouros! Quem é êste? Louvá-lo-emos, pois, que fez cousas maravilhosas em sua vida!»

23 de julho de 1947.

Morreu, às 9,50 da noite, o Padre Francisco.

A notícia correu rápida por toda São João del-Rei. O telégrafo anunciava a todas as casas salesianas do Brasil: «faleceu santamente o Padre Francisco Gonçalves!»

Na manhã seguinte é o cadáver transportado da sala de visitas do Ginásio São João para o Santuário de São João Bosco.

A cidade se movimentou. A morte deste Padre a abalou. Choram velhos, choram crianças, choram pobres, choram ricos.

Automóveis de luxo sobem a rua Frei Cândido: são os cooperadores mais abastados, amigos do extinto, que lhe vêm trazer a última prova de carinho.

De um casebre do morro do «Lava-pés» um pobre negro desce ansioso. Ouviu dizer que morreu o P. Francisco. Com os olhos úmidos, a boca semiaberta, pés

descalços e em mangas de camisa, vem também prestar sua homenagem ao padre amigo dos pobres.

Às 9 horas, Missa Solene de corpo presente. O Santuário repleto de fiéis como no dia de sua inauguração. Há representações de tôdas as autoridades civis e militares, todo o clero local, numerosas confrarias e entidades religiosas.

Como sinal de pesar a Prefeitura Municipal encerrou seu expediente, hasteando a bandeira em funeral. Fecharam-se tôdas as fábricas, o comércio, a rádio local, o cinema.

Durante todo o dia, um dia triste de céu cinzento, milhares de pessoas de tôdas as categorias, passaram pelo Santuário para visitar os despojos mortais, para tocar objetos religiosos, para rezar pelo querido finado.

Às 17 horas cantou-se o «Libera me» e começou o enterro. Um préstito triunfal! Jamais a cidade presenciou semelhante espetáculo, como diziam pessoas antigas na terra. Quando o féretro saía do Santuário, a cabeça do cortejo, em filas de oito a dez pessoas, já estava à distância de mais de um quilômetro. E quanto recolhimento, quantas orações, quantas lágrimas! Mais de trinta sacerdotes presentes disputavam as alças do caixão. A Avenida Rui Barbosa, principal artéria da cidade, era um mar de cabeças. 18.000 pessoas ali se achavam. Parecia que a cidade em pêso descera à rua para prestar uma derradeira homenagem àquele sacerdote pequeno e modesto que, em tão pouco tempo, conquistara todos os corações.

Uma pessoa que se retirou para casa antes do termo do préstito, passando pelo centro da cidade, só encontrou na rua um único homem, e este, provavelmente, também voltava do cortejo! Até os cafés e bares estavam fechados.

Enquanto o povo se dirigia para a igreja do Carmo, as associações e o clero passaram pela Matriz de Nossa Senhora do Pilar, cujo pároco desejara e pedira, como mercê, a honra de prestar-lhe a sua homenagem.

Dali o préstito rumou para o Carmo, cuja praça e

adjacências estavam inteiramente ocupadas por incalculável multidão. Depois de nova encomendação, seguia o cortejo para o vizinho cemitério do Carmo.

Antes que o caixão baixasse à sepultura quatro discursos se ouviram: falou o P. João Resende, Inspetor Salesiano interino, falou um aspirante aluno do P. Francisco, um paroquiano e um representante do Regimento Tiradentes, o Sr. Major Carlos de Oliveira Campos.

Alguém que não conhecesse o P. Francisco, ao presenciar êste enterro triunfal, diria com certeza: verdadeiramente êste homem era um grande sacerdote.

Em sete anos que viveu em São João del-Rei angariou tantas simpatias e amizades que, depois de morto, são 18.000 os que lhe vão levar o último adeus no cemitério!

«Quis est hic?»

Que padre era êste que soube cativar de tal modo a população da cidade? Que íman possuía êle em sua vida para atrair assim tantas pessoas? Como vivia? Em que fontes buscava êle a força poderosa da santidade que possuía?

Abramos o livro de sua vida tão curta, 36 anos apenas, e aí, na pobreza das expressões e na simplicidade das narrativas — como simples e pobre foi o P. Francisco —, vamos conhecer esta figura de escol do cenário salesiano brasileiro, êste «varão irrepreensível que não correu atrás do ouro nem pôs suas esperanças no dinheiro e nos tesouros».

Louvá-lo-emos, então, pois que «fêz cousas maravilhosas em sua vida».

NASCIMENTO E INFANCIA

«Puer autem... proficiebat atque crescebat, et placebat tam Domino quam hominibus».

(1 Reg 2, 26)

«E o menino ia crescendo e era tão agradável a Deus como aos homens».

O menino Francisco Gonçalves de Oliveira nasceu a 21 de fevereiro de 1911 na propriedade agrícola Campo Belo, naquele tempo distrito de Prudente de Moraes e município de Matosinhos, Minas.

Seus pais, Francisco Gonçalves Mascarenhas e Da. Maria José de Oliveira, católicos fervorosos, o levaram à pia batismal da Matriz de Matosinhos onde, no dia 14 de abril do mesmo ano, recebeu as águas regeneradoras do santo batismo que o fizeram filho de Deus e herdeiro do Céu.

Pouco tempo depois o pai passou a residir no arraial de Capim Branco, sede de um dos distritos pertencentes, naquela época, ao município de Santa Luzia.

Este arraial onde o nosso Francisco, na intimidade de Chic Chico, passou a residir situa-se a uns 70 quilômetros de Belo Horizonte e a 3 quilômetros de Periperi, estação preferida pelos habitantes de Capim Branco para suas locomoções de produtos pecuários e agrícolas.

A estrada que vai da estação de Periperi ao arraial de Capim Branco contorna uma aprazível colina, descrevendo um semi-círculo que termina na Fazenda Capim Branco.

No declínio dêste monte estavam plantadas umas

250 ou 300 casas, algumas mais ou menos em alinhamento e a maioria delas desordenadamente, dando, a quem as via de longe, a idéia de um acampamento de soldados.

A população do arraial constituia-se de gente rústica, muito simples. Era, porém, gente boa e bastante laboriosa.

Na parte mais elevada do arraial, como na maioria dos povoados mineiros, via-se o cemitério, tendo na frente um grande cruzeiro de uns 12 metros de altura.

Dessa cruz parte, em linha reta, a rua principal, em cuja extremidade está localizada a capelinha onde o piedoso Vigário. P. Francisco Chaves, residente em Matosinhos, vem, uma vez por mês, celebrar a Santa Missa.

Exatamente em frente a essa capelinha encontra-se uma casa comercial, a melhor da localidade, pertencente ao Sr. Francisco Gonçalves Mascarenhas, varão excessivamente bondoso e justo, no dizer de seus contemporâneos, de trinta e poucos anos de idade, portador de alguma cultura geral mas de pouca saúde.

Casado com Da. Maria José de Oliveira, na intimidade Da. Mariquinhas, senhora de virtudes modelares, de muita piedade e grande amor ao trabalho; teve o casal cinco filhos: José, Antônio, Francisco, e duas meninas: Nair e Maria Rosa.

A primeira infância do Chichico corria normalmente. Era êle um pouco franzino mas vivo e muito docil. A boa Mamãe desde cedo foi-lhe infiltrando no coração os bons sentimentos que mais tarde o fariam tão maleável às mãos dos educadores: sentimentos de submissão, obediência, cumprimento do dever, limpeza das roupas, fuga dos companheiros, não se afastar sem licença, e várias outras cousas que faziam dele, embora tão pequeno, um menino de ouro, estimado por todos os habitantes do arraial.

Como o pequeno Samuel de que nos fala a Escritura, Francisco «ia crescendo em estatura e tornava-se tão agradável a Deus como aos homens».

Quando tinha 5 anos e começava a sair da primeira infância, quando ia começar a viver uma nova vida de maior compreensão infantil e de impressões mais indeléveis, sofreu um abalo que lhe havia de ser como uma ferida no coração ainda tão tenro.

Certas impressões, diz um escritor, são como as feridas feitas com a faca nas cascas delicadas das árvores novas. A árvore cresce, envelhece, e a ferida cresce e se engrossa com ela.

Esta impressão que o Chichico recebia aos 5 anos, a da morte do pai que o Senhor levou para si aos 29 novembro de 1916, foi, na verdade, uma ferida que lhe ficou impressa no coração e que com êle cresceu. Não cresceu, porém, para despertar sentimentos de revolta ou rancor. A proporção que os anos passavam esta impressão crescia para fazê-lo sempre mais amigo, mais dedicado, mais pronto a socorrer aquêles que, como êle, tiveram a triste sorte da orfandade.

Como a Dom Bosco, Nosso Senhor lhe fazia experimentar esta dor na infância para que mais tarde soubesse avaliá-la no próximo e se sentisse levado a dizer-lhe a palavra carinhosa de conforto e animação, a ministrar os desvelos de pai aos que não tinham pai.

Em 1919, estando já o Chichico com 8 anos, entrou para a escola local onde lecionava o Sr. Francisco Teixeira, professor de 25 anos, casado, estudioso, que tudo fazia para que seus alunos tivessem uma esmerada educação e instrução.

Este bom mestre sempre conservou pelo discípulo uma sólida amizade. Embora nunca mais se tivessem encontrado nos anos seguintes, continuavam como bons amigos e trocavam cartas atenciosas.

Em 1920 Francisco recebeu o Sacramento da Crisma das mãos de S. Excia. Dom Silvério Gomes Pimenta.

Da. Mariquinhas já viuva há quatro anos, hipotecados que foram os bens do marido que, por generosidade dera tudo ao povo, retirou-se de Capim Branco para o sítio de Barreiro, antiga propriedade de seus pais, com as duas filhas menores e um irmão, onde se

dedicou à lavoura e onde conseguiu, com heroísmo invejável, criar e educar os cinco filhos! Conseguiu, por recomendação do Dr. Francisco de Sales ex-presidente de Minas e Ministro da Fazenda, lugares gratuitos para José e Antônio nas Escolas Dom Bosco de Cachoeira do Campo. Chichico, para continuar os estudos primários, teve de ficar em casa da Vovó, onde poderia frequentar o Grupo Escolar de Prudente de Moraes.

Longe da Mamãe, vivia pensando nela e era com grande alvoroço que todos os sábados, à noitinha, chegava ao sítio do Barreiro para passar o domingo ao seu lado. Levava sempre consigo uma bengalinha que lhe dava um ar muito interessante e o fazia reconhecível à distância.

Junto da mamãe prodigalizava-lhe mil carícias. Dizia-lhe mesmo com orgulho infantil: «Mamãe, hei de estudar muito para conseguir, quando crescer, um bom emprego e ajudá-la para poder educar as irmãzinhas. Nunca farei como os irmãos mais velhos que querem se afastar da senhora para ser padres...»

Veremos, a seu tempo, que outros eram os designios da Providência. Nosso Senhor lhe irá premiar a bondade do coração dando-lhe, no futuro, a maior graça que pode outorgar a uma criatura depois do batismo: — a vocação religiosa e sacerdotal.

O Chichico foi sempre um menino dócil, aplicado aos estudos, muito cuidadoso de seus livros, cadernos e lapis. Dava gosto vê-lo bem limpinho, com o passo rápido a caminho da escola que distava três quilômetros.

No Grupo Escolar sempre se distinguiu nos estudos e procedimento. Nos dias de festa cívica, nos teatros escolares, era sempre lembrado para um discurso ou para recitar, com garbo e voz bonita, uma poesia. Foi o orador de sua turma. Sua voz de contralto grave, os gestos resolutos e o olhar penetrante davam-lhe uma seriedade superior à sua idade. Esse conjunto, unido ao procedimento irrepreensível fazia com que êle adquirisse grande ascendência sobre os companheiros.

Os irmãos mais velhos nunca ouviram de sua boca

uma palavra menos conveniente que, de leve, ofendesse a moral. Nunca o viram nem jamais souberam que êle andasse com maus colegas, que tivesse qualquer atitude menos digna. Foram todos criados com muito rigôr. A boa Mãe não os perdia de vista, nunca os deixava com os meninos da rua.

Quando os irmãos vinham à casa para as férias do fim do ano, reuniam-se todos em casa da Mamãe, no sítio. Brincavam então alegremente os três meninos cujas diversões consistiam, as mais das vezes, em andar a cavalo e pegar passarinhos, sem nenhum contacto com os moleques.

Aos onze anos, aos primeiros albores da adolescência, dessa idade em que o menino começa a ver tudo fantástico em volta de si, idade ao mesmo tempo de timidez e de coragem, Chichico parecia já um rapazinho ajuizado.

Era sobremaneira gentil no trato. Sabia cativar amizades com seus modos delicados e singulares. Era a «pupila dos olhos» da vovó a quem êle chamava «mamãe com açúcar».

Outro seu traço característico, nessa idade, era o amor ao trabalho, preciosa herança dos pais. Levantava-se bem cedo e, quando estava no sítio, gostava de ajudar nos pequenos afazeres como tratar das galinhas e dos porcos, buscar as vacas para a ordenha e debulhar o milho.

Quando o tio queria um cavalo às pressas, bastava recomendar ao Chichico. Entre apanhar o cabresto, correr ao pasto e vir em breve montado em pêlo no animal, tocando com afinco, pouco tempo decorria.

Não sabia mesmo ficar desocupado. Tinha a vocação para o trabalho. Seu irmão José narra: «Eu me lembro muito bem que às vezes eu e o mano Antônio ficávamos choramingando quando recebíamos uma ordem, como seja varrer o terreiro, apanhar lenha no mato próximo. Em vista da presteza do Chichico, que era menor, tínhamos que apressar o passo para não fazermos feio».

Coroando êstes dotes que o faziam tão querido de todos havia um outro de real valor: sua piedade.

Após o primeiro contacto com Jesus Hóstia o pequeno Chichico tornou-se mais reflexivo, mais recolhido. E Jesus marcou-lhe um lugar à sua mesa. Este lugar Francisco, logo que as circunstâncias o permitam, irá cotidianamente ocupar para o colóquio com seu Divino Amigo.

Inteligente como era aprendeu depressa os rudimentos do Catecismo, dêste livrinho de ouro cujo estudo êle, mais tarde, saberá inculcar com tanto amor e insistência.

Há uma cena familiar dêstes tempos que os irmãos nunca puderam esquecer. Um deles assim a descreve — «Minha avó materna gostava de rezar o terço tôda noite. Rezava um terço comprido, com umas meditações antigas, extensas, que faziam a gente cochilar. Nosso Chichico sentava-se sempre junto dela, segurando bem o seu tercinho de contas vistosas e não ganhava os terríveis beliscões da velha, como nós outros que perdíamos o fio da meada...»

Em frente ao Grupo Escolar de Prudente de Moraes ergue-se hoje um altaneiro e copado cedro plantado, no «dia da árvore», pelas mãos inocentes do melhor aluno da classe, Francisco Gonçalves.

Esta árvore frondosa é bem o símbolo desta alma gigante que ora contemplamos no alvorecer da vida. Vem à mente a passagem das Sagradas Escrituras que nos diz: «o justo crescerá como o cedro do Líbano» (Sl 91,13).

Acompanhemos essa tenra plantinha em seu harmonioso crescimento e veremos que também ela, como o cedro do Líbano, se esgalhará pujantemente e nos dará flôres perfumosas e frutos opimos de virtudes cristãs e piedade salesiana.

PELA PRIMEIRA VEZ NUMA ESCOLA SALESIANA

«Adolescens iuxta viam suam; etiam cum senuerit,
non recedet ab ea».

(Prov. 22,6)

«Educa a criança no caminho em que deve andar,
e ainda quando for velho, não se afastará d'êles».

Em 1922 Francisco terminava brilhantemente o curso primário no Grupo Escolar de Prudente de Moraes. Conseguiu a mãe um lugar para êle nas Escolas Dom Bosco com a vaga do irmão José que, desejoso de ser padre, partia para o Aspirantado salesiano de Lavrinhas, Estado de São Paulo.

Francisco, então, com 12 anos, em fevereiro de 1923, entrava pela primeira vez numa escola salesiana. Novo ambiente, novos estudos, novos mestres, vida nova.

Doía-lhe um pouco, afeiçoado como era, o ficar longe da mamãe, da vovó e das irmãzinhas mas... era preciso fazer como os outros irmãos, conformar-se e ficar interno nas Escolas.

.....
Cachoeira do Campo é um deslumbramento da natureza aos olhos de quem lá chega pela primeira vez.

Impressionam ao recém-chegado as curvas rápidas das estradas que serpeiam pelos morros, a vegetação luxuriante, os pinheiros erguidos de braços abertos como verdes candelabros voltados para o céu, o ar puro e fresco da serra e mais um sem número de belezas naturais. Riachos e cascatas surgem a cada momento por entre o rendilhado dos cipós e das folhagens.

O edifício das Escolas Dom Bosco é um antigo quartel do tempo do Império. Guarda ainda, nas linhas arquitetônicas, seu aspecto colonial e tem, na fachada, um brasão das armas imperiais.

Ao transpor a soleira dêste casarão, ainda meio tonto pelas surpresas que a natureza pouco antes lhe apresentara, o novo aluno sente-se ainda mais admirado com o novo espetáculo que tem diante dos olhos. Esperava encontrar aí uns padres carrancudos e vê que os superiores se aproximam dele com um sorriso muito afável como se fôsem antigo amigos. Mais alguns passos e... eis o pátio cheio de movimento e alegria. Os olhos de Francisco adquirem um novo fulgor. Não há um menino parado. Não se vê um aluno triste. Todos brincam, todos correm e os superiores participam de seus folguedos.

Bem no meio do pátio Chichico viu uma estátua, a da Virgem Auxiliadora. Sua mamãe tinha ficado tão longe... Mas não havia de ser nada. Aquela Senhora que ali estava ia ser agora sua outra mamãe. O novo aluno percebeu logo que se ia dar bem naquele ambiente.

A franqueza e a bondade dos superiores salesianos, a alegria dos companheiros, alguns conselhos que lhe deu o irmão Antônio que também ali estava, puseram-no logo à vontade.

Francisco estava agora em plena adolescência. Esta adolescência tão perigosa e, muitas vezes, fatal êle a teve amparada pelo sistema pedagógico de Dom Bosco que, com a piedade e com o carinho dos superiores foi para êle, através dos jogos, dos divertimentos sãos, dos passeios, dos concursos escolares, da palavra boa e amiga, da piedade, da assistência à Santa Missa, da confissão semanal, da comunhão frequente, a idade da alegria cristã, — um verdadeiro despertar para tudo o que a vida encerra de mais nobre, mais belo e mais santo.

«Educa a criança no caminho em que deve andar, e ainda quando fôr velho, não se afastará dêle». Fran-

cisco já iniciara a caminhada feliz do bem e da virtude, caminho que êle sempre trilhará até o fim da vida. Feliz o jovem que tem uma adolescência feliz.

No seu primeiro ano nas Escolas Dom Bosco êle progrediu rapidamente, habituado como estava com a disciplina da mamãe. De coração bondoso e afetivo, afeiçoou-se logo aos superiores aos quais obedecia com docilidade.

Seus antigos mestres daquele tempo são todos unânimes em afirmar que êle era um aluno exemplar: entregava-se seriamente aos estudos, cumpria todos os pontos do Regulamento e era muito piedoso.

Lendo a vida de Domingos Sávio, Chichico compreendeu a que ponto poderia também êle chegar numa casa salesiana. Generoso para com Nosso Senhor procurou imediatamente imitar o jovem aluno de Dom Bosco.

Seu assistente daquele tempo, o Coadjutor Sr. João Floresta, bravo mestre de agricultura, diz que o Francisco «era realmente um aluno modelo. Não só não me dava trabalho — diz êle — mas muito me ajudava na assistência dos outros meninos embora fôsse ainda tão criança. Era tão piedoso que quase... quase... o colocaria no altar ao lado de São Luiz».

Seus colegas daquele tempo lembram-se com satisfação do menino tão bom que era Francisco Gonçalves.

No refeitório era o «chefe de mesa», encarregado não só de distribuir os comestíveis mas, principalmente, de zelar pelo bom procedimento dos companheiros.

No pátio era considerado a alma dos recreios. Para organizar uma partida de futebol Francisco era logo apontado como o melhor «capitão». Num instante trazia as camisas de cores berrantes, as distribuía com os jogadores, organizava os «teams» em campo, dava o sinal para começar e, dentro em pouco, a «pelota» saltava no ar em meio à mais expansiva hilaridade.

Quando cessava de brincar costumava passear e conversar com os salesianos pelo pátio. Suas palestras eram simples, vivas e amigáveis.

Tinha verdadeira veneração pelo seu diretor P. Carlos Peretto e mostrava-se sempre muito grato ao Coadjutor Sr. Fontoura que lhe deu as primeiras normas de declamação e o curou de uma enfermidade com suas célebres homeopatias.

Fazia parte da banda de música onde tocou sax e, mais tarde, clarineta. Várias vezes subiu ao palco para as representações colegiais. No esboço dramático «Satan» Francisco fez o papel do Anjo e o irmão Antônio o do ladrão.

Em fins de 1924, com quase 14 anos de idade, Francisco foi passar as férias em casa. Levava lindos prêmios e um exemplar dos «9 Ofícios», devoção que gostava de propagar naquela idade. Consequira prêmios de procedimento, instrução religiosa, trabalho, música, declamação e pontualidade.

Nestas férias confiou um segredo à mamãe. Chamou-a a um canto do quarto e aí onde ninguém os via nem ouvia disse-lhe: «Mamãe, quero lhe dizer um segredo. Quando pequenino desejava arranjar um bom emprego para mais tarde ajudar a senhora e as irmãs. Nestes dois anos escolares, porém, venho compreendendo que Nosso Senhor me chama para outra coisa... Mamãe, dê-me licença... Quero ir para Lavrinhas... estudar... quero ser padre!

A mãe, cheia de surpresa, calou-se por algum instante. Francisco falara com tanta sinceridade e havia tanta unção em sua voz que ela nem sequer ousou interrompê-lo. Disse-lhe depois com calma e firmeza: «Meu filho, é possível que seja esta a vontade de Deus mas eu não posso permitir que você vá agora para Lavrinhas. E' preciso que termine antes o curso em Cachoeira do Campo. Você não tem muita saúde, talvez lá não se dê bem com o clima e com os estudos e, se tiver que voltar mais tarde, perderá o lugar que tem nas Escolas Dom Bosco».

Francisco, tristonho, abaixou a cabeça. Queria replicar, expor novas razões mas não podia, não se sentia com forças para discutir com a boa mamãe.

Percebeu que, daquele dia em diante, uma nova vida se iniciava para êle. Um ideal, qual uma estrêla matutina, despontou no horizonte de sua vida — a vocação sacerdotal. Feliz o jovem que enxerga no amanhecer de sua existência êsse astro brilhante que há de ser o guia de todos os seus atos, o motivo do seu viver.

Contrariado em seu desejo, Francisco voltou após as férias para a escola, disposto a redobrar seus esforços na piedade e suas penitências para alcançar do Senhor a graça de poder conseguir o seu ideal.

Seu procedimento de aí por diante foi o de um verdadeiro aspirante salesiano. Procurava conhecer a vida do aspirantado para vivê-la em Cachoeira.

Diante do altar da Virgem Auxiliadora, conforme dissera mais tarde, êle sentira desabrochar no coração o germen divino da vocação sacerdotal e religiosa. Junto àquela mesma Virgem querida êle esperava alcançar a graça de perseverar nestes bons desejos e conseguir da mamãe a suspirada licença de ir para Lavrinhas iniciar os estudos eclesiásticos.

Com 14 anos Francisco já tinha perfeita compreensão da vocação sacerdotal e dos requisitos que ela exige. Deus é puríssimo espírito. Quem quer segui-lo deve se livrar de tudo que é terreno. Ele exige um coração puro. Foi com estes pensamentos e movido pelo grande amor que extravasava de seu coração ainda adolescente que Francisco, no dia 3 de abril de 1925, entrou muito recolhido na capela das Escolas Dom Bosco, ajoelhou-se diante do altar da Virgem Auxiliadora e Imaculada e fez, pela primeira vez, o voto de castidade.

Quem pode descrever o que lhe ia no coração naquele momento? E' nesta idade que o coração do adolescente começa a despertar para o amor. E' uma necessidade imperiosa que o preocupa dia e noite. Faz-se mister, pois, nesta época, que os pais e educadores saibam orientar para o Sumo e U'nico Bem os afetos desse coração que começa a despertar.

Os primeiros harpejos de amor do coração de

Francisco foram para Nosso Senhor, para a Virgem Santíssima. Diante daquele altar êle fazia a oferta generosa de todos os seus afetos; entregava-os todos ao Senhor, prometendo viver, de ora em diante, exclusivamente para êle.

Para esta promessa tinha licença do seu confessor e diretor. Para guardar esta data importante deixou escrito em seu caderninho particular: «Cachoeira do Campo, 3 de abril de 1925 — Dia da minha primeira promessa (Voto de Castidade)». Lê-se em seguida: «Renovei dia 17 de fevereiro (certamente do ano seguinte, 1926) até 31 de março, (Páscoa de 1927)».

Basta êste fato para nos dar uma idéia geral da vida angélica que levava o aluno Francisco Gonçalves em Cachoeira do Campo.

Nesse ano de 1925 em que cursou o 1.º ano preparatório, Francisco ocupou o cargo de secretário da Companhia de São Luiz, associação religiosa da qual participavam os melhores e mais piedosos alunos.

Em julho dêsse ano teve a satisfação de conversar pela primeira vez com o Sr. P. Domingos Cerrato que era, então, o Inspetor Salesiano do Sul do Brasil. Ajudou-lhe na Santa Missa com tôda a piedade, executando com precisão as cerimônias. Após a Missa, o P. Vicente Giaccardi, o apresentou ao bondoso P. Inspetor dizendo-lhe que Francisco desejava ser salesiano.

Lembrou-se sempre, com imensa gratidão, das palavras carinhosas que lhe dissera o Pe. Inspetor naquela ocasião. Falara-lhe da vida religiosa e da excelência da carreira sacerdotal, como era costume em suas visitas as Casas da inspetoria, animando-o e encorajando-o a prosseguir no seu ideal.

No fim do ano partia novamente para as férias tendo obtido prêmio de instrução religiosa, procedimento, estudo, pontualidade, música, declamação e prêmio especial de trabalho.

Correram as férias santamente e alegremente. Tendo representado em Cachoeira, com o irmão, o drama «Satan», quiseram dar uma exibição para o povo

no arraial. Francisco seria o Anjo, Antônio o ladrão e o outro irmão José seria o Demônio. Seu irmão Antônio diz que a representação prosseguia calma parecendo agradar a todos, mas quando entrou o «capeta» em cena houve um enorme pavor, gritos, correria e choro de crianças...

Nestas férias Francisco aproveitava o tempo, andando a cavalo, ajudando o tio nos serviços da lavoura e resolveu fazer uma criação de bicho da seda a qual serviu apenas de passatempo, sem lhe proporcionar ganho ou prejuízo.

Entre os irmãos reinava uma perfeita harmonia, o que era, aliás, uma característica da família.

No ano seguinte, 1926, Francisco voltou a Cachoeira para cursar o 1.º ano de agronomia disposto porém a redobrar seus esforços para alcançar de Deus a graça almejada de seguir a vocação sacerdotal.

Um salesiano coadjutor daquele tempo, em quem Francisco muito confiava, afirma que seu espírito de penitência nesse ano foi extraordinário e que chegou a se penitenciar como São Luiz Gonzaga. Tinha, certamente, licença do confessor.

Nosso Senhor abençoou seus esforços e, dentro em breve, lhe iria abrir as portas do Aspirantado. A avezinha estava prestes a bater as asas, deixando o lar à procura do seu ideal.

O pensamento de quem em Lavrinhas poderia viver em mais íntima união com Deus, unicamente para o seu amor, enchia-o de santa alegria e fazia-o ainda mais firme nos seus propósitos.

Em junho desse ano participou de um Congresso missionário colegial, discursando brilhantemente por ocasião da inauguração do retrato do ex-diretor P. Carlos Peretto.

No fim de 1926, ano em que ele fôra o presidente da Companhia de São Luiz, levava para casa, como prova de seus esforços, os prêmios especiais de trabalho e procedimento, além dos outros de instrução religiosa, música, declamação e italiano.

Francisco, à proporção que crescia em idade, progredia em santidade.

O P. Alcides Lana, Inspetor salesiano, naquela época conselheiro escolar em Cachoeira do Campo, diz-nos: «Como aluno, Chichico foi um outro Domingos Sávio e tenho para mim que conservou sempre a inocência batismal. Foi sempre uma criatura angélica,

PARTIDA PARA LAVRINHAS — O ASPIRANTADO

«Laetatus sum, quia dixerunt mihi: In domum Domini ibimus».

(Ps 121,1)

«Alegrei-me porque me disseram: Iremos à casa do Senhor».

Aquelas férias de 1926-27 seriam as últimas que Francisco passaria ao lado da mamãe e dos irmãos. Ainda não obtivera licença para ir para Lavrinhas, mas alguma cousa lhe dizia que em breve haveria de partir. São dessas certezas que a alma, mesmo das crianças, adquirem em virtude de suas orações, de uma amizade e confiança que depositam em Deus.

Francisco conversava com a mamãe, brincava com os irmãos pelos verdes campos do sítio. Tudo aquilo, em breve, seria, para ele, uma saudade.

Corriam os dias de férias cêleremente e eis que, numa clara manhã de janeiro, desembarcou um padre salesiano na Estação de Prudente de Moraes. Era o P. Alcides Lana que, lá ia em busca de uma ovelhinha. Tendo conseguido um animal, o P. Alcides cavalgava pelas encostas e vales a caminho do sítio. Depois de uma hora e tanto de viagem, avista, ao longe, uma casa onde devia estar o Chichico. Lá chegando tem uma desilusão. Diz-lhe o tio do pequeno que ele estava com a mãe e irmãos na casa da vovó, perto da estrada de Sete Lagoas.

Mais uma hora de viagem e chega, afinal, o P. Alcides à almejada casa.

Vieram todos à porta alegremente esperar a im-

portante visita. O mais alegre, porém, era o Chichico que já sabia o motivo da visita do padre. Os outros de nada suspeitavam.

Padre Alcides, sempre franco, depois dos cumprimentos, disse sem preâmbulos:

— «Sabe, Da. Mariquinhas, o que vim fazer aqui? Vim buscar o nosso Chichico para levá-lo para Lavrinhas, em São Paulo, e vamos fazer dele um padre salesiano».

O Chichico, com os olhos arregalados e curiosos ouvia atentamente aquêlê frasear espontâneo do P. Alcides. Guardou-o bem no fundo do coração. Frases como aquelas êle terá que repetir muitas vezes, no futuro, em busca de vocações.

A mãe e as irmãs se puseram a chorar. Temia a boa mamãe que o filho não se desse bem de saúde em Lavrinhas, como acontecera com o irmão e, não podendo ficar, perderia o lugar gratuito nas Escolas Dom Bosco, de Cachoeira do Campo.

— «Não é possível — disse Da. Mariquinhas —, êle é o caçula, tem que cuidar das irmãs, não é possível!

— «Não há razões que me demovam do meu intento», disse o Pe. Alcides entre sério e brincalhão.

— «Quem cuidará das meninas?

— «Deus, Nossa Senhora Auxiliadora e Dom Bosco

— «Mas P. Alcides, não é possível!

— «E' possível, e êle irá. As meninas irão para o Colégio das Irmãs, de Cachoeira. Vou pedir às irmãs. A senhora também irá para lá, se quiser, e fará alguma cousa ajudando as Irmãs. (Profecia que depois se realizou). A senhora não se pode opor à vontade de Deus».

Os argumentos de Da. Mariquinhas se esboroaram por terra. A voz possante do P. Alcides declarou encerrada aquela reunião, e Chichico partiria, afinal, para Lavrinhas.

Os dias que seguiram foram de preparativos para a viagem. Francisco já podia agora dizer como o Salmista: «Alegrei-me porque me disseram: iremos à casa do Senhor».

Fazia todo o possível para consolar a mãe e con-

vencê-la de que dar-se-ia muito bem em Lavrinhas e tudo haveria de correr às mil maravilhas.

— «Pense, mamãe, na alegria grande que a senhora terá daqui a alguns anos quando eu vier visitá-la vestido de clérigo...»

A mãe ficava pensativa, chorosa, e nada dizia. Embora tivesse dado licença para o filho partir, mostrava-se contrariada e triste.

Chegou, afinal, o dia da partida.

Foi um dia chuvoso e triste. Francisco às 2 horas da madrugada despediu-se da mamãe que, ainda muito abatida, nem pôde vir à casa da vovó para vê-lo tomar o trem.

Ia aquêle jovem de 16 anos, sòzinho, pela estrada que o levava à Prudente de Moraes onde tomaria o noturno para Cachoeira do Campo, donde seguiria para Lavrinhas.

Pela porta entreaberta a mãe chorosa acompanha o vulto do filho que aos poucos vai desaparecendo na escuridão da noite.

Francisco volta-se ainda uma vez e abana o lenço para a figura querida e inesquecível que êle ainda divisa lá na sala ao leve iluminar do lampeão.

Horas depois, já no comboio, êle contemplava as gotas de orvalho caídas sôbre os prados que margeiam a estrada de ferro. Pareciam lágrimas de prata brilhando aos primeiros raios do sol nascente...

De seus olhos também desciam, lentamente, alguns fios de prata... Jamais imaginou que amasse tanto sua mamãe como o sentia naquela manhã em que dela se afastava. Sofria ainda mais por ter que deixá-la tão desconsolada e triste.

Era o primeiro sacrifício que o Senhor dele exigia em proveito de sua vocação. O sofrimento é sinal de amor, é distintivo dos que são amados por Deus.

Ele costuma repreender e castigar aquêles a quem ama. **Ego quos amo arguo et castigo**. (Apoc. 3, 19).

Francisco se aproximava para o serviço de Deus; era, pois, preciso que se preparasse para o sofrimento.

«Fili, accedens ad servitutem Dei... praepara animam tuam ad tentationem». (Eccli 2, 1).

Com esta primeira grande prova sua alma tornou-se mais forte, mais viril. E' esta uma das grandes vantagens do sofrimento. Ele não só purifica a alma mas também a fortifica.

Francisco já se sentia em plena juventude apesar de seus 16 anos. A prova por que acabara de passar amadurecêra-lhe de muito o espírito. Sua vocação estava salva, vitoriosa e, de certo modo, garantida a perseverança.

.....
Lavrinhas era, naquele tempo, uma pequena vila do Estado de São Paulo, distante 7 quilômetros da cidade de Cruzeiro.

O Ginásio São Manuel, afastado uns 500 metros da estação, era a casa destinada a receber os meninos e jovens desejosos de abraçar a vida salesiana.

Achava-se êste edifício na encosta de um morro cujos contrafortes, do lado do sul, são banhados pelas águas do formoso Rio Paraíba.

No vale dêsse rio, margeado ao sul pela Bocaina e ao norte pela Mantiqueira, a casa de Lavrinhas é bem uma pedra preciosa engastada na natureza verdejante daquelas regiões.

Dos pátios do Ginásio, para o lado do poente, podem os alunos contemplar o pico Marins, de 2.422 metros de altitude, o qual, com seus rochedos alcantilados a romper as nuvens, é um verdadeiro presente do Criador àquelas paragens, um como convite aos aspirantes para as ascensões espirituais. **Excelsior!**

Um outro encanto dêste lugar é o murmúrio do Paraíba que aí desce 27 metros em pequenas e variadas quedas.

Nas horas de silêncio êste murmúrio chega aos ouvidos dos aspirantes como uma prece. E' mais um convite do Rei da natureza. E aqueles jovens pegam de seu terço e dedilham suas contas e rezam. Pedem a Deus que lhes dê perseverança na vocação, que os

faça, um dia, bons e virtuosos sacerdotes. Pedem também pelos pais... Que o Senhor os proteja, que os faça felizes, que os console nas provas.

Rodeando os pátios do Ginásio encontram-se árvores em abundância. São arbustos silvestres, são balsâmicos eucaliptos, são mangueiras olorosas, onde ao nascer do sol, vêm os passarinhos executar seu concerto matutino.

E' ao som desta sinfonia, cujo solista principal é o sabiá, que os aspirantes despertam tôdas as manhãs.

Esse conjunto de belezas naturais já seria suficiente para fazer de Lavrinhas um cantinho do Paraíso. Mas ainda não é tudo.

O que constitui para os aspirantes o maior encanto dêsse lugar é a vida que aí levam. Vida de piedade, de estudo e de alegria.

Movidos todos dos mesmos sentimentos, aspirando ao mesmo ideal, sentem-se fraternalmente unidos. Todos se compreendem, todos se amam.

Superiores virtuosos, abnegados, inteiramente entregues ao bem dos alunos, noite e dia estão ao lado deles quais vigilantes Anjos da Guarda.

Francisco entrava, pois, neste ambiente onde poderia dar largas aos sentimentos do coração. Aí chegou em fevereiro de 1927, para o terceiro ano ginásial. O Sr. P. André Dell'Oca, diretor do estabelecimento, recebeu-o paternalmente.

Para Francisco que já era um aluno exemplar em Cachoeira do Campo, não foi difícil ambientar-se no aspirantado. Aliás o regulamento da casa era o mesmo. Quanto à disciplina, pois, não teve nenhuma dificuldade. Procurou então esforçar-se mais nos estudos, principalmente do latim, e nas práticas de piedade, a que êle dava a máxima importância.

Em pouco tempo já era êle o aspirante exemplar, estimado de todos os superiores e colegas, piedoso, estudioso e alegre. Dotado de bons dotes de orador, subia frequentemente ao palco para as representações teatrais ou para declamar poesias.

De seu amor ao estudo temos ainda hoje, como testemunhos, os caderninhos de apontamentos em que êle ia anotando tudo o que de interessante os professores diziam em aula, se suficiente prova não fôsse a sua vasta cultura bem notória a quantos com êle conviveram.

Desde o tempo do aspirantado compreendeu que a ciência e a piedade eram as duas asas do padre. Daí seus esforços para aprender com afinco as matérias que tinha em mãos, sem perder tempo com leituras inúteis.

De sua piedade simples, espontânea e infantil e do modo pelo qual procurou se santificar dá-nos testemunho o P. João Bertoldi, seu colega desde o 3.º ano ginasial:

«Tudo nele era na ordem, no regulamento e, mais tarde, nas Santas Regras. **Maxima poenitentia vita communis**, costumava sempre repetir. De modo que, desde o aspirantado procurou se santificar no ordinário e não no extraordinário e, portanto, na obediência, humildade, modéstia, mortificação, recolhimento, trabalho. E se em alguma cousa se salientou foi na devoção a Nossa Senhora e na prática da bela virtude».

Em fins de 1928, já às portas do Noviciado, seu diretor lhe dava, em resposta de uma cartinha, uma estampa do Sagrado Coração de Maria, em cujo verso escrevera: «Continua como até agora no cumprimento de teus deveres e Dom Bosco te aceitará como seu filho».

Estas palavras foram um verdadeiro consôlo para Francisco. O P. Diretor se mostrava satisfeito com o seu procedimento e lhe prometia ainda que Dom Bosco o aceitaria como seu filho se assim continuasse.

Estava prestes a terminar a primeira prova, o aspirantado. Nos últimos meses dedicou-se à mais intensa preparação próxima para o noviciado, fazendo tesouro de quanto lhe diziam os superiores nas conferências, nos sermões, nas «boas-noites», ou nas palestras em particular.

Não era pequena a prova pois o escrutínio para a aceitação ao noviciado costuma ser severo. Investigam-se cuidadosamente os dotes do candidato para ver se



Domingos Savio, modelo do aspirante
salesiano

êle possui, realmente, os sinais da vocação salesiana: piedade, capacidade para os estudos, saúde.

Francisco triunfara em todos estes pontos. O capítulo da casa de Lavrinhas dava dele a seguinte opinião, em 11 de dezembro de 1928: «bom, piedoso, inteligente, ama o estudo».

Em breve transporia êle os umbrais sagrados do noviciado para o amplexo de amor com o «Amor dos amores».

NOVICIADO

«Unum peto a Domino; hoc requiro: ut habitem
in domo Domini cunctis diebus vitae meae».

(Ps 26,4)

«Uma só coisa peço a Deus; isso procuro: que
que eu habite na casa do Senhor por todos os dias
de minha vida».

Em 1929 o noviciado salesiano da Inspetoria de Maria Auxiliadora funcionava em Lavrinhas, ao lado do aspirantado.

Francisco ia agora passar pelo ano mais importante e mais belo da vida religiosa. Mais importante porque é no noviciado que o noviço salesiano estuda as santas Regras, os deveres do religioso e as obrigações dos santos votos. Mais belo porque é um tempo em que o noviço deve cuidar unicamente de si, de sua alma, sem outras preocupações. É o ano em que a alma religiosa tem maiores facilidades para viver inteiramente unida a Deus e cuidar melhor de sua perfeição.

Por outro lado os noviços não descuidam o estudo e o trabalho e até lhes é permitida alguma obra própria do apostolado salesiano, sob a dependência do mestre.

Incumbe aos noviços o dever de estudar com diligência as Regras e Regulamentos da Sociedade, aplicar-se à meditação, leituras piedosas e oração, instruir-se bem com relação aos votos e às virtudes e procurar extirpar os defeitos e adquirir as virtudes próprias do salesiano.

Era este o trabalho que Francisco ia agora em-

preender, entrando para o noviciado com quase 18 anos.

Para dizer o que ia no seu interior nesse ano de graças servir-nos-emos de seu caderninho íntimo onde ia, com frequência, anotar o que lhe ia na alma, suas aspirações e seus propósitos. Poderemos, assim, conhecer algo de seus colóquios com o Divino Mestre e penetrar um pouco mais no santuário de sua alma pura, sempre desejosa, ansiosa mesmo de perfeição. São apontamentos que ele escrevia sem nunca supor que fossem lidos ou publicados. Refletem, por isso, seus sentimentos mais íntimos e mais sinceros. Pode-se dizer que, para escrevê-los, ia molhar a pena bem no âmago do coração palpitante de amor.

São estas notas que, entrelaçadas e fundidas, nos desenharão a figura do noviço Francisco Gonçalves.

Sem perda de tempo, no mesmo dia em que começou o retiro espiritual de abertura, certo de que a obediência dócil ao mestre lhe seria de grande importância, propôs-se:

«Procurarei praticar todos os conselhos de meu mestre». A caridade fraterna, esta flôr mimosa que faz das casas religiosas um Paraíso na terra, foi também objeto de sua atenção na entrada para o noviciado: «Tratarei os meus companheiros como irmãos».

No dia 28 de janeiro, terminado o retiro espiritual, ia ele alcançar um dos seus ideais: vestir a batina. Na vida religiosa sacerdotal é este, sem dúvida, um dos mais belos dias.

Com a veste sagrada nos braços Francisco se aproxima do superior que o revestira do «homem novo que segundo Deus foi criado em justiça e em santidade de verdade». Após a vestidura entram os novos clérigos de batina e sobrepeliz, processionalmente, cantando o Magnificat. E' aí que a alma do noviço exulta de alegria e reconhecimento para com aquêle Deus que também neles «fez grandes cousas», tirando-os do mundo e trazendo-os para a sua casa.

As impressões que Francisco teve dêste dia estão escritas em seu caderninho:

«Não sei dizer nem escrever as consoladoras e suaves emoções que experimentei neste memorável e inesquecível dia em que recebi a batina. Peço-vos, ó meu Deus, me concedais a graça de que eu morra antes que abandone este sagrado hábito».

Iniciou logo seu trabalho de introspecção para conhecer o terreno sôbre o qual devia construir o edifício de sua santidade. O material êle já vinha armazenando desde os anos anteriores. Restava agora firmar bem os alicerces com uma vontade firme, inabalável. Foi o que Francisco começou a fazer no exercício da «boa morte» de fevereiro:

«Meu Deus, quero crucificar convosco a minha vontade para fazer só a vossa santíssima vontade e nunca a minha. Ajudai-me».

No dia 23 do mês seguinte começava um apurado exame particular tomando por objeto o amor próprio.

Chegaram os comoventes dias da Semana Santa, aquêles dias em que o clérigo Francisco se mostrava mais recolhido e compenetrado dos sagrados mistérios da Paixão e Morte do Nosso Salvador. Podemos dizer que êle sabia «sentir com a Igreja» cada uma das funções, cada uma das cerimônias por mais insignificantes que parecessem.

Não há, de fato, época do ano em que o nosso coração se sinta mais inclinado ao arrependimento, ao espírito de mortificação e ao amor para com Aquêles que tanto sofreu e morreu por nós.

O clérigo Francisco saiu desta semana santa com as melhores disposições. Tomando parte nas cerimônias êle pôde saborear gostosamente as belezas litúrgicas destes dias que o moveram a escrever no seu diário íntimo:

«Caro Jesus, desejo que o fruto desta Semana Santa seja amor e amor. **Amor** para convosco que tanto sofrestes por mim e **amor** aos sofrimentos. Peço-vos, meu bom Deus, desapegar meu coração de tudo dêste mundo para que eu ame sómente a Vós, tudo faça por Vós e Vós,

que sois tão bom, concedei-me a graça de viver sempre unido convosco, pois sois a minha única felicidade».

Em princípio de abril propunha esforçar-se por fazer ainda melhor as práticas de piedade e, no dia 13 dêsse mês, renova seu voto de castidade, o que vinha fazendo ano por ano.

O dia 23 de abril era o início do mês de Nossa Senhora Auxiliadora cuja festa se celebra com todo o fervor e solenidade nas casas salesianas. Esta devoção tão propagada por São João Bosco sempre foi característica e apanágio de todo salesiano.

Se o mês de maio já é tão cheio de encantos no aspirantado o que não será no noviciado, o que não foi para aquêlê noviço de coração tão dócil e tão propenso ao amor filial à Virgem Santíssima?

Podemos afirmar que seu amor a Nossa Senhora em nada perdia comparado com o dos grandes devotos de Maria. Amor simples, humilde, infantil, cheio de candura e perfumado pela virtude angélica tão cara à Virgem Mãe. Ele se coloca nos braços da Mãe Santíssima e lhe pede que nunca mais permita que daí se afaste. A Ela entrega tôda sua formação religiosa. Quer que Maria seja para êle o que foi para Dom Bosco — a Mãe, a Mestra, a Guia.

Deixemos que nos fale êle mesmo através do que escreveu em seu diário no dia 23 de abril:

«Hoje, Mãe querida, que começamos vosso mês, vos consagro inteiramente o meu coração; fazei que êle seja todo vosso e de Jesus e que sejais Vós o único objeto do meu amor. Sobretudo vos peço me concedais a graça de ser puro e humilde. Eu me lanço como uma criança nos vossos amorosos braços para daí jamais sair.

Ensinaí-me, boa Mãe, a amar muito a Jesus e fazer sempre fervorosas Comunhões. A Vós, minha Mãe, eu confio a minha formação religiosa. Ajudai-me a ser agora um bom noviço e depois um santo salesiano. Peço-vos me ajudeis a corrigir os muitos defeitos que ainda tenho e que Vós bem conheceis. Este mês consagro-o todo a Vós, nada quero fazer senão por Vós!»

Foi com estas boas disposições que êle começou o lindo mês de maio. Sua piedade não era só afetiva mas também efetiva; traduzia em prática tudo aquilo que lhe ditava a consciência e lhe aconselhavam os superiores, enquanto se esforçava por cumprir à risca os próprios deveres, certo de que também nisto estava a santidade.

Começou nesse mês a por todo o empenho para, com o auxílio de Maria, fazer com perfeição tôdas as cousas pequenas.

Em suas conversas com os companheiros deixava transparecer o quanto estava persuadido da importância do tempo do noviciado. «Este é um tempo divino — dizia — aí de nós se não aproveitarmos dele. Devemos nos esforçar cada dia, cada hora, cada instante, para corrigir os defeitos e progredir na virtude».

Maria é mestra incomparável. Guia aos mais altos cumes da perfeição as almas que a Ela se entregam espontaneamente, filialmente, incondicionalmente. Podemos sem receio afirmar que, nesse mês de maio, o noviço Francisco Gonçalves foi uma dessas almas privilegiadas a quem a boa Mãe Celeste houve por bem instruir. A lição do amor e do sofrimento, estas duas flôres mais belas e perfumosas do mundo, foi a que Maria ensinou a seu discípulo. E Francisco aprendeu bem esta lição. Aprendeu-a, praticou-a e gostava de ensiná-la aos outros.

Nas linhas que seguem, o noviço, num colóquio com o Divino Mestre, repete a lição que a Mestra Divina lhe ensinou:

«Senhor Jesus, agora vejo que tôdas as cousas dêste mundo nada valem. A única felicidade nesta terra, Jesus, é o vosso amor. Amar-vos e sofrer por vosso amor é um paraíso na terra».

Ainda não satisfeito com seus esforços e querendo apresentar a Jesus um coração ainda mais puro, continua:

«Ah! Senhor, mas Vós quereis um coração vazio. O meu está tão cheio das cousas desta terra, de amor

próprio e dissipação... Pelos merecimentos de vossa morte peço-vos limpeis o meu pobre coração de todos estes empecilhos para que eu só ame a Vós e a minha querida mãe Maria Santíssima. Fazei-me humilde, Senhor, que eu reconheça minhas misérias, me convença do meu nada. Jesus, não sei como agradecer vossa incompreensível bondade para comigo. Ofereço-me todo inteiro a Vós em agradecimento e vos peço perdão e misericórdia».

No mês de julho os noviços fizeram o segundo retiro espiritual. São Francisco de Sales compara esta prática a um cálice de vinho que se toma em meio da viagem, para se ter mais força e coragem para prosseguir-la. Francisco saía deste retiro com o coração cheio de gratidão para com o Senhor, com um verdadeiro espírito de humildade e ótimos propósitos para novas ascensões na vida espiritual. Assim lemos em seu caderninho:

«1 — VIII — 1929.

«Querido Jesus, eu vos agradeço de todo o meu coração esta graça grandíssima que me concedestes de fazer êste retiro. Não sei bom Jesus, como vos agradecer tantas graças que Vós me concedeis mas me ofereço todo inteiro a Vós, corpo e alma, e peço-Vos me auxiliéis afim de que eu não seja mais ingrato ao vosso amor.

«Jesus, confiado na vossa bondade e que me habeis de ajudar tomo os seguintes propósitos neste santo retiro:

«1.º — Procurarei, com todos os meios possíveis, vencer o meu amor próprio.

«2.º — Empenhar-me-ei de ora em diante em fazer bem tôdas as práticas de piedade e viver unido com Deus.

«3.º — Tratarei com muita caridade meus companheiros vendo a Jesus em cada um deles».

Em seguida, com sentimentos de verdadeira humildade, escreveu:

«Bom Jesus, estou certíssimo de que não cumprirei nenhum destes propósitos se não me ajudardes, pois sabeis como sou fraco: faço-os somente confiado em Vós, em vossa Mãe Santíssima».

Em setembro fez o seu regulamento de vida com propósitos que o orientaram por toda a vida. Falaremos deste regulamento mais adiante quando o confrontarmos com sua vida de religioso exemplar. Lendo-o conheceremos os sentimentos, os desejos, as resoluções do noviço Francisco Gonçalves. Confrontando-os com sua vida e vendo-os praticados à risca, reconhecemos sua vontade de ferro, sua santidade.

É próprio de quem ama dar tudo o que tem. Quanto mais dá mais deseja dar. Porisso este noviço vivia excogitando mil maneiras para se afervorar sempre mais.

Distribuía a semana dedicando cada dia a uma especial devoção, com práticas de piedade especiais.

Aproximava-se o fim do noviciado. No dia 8 de dezembro, festa da Imaculada Conceição de Maria Santíssima fez êle o pedido ao P. Diretor para ser aceito aos votos religiosos que devia fazer em janeiro próximo.

Assim exprimiu o desejo de se consagrar inteiramente a Deus na Congregação Salesiana:

Lavrinhas, 8 de dezembro de 1929.

Revmo. Sr. P. Diretor.

Depois de ter estudado as nossas constituições durante o noviciado e ouvido as explicações das mesmas e instruções acêrca da vida salesiana, sinto-me com grande vontade de professar na Congregação Salesiana e nela me consagrar inteiramente a Deus. Venho, portanto, solicitar-vos humildemente o assinalado favor de ser admitido à profissão religiosa; favor que jamais sabei agradecer a Deus. Parece-me ter compreendido bem o compromisso que assumo fazendo os santos votos e os deveres que êles me impõem; espero com a

graça de Deus e o auxílio da Virgem Santíssima poder praticá-los.

«Reconheço que estou ainda muito aquém das virtudes que deve ter um bom salesiano, mas esforçar-me-ei por adquiri-las, observando as santas Regras e seguindo os ensinamentos que receber de meus superiores. Isto espero, não confiado nas minhas forças mas no auxílio de Deus e na paternal proteção do nosso beato Dom Bosco.

Agradecido e com filial veneração subscrevo-me
Vosso dedicado filho em Jesus Cristo

Clg. Francisco G. de Oliveira».

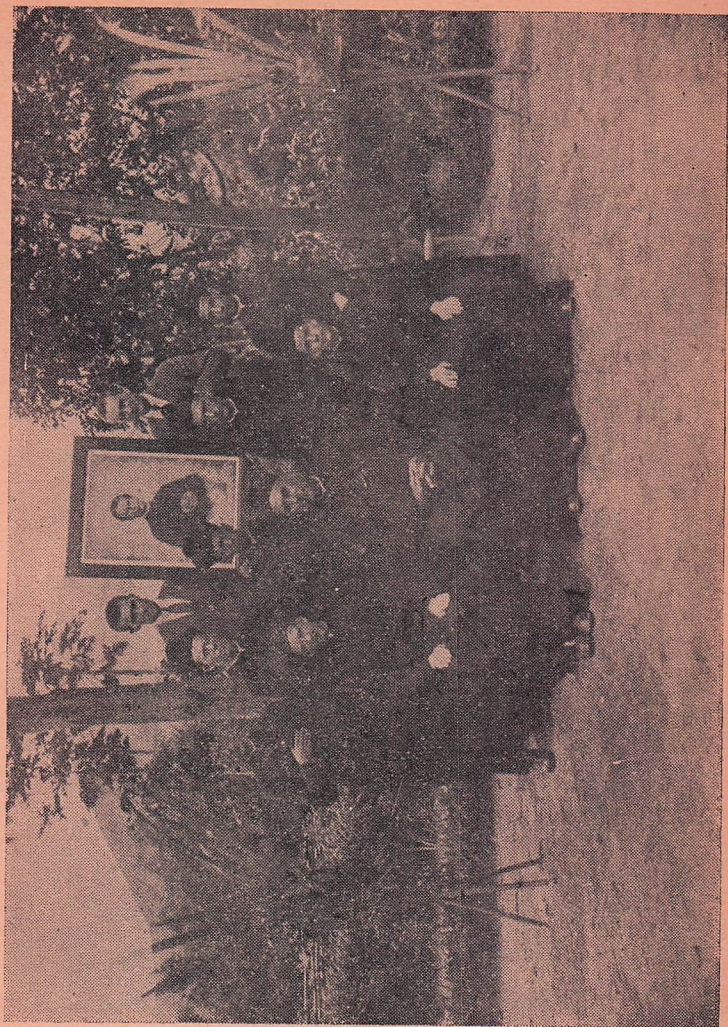
Chegou, afinal, após o retiro, o dia 28 de janeiro, marcado para a profissão religiosa, véspera da festa de São Francisco de Sales, patrono principal da Congregação Salesiana.

A capela no noviciado, modesta mas carinhosamente enfeitada, o altar cheio de flores e luzes, as notas sonoras dos hinos sagrados — tudo isso contribuía para a solenidade daquele dia memorável.

Chegou a vez de Francisco se ajoelhar diante do altar e oferecer-se inteiramente ao Senhor com os votos religiosos.

Com voz firme e decidida, exprimiu, na presença do Céu e da terra, o que de há muito desejava:

«Em nome da santa e individua Trindade, Padre, Filho e Espírito Santo, eu Francisco Gonçalves de Oliveira, me ponho na presença de Deus onipotente e sempiterno, e embora indigno de sua presença, todavia confiado em sua suma bondade e infinita misericórdia, na presença da Beatíssima Virgem Maria Imaculada, Auxiliadora dos Cristãos, de São Francisco de Sales e de todos os Santos do Céu, faço voto de Pobreza, de Castidade e de Obediência a Deus, nas vossas mãos, Revmo. Sr. P. Domingos Cerrato, que fazeis as vezes do Reitor Maior da nossa Sociedade, por 3 anos, segundo as Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales».



Turma de Noviços de 1929

Juntamente com os presentes os Anjos terão respondido Amen àquelas palavras pronunciadas com tanto fervor e generosidade.

Neste dia de paraíso em que o clérigo Francisco parecia estar mais no Céu que na terra, escreveu em seu diário:

«Amado Jesus:

Não posso agradecer-Vos por esta graça incomparável que me concedestes hoje. Eis-me, querido Jesus, pregado convosco na cruz. Que felicidade! Foram tão dolorosos os golpes que vos transpassaram as mãos e os pés mas foram tão suaves, tão doces as palavras da fórmula dos santos votos que me crucificaram convosco. Ah! Senhor Jesus, banhais com o sangue preciosíssimo que saiu de vossas adoráveis chagas, as chagas místicas que me abriam os santos votos de pobreza, castidade e obediência, para que estas doces chagas jamais se fechem.

«Não permitais, querido Espôso de minha alma, que se rompam estas deliciosas cadeias que me uniram tão estreitamente a Vós.

«Peço-Vos, pelos méritos do vosso preciosíssimo sangue, Jesus meu, que me deis a morte antes que eu cometa uma só falta contra os santos votos.

«Dai-me também a morte, Senhor Jesus, antes que eu abandone a santa e sublime vocação que me destes por vossa infinita bondade, sem nenhum merecimento meu.

«Agora, meu amado Jesus, sou todo vosso: corpo e alma. Vossos e para Vós são, portanto, todos os meus pensamentos, afetos e atos. Não quero viver de ora em diante senão para Vós. Mas sustentai-me, meu bom Jesus, porque sou tão fraco que hoje mesmo seria capaz de faltar às minhas promessas se vossa mão não me amparar.

«Deus de minha alma, nunca tive na minha vida um dia mais feliz do que êsse; quão suaves são os vínculos que me unem a Vós. Mas Jesus, Vós por meu amor fostes transpassado não somente com 3 cravos

mas também com uma lança; e eu só tenho místicos cravos não dolorosos como os vossos, mas tão suaves... Abri também meu pobre coração com a chama do vosso santo amor para que eu Vos ame muito e Vos tenha sempre presente na mente e no coração.

«Virgem Santíssima, foi por vossas mãos puríssimas que neste dia feliz me ofereci em sacrifício a Jesus. Ajudai-me, pois, Mãe querida a ser realmente uma hóstia de amor e sacrifício. Se eu mesmo me oferecesse a Jesus nenhum valor teria esta oferta mas, sendo por vossas mãos santíssimas, Ele olhará os vossos merecimentos e não os meus. Agasalhai-me, pois, Mãe querida, sob o vosso manto maternal.

«Amado Pai Dom Bosco, embora indigno, sou agora vosso filho. Protegeí-me, querido Pai, alcançai-me a graça de ser vosso verdadeiro filho, de ser um santo salesiano. Dai-me o vosso santo espírito e a graça de imitar vossas virtudes. A principal graça que vos peço é de observar fiel e escrupulosamente as vossas santas regras.

«Como uma criancinha incapaz de dar o menor passo no caminho da virtude sem cair, darei uma das mãos à Virgem Santíssima e outra a vós afim de que me guieis pelo caminho da perfeição a que devo tender também em virtude dos santos votos».

O clérigo Francisco datou e assinou estas declarações com seu próprio sangue. Ele ia agora, com espírito de generosidade e humildade, amparado por Dom Bosco e Nossa Senhora, prosseguir o caminho da perfeição religiosa a vereda dos justos que, no dizer das Sagradas Letras. «é como uma luz resplandesciente que aumenta de brilho mais e mais até o dia perfeito» (Prov 4, 18).

NO CURSO DE FILOSOFIA

«Veritatem autem facientes in caritate crescamus
in illo per omnia, qui est caput Christus».

(Eph 4, 15)

«Vivendo as veredas da fé, em tudo crescamos
em caridade, tendendo para Aquele que é nossa
cabeça, Cristo».

O Clérigo Francisco Gonçalves já era salesiano, filho de Dom Bosco. Alcançara, assim, uma grande parte do seu ideal: ser salesiano. Tinha agora sôbre si obrigações mais graves como a observância dos votos e das santas Regras. Francisco reconhecia estas obrigações e entrou para o curso de Filosofia disposto a qualquer sacrifício para ser fiel a estes dois compromissos que, aliás, como disse ele mesmo, eram leves e suaves. Ia êle agora crescer sempre mais na perfeição cristã, na caridade, «tendendo para Aquêle que é nossa cabeça, Cristo».

No santo retiro que precedeu à profissão religiosa êle se propunha a observar exatamente as santas Regras e o Regulamento, a vencer o amor próprio e a fazer bem as práticas de piedade.

Era seu desejo ardente continuar com o fervor de noviço por tôda a vida, «vivendo as verdades da fé». Êste lhe parecia o modo melhor para prosseguir com ardor o caminho da perfeição à qual êle tendia. Esforçava-se por viver sempre em união com Deus por meio das orações jaculatórios e dos atos de amor e dispensava aos companheiros um trato verdadeiramente fraterno.

Sua santidade, conforme nota um seu colega do curso filosófico, era desde aquêlo tempo muito agradável. Há pessoas que, embora santas, não nos sabem atrair. Não assim o clérigo Francisco. Os colegas o tinham em alto conceito, sabiam-no bom, virtuoso e, por isso mesmo, sentiam-se atraídos a êle.

Os esforços para alcançar a perfeição lhe pareciam leves e lhe traziam aquela alegria tão franca que deixava transparecer em seu semblante amável, em suas palestras joviais e nas recreações cheias de vida.

Diz São Paulo que «Deus ama o alegre doador» (2 Cor 9,7). O Clérigo Francisco era, com certeza, muito amado por Deus, pois jamais alguém o viu triste no serviço do Senhor.

Marcam as nossas Constituições que os sócios se entreguem ao menos por dois anos ao estudo da Filosofia. Esses estudos abrem para o clérigo novos horizontes. Coloca-o ao par de novos conhecimentos, apura-lhe o raciocínio com a Crítica, apresenta-lhe os mistérios da natureza através da Metafísica e ensina-lhe resolver os mais importantes problemas da humanidade por meio da Ética.

Ao lado dêstes estudos, base indispensável dos estudos teológicos, o clérigo salesiano se aperfeiçoa no estudo da Pedagogia, nas Ceremônias e no Canto Sacro, nas Línguas antigas e modernas, nas Ciências e nas normas práticas da Urbanidade.

Ao terminar êstê curso deve o salesiano estar apto para se colocar à frente dos alunos dos nossos colégios como assistente e professor.

De um curso filosófico bem feito dependera, certamente, o bom êxito do futuro assistente e professor.

Continua aí o clérigo o seu noviciado, ou melhor, põe em prática boa parte daquilo que lá aprendeu, colocando-se sob a dependência de seu diretor o qual faz para êle o papel de mestre de noviços. Embora o curso de Filosofia funcionasse ao lado do aspirantado e do noviciado, não tinham os clérigos professos nenhuma comunicação com os noviços e aspirantes.

Revendo os livros de Registros escolares daquele tempo e ouvindo os colegas do nosso clérigo, verificámos que êle se entregou sèriamente a estes estudos, alcançando notas ótimas em todos os exames.

Sempre generoso para com Nosso Senhor, o clérigo Francisco continuava seus esforços para crescer cada vez mais nas virtudes. Muito recolhido e modesto parecia viver realmente naquela união com Deus por êle tão almejada. Para isto muito o ajudavam as orações jaculatórias sôbre as quais êle dizia com São Francisco de Sales: «As orações jaculatórias substituem tôdas as outras orações e tôdas as orações não podem substituí-las.

Seu livro de piedade predileto, além das Santas Regras e dos Santos Evangelhos, era a Imitação de Cristo. Gostava de passear diàriamente pelos jardins floridos e perfumosos dêste áureo livrinho e de lá sempre trazia uma florinha que colocava em seu caderno particular. Estas flôres êle ia meditando e praticando. Entre outras distinguimos as seguintes que não são outra coisa senão a expressão dos anelos de sua alma: «**Da mihi omnibus mori quæ in hoc mundo sunt et propter te amare, contemni et nesciri in hoc sæculo** — Fazei que eu morra a tudo que é do mundo, e que deseje ser desprezado e esquecido neste século, por vosso amor» (Imit. 3,15); Mais adiante: «**Quid importat sollicitudo de futuris contingentibus nisi ut tristitiam super tristitiam habeas?** — Que ganhas com a solicitude de um futuro acontecimento, senão que tenhas tristeza sôbre tristeza?» (Imit. 3,30).

Compenetrado de que a felicidade desta vida está no amor e no sofrimento, anotava no seu caderno em maio de 1930 o pensamento de Santa Gema Galgani: «Quero padecer enquanto vivo, e viver para padecer» — «Que sublime missão! — comenta êle —, a ânsia do sofrimento, o desejo de sempre mais sofrer, ou sofrer ou morrer e querer sofrer antes que morrer, sofrer enquanto viver, e sempre viver para sempre sofrer; sofrer, sofrer, mas sem nenhuma consolação, nem o menor alívio; sofrer só por amor...»

Em julho de 1930, após o retiro do meio do ano, fazia seu o propósito de Santa Catarina de Gênova:

«Lançar-me-ei em um oceano de chamas, se for preciso, para evitar a menor ocasião de pecado e ali ficarei para sempre, antes que sair de lá com um só pecado venial».

Gostava de ler a vida do P. André Beltrami, no qual via o exemplo de uma vida tôda entregue ao amor e ao sofrimento. Desta leitura anotou os seguintes pontos para praticar:

1.º — É necessário ver as cousas à luz divina.

2.º — Quando escolhemos um estado, ou iniciamos uma empresa, devemos nos esforçar por fazê-la com a maior perfeição possível.

3.º — Devemos e podemos ser santos e isso con seguiremos fâcilmente se praticarmos bem os deveres do próprio estado.

4.º — Nestas cousas espirituais o fruto está bem em proporção da preparação».

Ainda neste seu primeiro ano de Filosofia, no mês do santo Rosário, fazia a seguinte declaração ao seu Amado Senhor: «Senhor Jesus, somos arrastados para a terra mas em espírito me elevo acima dos Anjos, acima dos Querubins e Vos digo: Quero amar sómente a Vós, Beleza infinita. Não prazeres desta terra, mas o prazer puro e santo que encontro no amor de Jesus. — Mãe querida, neste santo mês eu renovo a minha consagração a vós; consagro-vos todos os meus sentidos, o meu corpo e meus afetos. Mãe Santíssima, ajudai-me».

«É um combate a vida do homem na terra» (Jó 7,1). Ainda que separado do mundo e unido a Deus pelos sagrados vinculos dos Votos, deve o religioso estar sempre preparado para a luta. Feliz a alma que sabe, nos momentos de combate, buscar abrigo no Coração de Jesus e refugiar-se sob o manto de Maria, escudos potentíssimos contra os dardos do inimigo.

Estes combates são uma fonte abundantíssima de graças para o religioso. Assim como os Anjos serviram a Jesus após a tentação no deserto (Mt. 4,11), assim

Jesus, à alma que triunfa dos combates espirituais, ministra um banquete de consolações, de paz, de mil bens espirituais que lhe proporcionam uma alegria maior que todos os prazeres desta vida.

Triunfar de uma prova é dar um passo acima na mística escada da perfeição.

Um religioso no curso filosófico é ainda como uma tenra plantinha que deverá crescer aos cuidados dos superiores. A planta deve ser amparada, regada, cuidada carinhosamente para que possa crescer e frutificar. Se o novo salesiano neste seu ensaio para uma nova vida não encontrar êsse cuidado da parte dos superiores terá, certamente, uma desilusão e pode-se dizer que correrá risco sua vocação que, embora venha de Deus, não dispensa o esforço individual e o cuidado dos superiores.

Sabedor de tudo isso o Clérigo Francisco não poupava esforços para se conservar sempre no bom espírito religioso, enquanto se entregava dócilmente aos bondosos superiores encarregados de sua formação.

No ano seguinte, 1931, ia iniciar o 2.º ano de Filosofia. No retiro espiritual de janeiro, feito em Lorena, achava-se presente o P. Pedro Tirone, catequista geral da Congregação Salesiana, vindo de Turim como visitador extraordinário. Este venerando superior dava tôdas as «boas-noites» neste santo retiro, enquanto o Clérigo Francisco copiava suas palavras quase que «ad literam». Arcazenava assim aquêles ensinamentos áureos de vida salesiana para praticá-los e, mais tarde, ensinar aos que lhe fossem confiados. Guardou estes apontamentos por tôda a vida. Fez o mesmo com as conferências do noviciado e dos retiros espirituais, prova do carinho com que acatava as palavras dos superiores.

Neste mesmo retiro tomou os seguintes propósitos:

1.º — Farei **tudo** **esfôrço** para fazer bem minhas práticas de piedade e **não descansarei** enquanto não conseguí-lo.

2.º — Terei grande cuidado em mortificar meus sentidos, principalmente a vista.

3.º — Tratarei a todos com bondade e amabilidade e terei grande cuidado para não julgar a outrem.

4.º — Pensarei sempre na minha grande miséria, na minha fraqueza e no meu nada, julgando-me sempre o último de todos, e lembrar-me-ei sempre das palavras de Santo Agostinho: Se eu quizer posso tornar-me santo».

Em seguida, com sentimentos de uma verdadeira humildade faz a seguinte súplica.

«Ajudai-me, Jesus, pelos vossos merecimentos, a praticar êsses propósitos pois reconheço que por mim nada posso. E Vós, ó Maria, ajudai-me. Sois minha Mãe e eu quero ser vosso filho. Também quero ser um verdadeiro filho vosso, ó Dom Bosco. Auxiliai-me e ensinaime vosso santo espírito».

Estas palavras dispensam qualquer comentário. Quem não vê nelas as santas disposições do clérigo Francisco sempre mais desejoso da união com Deus?

Em seu segundo ano de Filosofia foi escolhido para catequista do Oratório Festivo de Cruzeiro. Era êste o seu primeiro contacto com os meninos. Foi aí que pôde, pela primeira vez, dar expansão ao seu zelo. Podia agora transmitir àquelas almas jovens um pouco das chamas do amor que ardia em seu peito. E está uma necessidade imperiosa do coração que ama. E Santo Tomás louva essa necessidade dizendo que «assim como é maior iluminar do que sòmente luzir, do mesmo modo é melhor manifestar aos outros aquilo que contemplamos do que sòmente contemplar».

Nosso Senhor mesmo disse que «não se acende a candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas sim sôbre o candieiro, afim de que brilhe a todos» (Mt. 5,15).

Este trabalho é, além disso, um ótimo exercício para os clérigos que vão, dêste modo, se acostumando a falar aos meninos, a manifestar, em linguagem simples e correta, as sublimes verdades da Doutrina Cristã.

O Clérigo Francisco exultou quando lhe confiaram

êste trabalho e era com imensa satisfação que, todos os domingos, bem cedinho, juntamente com dois outros salesianos, ia ao Oratório Festivo da vizinha cidade de Queluz. Gostava de mover os oratorianos à Comunhão frequente também com o exemplo; preferia, porisso, comungar junto com os meninos na Missa dos oratorianos.

No fim do ano terminava o curso de Filosofia com as melhores notas, deixando nos superiores as mais lisonjeiras esperanças sôbre suas futuras atividades.

No ano seguinte, 1932, os superiores acharam conveniente que ficasse mesmo em Lavrinhas como Assistente e Professor dos Aspirantes, onde, com seu ótimo espírito de religioso salesiano e com sua inteligência ilustrada, poderia fazer grande bem àquelas almas que, como êle anos atrás, se preparavam agora para o noviciado.

Em vista do seu coração bondoso e de sua dedicação ao próximo foi-lhe entregue o cuidado da enfermaria da casa.

Nenhum salesiano ou aspirante daquele tempo pôde esquecer os trabalhos do clérigo Francisco na enfermaria. Cuidava de todos os doentes dispensando-lhes carinhos verdadeiramente fraternos. No início dêsse ano grassou aí o tifo. Várias pessoas foram atacadas pelo mal e, apesar de todas as precauções, faleceu o clérigo Pedro Bertone. O clérigo Francisco o assistiu até o último momento, ministrando-lhe tudo que era necessário, com grande edificação dos irmãos.

Nas palavras de um seu colega desta época :êle foi, no tempo em que passou em Lavrinhas, um verdadeiro filho de São João Bosco, sempre apreciado por todos, sempre disposto para qualquer sacrifício, abnegado, tudo para todos, não trabalhando para si mas para os outros, sempre alegre e afável».

VOTOS PERPÉTUOS

ASSISTENTE EM CACHOEIRA DO CAMPO

«Vivo autem iam non ego, vivit vero in me
Christus».

(Gal 2,20)

«Vivo já não eu, mas Cristo vive em mim».

Raiava o ano de 1933. O clérigo Francisco Gonçalves completava, em fevereiro, 22 anos e ia iniciar o seu 2.º ano de tirocínio prático.

Antes de falarmos de sua atividade verdadeiramente admirável desta época, falaremos antes de um acontecimento importante de janeiro dêste ano.

O salesiano, ao terminar o noviciado, faz os votos religiosos por 3 anos. Findo êste triênio, permitia-se naquele tempo ao candidato que tivesse 21 anos completos, fazer os votos perpétuos, caso os superiores dissessem o julgassem digno.

O clérigo Francisco, tendo vontade decidida de viver por tôda a vida na Congregação Salesiana, resolveu pedir aos superiores para, em vez de renovar os votos por mais três anos, fazê-los logo perpétuos.

Assim foi que, no dia 4 de janeiro, apresentou-se ao P. André Dell'Oca, Inspetor, e lhe pediu humildemente que lhe permitisse tal graça. O Sr. P. Inspetor lhe permitiu, dizendo-lhe ainda: «entrega-te inteiramente nas mãos de Deus, deixa-te guiar por Nosso Senhor e tudo te sairá bem».

Ele ia, dêsse modo, dar mais um passo na entrega total de si a Deus Nosso Senhor.

É interessante notar que êste jovem clérigo, quanto mais crescia nos anos, mais infantil se tornava espiritualmente. As palavras que escreveu em seu caderninho íntimo no dia da profissão perpétua, a 14 de janeiro de 1933, delineiam bem sua infância espiritual, seu desejo de entregar-se a Deus como uma criança nos braços de seu pai, a persuasão de que é fraco e nada pode. Continua, todavia, a repetir que quer ser santo, que quer amar a Jesus a todo o custo.

Leiamos esta página, seu magnífico programa de vida após a profissão perpétua.

«14 de janeiro de 1933. — Dia da minha profissão perpétua. — Não sei, querido Jesus, como agradecer-vos pela graça grandíssima que vós me concedestes hoje. Atiro-me, pois, como uma criança nos vossos braços amorosíssimos e vos digo que sou vosso por tôda a vida. Não quero mais sair dos vossos braços divinos. Reconheço, ó Jesus, que nada sou, que sou menos do que uma gotinha d'água, porisso hoje mergulho-me em Vós que sois Oceano Infinito de amor, de misericórdia. **Quero, bom Jesus, ser santo**, mas como nada posso, espero tudo de Vós. Serei um instrumento mesquinho em vossas mãos onipotentes. Concedei-me a graça de que eu morra mil vezes antes que violar os santos votos e as promessas que hoje vos fiz ao pé do altar e antes que cometa qualquer falta deliberada.

«Pego-vos, Jesus, desapegueis meu coração de tôdas as cousas dêste mundo e de tôdas as criaturas para que os afetos do meu coração sejam todos vossos e de Maria. Tomai também a minha vontade tôda inteira para que não faça senão o que for de vosso agrado e me conforme **em tudo** com a vossa santíssima vontade. Consagro-vos, finalmente, todos os meus sentidos; que êles não me sirvam senão para amar-vos e glorificar-vos.

«O' Jesus, quero dizer-vos hoje e sempre como o Apóstolo: «Vivo já não eu, mas Cristo vive em mim». Quero realmente amar-vos de todo o coração e sofrer

por vosso amor o que quiserdes de mim, contanto me sustenteis com a vossa divina graça.

«Dai-me ainda, Senhor, espírito de oração e de vida interior, pois não quero separar-me de Vós nem um instante. Concedei-me também espírito de sacrifício e de zelo salesiano.

«Ponho-me, ó Virgem Santíssima, debaixo de vosso manto maternal para que me ajudeis a praticar meus votos e meus propósitos. E vós, ó Dom Bosco, fazei meu coração semelhante ao vosso».

No retiro que precedeu à profissão perpétua fez ainda os seguintes propósitos:

«1.º — Grande esforço para fazer bem as práticas de piedade e viver em união com Deus.

2.º — Todo o cuidado na prática da santa pureza, principalmente com a mortificação dos sentidos e dos afetos».

São de fato estes os propósitos básicos para um clérigo assistente. Obrigado a cuidar não só de si mas também dos meninos, facilmente resvalará na piedade e no recolhimento interior se não tiver bem freada a fantasia e mortificados os sentidos externos e os afetos do coração bem equilibrados.

Era desejo de todos os superiores da casa de Lavrinhas que o clérigo Francisco aí permanecesse como assistente e professor dos aspirantes; entretanto, sua saúde um pouco fraca e seu corpo franzino requeriam um outro clima. Resolveu, pois, o Sr. P. Inspetor mandá-lo para as Escolas Dom Bosco de Cachoeira do Campo, onde estivera êle antes do aspirantado, lugar de clima ameníssimo, a 1.100 metros de altitude. Poderia lá trabalhar com todo o seu zelo ardoroso sem prejuízo da saúde.

Permitiram os superiores que, nestas férias êle fizesse uma visita à família. Era a primeira vez que ia de batina à casa. Foi também a última vez que a família tôda se reuniu porque a 14 de maio de 1933

falecia sua irmã Maria Rosa, com 18 anos de idade.

A vovó que o idolatrava não o reconheceu à primeira vista e disse a uma das netas, ao vê-lo se aproximar do sítio:

— «Minha filha, vem vindo um padre, quem será?

— «Vovó, é Chichico, disse a neta em grande alvoroço».

Sua visita deixou em toda a família as melhores impressões, principalmente pelo seu porte religioso e seu sorriso inalterável.

De volta de casa, em princípio deste ano de 1933, chegava êle à Cachoeira do Campo, com o coração a transbordar de zelo e amor divino, disposto a espalhá-lo sobre as almas que lhe fossem confiadas.

Chegava contente por estar cumprindo a vontade dos superiores que outra cousa não era senão a vontade de Deus.

O espírito de abnegação e desprendimento com que começava seu novo trabalho está bem expresso nestas linhas do seu diário, do dia 19 de março deste ano: «Meu bom Jesus, **fazei de mim o que for de vossa santíssima vontade**. Não quero ter mais desejos. O meu desejo de ora em diante será só o de amar-vos de todo o meu coração e de me santificar. Confio em vosso auxílio para cumprir este propósito». Acrescentou a estas linhas as palavras do salmo 142: «**Doce me facere voluntatem tuam quia Deus meus es tu**» — «Ensinai-me a fazer vossa vontade pois sois Vós o meu Deus».

«O assistente salesiano, diz o P. Scaloni, desempenha, junto dos meninos, os mesmos ofícios de vigiância que exerce sobre cada um de nós o amigo celeste, a cuja guarda Deus nos confiou. Bela e nobre missão! Mas ela cria grandes deveres.

«Mais que tudo, o assistente deve ser verdadeiro modelo de virtudes cristãs. A caridade, a paciência, a firmeza, a bondade, a modéstia, o espírito de piedade, de limpeza e ordem, essas virtudes todas cujos atos se renovam tantas vezes no correr do dia, devem ter raízes profundas no coração do assistente».

Para o Clérigo Francisco o trabalho do assistente é o mais belo numa casa salesiana. Assim como o Anjo da Guarda vela cuidadosamente sobre o depósito que Deus lhe confiou e não o abandona um instante sequer, do mesmo modo o assistente salesiano exemplar é aquêle que está sempre com os alunos, «falando-lhes como pai amoroso, servindo-lhes de guia, aconselhando, corrigindo amorosamente — colocando-os na impossibilidade de cometer faltas».

Ao clérigo Francisco foi entregue, neste ano de 1933, a divisão dos Médios, a mais difícil, em vista da idade dos alunos, quase todos de 14 a 16 anos. Era a ocasião oportuna para praticar o que aprendera nas aulas de Pedagogia e o quanto o próprio Dom Bosco escrevera sobre o Sistema preventivo na Educação da Juventude.

O P. Nelo Trisoto que era, ao lado dele, assistente dos Menores nas Escolas Dom Bosco, nos fala a respeito do assistente clérigo Francisco:

«Ele soube levar a divisão admiravelmente. Era o assistente modelar. Exigia muita disciplina e facilmente a conseguia sem ter que usar castigos. A sua divisão, embora fôsse a mais difícil, ia ôtimamente e, o que é digno do maior louvor, todos os alunos lhe queriam muito bem».

O juízo que devem os meninos fazer de seu assistente é este: «meu assistente é enérgico mas é justo». Outro não era o juízo que a divisão dos Médios daquele ano fazia do seu assistente: achavam-no enérgico, porém, justo. Isto era o suficiente para que o estimassem e lhe obedecessem facilmente.

Seus alunos daquele tempo, hoje moços formados, ocupando vários cargos, são todos concordes em afirmar a bondade e a firmeza do clérigo Francisco e guardam a mais agradável recordação daquele antigo mestre e assistente.

No ano seguinte foi êle transferido para assistir a divisão dos menores. Ainda aí deu provas de seus verdadeiros dotes de assistente salesiano perfeito. «Era

o assistente operoso e exato no cumprimento do seus deveres — diz um seu colega. Punha em prática a norma **fortiter et suaviter** que foi, daí em diante, sua norma característica. Nos recreios, nos passeios, muita alegria. Fomentava o movimento nos pátios, os divertimentos; mas, na hora de silêncio estudo e aula, exigia observância e disciplina».

Ao seu zêlo, porém, não parecia suficiente o trabalho de assistente. Bastou uma meia palavra dos superiores para que êle se oferecesse para auxiliar, ou melhor, para fundar o Oratório Festivo na vila de Cachoeira do Campo, o qual nem tinha ainda um local onde se instalar. Dêste modo, ia a pé à vila, todos os domingos, para entreter as crianças com alegres recreações e ministrar-lhes o ensino do Catecismo.

Um seu colega dêsse tempo recorda-se de como sabia êle se fazer pequeno com os pequeninos para ganhá-los todos para Nosso Senhor. A caminho da Vila gostava de ir um pouco afastado dos outros para, como êle dizia, pensar no que iria ensinar aos meninos.

Neste tempo de assistente teve também oportunidade de mostrar seus raros dotes literários, proferindo brilhantemente alocuções nas festas cívicas e religiosas, servindo-se disso para infiltrar nos ânimos dos alunos os mais nobres sentimentos de patriotismo e religião.

Embora vivesse totalmente entregue ao bem de seus alunos, preocupado com a assistência e as aulas, nunca descuidou seus deveres religiosos, cumprindo-os sempre escrupulosamente.

Enchem-nos de admiração e grande alegria os esforços contínuos que fazia, mesmo no meio de tanto trabalho, para não cometer nem sequer um pecado venial deliberado.

«Peço-vos, meu Deus — escrevia êle em 2 de outubro de 1933 — que me deis a morte, antes que eu cometa um pecado venial deliberado, principalmente contra a santa virtude da pureza».

Estas são palavras de um herói autêntico! A

maior vitória é dominar-se a si mesmo, é conservar a virtude e manter-se firme no propósito de nada negar ao Senhor e tudo recusar à natureza decaída.

Este clérigo de 22 anos era um outro São Luiz Gonzaga, um lírio de pureza a difundir seu perfume entre os jovens.

O sistema pedagógico de Dom Bosco apoia-se na razão, na religião e no carinho (Reg. art. 89). O assistente deve amar os seus assistidos e os jovens devem perceber que são amados por ele. Este amor, porém, deve ser puro, desinteressado de tudo o que é terreno e deve se estender a todos; antes, se há alguns que devem merecer maior afeição da parte do assistente esses devem ser os mais necessitados de bens físicos ou morais.

Este amor santo que se exige do assistente nem sempre é fácil. É esse, sem dúvida, o ponto mais difícil do sistema educativo salesiano. O clérigo Francisco sabia disso e não poupava esforços para se manter sempre imparcial nas suas afeições, para amar a todos indistintamente.

Daí seus propósitos deste ano de 1934 que não-lo mostram na ânsia de se desapegar sempre mais das criaturas para unir-se ainda mais a Deus, em uma palavra, para ser santo.

«Proponho tratar bem a todos os meus alunos e assistidos, sem nenhuma particularidade (31-7-34).

«O' meu Jesus e minha querida Mãe, sacrifico-vos todos os meus afetos terrenos, todo apego às criaturas para **amar somente a Vós**. Sacrifico-vos, principalmente os meus afetos, pois quero que meu coração seja inteiramente vosso (5-10-34).

«Meu Deus, **quero ser santo**, mas sem o vosso auxílio, serei o maior pecador do mundo; porisso tomo esse propósito confiado unicamente em Vós e em minha querida Mãe, Maria Auxiliadora (26-11-34).

No fim do ano de 1934 estava terminado, para o Clérigo Francisco, a prova do tirocínio prático em que ele triunfara habilmente. Ainda neste período tra-

duziu do italiano o livro «O Jardim dos Eleitos», sôbre a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, da autoria do P. João Bonetti.

Os superiores da casa viam nele o clérigo piedoso, inteligente, trabalhador, no qual se poderiam colocar as melhores esperanças.

Irá êle agora para o Curso Teológico, onde subirá os quatro últimos degraus que o levarão à montanha sagrada do Sacerdócio. Pela integridade de sua vida mereceu do Senhor a grande graça da perseverança. «Felizes são aquêles cuja vida é íntegra, que andam na lei do Senhor» — **Beati immaculati in via, qui ambulat in lege Domini** (Ps 118,1).

ÚLTIMOS DEGRAUS PARA O SACERDÓCIO

«Quis ascendet in montem Domini, aut quis stabit in loco sancto eius? Innocens manibus et mundus corde...»

(Ps 23, 3-4)

«Quem subirá ao monte do Senhor, ou quem permanecerá em seu santo lugar? Aquele que tem as mãos inocentes e puro o coração...»

Compara-se o curso teológico a um segundo noviciado onde o salesiano vive totalmente entregue aos estudos e à piedade, cuidando unicamente de sua preparação próxima ao sacerdócio.

Foi com este espírito que o Clérigo Francisco entrou no curso de Teologia que, naquele ano de 1935, achava-se no bairro de Santana (São Paulo), onde hoje se encontra o Externato Santa Teresinha.

Para um clérigo piedoso e estudioso, amante da disciplina e desejoso de crescer sempre mais no trabalho de sua formação sacerdotal, que ambiente melhor que o do Instituto Teológico?

Tudo aí convida e move à piedade: as leituras e meditações apropriadas, as conferências, as cerimônias litúrgicas, o canto sacro, o ambiente todo êle muito recolhido.

Não menor é a comodidade para os estudos: mestres doutos, bibliotecas, círculos de estudos, palestras e discussões amistosas.

Une-se a estes dois elementos capazes de formar padres santos e sábios, uma vida verdadeiramente

alegre, um perfeito espírito de família. Os estudantes de teologia têm também diversões apropriadas à sua vocação, recreios e jogos animados.

Reunem-se aí os antigos companheiros que desde o curso de Filosofia não se encontravam, e outros que nem se conheciam, vindos de outras Inspetorias, dos vários Estados do Brasil e até de nações estrangeiras. Aí se encontram com novas experiências, novas idéias, e contam reciprocamente os trabalhos que tiveram nas casas por onde passaram, as lutas, as dificuldades que enfrentaram, os triunfos alcançados, tudo, enfim, que possa edificar e servir de lição para o futuro.

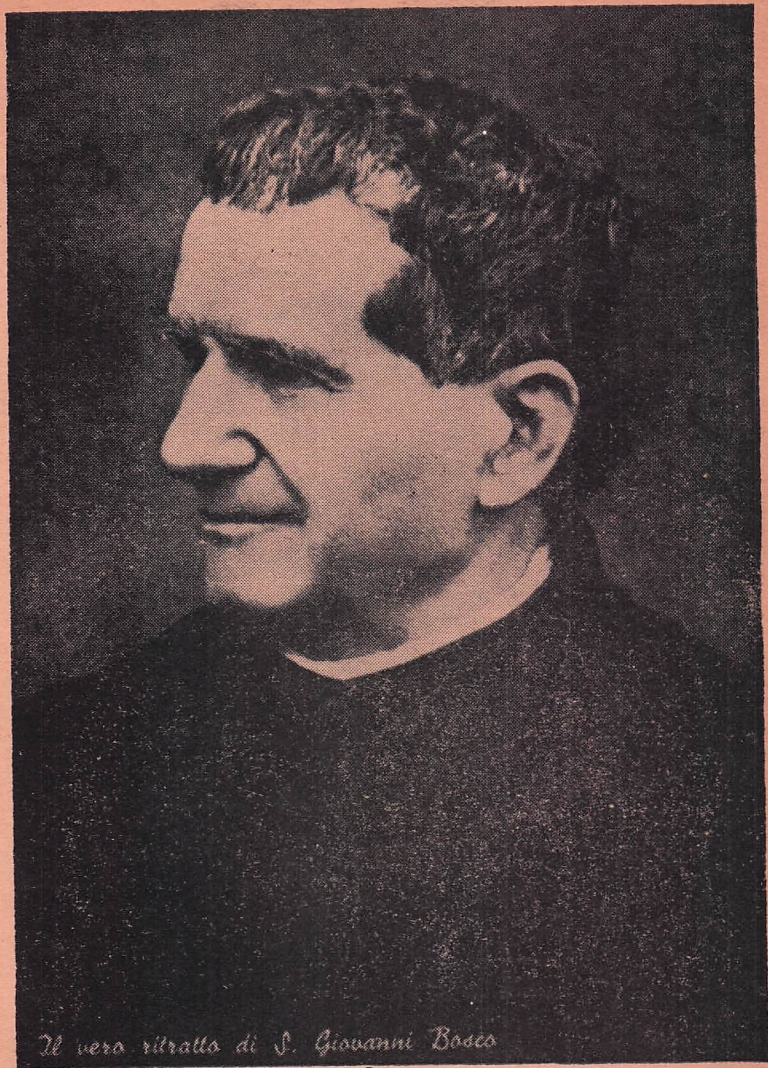
Podemos bem aplicar a esta reunião dos estudantes de Teologia as palavras do doutor da Igreja, São Pedro Damiano, em seu «Hino da glória do Paraíso».

«Ali, depois de ter triunfado, coroados já de glória, se gozam e alegram uns com os outros; e, seguros no porto, contam as tempestades que padeceram; referem os assaltos que os combateram; relatam as batalhas em que entraram; nomeiam os inimigos que renderam; declaram as armas, e o modo com que pelejaram; e repetem os triunfos que gloriosamente conseguiram».

Parece que, mais do que em qualquer lugar, há, na Teologia, o desejo de saber. É que o sacerdócio se aproxima e o clérigo tem, então, uma espécie de avidez para armazenar, anotar, fichar, tudo o que lhe parece útil para o futuro.

O clérigo Francisco entrou para o Instituto Teológico Pio XI disposto a aproveitar o mais que pudesse nos estudos e na piedade. Não desperdiçava as sementes que os superiores deixavam cair. Anotava em seu caderninho tudo o que de interessante ouvia nas aulas, conferências, sermões e «boas-noites».

A idéia de ser um sacerdote santo estava sempre em sua mente. Em sua vida harmoniosa como uma sinfonia magistral, esta idéia outra cousa não era senão o «leit motiv».. A escolha de um bom motivo é para o compositor, como a descoberta de um tesouro pois o



Il vero ritratto di S. Giovanni Bosco

motivo é que dá vida, graça, beleza à obra musical, e caracteriza a composição.

A idéia de ser santo e, mais ainda, os esforços contínuos deste clérigo para se santificar são também a vida, a graça, a beleza, a característica da sua existência.

No seu 1.º ano de Teologia propunha-se:

«1.º — Farei todos os esforços para me santificar.

2.º — Esforçar-me-ei por fazer do melhor modo possível as práticas de piedade.

3.º — Evitarei fazer castelos no ar e procurarei pensar bem de todos».

A santidade se apresenta sob vários aspectos. Cada santo tem seu distintivo. Alguns se santificam no deserto a fazer penitência, outros nas selvas pregando aos índios, uns nas cátedras das universidades, outros nos leprosários, quem nas famílias, quem nos claustros.

A santidade salesiana tem algo de especial, tem o cunho que lhe deu o fundador; é, todavia, impossível que se encontre um salesiano que tenha um programa de santificação perfeitamente igual a outro, como não se podem encontrar duas pessoas perfeitamente iguais.

Em 16 de julho de 1936, o clérigo menorista Francisco Gonçalves deixava em seu caderninho o ideal de santidade a que aspirava:

«Quero me santificar com o espírito de sacrifício, com a vida interior e o cumprimento exato dos meus deveres».

Espírito de sacrifício quer dizer amor. Ninguém é capaz de se sacrificar sem amor, assim como não existe verdadeiro amor sem sacrifício.

Vida interior que o Cura d'Ars chama a «verdadeira felicidade deste mundo, aquêlê banho de amor em que a alma se mergulha». Deus ampara a alma interior como uma mãe sustenta em suas mãos a cabeça do filho para cobrir de beijos e de carícias.

Cumprimento exato do dever — pedra de toque

da santidade que consiste» primária e essencialmente no amor de Deus e se desenvolve no cumprimento exato das obrigações do próprio estado».

Em maio de 1937, abrigado sob o manto de Maria, redobra seus esforços de vida interior e união com Deus, propondo-se «falar pouco com as criaturas e muito com Deus»; e, em junho do mesmo ano, entrega-se, mais uma vez, ao Sagrado Coração de Jesus, protestando-lhe «querer viver não para si nem para o mundo, mas **só e exclusivamente** para o seu Deus, sua vida, seu prazer e seu tudo!»

Estes propósitos, tirados do seu caderninho íntimo, nos dão uma clara idéia do espírito com que êle se preparava para o sacerdócio. Queria ser padre, sim, mas padre santo. E santo alegre, santo salesiano.

E temos provas de que estes propósitos não eram somente escritos mas praticados à risca.

O P. João Wagner, seu colega de curso teológico, assim atesta:

«Afirmo com convicção absoluta que, de nossa turma, êle era o melhor, o mais exemplar. Sabia cativar a estima de todos pelo modo caritativo, alegre, pelo complexo de tantas virtudes, principalmente, porém, pelo grande amor à vocação sacerdotal e devotamento à Congregação».

Um outro seu colega desta época, o P. José Luiz Giacotto assim nos conta:

«O Clérigo Francisco era grandemente estimado por todos os superiores e colegas do curso de Teologia. Sua presença infundia respeito a quantos dele se acercavam. De sua bôca jamais ouvi qualquer palavra de murmuração. Estava sempre disposto a defender os superiores e lembro-me de que, juntamente com o falecido P. A'lvaro Biolchini, seu colega de turma, e outros companheiros, organizou uma espécie de companhia para impedir qualquer murmuração. Não tolerava o menor sinal de separação entre salesianos de nações diferentes. Para evitar qualquer empecilho contra a caridade fraterna evitava falar de sua origem, de seu estado natal

para não fomentar o regionalismo, as divisões. Era salesiano e isto lhe bastava. Nos círculos de piedade era sempre procurado pelos companheiros que muito gostavam de ouvir sua palavra sempre cheia de unção».

Na preparação para as sagradas Ordens gostava de anotar, em seu caderno, frases apropriadas que ele ia meditando. Assim é que antes de receber a tonsura escrevia: «A coroa significa a morte para o mundo, para tudo o que é terreno e que devo viver somente para Deus. Significa domínio das paixões — Todas as vezes que o clérigo renova sua tonsura deveria renovar também estes sentimentos de renúncia ao mundo e às paixões».

Sobre o Ostiariado, Ordem que recebeu em 19 de março de 1936, escrevia: «O Ostiário tem a seu cuidado os santos cibórios, os cálices consagrados, as relíquias e, mais que tudo, é o guarda do Corpo e do Sangue de Jesus Cristo. Porisso o Ostiário deve ter amor à pobreza e desapêgo dos bens terrenos. E' preciso que ele esteja morto para tudo, desapegado de tudo, que não tenha outro desejo senão o de ser enriquecido das riquezas divinas».

Em princípio de 1937, volta, nas páginas do seu caderninho, ao motivo dominante de sua sinfonia: ser santo. «21-2-937. — Visitei hoje pela primeira vez minha irmã Nair (Filha de Maria Auxiliadora). Quantas cousas bonitas não me disse... Entre outras, esta: «Chichico, vamos ser santos». Sim, meu Deus, **quero ser santo**. Ajudai-me a fazer violência a mim mesmo, a viver vida interior: de fé, de oração, de sacrifício e de união contínua convosco. Ensinai-me a amar ternamente a Maria Santíssima».

No dia 7 de abril dêsse ano, inaugurava-se o novo edifício do Instituto Pio XI, no Alto da Lapa, construção moderna e confortável, magnífico empreendimento do Sr. Padre André Dell'Oca, então Inspetor Salesiano. O menorista Francisco Gonçalves foi escolhido para o discurso inaugural gratulatório. Comparou a nova casa à de Belém, à de Nazaré e à do Cenáculo, dizendo que também dali sairia a «luz do mundo» como de Belém;

também ali «novos Cristos» cresceriam em idade, sabedoria e graça como em Nazaré também dali, como do Cenáculo, saíriam «novos apóstolos» inflamados de zelo intrépido, de entusiasmo ardente, de amor abnegado para cumprir o divino mandato: «ide e pregai». Usou de palavras carinhosas para com o Sr. P. Inspetor a quem os estudantes de Teologia deviam a nova Casa, e terminava com uma bela saudação a Pio XI, patrono do novo Instituto:

«Salve impávido timoneiro da Igreja! Depositário dos tesouros celestes! Nós que herdamos do nosso santo Pai e Fundador o amor e a veneração ao Vigário de Cristo na terra vos queremos hoje e sempre hosanar, glorificar! Prostrados, pois, a vossos pés, vos protestamos amor, reconhecimento, veneração, obediência incondicionada!»

Neste ano sofreu êle um abalo na saúde, sendo obrigado a interromper os estudos para passar algum tempo em Cachoeira do Campo. Era uma prova que o Senhor lhe mandava. Os superiores temiam até que êle não pudesse continuar os estudos eclesiásticos e julgavam outros que êle devesse ficar irmão coadjutor para não ter que arruinar ainda mais a saúde com os estudos. Desta prova que lhe deve ter causado tantos sofrimentos e ansiedades não encontramos nem uma queixa, nem uma palavra sequer em seu diário. Dir-se-ia que só lhe preocupava a saúde do espírito. Minorava-lhe, de certo, os sofrimentos, a grande confiança que depositava em Deus.

Aproveitou êste descanso em Cachoeira para exercer lá algum apostolado. Assim nos escreve um aluno que lá esteve naquele ano:

«Em novembro de 1937 apareceu nas Escolas Dom Bosco o clérigo Francisco Gonçalves que lá tinha ido por motivo de saúde. Embora enfraquecido prontificou-se a dar aulas para dois meninos que desejavam ser aspirantes em Lavrinhas. Muito edificado fiquei em vê-lo passar quase todo o dia 2 de novembro a fazer visitas

à capela com vários grupos de alunos convidados por ele para ganhar as santas indulgências».

Graças a Deus pôde ele voltar de Cachoeira bem mais forte de saúde e, estudioso e inteligente, conseguiu fazer bem os exames finais e foi admitido ao Subdiaconado, Ordem que recebeu em 18 de dezembro desse ano de 1937.

Ia agora começar a rezar o Breviário, o Ofício Divino que São Boaventura chama de «imitação dos cantares angélicos» (*Divinum officium imitatio coelestis concentus*) Sua alma teria agora mais este alimento cotidiano naquele livro, copioso tesouro de boa doutrina, através dos ensinamentos do Profeta Rei, Davi, a quem Lacordaire chama «o músico da eternidade nas cousas do tempo, o príncipe da oração e o teólogo do Antigo Testamento».

A impressão que então ele tinha do curso teológico não-la descreve num discurso que fêz ao Sr. P. Inspetor por esta ocasião:

«Aqui onde nossos horizontes se alargam e se perdem através da Magna Paulicéia, através das planícies interminas de Piratininga e pelos altaneiros píncaros da Mantiqueira azul, sentimo-nos convidados também a estender os horizontes pelas planícies belas, imensas do saber e a nos elevarmos também pelos píncaros sublimes e altaneiros da virtude, da perfeição».

A caridade fraterna que havia entre os clérigos do Instituto ele a descreve neste tópico do mesmo discurso:

«Entre nós haverá norte, haverá sul, haverá distinção de nacionalidades mas todos nos uniremos harmoniosamente, suavemente, com os liames sagrados do amor fraterno, como se unem as côres do arco-íris, a qual mais bela, para bordar esse aro luminoso que cinge e embeleza o céu sereno, qual símbolo de aliança e de paz. Assim essas gloriosas e generosas nações aqui tão bem representadas, e os estados do sul e os do norte, cuja alma é grande, bela como o seu Amazonas, como as suas imensas florestas virgens, como as

suas belas e cultas cidades; assim, digo, tantas e tão variadas côres nos unificaremos, nos confundiremos para tecer um doirado arco-iris de paz e de harmonia no céu sereno do nosso grandioso Estudantado Teológico, sob a égide sacrossanta do nosso grande Pai».

Chegou, afinal, o último ano de preparação ao sacerdócio. Mais um ano e terá êle alcançado a meta final, o seu ideal há tanto almejado.

Em 12 de março de 1938 recebia o Diaconado das mãos de S. Excia. Dom José Gaspar, DD. Bispo Auxiliar de São Paulo. O capítulo da casa assim exprimia sua opinião sobre êle quando o admitiu a estas Ordens: «muito bom, zeloso, dá ótimas esperanças para o futuro».

Era já Diácono. Franqueadas lhe estavam as portas do santo Tabernáculo e já tinha o poder de pregar e administrar solenemente o santo Batismo. E' um antegozo do Sacerdócio.

O Diácono Francisco ansiava pelo dia em que poderia ter um contato com Jesus Hóstia. Êste dia o Senhor não o fêz esperar por muito tempo. No dia 10 de abril dêsse ano, estando êle de passagem pelo Liceu Coração de Jesus, teve a grande felicidade, pela primeira vez, distribuir a Sagrada Comunhão a 6 meninos que se achavam na enfermaria do Colégio. Escreveu nesse dia: «Experimentei hoje uma das maiores alegrias de minha vida ao tocar, pela primeira vez, a Hóstia Imaculada. Senhor, que êsse meu primeiro contato com vosso divino Corpo seja penhor de minha santificação».

Em maio, ainda diácono, fêz seu primeiro sermão a Maria Santíssima: «*Virgo singularis inter omnes mitis*» Neste sermão, verdadeiro transbordamento de seu coração pleno de amor à Virgem Auxiliadora e Imaculada, êle compara Maria a um Templo riquíssimo, adornado por Deus de tôdas as virtudes — *Virgo singularis*. Fala depois da mansidão da Virgem Mãe — *inter omnes mitis* —, nomeando os preciosos ensinamentos de mansidão e bondade transmitidos a Joãozinho Bosco no sonho dos 9 anos.

Neste último ano de estudos gostava de meditar



N. S. Auxiliadora

na grandeza do sacerdócio e na beleza do apostolado futuro. Deixava transparecer estes pensamentos nos trabalhos que fazia para ler nas reuniões da Companhia da Imaculada, da qual foi êle o primeiro presidente no Instituto, e nas sessões acadêmicas.

«Ante o sacerdote — escrevia —, se descortina, de fato, um horizonte imenso de apostolado, uma messe lourejante de bem e de bênçãos».

Dir-se-ia que êle, do alto de uma montanha, tinha, diante dos olhos, numa antevisão, as turbas de alunos, aspirantes, oratorianos e paroquianos que lhe seriam confiados. Era a sua futura «messe lourejante de bem e de bênçãos!»

Escrevia no 4.º ano, às portas do Sacerdócio:

«Lançando um olhar retrospectivo para o passado e um olhar ansioso para o futuro vemos, com indizível satisfação e não menor trepidação, que já estamos na última etapa dessa longa ascensão que nos conduzirá a essa montanha do Sacerdócio... Já estamos no cimo! Bendito seja pois o Deus que nos escolheu!»

E' o escalador de montanhas que, quase ao termo da viagem, para um pouco e contempla o panorama que deixou atrás e se extasia na contemplação da natureza, respirando os ares puros, quase em contato com o céu!

«Quem subirá ao monte do Senhor, ou quem permanecerá em seu santo lugar?»

De mãos inocentes e de coração puro conseguiu êle subir ao monte sagrado do Senhor e permanecer em seu Santuário!

O SACERDÓCIO

«Et introibo ad altare Dei, ad Deum laetitiae et exultationis meae».

(Ps 42,4)

«Irei então ao altar de Deus, ao Deus da minha alegria e do meu regozijo».

A escalada estava concluída. Ingreme fôra o caminho, ásperos os pedregulhos! Tudo, porém, se lhe tornara fácil. Jesus, lá do alto, o esperava com os braços abertos, convidando-o insistentemente para o amplexo de amor. Maria Santíssima, a Mãe amorosíssima, a quem êle se entregara incondicionalmente, tomara-o pela mão e o levava até o alto.

Chegou, assim, ao termo de seus estudos, ao seu ideal, o sacerdócio!

Ia receber, agora, a insigne graça, poderes extraordinários que nem aos Anjos são concedidos. De ora em diante êle será sacerdote para sempre, ministro de Cristo, dispensador dos mistérios do Senhor, mediador entre Deus e os homens, aquêle que tem poder sobre o corpo real e místico de Cristo.

Suas mãos estarão sempre prontas a regenerar as almas pelo santo Batismo e a traçar a cruz redentora sobre as almas contritas. Diariamente poderá oferecer a Deus o Santo Sacrifício da Missa que o fará, e aos fiéis, participantes do Corpo e do Sangue de Cristo.

Poderá distribuir o pão da santa doutrina às almas sequiosas da verdade; rezará por nós e nos abrirá as portas do Céu.

Segundo Santo Epifânio, nele se operará agora um milagre estupendo com a recepção do poder inefável. Irá atingir o Céu, conversar com os Anjos e tratar filialmente com Deus!

Já não será somente o «servo de Deus» mas o «amigo de Cristo». «Já não vos chamarei servos, porque o servo desconhece o que faz o seu senhor. Mas chamei-vos amigos, porque vos ensinei tudo quanto ouvi de meu Pai». (Jo 15,15).

Recebeu a ordenação sacerdotal das mãos de S. Excia. Dom José Gaspar de Affonseca e Silva, a 8 de dezembro de 1938, na Catedral provisória de Santa Ifigênia, em São Paulo.

Seu estado de saúde não permitia que suportasse a longa função da ordenação. Disse, porém, a um colega: «Peço para ser ordenado mesmo que tenha que morrer logo após».

Durante a longa função, doente como estava, desmaiou mais de uma vez, sendo preciso tomar injeção e quebrar o jejum-

No dia seguinte, embora ainda doente na enfermaria do Instituto, quis celebrar a sua Primeira Missa, com grande admiração e edificação de todos os presentes.

Imaginava estar no cume de uma alta montanha e que de lá contemplava imensos países... Divisava a imensidade, a plenitude do Deus eterno e infinito. A' direita, Jesus Cristo, seu Salvador, radiante de glória, unia-se ao Pai pelo Espírito Santo, fonte de toda a luz e de todo o amor.

A sua alma sempre desejosa de ascensões, como terá parecido formosa, naquele momento, a oração que rezava ao subir o altar: **«Emitte lucem tuam et veritatem tuam: ipsa me deduxerunt et adduxerunt in montem sanctum tuum»**. — «Enviai, Senhor, a vossa luz e a vossa verdade, que elas me guiem; levem-me elas ao vosso santo monte...» (Sl 42,3).

«Sim, diz Berthier, o altar é a montanha da fé, donde o sacerdote descobre novos esplendores eternos... Do cume desta montanha volto a vista à terra e só vejo

átomos que se chocam entre si, se desfazem e se destroem mutuamente». (Reflexiones spirituales, t. IV).

Como Moisés ao Sinai, subia êle agora ao altar para contemplar a Deus.

Como Jesus Cristo ao Calvário, subia êle ao altar para oferecer o grande Sacrifício.

E ainda como Jesus Cristo ao Tabor subia êle ao altar para se transfigurar.

E tudo **per Ipsum et cum Ipso et in Ipso**, por Jesus, com Jesus e em Jesus. Era êste o seu lema sacerdotal.

Por Êle que é o **caminho** seguro. Com Êle que é **verdade** eterna. N'Ele que é a **vida** perene.

E Padre Francisco começava o seu sacerdócio em união com Jesus que é «caminho, verdade e vida». **Ego sum via et veritas, et vita** (Jo 14,6).

Estava assim alcançado o seu ideal. Mais tarde êle dirá: «Agora posso morrer pois já consegui o que desejava, ser padre».

Nosso Senhor, porém, lhe reservava, para o futuro, grandes trabalhos e grandes consolações.

.....

No dia 25 de dezembro de 1938 estava em festa a vila de Prudente de Moraes. Brilhava uma santa alegria no rosto de todos os católicos. A capela tôda enfeitada e iluminada abria suas portas de par em par. Os sinos bimbahavam festivamente enquanto os foguetes pipoqueavam no ar. A música melodiosa da igreja convidava o povo à prece. Padre Francisco Gonçalves ia cantar sua Primeira Missa, seu «Te Deum» de ação de graças ao Deus bondoso que, naquela terra, aprendera a amar ainda no regaço materno; ao Deus misericordioso que o levou para a casa de Dom Bosco, que o fez religioso salesiano e que agora lhe permite ali voltar como sacerdote, como seu ministro; ao Deus «de sua alegria e do seu regozijo».

Era um dia de paraíso na terra! Há dias, na vida do homem, principalmente na do religioso ou do sacerdote, que nos fazem pensar: como serão doces as ale-

grias do Céu, pois se cá na terra já temos tão suaves emoções?

Verdadeiro prelúdio das melodias celestes foi este dia da primeira Missa cantada do Padre Francisco. A boa mamãe ali estava, envolvida em doce consolação, a ver o filho querido que agora subia ao altar do Deus que ela lhe ensinara a amar. Ela era agora a mãe de um sacerdote! Que dignidade, que honra, que ufanía, que felicidade! Oh! se tôdas as mães soubessem a consolação enorme da mãe cujo filho recebe de Deus esta admirável graça do Sacerdócio! Oh! se elas avaliassem o mínimo de contentamento que tem a mãe do sacerdote ao ver o filho subir ao altar e, lá, fazer descer do Céu o Senhor dos Senhores, baixá-lo às suas mãos e conversar com Ele como dois amigos íntimos.

Certamente que, se tôdas as mães avaliassem essa alegria indescritível e imensurável não haveriam de pôr o menor empecilho à vocação dos filhos. Antes, seriam elas mesmas as primeiras a lançar nas almas jovens dos filhos o germen da vocação, fazendo-os rezar, ensinando-lhes a santa doutrina cristã, contando-lhes as histórias da vida dos santos, mostrando-lhes a grandeza, a beleza infinita do Sacerdócio — a mais nobre e mais santa carreira —, e, principalmente, edificando-os com o exemplo de uma profunda vida cristã.

Os irmãos, os parentes, rezavam com o Padre Francisco e o acompanhavam nas sagradas cerimônias da Santa Missa. Ele era agora um elo entre eles e Deus, pois, subindo ao altar, levava, juntamente com o seu, o coração de sua cara Mamãe, dos queridos irmãos, de todos os parentes, para entregá-los ao Senhor.

Estava também presente sua irmã Nair que, após os estudos, seguira o exemplo do irmão fazendo-se religiosa na Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora. Era, agora, duplamente irmã do P. Francisco. Irmã de sangue e irmã de Congregação, pois os Salesianos e as Filhas de Maria Auxiliadora constituem uma só família, sob a bandeira de Dom Bosco, o Pai comum, empenhados no sublime ideal da educação cristã da juventude.



No dia da Primeira Missa Solene

O Sr. P. Alcides Lana que sempre se mostrou leal amigo da família achava-se também presente. P. Francisco para lhe mostrar o quanto lhe era grato pelos desvelos que teve para com a sua vocação desde o início, convidou-o para essa festa. No sermão gratulatório da primeira Missa, o Sr. P. Alcides, após ter enaltecido as grandezas do Sacerdócio, dissera, referindo-se ao «furto» que fizera a Da. Mariquinhas, que êle era um «ladrão honesto», pois restituía com juros usurários: roubara um menino e devolvia um ministro do Senhor!

Todo aquêlle dia foi uma festa encantadora e singela promovida pelos parentes lá reunidos e pelos conterrâneos.

.....

No princípio de 1939 P. Francisco aguardava a determinação dos Superiores a respeito do lugar em que devia trabalhar, disposto como estava a entregar-se inteiramente ao bem das almas que lhe fossem confiadas e no cargo que a obediência lhe designasse.

A casa privilegiada em receber êste jovem padre, franzino, é verdade, mas cheio de entusiasmo e exuberante de vida salesiana, foi a de Cachoeira do Campo, casa por êle tão querida e onde passara já boa parte de sua vida religiosa.

Recebeu o cargo de Conselheiro escolar, o responsável pelo procedimento dos alunos e aplicação aos estudos. E' um dos cargos mais importantes numa casa salesiana.

O P. Francisco que já dera ótima prova de seus dotes de educador quando assistente, saiu-se admiravelmente neste campo que os superiores lhe confiaram.

O P. Fernando Enning que era, naquele ano, Catequista do Ginásio Dom Bosco, assim nos fala do trabalho do P. Francisco:

«Embora ainda fraco de saúde, desempenhou o cargo de Conselheiro em Cachoeira com sua **doçura e firmeza**, não poupando energias e forças para conseguir a boa ordem na disciplina e aplicação aos estudos. Orga-

nizava ótimos passeios gerais para alegrar os meninos e ia êle mesmo escolher os lugares, anteriormente, para evitar todos os inconvenientes e obter tôdas as vantagens dêste meio de educação salesiana. Embora exigisse o cumprimento dos deveres, era sempre estimado, pois tudo o que êle exigia era conforme o Regulamento e dentro da justiça».

Em maio dêsse ano, S. Excia. Dom Orlando Chaves que era então o nosso novo Inspetor Salesiano, visitando aquêla casa, achou que havia nela grande disciplina, muita aplicação ao estudo e muita piedade, parecendo-se seu ambiente com o de um aspirantado.

Em junho o P. Francisco acompanhava um grupo de alunos num passeio de caminhão. Em dado momento derrapa o veículo, tomba, descrevendo uma curva no ar, e estaciona, afinal, de rodas voltadas para cima. As consequências deviam ser funestas, entretanto, salvaram-se todos milagrosamente. O Padre, como todos os outros meninos, recebeu apenas alguns arranhões. Era a proteção visível de Nossa Senhora.

Sempre grato aos superiores não deixou passar o onomástico de seu ex-diretor, no Instituto Teológico, sem que lhe escrevesse uma cartinha nestes termos:

«Escolas Dom Bosco, 9 de agosto de 1939

Querido P. Diretor.

Laudetur Christus!

Queria escrever-lhe no dia de São Domingos afim de lhe enviar minhas felicitações, mas os trabalhos daquele dia não me permitiram fazê-lo. Entretanto lembro-me de que muitas vezes o senhor me dizia: **quod differtur non aufertur**. Baseado na veracidade dêste provérbio é que lhe escrevo hoje assegurando-lhe que no dia 4 fiz, por sua intenção, um «memento» especial na Santa Missa, pedindo a Nosso Senhor o cumule de suas melhores bênçãos. Aqui vamos indo todos muito bem,

preparando-nos para a festa de São João Bosco (dia 16), com a presença do Sr P. Inspetor. Queira aceitar muitas recomendações dos irmãos daqui.

«Pede-lhe a benção o seu in corde Jesu

P. Francisco Gonçalves.

Nesse ano de 1939, um sol radiante de luz começou a dourar os horizontes diafanos da nossa Inspetoria Salesiana do Sul do Brasil. Ia se iniciar uma gigantesca Cruzada de vocações! Grande, enorme era a messe, mas poucos os operários. Toda a nossa Inspetoria que abrangia todos os estados do sul, desde Minas ao Rio Grande, não tinha mais que 220 aspirantes. Era preciso, pois, pelo menos, duplicar este número, porque os salesianos eram procurados em toda a parte. Os pedidos de abertura de novas casas se multiplicavam. Queriam nos entregar colégios já construídos e aptos a funcionar, mas os superiores viam-se obrigados a recusar a oferta por falta de salesianos.

A resolução de tão grave problema era, pois, aumentar as vocações, abrir novos aspirantados. O Concílio Plenário Brasileiro, realizado em junho desse ano no Rio de Janeiro, lançava também este brado: Vocações!

Foi assim que Dom Orlando Chaves que estivera na Europa, para onde fôra chamado pelo nosso Reitor Maior, iniciou inteligentemente, como Inspetor, esta Cruzada admirável, digna dos maiores elogios, de cujos frutos já hoje gozamos vendo aumentados de tão grande número os aspirantes e clérigos de nossa Inspetoria atualmente já desdobrada em duas. Ao abandonar o governo da Inspetoria, para tomar posse do Bispado de Corumbá, na alta dignidade a que a Santa Sé o elevou Dom Orlando deixou nas casas de formação 1200 vocações salesianas, fato extraordinário que lhe mereceu o justo título de «Apóstolo das vocações».

Feita a propaganda para o aumento das vocações, era necessário construir novos aspirantados.

Aconselhado por S. Excia. Dom Helvécio Gomes de Oliveira, DD. Arcebispo de Mariana, amigo sincero e inestimável benfeitor dos Salesianos, escolheu o Sr. P. Inspetor a cidade de São João del-Rei, Minas, para lá colocar um novo aspirantado.

Esta cidade gozava da boa fama de cidade levítica, tendo dado já grande número de sacerdotes religiosos e seculares.

Todos os anos reuniam-se lá, na casa do saudoso cooperador Sr. José Nascimento Teixeira, grupos de meninos que eram depois levados para Lavrinhas.

Por êste e por outros motivos a que, a seu tempo, aludiremos, São João del-Rei parecia, de fato, uma cidade bem indicada para um novo aspirantado.

Era preciso, pois, quanto antes, escolher um padre trabalhador, disposto ao sacrifício e inflamado de zêlo pelas vocações e mandá-lo para aquela cidade, para iniciar a nova obra.

A escolha caiu sôbre o P. Francisco Gonçalves.

A 13 de novembro dêsse ano escrevia-lhe o Sr. P. Inspetor comunicando-lhe o desejo de lhe entregar êste trabalho, ao que êle respondeu:

«Escolas Dom Bosco, 23 de novembro de 1939.

Querido P. Inspetor

Laudetur Christus!

Recebi a sua carta do dia 13, repassada de bondade verdadeiramente paterna e junto um estatuto do novo aspirantado de São João del-Rei.

Sem dúvida não há salesiano que não sinta simpatia por essa nova fundação, por êsse apostolado que é o mais salesianamente salesiano, o das vocações.

Quanto à sua pergunta, digo-lhe que causou-me grande e inesperada surpresa. No dia de minha profissão tomei a resolução de não resistir nunca às ordens e aos desejos dos superiores.

Acho, entretanto, que é meu dever expor-lhe algumas dificuldades que teria nesse sentido e que o Sr. logo reconhecerá. Mas como o Sr. determinou que fôsse a São Paulo, apenas termine o nosso ano letivo, prefiro expor-lhe à viva voz. Depois que lhe apresentar essas dificuldades, estarei entretanto ao seu inteiro dispor, certo de que, ouvidas estas, a sua determinação irá ser a manifestação da vontade de Deus.

Nosso ano escolar encerra-se dia 3 do p. f., mas penso que deverei demorar ainda uma semana ao menos para ultimar alguns trabalhos relativos ao Ginásio. Se o Sr. quiser que vá antes queira comunicar.

Estamos agora em exames. Felizmente tudo vai correndo ôtimamente a contento dos superiores e alunos, quanto à disciplina e piedade.

Pedindo sua bênção e aguardando suas ordens, professo-me com filial afeto

Seu in corde Jesu

P. Francisco Gonçalves».

Como se manifesta claramente nestas linhas seu espírito simples, humilde, submisso e, ao mesmo tempo, cheio de fé! Reconhece humildemente as dificuldades, manifesta-as com simplicidade ao superior e, em seguida, se dispõe a fazer o que êle mandar, certo de que, nesta ordem, se manifesta a vontade de Deus.

O P. Francisco, esta mimosa flor das montanhas mineiras, irá agora ser transplantado para São João del-Rei onde passará a exalar seu perfume atraente.

As flores das montanhas em três cousas se distinguem das outras: têm raízes mais profundas, o caule mais curto e as côres mais vivas. Podem, dêste modo, buscar na terra o alimento de que precisam, livram-se mais facilmente dos vendavais e atraem, com sua coloração viva, os insetos que lhe sugam o mel.

P. Francisco é uma verdadeira flor das montanhas mineiras. Nelas nasceu, nelas cresceu, nelas fez seus primeiros estudos e nelas exercerá todo o seu apostolado.

E como esta flor encerra bem os característicos de uma flor de montanha!

Suas raízes são bem profundas... Alimenta-se cotidianamente com o «pão dos fortes» e sua mente inteligente sabe escolher o que há de mais puro, de mais sã e nutritivo no alimento espiritual.

Seu caule é curto... Não se apresenta soberbo e altivo, mas humilde, simples e paciente. É este, sem dúvida, o meio melhor para que a alma triunfe do vendaval das tentações.

Seu colorido é vivo e variado... Suas virtudes, os dotes com que lhe presentearam a natureza e a graça, verdadeiro matiz de sua alma pura, hão de ser o atrativo de tantas almas jovens por por êle se sentirão atraídas para lhe sugar o saboroso mel dos ensinamentos divinos, a se inebriarem com o suave nectar do «bom odor de Cristo» a se exalar de toda a sua pessoa.

INÍCIO DE UMA GRANDE OBRA

«Etiam passer invenit domum, et hirundo nidum
sibi ut ponat pullos suos».

(Ps 83,4)

«Até o passarinho acha casa, e a andorinha um
ninho para si, onde ponha os seus filhinhos».

Em 1939 São João del-Rei possuía cerca de 27.000 habitantes. Cidade antiga, porém progressista. É a cidade costuma-se dizer que «não olhou para atrás».

Guarda vestígios do século passado em suas célebres e vetustas igrejas de clássico colonial e apresenta, ao lado dessas, belas construções em arquitetura moderna.

Industrialmente falando é uma das primeiras cidades do Estado. Garante-lhe tal posto suas grandes fábricas de tecido que, com as chaminés sempre a fume-gar, são um índice da laboriosidade de seu povo.

A cidade, a quase 900 metros de altitude e possuidora de clima invejável, está rodeada de vários presentes da natureza: a casa de pedra, as termas de Água Santa, o Rio das Mortes. As Serras de Tiradentes e do Lenheiro são as fronteiras do formoso vale onde, como num berço dourado, repousa a encantadora cidade.

Seus morros são perfurados pelo homem ávido de riqueza que, em profundas bêtas, vai buscar o ouro valioso. É comum verem-se, nos riachos encachoeirados da cidade, homens de calças arregaçadas a lavar na bateia as areias do precioso metal.

Dois grandes estabelecimentos de ensino secundário, um masculino dos Padres Franciscanos e outro

feminino das Irmãs Vicentinas, dão à mocidade a mais eficiente instrução. São João del-Rei é uma cidade culta.

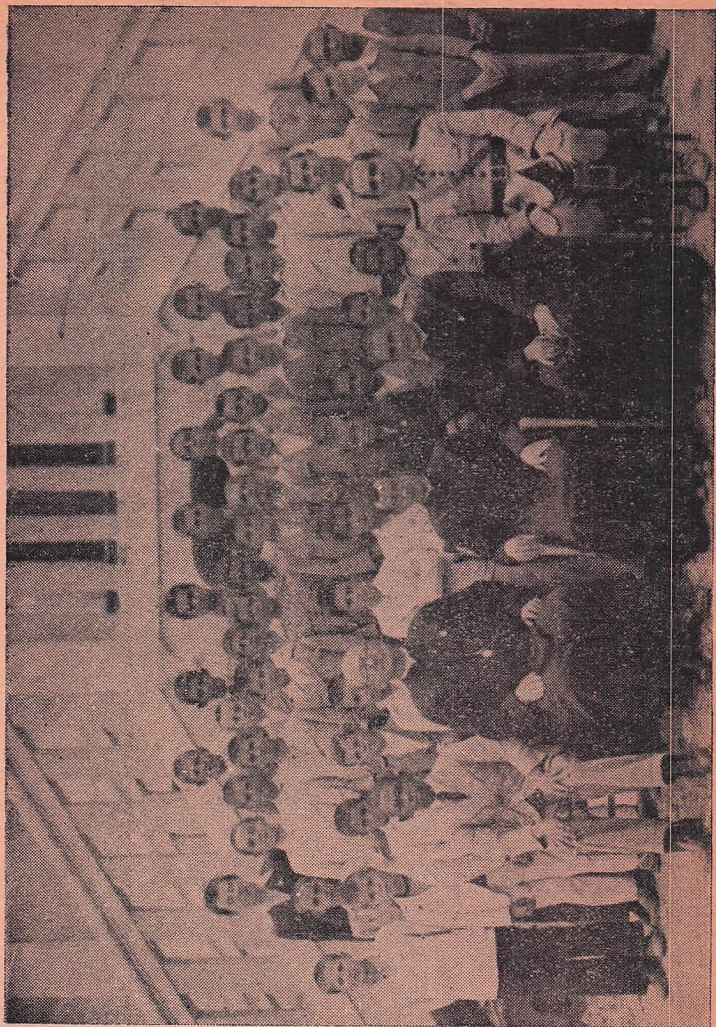
Entre as artes que seu povo cultivava a música está, sem dúvida, em primeiro lugar. Ótimos músicos, orquestras modelares exibem ali e nas cidades vizinhas esplêndidos concertos, dignos de se apresentarem nos melhores teatros de nossas grandes capitais.

O que constitúi, porém, o maior encanto e beleza de São João del-Rei é a fé, a religiosidade de seu povo. É algo que edifica, impressiona e anima a quem passa por lá. As igrejas estão sempre apinhadas de fiéis. Sua Semana Santa piedosa e comovente atrai, todos os anos, inúmeros forasteiros. O sacerdote é lá estimado e respeitado. Pelas ruas todos o saudam com o tradicional «Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo».

Para provar a vida católica que vive aquêle povo basta considerar o grande número de vocações que têm saído de suas famílias. Não medram vocações senão em famílias boas e verdadeiramente cristãs. O problema das vocações é de fácil resolução nas regiões em que as famílias são bem constituídas e os pais vivem profundamente o Cristianismo.

Há, pois, em São João del-Rei, uma mina de algo mais precioso que o ouro: uma mina de vocações. Para explorá-la o Sr. P. Inspetor mandou o P. Francisco, operário inteligente e esperto, que chegou a essa cidade a 19 de dezembro de 1939.

Levava consigo, para ajudá-lo, um moço aspirante, hoje coadjutor Aldo Maia. Chegava o P. Francisco a uma cidade para êle desconhecida, para aí trabalhar entre um povo também desconhecido. Não era esta, na verdade, uma tarefa fácil para um padre com 1 ano de ministério e apenas 28 de idade. Acrescente-se que, para o início da obra, faltava tudo ou quase tudo. A casa destinada ao aspirantado era o velho edificio do Liceu de Artes e Ofícios, da Avenida Leite de Castro. Tendo o casarão ficado abandonado por algum tempo, precisava agora de sérias reformas e adaptações. Aquela, entretanto, será



Os primeiros aspirantes do Colégio S. João

a sua casa. Ali «a andorinha fará um ninho para si e para os seus filhinhos».

Levava o P. Francisco uma carta de apresentação ao Sr. José do Nascimento Teixeira, antigo cooperador das Obras de Dom Bosco, pai de dois salesianos. Manifestava o Sr. Nascimento, há bastante tempo, um coração de pai para com os filhos de Dom Bosco. Bem se pode dizer que a obra das vocações salesianas em São João del-Rei nasceu em sua casa, pois era lá que, nos anos anteriores, se reuniam os meninos que deviam ir para Lavrinhas.

Diante do Sr. Nascimento o P. Francisco, embora não o conhecesse anteriormente, sentiu-se mais cheio de coragem. Aquêlê homem virtuoso, simples, alegre, conceituadíssimo na cidade em que fôra prefeito, ia ser para êle um apôio seguro na obra que ia iniciar.

Começou o Sr. Nascimento por lhe abrir as portas da casa: «o senhor ficará morando aquí até que fiquem prontas as obras do aspirantado».

No dia seguinte P. Francisco foi visitar sua futura casa, o velho casarão da Avenida Leite de Castro.

Entre o portão da rua e a casa havia um amplo terreno, ou melhor, um grande brejo de água estagnada. Em volta da casa, o mesmo aspecto. Foi, pois, preciso que se colocassem algumas pedras colhidas aquí e acolá para que êle pudesse penetrar no interior do edificio que, como já dissemos, precisava de séria reforma.

Como Dom Bosco em Turim, devia êle mesmo preparar a casa para os seus meninos.

Os trabalhos se iniciaram logo, contribuindo com o seu auxílio o bondoso Vigário da Paróquia de São João Bosco, Cônego Francisco Tortoriello, que sempre se mostrou bom amigo do nosso P. Francisco e dos Salesianos.

As obras do aspirantado progrediam dia a dia. Em princípio de fevereiro de 1940 já o P. Francisco transferia para lá sua residência e iam aparecendo alguns aspirantes. Vieram também para ajudá-lo nesta nova obra o clérigo Emílio Pedro (hoje sacerdote) e o irmão coadjutor Sr. Antônio Firmiano Santana. Aquêlê assistiria

e daria aula aos meninos, enquanto que êste tomaria conta da dispensa, cozinha e horta.

Um grande «refôrço» mandou também S. Exc.^a Dom Helvécio na pessoa do Sr. Padre Sidrac Valarino, salesiano, seu secretário. Era o confessor dos aspirantes. Prestou o P. Valarino um grande auxílio ao incipiente aspirantado, não só como confessor dos meninos, como também nos trabalhos que empreendeu para canalizar as águas do terreno e fazer os pátios para os alunos.

Foi assim que, pouco a pouco, no terreno do fundo, aos cuidados do «seu» Antônio e de alguns aspirantes, foi aparecendo uma horta para melhorar a alimentação dos meninos enquanto que, em volta da casa, um modesto jardim salpicado de flores, servia de moldura colorida ao aspirantado. Nos pátios aterrados e gramados iam-se fincando mastros para o «passo gigante», gangorras, e traves para o futebol dos oratorianos.

Agora que já conhecemos os pátios, a horta e o jardim vamos entrar na casa que, graças a Deus, já se apresenta um pouco mais digna de ser visitada.

Limpemos bem os sapatos à entrada pois o P. Francisco exige isso de todos os meninos e não fica bem que as visitas dêem mau exemplo...

A capelinha, como todos os outros cômodos, é pobre mas muito limpa, bem arrumada e piedosa. Pode conter 45 meninos nos bancos de madeira. Detrás de um conopeu bem pintado oculta-se Jesus Sacramentado, o Rei daquela casa. No alto do altar, Nossa Senhora Auxiliadora, em seu modesto trono, se apresenta como Rainha e Mãe dos que ali habitam.

Ao lado da capela encontramos uma pequena sacristia, um quarto e uma sala de visitas, sem janela. Ao lado desta, o escritório do P. Francisco, uma espécie de corredor que punha em comunicação a sala de visitas e a capela com o salão de estudo.

Este salão de estudo e de aulas era cimentado. A cátedra do assistente ficava num ângulo da sala sobre um pequeno estrado de madeira. As carteiras dos alunos eram de madeira pintada de verde, com pesados pés de

ferro. Seguindo ainda pelo andar térreo encontramos, ao lado da sala de estudo, o refeitório dos aspirantes com três longas mesas de madeira com bancos sem encosto. O refeitório dos superiores está ao fundo dêste, num plano um pouco mais alto, sem nenhuma separação dos aspirantes, de modo que os salesianos, durante a refeição, podiam ver todos os meninos. Media êste refeitório cêrca de 3 metros quadrados e a mesa, pela falta de espaço, devia ficar colada à parede em uma das extremidades. Dêsse modo os salesianos, para ocupar seus lugares, deviam entrar no refeitório mais ou menos em fila pois não era possível passar atrás de alguém que já estivesse sentado. Sôbre a cabeça dos comensais estava a barulhenta caixa d'água cujas colunas serviam de pilastras para as paredes dêste minúsculo refeitório onde, todavia, a par da pobreza, reinava tanta alegria e espírito de família.

Ao lado do refeitório achava-se a cozinha, a «cêlêbre» cozinha que nos poderia contar tantas anedotas interessantes dos inexperientes ajudantes do «seu» Antônio que chegaram um dia a temperar a sopa com açúcar...

Atrás da cozinha, um pórtico de 6 ou 7 metros, tendo ao lado algumas torneiras, banheiros e instalações sanitárias.

Por uma escada de madeira que parte da sala de estudos subimos ao andar superior onde se acha o dormitório com 45 camas bem arrumadas e enfileiras. Lá no fundo, na parede, um quadro de Nossa Senhora Auxiliadora. Vizinhos ao dormitório, dois quartos, sendo um do P. Francisco.

Os cômodos eram todos pequenos e quase insuficientes para o número de meninos que aumentava sempre mais.

Entre os novatos vinham alguns de aptidões não só para os estudos mas também para vários ofícios. Tendo chegado um sapateiro, P. Francisco mandou construir um pequeno cômodo de madeira. Tão pequeno era que mal podia comportar o sapateiro, seu ajudante e a banca

de trabalho. Era a que o P. Francisco chamava suas «Escolas Profissionais».

Em junho deste primeiro ano do aspirantado escrevia êle ao Sr. P. Inspetor:

«Em resposta ao que o Sr. me escreveu digo-lhe que temos aqui presentemente 30 aspirantes e 11 pedidos. Aspirante coadjutor aqui temos sòmente o Joaquim Santana, sapateiro que o Sr. conhece, «gerente das nossas Escolas Profissionais»!... Tem quase 17 anos. É **niger sed pius** Parece dar boas esperanças»

Aquela obra tão pobre e humilde, aquêles padre tão simples, tão alegre e virtuoso começaram a atrair a simpatia do povo da cidade.

Os vizinhos começaram a olhar do portão, indagavam, comentavam, aplaudiam e, por fim, entravam para oferecer os seus préstimos.

Uma senhora que colocara os 4 filhos no aspirantado, prontificou-se a tomar conta da cozinha e a fazer outros trabalhos. Tinha ouvido contar a história de «Mamãe Margarida» que deixou a casa para ajudar a Dom Bosco e quis imitá-la deixando também seu lar para trabalhar para os meninos.

O P. Francisco encontrou em São João del-Rei um campo oportuno para praticar seu amor ao sacrifício, à pobreza, para mostrar seu espírito de fé e confiança na Divina Providência.

Aquela era a semente da obra salesiana naquela cidade. Padre Francisco era o semeador. Semeava com sacrifício, é verdade, mas os frutos o haveriam de consolar pois «aquêles que semeiam em lágrimas com júbilo ceifarão» — «**Qui seminant in lacrymis, in exultatione metent**» (Ps 125,5).

Aquela semente, de fato, apenas germinada, ia se transformando rapidamente em árvore promissora, apoiada pelos auxílios dos bons cooperadores. Quem podia negar um auxílio ao bom P. Francisco? Êle era cativante, sabia arranjar os meios e, em primeiro lugar,



Colegio S. João e Oratorio
Festivo S. João

sabia atrair as vocações. Parecia dotado de um tino especial para descobrir meninos bons.

Nos três primeiros anos, 1940, 41 e 42, matricularam-se mais de 200 no curso de admissão do Aspirantado. Como a casa não comportasse mais de 45, logo que chegavam novos alunos, era enviada uma turma dos mais antigos e melhores para os aspirantados de Lavrinhas e Lorena.

Houve uma ocasião, em fins de 1941, que o aspirantado ficou com 60 meninos, sendo uma parte deles semi-internos, dormindo na própria casa. Na noite, porém, que precedia à madrugada em que 20 deles deviam partir para Lorena, foi preciso que todos dormissem no aspirantado. Como colocar aqueles 60 meninos onde só cabiam 45? Foi um problema verdadeiramente difícil. Alguns dormiram em esteiras pelo chão. Um menino por ser pequeno, dormiu no sofá da sala de visitas. Padre Francisco cedeu sua cama para um outro e passou toda aquela noite em seu escritório, dormindo, se é que podia dormir, debruçado em sua mesa de trabalho.

Embora a casa fôsse pequena e poucos os meninos, havia trabalho a valer, ainda mais, que os superiores tinham sempre que lidar com novas turmas que vinham, as mais das vezes, do interior do Estado e que nunca tinham estado internos em colégio. Eram, porém meninos de bons costumes, de famílias cristãs e piedosas e, quase todos, aí vinham com o ideal da vocação, com boa vontade de serem bons aspirantes salesianos.

O P. Francisco tinha a seu cargo, nestes três primeiros anos, as obrigações de diretor, conselheiro e catequista, ajudar a assistência dos meninos, dar aulas aos aspirantes, dar aulas de Filosofia e de Novo Testamento ao clérigo seu ajudante, ajudar na Paróquia, cuidar do Oratório Festivo, dos cooperadores, atender às pessoas de fora que lá iam em grande quantidade, procurar os meios para manter o aspirantado, atender a correspondência da casa, fazer conferências, pregações, rezar o breviário e preocupar-se com a construção de um novo edifício.

Ainda que mostrasse alguma vez seu cansaço por tanto trabalho, pois sabemos que não tinha muita saúde, fazia tudo isso com grande zelo e alegria e, se pudesse, seria capaz de multiplicar ainda mais seus afazeres, contanto que redundassem para o bem das almas.

O ORATÓRIO FESTIVO SÃO JOÃO

«Sinite parvulos venire ad me».

(Mc 10,14)

«Deixai que os pequeninos venham a mim».

O amor aos Oratórios Festivos é um dos característicos do espírito salesiano.

Reunir os meninos nos domingos e dias santos, entretê-los com boas recreações, facilitar-lhes a assistência à Santa Missa, ministrar-lhes a instrução religiosa, movê-los à frequência dos Sacramentos — eis os pontos principais desta admirável instituição.

Dom Bosco dizia que se alguém quisesse reformar uma região ou uma cidade devia começar por fundar um Oratório Festivo, para poder, assim, atrair os jovens, avizinhá-los dos sacerdotes, instruí-los na doutrina cristã, habituá-los à frequência dos Sacramentos da Confissão e Comunhão.

Quantos homens, dizia ainda, odeiam os padres, desprezam a religião, aborrecem os sacramentos só porque não conhecem estas cousas e nunca se encontram em circunstâncias favoráveis para as poder conhecer bem.

Odeiam os padres porque pelos jornais, pelos romances, pelo mau teatro e pelo mau cinema, foram preparados para odiá-los. Mas se depois têm ocasião de se entreterem com alguns desses, partem admirados e dizem: êste é um santo homem; oh! se todos os padres fôsem assim!

Pensam que é quase impossível encontrar um outro

igual; todavia, se se entretivessem com outros, encontrariam, certamente, todos iguais.

Os homens têm necessidade de se aproximar dos padres. Desprezam a religião porque não a conhecem e creem que ela ensina cousas irracionais. Se a estudassem haveriam de amá-la.

Aborrecem os Sacramentos porque jamais provaram as consolações que neles se encontram. Se as experimentassem alguma vez, não mais as aborreceriam.

É preciso que se fundem, que se sustentem e se multipliquem os Oratórios Festivos, os Centros de Catecismo. Aí os meninos se aproximam do Padre e vêem o que eles fazem. Aprendem o Catecismo e chegam a amar a religião. São levados à frequência dos Sacramentos e experimentam as doçuras que deles procedem.

Sem os Oratórios Festivos, dizia Dom Bosco, perde-se a fé, nas cidades e nas aldeias.

Padre Francisco, cujo coração é todo salesiano, compreendeu a importância desta obra também ela toda salesiana.

Logo que o aspirantado se foi organizando, êle franqueou às crianças da cidade os pátios, a capela, todo o aspirantado, para que ali se divertissem aos domingos e dias santos e recebessem a instrução religiosa. Como Jesus êle parecia dizer: «Deixai que os pequeninos venham a mim». E os meninos vinham porque viam nêle alguma cousa da bondade do Divino Mestre.

De um domingo para outro crescia o número dos oratorianos. Em pouco tempo eram mais de 200 os que enchiam os pátios, sonorizando o ambiente com suas vozes argentinas, correndo e saltando nos diversos jogos.

Era um prazer ouvi-los rezar e cantar na Santa Missa ou durante a bênção do Santíssimo.

Várias pessoas vinham da outra paróquia da cidade para assistir à Missa na matriz provisória de São João Bosco, só para poder ouvir as orações e os cânticos dos oratorianos.

P. Francisco tudo conseguia dos meninos. Falava-lhes com simplicidade nas práticas e sermões, ouvia-os

pacientemente nas inúmeras confissões, celebrava para eles a Santa Missa e participava também de seus brincuequedoss, dando chutes na bola para animar ainda mais as partidas de futebol.

Na hora em que os meninos deixavam os jogos para se dirigirem às aulas de Catecismo, tomava ele mesmo uma grande campainha. Tendo dado o segundo sinal exigia perfeito silêncio e não mandava seguir as filas enquanto houvesse algum menino conversando.

Não raro havia ali ao lado alguns cooperadores e amigos da nossa obra que se admiravam ao ver aqueles 200 meninos, alguns descalços e mal vestidos, em perfeita disciplina.

Podia-se dizer, sem medo de errar, que, naquele tempo, havia tanta disciplina entre os oratorianos como entre os aspirantes.

Sabia o P. Francisco despertar, entre eles, uma verdadeira emulação. Dizia-lhes muitas vezes que iria observar quem procedia melhor, quem mais rezava e cantava.

Era ele mestre nesta arte de despertar emulação e entusiasmo, bom conhecedor que era da psicologia infantil.

A Santa Missa para os oratorianos celebrava-se, aos domingos, na matriz provisória de São João Bosco, pois a capelinha não comportava o grande número. Após a Missa vinham todos para os pátios do aspirantado onde brincavam até a hora do almoço.

Depois do almoço voltavam das próprias casas para novamente se divertirem nos pátios e pórticos até a hora do Catecismo.

As aulas da Doutrina Cristã davam-se em várias turmas, de acôrdo com o adeantamento dos alunos. Os professores eram os salesianos da casa, alguns aspirantes, e, mais tarde, alguns oratorianos mais crescidos e instruídos.

O P. Francisco ficava, em geral, percorrendo as várias classes e observando se havia ordem e disciplina em tôdas.

Após as aulas que terminavam à 1,30 da tarde, os meninos iam todos para a capela onde o Padre lhes fazia uma pequena prática seguida da bênção com o Santíssimo Sacramento.

É interessante notar que a capelinha comportava apenas 45 meninos e os oratorianos eram, quase sempre, mais de 200!

A colocação deles nos lugares era uma tarefa difícil. Com exceção do supedâneo, aliás de tamanho mínimo, nem um palmo da capela ficava desocupado. Os meninos rodeavam todo o altar e o harmônio, quase sufocando o harmonista. Os coroinhas, seguidos do sacerdote paramentado para a função, não encontravam caminho por onde passar. Chegados ao altar, ajoelhavam-se com grande cuidado para não atropelar os circunstantes, enquanto o turiferário era obrigado a sacudir levemente o turíbulo se não quisesse distribuir brasas por todos os lados. Os que não conseguiam entrar ficavam à porta, às janelas e na sacristia.

Quando aquelas 200 vozes, cheias de fervor e entusiasmo infantil, rompiam ali dentro no «Ave Maris Stella» dir-se-ia que a capelinha se ia tornar elástica para dar expansão a tão fortes vibrações.

Depois da bênção voltavam todos às recreações onde permaneciam até a tardinha.

Em 1942 funcionavam no Oratório Festivo, regularmente, 4 associações religiosas, isto é, as Companhias de São José, São Luiz, Santíssimo Sacramento e Imaculada. A primeira pertenciam os melhores rapazes dentre os que tinham mais de 14 anos e que exerciam algum ofício, era uma JOC em embrião. A segunda, São Luiz, pertenciam os melhores dentre os que cursavam o 1.º e 2.º ano do Grupo Escolar. A do Santíssimo, os do 3.º e 4.º ano do Grupo, e, finalmente, faziam parte da Companhia da Imaculada os melhores membros das 4 Companhias, os quais ajudavam a assistir os companheiros nos recreios, davam aulas de catecismo e, numa palavra, exerciam um verdadeiro apostolado.

Cada uma destas Companhias tinha uma reunião semanal em horas diferentes, de acôrdo com a maior comodidade dos sócios.

O P. Francisco aplaudia de mãos ambas o entusiasmo dos membros das Companhias e entregou-lhes solenemente os distintivos que mandara buscar em São Paulo.

Começou a funcionar no Oratório, também nesse ano, diàriamente, uma aula de música. Os cantores e os membros das Companhias tinham direito de vir, depois do almoço e depois do jantar, aos pátios do Aspirantado.

Em 1941, atendendo ao apêlo do Sr. P. Inspetor e ao desejo do nosso Reitor Maior, P. Francisco organizou um grandioso certame de Catecismo entre oratorianos. Foi a todos os Grupos Escolares da cidade convidar e entusiasmar os concorrentes. E o conseguiu de fato, pois, naquele ano, inscreveram-se 107 certamistas. A prova final dêste certame realizou-se no centro da cidade, no Teatro da Congregação Mariana, com a presença de vários amigos e cooperadores.

Os frutos do Oratório Festivo tão sábia e carinhosamente dirigido pelo P. Francisco não se fizeram esperar por muito tempo. Os meninos fàcilmente se afeiçoam a quem por êles se sacrificam. Foi porisso que aquêl padre fàcilmente lhes conquistou os corações.

Muitos pais vinham pessoalmente trazer-lhe os agradecimentos pelos progressos notados nos filhos.

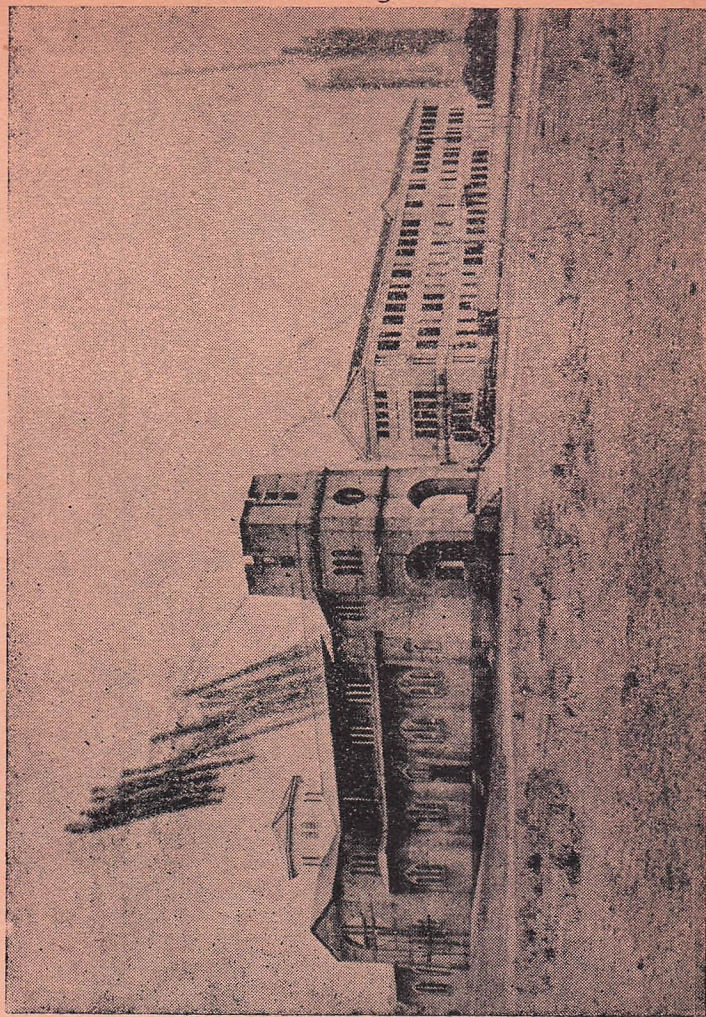
Um vizinho dizia-lhe uma vez: «P. Francisco, eu não compreendo como meu filho gosta tanto do Oratório. Êle pede para estar aquí todo o momento. Parece que sonha com o Oratório e levanta-se de manhã cantando as loas a Dom Bosco que aqui aprende».

Muitos outros pais traziam os filhos e pediam ao bom padre que lhes dedicasse cuidado especial. Êle lhes dava tôda a atenção e, de aí por diante, procurava estar ao par de tôdas as atitudes do que lhe fôra recomendado.

Entre os oratorianos soube êle, com seu exemplo e sua palavra, despertar muitas vocações. Vários daque-

les meninos são hoje clérigos salesianos e alguns seminaristas que se preparam para ser dignos ministros de Deus, imitadores daquele a quem tanto devem.

Outros são agora jóvenes de sólida piedade cristã, esperanças da Igreja Católica, da Pátria e da Família. São fervorosos Congregados Marianos que receberam do P. Francisco as vivas centelhas de amor a Dom Bosco e à Virgem, centelhas que hoje lhes inflamam os peitos juvenis e os fazem heróis denodados do bem e da virtude!



Santuario S. João Bosco e Colegio S. João

CRESCIMENTO DO ASPIRANTADO

«Filii tui ut surculi olivarum circa mensam tuam».

(Ps 127,3)

«Teus filhos são como rebentos de oliveira em volta de tua mesa».

Em 1941, na visita que fez ao aspirantado de São João del-Rei, o Sr. P. Inspetor ficou deveras entusiasmado ao ver seus progressos, o aumento das vocações e a boa vontade dos cooperadores da cidade em ajudar e sustentar a obra salesiana.

Diante destes fatos, o Sr. P. Inspetor chegou a dizer, em uma conferência para os cooperadores, que, talvez, em nenhuma parte do mundo os Salesianos fossem tão estimados como em São João del-Rei.

P. Francisco soubera cativar quase toda a cidade. São João del-Rei merecia, pois, não um pequeno aspirantado, mas um grande Ginásio capaz de conter mais de 200 aspirantes.

Surgiu, assim, a idéia de uma nova construção, na colina, ao lado da nova matriz de São João Bosco.

S. Excia D. Helvécio, sempre generoso, dava um terreno de 20.000 metros quadrados e mais 500.000 tijolos para a construção.

Em 12 de setembro de 1941 já havia promessas de outras pessoas para ajudar a futura obra. Em carta desta data assim escrevia o P. Francisco ao Sr. P. Inspetor:

«Chegou ontem do Rio o Sr. Nascimento trazendo

notícias com relação ao nosso Colégio. Disse-me que, na palavra do Sr. Guimarães, podemos contar certo com uma verba de cerca de 370 contos... O próprio Sr. Nascimento ofereceu 10 contos do seu sempre generoso bolso! Mais a oferta do tal leiloeiro do Rio?!... Mais 500 mil tejos de D. Helvécio e... mais alguma coisa!!! Quero crer que o Colégio será em breve uma realidade!»

E, de fato, o foi. Em novembro de 1941 foi colocada a primeira pedra com a presença do Sr. P. Inspetor, de S. Excia. Dom Assis, Bispo de Jaboticabal, autoridades da cidade, Ginásios, Grupos Escolares e grande número de cooperadores e amigos.

O Dr. Antônio Viegas, prefeito da cidade, fez uma vibrante alocução, alegrando-se sobremaneira ao ver que em sua cidade se ia levantar um grande aspirantado para as vocações salesianas.

Em 1942 a construção progredia a olhos vistos. Os aspirantes exultavam, pois, dentro em breve, teriam uma casa grande e bonita. A Divina Providência mandava sempre novos cooperadores para ajudar a obra. Foi assim que a 24 de setembro deste ano colocou-se a cumieira do novo prédio.

Em fins de 1942 chegavam mais de 70 alunos para o exame de admissão ao novo Ginásio. O antigo edifício não comportava tanta gente. Foi, pois, preciso dividir as cousas deste modo: os aspirantes dormiam no novo edifício (distante uns 300 metros do velho), assistiam à santa Missa na matriz provisória (a meio caminho entre os dois prédios) e passavam o resto do dia na casa velha. Estavam obrigados a fazer este percurso duas vezes por dia o que nem sempre era agradável, principalmente em noites chuvosas e, às vezes, sem luz.

Em fevereiro de 1943 não era mais possível continuar dêsse jeito, pois aumentava sempre mais o número de alunos. Foi então preciso que se fizesse uma mudança definitiva para o novo edifício, embora não estivesse pronto. Faltava fogão, portas, janelas, corrimãos e trinco. Os pátios ainda estavam por ser cobertos e os

pátios a ser desbarrancados. A maior parte dos alunos eram novatos o que dificultava a disciplina.

Ganhava o P. Francisco, neste ano, mais três auxiliares na pessoa do P. Luiz Porto de Menezes que ficou como conselheiro e catequista dos aspirantes e diretor do Oratório Festivo, e mais o P. Franz Eigmann de saudosa memória, e o P. Dante Pozzi.

Já que o Ginásio tinha licença para funcionar, realizou-se aí, em fevereiro, o exame de admissão, sendo 56 alunos promovidos ao 1.º ano ginásial. Os demais ficaram no curso de admissão e no curso profissional dos aspirantes coadjutores.

Com o início do ano escolar tudo se foi normalizando pouco a pouco. A casa já se apresentava quase pronta, a disciplina dos alunos satisfazia aos superiores e já se sentia viver num ambiente de espirantado, onde crescia sempre mais a piedade e o amor ao estudo.

O novo edifício possuía 3 andares. No andar térreo achavam-se a portaria, escritórios, quartos, refeitórios, cozinha e aulas. No segundo andar, enfermaria, quartos, capela provisória, escritório do P. Conselheiro, salão de estudo e teatro. O último andar era ocupado por dois dormitórios e a rouparia.

Para os aspirantes coadjutores havia uma sapataria, alfaiataria e tipografia nos porões do prédio.

Ainda no princípio de 1943 o Ginásio recebeu uma banda de música. Comprou-a o P. Francisco em Belo Horizonte. Eram 22 instrumentos pela pechincha de 3.600 cruzeiros!

O Sr. Benjamim Guimarães a quem o Ginásio São João devia quase tudo, ofertou-lhe mais 40.000 cruzeiros para que se ultimassem os trabalhos.

Dêste modo, no dia 8 de agosto de 1943 inaugurava-se solenemente o novo edifício do Ginásio São João.

Antes, porém, de cantar êste «Te Deum» de agradecimento ao Senhor, o P. Francisco e os Salesianos tiveram que chorar uma grande perda. A 6 de agosto

falecia o nosso maior amigo e protetor — O Sr. José Nascimento Teixeira.

Já doente há alguns meses, o Sr. Nascimento ansiava pelo dia 8, dia em que sairia de casa pela primeira vez após se ter levantado, para assistir a realização de um dos seus sonhos — o Ginásio São João.

Nos dias que precederam à sua morte não falava de outra coisa senão da festa da inauguração. Perguntava aos Salesianos o de que precisavam, como iam os trabalhos, dava sugestões, interessava-se por tudo. Pediu a seu filho, Sr. Aristóteles, que ficasse, naqueles dias, à disposição dos Salesianos, em seu lugar, afim de que nada lhes faltasse.

Perdiam, assim, os Salesianos, nas vésperas da inauguração, um verdadeiro pai.

Nosso Senhor não permitiu que êle participasse da nossa festa. Levou-o antes, no dia glorioso da sua Transfiguração, afim de participar, lá em cima, das festas eternas dos justos, como prêmio de suas virtudes, de sua admirável caridade.

Todos os aspirantes, vestidos de batina e sobrepele, e os alunos da Escola P. Sacramento, que naquele ano fôra entregue aos Salesianos, assistiram à Missa de corpo presente e acompanharam até o cemitério o corpo do grande benfeitor. Junto ao túmulo, o Sr. P. Inspetor pronunciou uma oração fúnebre, último adeus dos Salesianos ao Sr. Nascimento Teixeira.

A festa da inauguração ia ficar, assim, coberta por um véu de tristeza. Os Salesianos pensavam em não fazer nenhuma solenidade externa, mas a Família Nascimento pediu que se executasse o programa na íntegra, pois fôra desejo do extinto que tudo se fizesse com a maior solenidade.

Esta festa realizou-se com a honrosa presença de S. Excia. Dom Helvécio Gomes de Oliveira, de Dom Antônio Augusto de Assis e do nosso querido Inspetor, o atual Bispo de Corumbá, naquele tempo ainda P. Orlando Chaves. Achavam-se também presentes vários salesianos, destacando-se as figuras do Sr. P. Francisco

Zai, diretor do Ginásio Dom Bosco de Cachoeira do Campo; P. Sílvio Satler, diretor do Ginásio Dom Bosco de Araxá; P. Alcides Lana, diretor do Ginásio Dom Helvécio de Ponte Nova; P. Francisco Lana, diretor do Colégio Santa Rosa de Niterói; P. Dr. João Resende Costa, diretor do Liceu Coração de Jesus de São Paulo, e P. Luiz Garcia de Oliveira, diretor do Instituto Teológico Pio XI de São Paulo.

A's 7 horas S. Excia. Dom Helvécio celebrou a Missa da comunidade a que assistiram os aspirantes, oratorianos e alunos da Escola Padre Sacramento.

As 8 horas, ao som dos Hinos Nacional e Pontifício, hasteamento da bandeira da Pátria e do Vaticano. Seguiu-se a bênção da capela e dependência do novo edifício, ao som do Hino da Inauguração, da autoria do maestro salesiano P. Fausto Santa Catarina.

Houve, em seguida, a Missa Solene, cantada pelo Sr. P. Inspetor, com assistência pontifical de S. Excia. Dom Helvécio. Os aspirantes executaram a «Missa Davídica» de Perosi, a 3 vozes brancas, 100 cantores. As partes variáveis em gregoriano.

Ao meio-dia, almoço íntimo no Ginásio, achando-se presentes as autoridades eclesiásticas da cidade, o Exmo. Sr. Prefeito Municipal, Vigários de Paróquias vizinhas, alguns cooperadores e amigos. Falaram nesta ocasião o Sr. Prefeito Municipal, O Sr. P. Inspetor, o Sr. P. João Resende e, finalmente, S. Excia Dom Helvécio Gomes de Oliveira, D.D. Arcebispo de Mariana.

A noite realizou-se uma sessão recreativa no salão de atos do Ginásio, onde o Sr. P. Inspetor saudou num belo discurso o Exmo. Sr. Arcebispo. Os aspirantes fizeram-se ouvir em vários números de canto orfeônico e na opereta «Arte Musical», do salesiano P. Pedrolini. Ouviu-se também por esta ocasião um conjunto orquestral de cooperadores salesianos.

Nesse dia festivo o P. Francisco se esquivava quanto podia às felicitações. Nada daquilo atribuía a si «Tudo isso — dizia — é obra de Deus que se serve

dos nossos cooperadores para levar a cabo nossos projetos».

Todos sabiam, porém, que era êle, depois de Deus, o motor de tudo aquilo. Era êle quem atraia sobre a obra salesiana as bênçãos de Deus e a simpatia e generosidade dos cooperadores.

Ainda nesse ano de 1943, a 4 de outubro, pela portaria n. 521, o Governo reconhecia oficialmente o Ginásio São João.

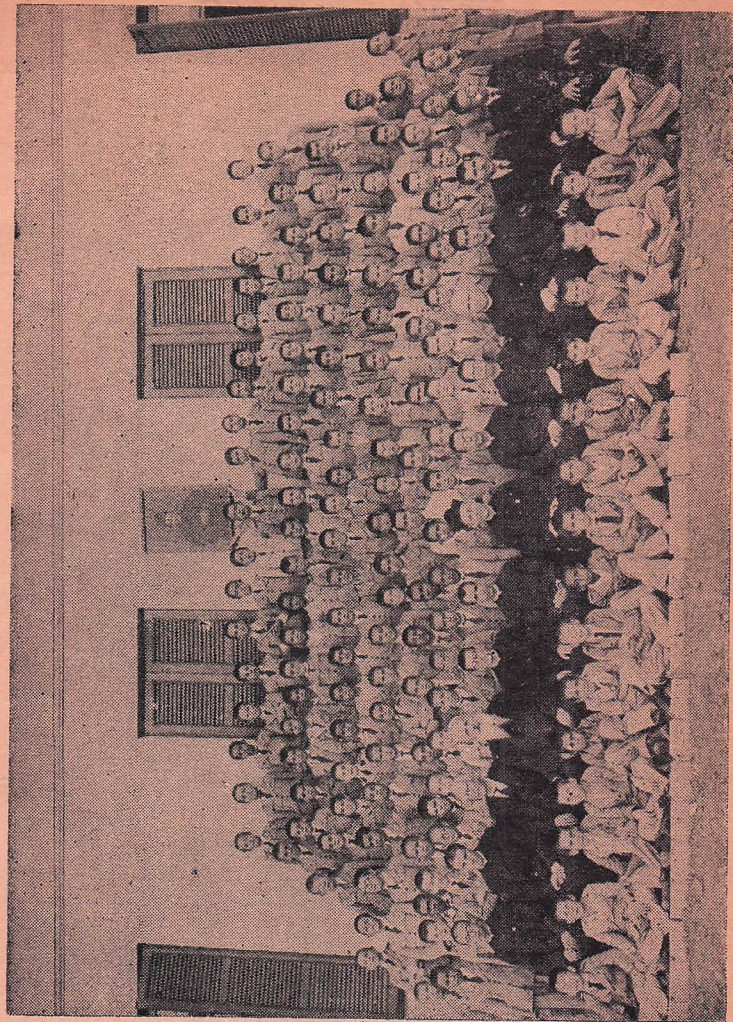
O ano letivo de 1944 se iniciava com 45 alunos na segunda série, 63 na primeira, 45 no curso de admissão e 10 no curso profissional. Para facilitar a assistência foram os alunos separados em duas divisões: maiores e menores. Nesse ano dois novos sacerdotes, cheios de zelo e entusiasmo vieram ajudar o P. Francisco no aspirantado: P. José Guidoreni como catequista e P. Januário Goulart como conselheiro. O P. Menezes passou a ser prefeito, enquanto que o P. Fernando Enning confessava os aspirantes e ajudava o P. Francisco na direção da Escola Agrícola.

Em 1945 já o novo edifício parecia insuficiente para abrigar todos os aspirantes. O próprio campo de ação (aspirantado, escola agrícola e oratório festivo parecia pequeno ao zelo sem limite do P. Francisco: pensou em fundar mais um oratório no Bairro pobre do Tijuco.

Em uma carta de 18 de abril de 1945 que êle mandou a um clérigo salesiano que se achava em Lorena dá as seguintes notícias:

«Você me pede notícias dêste aspirantado. Graças a Deus são muito boas. Estamos com 200 aspirantes e todos muito bem dispostos e correspondendo muito bem. Só têm dado consolações aos superiores. Lembre-se de uma Ave Maria por êles de vez em quando, afim de que perseverem.

«Porque a casa está cheia, recebemos agora ordem do Sr. P. Inspetor para iniciar a construção do novo pavilhão. Vamos começar por estes dias. Viva a Divina Providência! Está convidado para vir assistir a inauguração dêsse pavilhão em março próximo.



Aspirantes Salesianos em 1944

2000-2001

«Já iniciamos também a construção de 2 pavilhões (capela e dormitório) na Escola P. Sacramento para receber mais 50 meninos pobres desta cidade. Viva a Providência!»

«Já iniciamos também a construção de um pavilhão anexo à chácara de São Caetano para abrimos lá dentro de 2 ou 3 meses, um Oratório Festivo para a inúmera criançada daquele bairro tão necessitado do Tijuco. Viva a Providência!»

Nas entrelinhas desta carta podemos perceber a alegria do P. Francisco ao relatar os progressos de suas obras e sua confiança ilimitada na Divina Providência. «O justo vive de fé» (Rom. 1,17). Eis o segredo do crescimento admirável da obra salesiana em São João del-Rei: o espírito de fé, a confiança que o P. Francisco, como Dom Bosco, depositava na Divina Providência.

Estava certo de que aquela obra era querida por Deus e de que seus passos não eram dados ao acaso. Sabia estar pisando num terreno firme e que caminhava por onde Deus o guiava. A Divina Providência não lhe poderia, pois, faltar.

Daí o seu sorriso sempre sereno em meio às dificuldades, daí sua calma imperturbável diante de difíceis problemas, daí seu grito espontâneo de ação de graças nos momentos felizes: Viva a Divina Providência!

O P. Fernando Enning que foi por 3 anos seu ecônomo no aspirantado e viveu vários anos a seu lado, nos dá testemunho dêste auxílio amoroso da Divina Providência quando nos diz: «A proporção que aumentavam as vocações, aumentavam as despesas, porque os alunos eram gratuitos mas, na mesma medida, aumentavam os cooperadores. Tudo providencial, milagrosamente. Durante anos a caixa da casa sempre teve o suficiente para saldar os gastos. O necessário nunca faltou. Cooperadores se apresentavam para nos ajudar

e alguns até queriam trabalhar conosco, sentindo-se honrados por poderem trabalhar juntos ao P. Francisco».

O Sr. P. Inspetor quando falava daquele aspirantado costumava dizer: «é a casa-milagre da Inspetoria; cresceu milagrosamente e vive milagrosamente».

Com a construção do novo pavilhão para aulas e estudos ficou o P. Francisco bastante sobrecarregado. Em uma carta ao Sr. P. Inspetor ele explica sua situação do seguinte modo:

«Procurarei não prejudicar, quanto for possível, a parte espiritual e moral do aspirantado por causa das construções. Procurarei, se puder, colocar de um lado da cabeça (que é bem grande) os salesianos, aspirantes, conferências, «boas-noites», «rendicontos», etc.; e do outro lado: ferro, cimento, cal, tijolos, pedras, vidros, tintas, madeira, boi, vacas, etc...»

Em outubro dêste mesmo ano, os salesianos e aspirantes tiveram a grata satisfação de receber a insigne visita do Revmo. Sr. P. José Reyneri, visitador extraordinário e digno representante do nosso amado Reitor maior Sr. P. Pedro Ricaldone. Os aspirantes o receberam com afeto filial. Aquêlê ancião tão paternal, que conhecera Dom Bosco, deixou naquela casa uma satisfação indizível, tendo, para com todos, palavras de carinho e animação. Deixou no livro de atas a sua impressão que foi a seguinte:

«Declaro ter encontrado neste aspirantado um ótimo ambiente: piedade, estudo, conduta exemplar nos aspirantes: bom espírito, união e perfeita harmonia entre os superiores e com o Diretor. Congratulo-me, pois, com o Revmo. P. Orlando Chaves, Inspetor, fundador dêste grandioso aspirantado e com o Revmo. P. Francisco Gonçalves, diretor desde o início, e com todos os Salesianos que trabalham nesta casa».

O ano letivo de 1945 terminava com um Congresso

de Vocações, idealizado pelo P. Francisco, no desejo de fazer os aspirantes cada vez mais conhecedores e amantes da sublime vocação que o senhor lhes outorgara.

O aspecto do aspirantado era o de uma grande família. O P. Francisco era o pai e seus filhos ali estavam, os aspirantes, como rebentos de oliveira ao redor de sua mesa». «Fili tui ut surculi olivarum circa mensam tuam».

ZELO PELAS Vocações

«Ite et vos in vineam meam».

(Mat 20,7)

«Ide também vós para a minha vinha».

No coração do P. Francisco pulsava um grande entusiasmo pelas vocações. Sentia-se grandemente honrado em trabalhar nesta nobre missão e por ela estava pronto a fazer os maiores sacrifícios.

Falando da obra das vocações dizia: «Se é nobre, bela, sublime, divina a missão do sacerdote, conclui-se que é nobre, bela, sublime, divina a obra das vocações. Esta obra forma êsses admiráveis instrumentos da Providência, os sacerdotes; os sacerdotes formam as almas e as almas formam a glória de Deus; portanto a obra das vocações visa diretamente a glória de Deus».

Já dissemos atrás que o P. Francisco tinha um tino especial para descobrir meninos bons. Em tôdas as viagens que fazia para pregações ou para arranjar meios para o aspirantado, descobria novas vocações. Em geral perguntava ao menino que ajudava à sua Missa se queria ser padre.

Vamos aqui dar a palavra a alguns aspirantes, hoje clérigos salesianos, os quais nos contam, em linguagem simples e espontânea, as impressões do primeiro encontro com o P. Francisco.

Um deles assim nos escreve:

«Vi-o pela primeira vez a 29 de junho de 1942. Encontrei-o na sacristia da matriz de Conceição da Barra, minha terra, revestido de sobrepeiz. Tinha eu

12 anos. Desde então sua amabilidade me cativou. Perguntou-me o que queria ser e, sabendo do desejo que eu tinha de ser padre, de tudo indagou e cuidou, como um pai de um filho, do chapéu ao calçado. Mais tarde haveria eu de compreender tanta solicitude quando o ouvi dizer: «Para salvar uma vocação faz-se de tudo!»

Um outro aspirante, de Lagoa Dourada, assim nos conta:

«Com minha batininha vermelha debaixo do braço saí de casa para ajudar à Missa. A igreja de minha terra estava apinhada de fiéis, pois começava o Jubileu do Senhor Bom Jesus. Na sacristia um padre magro e alto paramentava-se. Ao ver seu novo coroinha um sorriso se lhe aflorou aos lábios e, pondo-me as mãos sobre a cabeça, disse: «Vai ajudar à minha Missa?» — Sim, respondi meio envergonhado. Após a Missa voltou-se êle para mim e disse-me: «Bravo! Certamente você desejaria ser padre, vestir batina, celebrar Missa, hein?» — Não, respondi um tanto vermelho. — «Por quê?» perguntou-me o bom padre. — Porque... porque... eu quero ser é bispo. O padre sorriu e continuou: «Bem, mas para ser bispo é preciso ser padre primeiro, concorda?» — Se é assim o caso é outro. Então quero ser padre.

«Aquêle era o Padre Francisco. Logo que recebeu minha resposta afirmativa propôs-me: «Se você quiser, levá-lo-ei para o Ginásio São João, logo que terminar a festa. Lá você estudará, tornar-se-á um padre salesiano e... quem sabe?...»

«Conservei aquela sementinha da vocação por três anos em meu coração. Depois dêste tempo essa semente germinou e eu entrei para o aspirantado onde por quase quatro anos tive o P. Francisco como diretor, como anjo tutelar, meu conforto nos dias de tristeza, meu guia sábio e prudente nos mais difíceis anos da juventude».

Tendo ido à cidade de Mercês para pregar na festa da padroeira, P. Francisco fez uma pescaria de um grupo de meninos que vieram depois para o Aspirantado.

Um destes assim nos narra o seu encontro com o padre:

«A minha terra está em festa. Todos estão se preparando para a solenidade da sua padroeira. E' o dia 23 de setembro, véspera da festa de Nossa Senhora das Mercês.

«Quatro horas da tarde. O comboio não tarda a chegar. A estação está repleta de povo, porque brevemente chegará uma personagem importantíssima. É um filho de Dom Bosco que vai chegar, o P. Francisco Gonçalves. Fôra convidado pelo Vigário para pregar na festa da nossa padroeira.

«Chegou o trem. A banda de música que viera por iniciativa do Vigário, começou a tocar. Os fogos reboaram pelos ares. Por uma feliz coincidência o carro, donde ia descer o padre, parou perto de mim. Que encanto! Um padre como aquêlê ainda não tinha visto. O que nele mais me impressionou foi seu sorriso, aquêlê sorriso que, em tempos vindouros, eu veria estampado no semblante alegre de todos os salesianos. Era o doce e afável sorriso de Dom Bosco.

«Fiquei gostando imensamente daquele padre, pois seu exterior me agradava. Desejei imensamente conversar com êle e esta ocasião não tardou a chegar.

«No dia seguinte, tendo lhe ajudado à Missa, tomei a bênção daquele padre salesiano e êle puxou conversa comigo. Começou por me perguntar se eu queria ser padre e, como lhe tivesse respondido afirmativamente, êle se interessou muito por mim e falou-me sobre a casa de São João del-Rei, sôbre os alunos que lá se achavam. Cativou meu coração. Eu lhe pertencia. Decidi abandonar a casa paterna para seguir a voz de Jesus que me chamava.

«Poucos dias depois seguia eu rumo a São João del-Rei em companhia do Sr. P. Francisco Gonçalves».

Em visita às boas famílias dos nossos cooperadores, se sabia haver lá um bom menino, interessava-se muito por êste com seus modos afáveis e paternais, fazia-lhe

certas perguntas e, por fim, o convidava a ir para o aspirantado.

Um clérigo salesiano nos confirma o sobredito com estas palavras:

«Lembro-me que, uma vez, o P. Francisco foi à nossa casa com o intuito de me puxar para o aspirantado: era o seu zêlo pelas vocações. E isto êle fez com vários outros colegas meus que me contaram».

Um outro que residia em Cataguases conta:

«Em julho de 1942 o Sr. P. Francisco, sabendo que eu queria ser padre, foi à minha casa, em Cataguases. Eu, que naquele tempo tinha 10 para 11 anos, já me tinha deitado para dormir, embora fossem apenas 7 horas da noite. Levanta-me e fui tocar piano para êle ouvir. Foi êste o primeiro encontro que tive com êle. Desde então fiquei afeiçoado ao Sr. P. Francisco e, no princípio do ano seguinte, parti para o aspirantado de São João del-Rei».

Entre os meninos do Oratório Festivo descobriu também êle várias vocações. Quando o menino menos esperava lá vinha a perguntinha curiosa que o deixava vermelho e confuso por algum momento.

«Embora a vocação venha de Deus — diz um oratoriano, hoje clérigo salesiano — eu a devo em segundo lugar ao P. Francisco. Num domingo de 1941, tendo eu apenas 8 anos, fui ao Oratório Festivo. Lá me encontrei com um padre magro de estatura média: Era o P. Francisco. Em maio deste ano êle me preparou para a primeira confissão e comunhão. Dias depois, numa conversa no pátio, perguntou-me a queima roupa: «Você quer ser padre?» Respondi-lhe então: — Desejava muito mas ainda estou no 2.º ano do Grupo, mas logo que acabar o curso primário virei se o senhor me aceitar.

«Logo que terminei o curso primário fui para o aspirantado conforme tinha prometido ao P. Francisco».

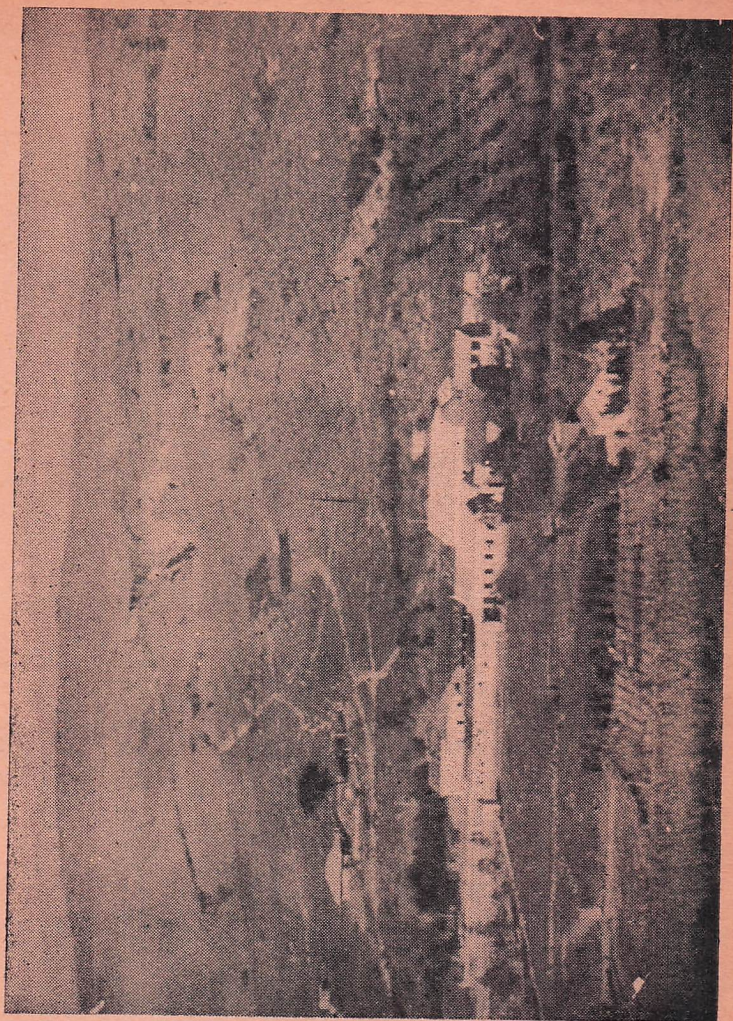
Teríamos que multiplicar fatos sôbre fatos se quiséssemos contar vários outros episódios semelhantes a êstes. O primeiro encontro dêle com um menino era o suficiente para que o jovem se sentisse preso àquele

padre. Suas palavras cativavam de tal modo que o interrogado, muitas vezes, nem sabia o que responder. Seu olhar vivo parecia penetrar até o âmago daquelas almas juvenis que a êle se apresentavam. Tudo isso era a manifestação pujante de seu zêlo pelas vocações.

Todos os anos mimeografiava cartas circulares sôbre as vocações, que mandava a todos os Vigários e Diretores dos Grupos Escolares do Estado de Minas.

Estas circulares despertavam grande interêsse nas Paróquias e muitas delas foram o veículo de muitas boas vocações que vieram para o aspirantado.

A par da vocação sacerdotal, P. Francisco procurava entusiasmar grandemente as vocações para irmãos coadjutores, cuja formação sempre lhe esteve a peito.



Escola Agrícola Pe. Sacramento

A ESCOLA PADRE SACRAMENTO

«Evangelizara pauperibus misit me».

(Lc 4,18 — Is 61,1)

«Enviou-me o Senhor para evangelizar os pobres».

A Escola Padre Sacramento foi entregue aos Salesianos em 14 de janeiro de 1943. É uma escola agrícola mantida pelo governo estadual para meninos órfãos e pobres.

Estava esta instituição nas mãos de educadores leigos, mas sabendo os cooperadores de São João del-Rei que a educação de meninos órfãos e pobres era uma das principais finalidades da obra salesiana, e avaliando o grande bem que podiam os filhos de Dom Bosco fazer entre aqueles menores, trabalharam junto ao Governo para que a Escola Agrícola fôsse entregue ao Salesianos.

Entre os cooperadores que trabalharam para isto cremos dever salientar mais uma vez a figura do saudoso Sr. Nascimento Teixeira e a do Dr. Antônio Viegas, Prefeito Municipal de São João del-Rei naquela ocasião.

Em fins de 1942 o P. Francisco viu-se forçado a fazer várias viagens a Belo Horizonte afim de por em ordem os papéis, assinar os documentos e conversar com os dirigentes da Secretaria da Agricultura.

Finalmente, a 14 de janeiro de 1943, podia êle passar um telegrama ao Sr. P. Inspetor com estes dizeres: «Tomamos posse hoje Escola P. Sacramento. Sua bênção. P. Francisco».

Aquela obra vinha, de fato, muito ao encontro do apostolado salesiano. Dom Bosco deixou por herança

a seus filhos um amor grande aos jovens, principalmente aos mais pobres e abandonados. E quem mais pobre e abandonado do que aqueles órfãozinhos? Entre eles havia alguns que nem sabiam o nome dos pais e que chegavam à Escola com a única roupa que tinham no corpo.

Infelizmente não estavam os jovens bem dispostos a receber os novos educadores que se apresentavam com as melhores intenções.

A troca de regulamento e de superiores deixou-os um tanto exaltados no princípio e alguns, mais velhos, instigados por outros, chegaram até a se revoltar.

Devia, porém, o sistema preventivo triunfar mais uma vez.

Os primeiros salesianos que chegaram à Escola sofreram bastantes vicissitudes. A casa não apresentava nenhuma comodidade e os alunos os receberam, na maioria, de má vontade. Dentro em pouco, porém, as cousas se foram mudando, como já se esperava. O espírito de sacrifício, mansidão e zelo dos salesianos conquistou, pouco a pouco, o coração daqueles jovens.

Começaram a perceber que, com algumas proibições e certas ordens, não visavam outra coisa senão o seu bem.

P. Francisco, embora continuasse como diretor do aspirantado, ficou também diretor da Escola Padre Sacramento. Não podendo estar ao mesmo tempo nas duas casas, recebeu um bom ajudante para a Escola na pessoa do P. José Zanotelli.

P. Francisco passava naqueles dias por grande agitação. Era a época em que os aspirantes dormiam no novo Ginásio em construção, assistiam às práticas religiosas na Matriz provisória e passavam o dia no prédio antigo. Diariamente chegavam novos alunos. A Escola, por outro lado, exigia a sua presença lá todos os dias. A distância de 3 quilômetros que a separa do aspirantado dificultava o trabalho. Parecia incrível que um homem tão franzino como aquele pudesse dar conta de tanto serviço e viver tão preocupado.

Em meio de tôda esta azáfama, quis Nosso Senhor mandar-lhe uma prova bem dolorosa.

Na noite de 5 de fevereiro preparava-se o P. Francisco para acompanhar os aspirantes da casa velha para a igreja do Albergue, onde assistiriam à bênção do Santíssimo e rezariam as orações da noite, quando recebe da Escola um chamado urgente pois que tinha desaparecido o aspirante Geraldo Majela, rapaz de 17 anos que lá estava ajudando a assistir os meninos.

P. Francisco, no mesmo instante, deixando os aspirantes entregues ao P. Menezes e aos assistentes, a pé, no escuro, partiu para a Escola, acompanhado pelo P. Fernando que não o quis deixar ir sozinho.

Quando estava quase junto à casa, veio-lhe ao encontro o P. Zanotelli que lhe diz, com voz trêmula, terem sido encontradas as roupas do rapaz à margem do lago. P. Francisco ao ouvir a notícia que fazia supor um afogamento, deu um gemido de dor. Disse em seguida: «Faça-se a vontade de Deus».

Não restava mais dúvida. O rapaz tinha se afogado. P. Francisco passou no dia seguinte um telegrama ao Sr. P. Inspetor e, no dia 13 do mesmo mês lhe escrevia uma carta contando o acontecimento nestes termos:

«Dou-lhe agora alguns promenores com relação ao falecimento do Geraldo Majela. Infelizmente êle foi vítima de um acidente. Por haver muito trabalho na Escola e por ser êle criterioso e trabalhador nós o mandamos para ajudar lá, onde estava prestando bons serviços. Faltando água na Escola durante muitos dias êle foi tomar seu banho em um poço do nosso terreno. Foi sem pedir licença a ninguém, pois essa licença nunca lhe daríamos. Suponho porém que o tenha feito também sem falta formal, porque estando enlameado precisava de se lavar, porisso... Foi sozinho. Dando-se depois pela sua falta foram à sua procura, encontrando-se somente a roupa. O poço era raso nas margens e fundo no meio. Não sabemos precisamente a «causa mortis», se uma tonteira, uma câibra ou o que tenha sido. Isso se deu na tarde do dia 5. Somente dia 6 de manhã é que con-

seguimos encontrar o corpo. Tomamos as providências devidas, celebramos de manhã a Missa de corpo presente e fizemos, à tarde, as exéquias solenes. Comunicamos no mesmo dia aos pais a notícia por telegrama. Escrevíveis depois uma longa carta confortando-os. O pai me escreveu ultimamente com verdadeiros sentimentos de espírito cristão e com muita resignação. Sexta-feira cantamos Missa solene de 7.º dia. P. Inspetor: depois dos grandes feitos do povo de Deus, Nosso Senhor pedia sempre uma vítima. Depois desse grande feito que foi a posse da Escola Padre Sacramento, Nosso Senhor pediu dos Salesianos também uma vítima! — Fiat voluntas Dei...»

Aqueia posse, na verdade, tinha sido um grande feito. Era a conquista das almas daqueles jovens alunos para Nosso Senhor. Esta era a grande posse a que se referia o P. Francisco. Seu zêlo não olhava lucros materiais, mas o lucro das almas. Como Dom Bosco êle só desejava «almas e nada mais».

Com o mesmo espírito de resignação e conformidade à vontade de Deus com que êle recebeu essa prova, recebeu também outras dêste ano. Eram provações de tôda a sorte e dificuldades mil, contrariedades, dissabores, prejuizos materiais, doenças graves, morte, e outras cousas.

Êle, entretanto, se conservava calmo e sereno nestas lutas, esperando a bonança depois da tempestade. «Estas provações, dizia êle à comunidade, são sinais das bênçãos do Céu, porisso: Bendito seja Deus!

A Escola vai entrar agora em uma nova fase de vida. Aos poucos tudo se vai estabilizando e normalizando. Dois novos coadjutores vieram de São Paulo para ajudar a assistir os meninos e dirigir os trabalhos.

Um deles assim manifesta por carta ao Sr. P. Inspetor as impressões que teve da Escola e os trabalhos que se iam empreendendo:

«Fomos empossados na Escola dia 7 de janeiro; eu como vice-assistente e o Sr. Aldo como assistente. Antes de vir para cá alguém quis assustar-me, dizendo

que era impossível trabalhar aqui. Eu digo, porém, que aqui estou e bastante satisfeito. Logo na primeira noite que aqui passamos a «orquestra» estava de pé: gaita, violão e cavaquinho. Foi o começo do barulho! Pena que os nossos instrumentos para a banda de música ainda não chegaram. Esperemos que não demorem. A Escola atualmente contém 58 alunos, sendo que os diplomados em breve sairão.

«Estamos reformando tudo: derrubando paredes, pintando a casa, abrindo cisternas, fazendo encanamentos e debastando o mato que há em abundância até em redor da casa. Sem mentira nenhuma: chegamos a matar em um só dia, à distância de 20 a 30 metros, sete cobras venenosas!

«Isto tudo estava abandonado, num estado deplorável, tanto a casa como a lavoura. Pena que somos só três salesianos! O Sr. P. José Zanotelli é muito esforçado. Ele mesmo quer pegar na rabiça do arado, plantar, semear, trabalhar na oficina e dirigir os trabalhos de melhoramentos. O Sr. Aldo consegue muito na disciplina; tem mais experiência do que eu.

«Tivemos a satisfação de inaugurar dia 21 do corrente a nova capelinha. Até esta data não tínhamos ainda o Santíssimo o dia inteiro.

«Ontem se encerrou o tríduo em preparação ao ano letivo, terminando com a leitura do regulamento.

«Queria abrir campo a algumas histórias, porém, o papel está acabando e o tempo já se foi. São 11,10 da noite. Eu quero ir dormir e creio que V. R. vma. já está cansado de me ouvir.

«Seu filho em Dom Bosco

Coad. G. B.»

Com os melhoramentos da casa melhoravam também os alunos.

P. Francisco os visitava todos os dias com o seu zelo verdadeiramente paternal. Conversava com cada um

dêles, procurava conhecê-los bem, animava, aconselhava e corrigia.

Apesar de tôdas as dificuldades que ainda havia, êle, santamente otimista, estava disposto a fazer tudo pela Escola e de lá esperava muitos frutos. Dizia: «Essas dificuldades e mais outras que aparecerem, **in nomine Domini** as venceremos tôdas! Se o pessimismo torna difícil o que é fácil, o otimismo torna fácil o que é difícil».

Em outubro a Escola já apresentava uma grande parte do terreno tôda cultivada e uma grande horta bem cuidada.

Os meninos, já bem disciplinados, faziam agora o seu primeiro retiro espiritual. P. Francisco passou com êles tôda a semana, falando a cada um em particular. Em carta de 15 dêsse mês, dá ao Sr. P. Inspetor esta noticia, dizendo-lhe:

«Está sendo cada vez melhor a correspondência daqueles pobrezinhos... 27 pediram para ser irmãos coadjutores e 4 para ser padres. Ao todo 31 vocações. Que fartura!... Certamente alguns dêstes são aproveitáveis e dão boas esperanças».

Era, indubitavelmente, mais um triunfo do sistema pedagógico de Dom Bosco, e da bondade, do zêlo, do carinho do P. Francisco, diretor daquela casa. Aqueles mesmos meninos que há poucos meses odiavam o padre e os recebiam carrancudos, de má vontade, agora os amam, querem trabalhar com êles, querem ser como êles, religiosos, sacerdotes. Por acaso não é isso uma transformação de lobos em cordeiros? Não é uma reprodução viva do sonho dos 9 anos de Dom Bosco? Não é a realização mais fiel e concreta daquelas palavras do dito sonho» não com pancadas, mas com mansidão e com a caridade deverás ganhar estes teus amigos».

P. Francisco conseguiu também ótimos cooperadores para a Escola. Em fins de 1944 pensou-se em construir lá um novo pavilhão para abrigar mais 50 meninos e o Sr. Benjamim Guimarães, sempre caridoso, entrou com 50% da construção. Veio também em auxílio dessa obra o generoso cooperador Sr. Franz Stangelberger, da

cidade de Formiga (Minas). Este generoso senhor queria construir um orfanato em sua cidade para que os Salesianos tomassem conta, o que não foi possível por falta de pessoal.

Sem querer, de nenhum modo, desvalorizar o trabalho dos seus dignos ajudantes, podemos dizer que a Escola Padre Sacramento deveu tudo, em seu início, ao seu diretor: P. Francisco.

Era êle que com otimismo, com zêlo extraordinário, com direção firme, com avisos paternais, sabia orientar, guiar, animar. Foi assim que, graças ao amor que êle, como bom salesiano, sempre nutriu para com a juventude pobre e desamparada, a Escola se transformou em pouco tempo.

Hoje a Escola Agrícola, dirigida pelo P. Fernando Ennig que sucedeu ao P. Francisco como diretor em 5 de fevereiro de 1946, contém mais de 100 alunos.

Alí estão êles se preparando, com a aprendizagem do amanho da terra e de outros ofícios, com o estudo das letras e da religião, para serem bons cidadãos, úteis à Pátria e à sociedade.

Hoje em dia a Escola Padre Sacramento é apresentada pelas autoridades municipais a todos os visitantes de São João del-Rei não sómente como uma obra do Governo estadual, mas como um autêntico milagre do zêlo operoso do P. Francisco Gonçalves.

PADRE FRANCISCO, VIGÁRIO

«Caritas enim Christi urget nos».

(2 Cor 5,14)

«A caridade de Cristo nos impele».

Em março de 1946 duas grandes inaugurações vieram encher de alegria o coração do P. Francisco. Com a presença de S. Excia. Dom Helvécio Gomes de Oliveira, DD. Arcebispo de Mariana, e de vários cooperadores, inclusive o Sr. Benjamim Guimarães Filho, inaugurava-se o pavilhão de aulas e estudo do Ginásio São João, e o novo Oratório Festivo São Caetano, valiosa oferta da Família Nascimento Teixeira.

Alargava-se, assim, cada vez mais, o campo de apostolado salesiano em São João del-Rei.

O Oratório São Caetano está no Bairro do Tijuco que, é, sem dúvida, o mais pobre da cidade. Logo depois da inauguração o P. Francisco entregou-o ao zelo do Sr. P. Questor Avelino de Barros o qual, todos os domingos, lá ia, com alguns aspirantes catequistas, reunir a criançada do Bairro para a Santa Missa, Catecismo e alegres recreações. Sua frequência era de mais de 200 meninos e, em pouco tempo, rivalizava com o Oratório São João, em disciplina e piedade.

Há algum tempo desejava S. Excia. Dom Helvécio entregar a Paróquia de São João Bosco aos Salesianos. Este desejo realizou-se a 19 de março deste ano de 1946, em que o P. Francisco juntou ao cargo de Diretor do Aspirantado o de Vigário.

A Paróquia de São João Bosco tinha, naquele tempo,

cêrca de 10.000 almas e 10 capelas filiais Era um campo vastíssimo de apostolado que se abria diante do P. Francisco. Aquele padre que ontem chegara a São João del-Rei, tímido, sem conhecer ninguém e que foi morar numa casa pobre, pequena, para cuidar de 40 meninos, tem agora ao seu cuidado 230 aspirantes, 500 oratorianos, 10.000 paroquianos!

Foi um «crescendo» admirável em que se torna patente o dedo de Deus.

Em 6 anos apenas, a obra salesiana em São João del-Rei desdobrou-se em 5 grandes centros: aspirantado, 2 oratórios festivos, 1 escola agrícola e, agora, a paróquia de São João Bosco.

Padre Francisco foi recebido cordialmente pêlos seus paroquianos que já o conheciam desde que chegara a São João, através das pregações que sempre lhes fazia, do auxílio que prestava nas confissões dos fiéis, e das suas obras tão conhecidas naquela cidade.

Por outro lado o novo Vigário não podia ter melhor impressão dos seus paroquianos piedosos e bem formados pelo seu zeloso antecessor Cônego Francisco Tortoriello.

Em maio dêste ano já eram bastante visíveis os trabalhos do novo Vigário.

A capela que servia de matriz provisória apresentava-se com nova pintura e novos bancos. Era o zêlo pela casa de Deus e o amor pêlo seu decôro de que nos fala o Salmista (Sl 25,8). Tudo isso contribuiu grandemente para aumentar o fervor do mês de maio. De longe se podiam ouvir as ladainhas e as loas de Nossa Senhora entoadas por todos os fiéis em prece fervorosa.

Deu êle grande importância às associações paroquiais, organizando as diretorias, salientando bem as finalidades de cada uma, conseguindo novos associados e entusiasmando os antigos a serem sempre mais fervorosos. Havendo várias associações, êle tinha que fazer, em todos os dias da semana, uma conferência para cada uma delas.

Procurou difundir a boa imprensa mandando buscar

bons livros em Belo Horizonte e instalou uma biblioteca paroquial para a instrução religiosa dos membros das associações. Era até seu desejo fundar uma livraria salesiana para facilitar ao povo a compra de bons livros e objetos religiosos.

Onde, porém, nos parece ter culminado o seu zelo foi na propagação do ensino do Catecismo da Doutrina Cristã.

É evidente que a ignorância religiosa é um dos maiores, se não for o maior empecilho a que os homens vivam cristãmente. A fé nos vem pelo que aprendemos, pela pregação, e a pregação pela palavra de Cristo. **«Fides ex auditu, auditus autem per verbum Christi.** (Rom 10,17).

Ninguém pode amar o que não conhece. Uma vez que os homens chegam a conhecer a religião já se pode dizer que eles a amam. Do amor à prática, o espaço é pequeno. Não pode, pois, haver meio mais acertado para o reflorescimento de uma paróquia que o de propagar o ensino do Catecismo.

Para que as aulas de Catecismo fossem bem ministradas nos vários centros por êle fundado, organizou na Paróquia, aulas semanais para as Catequistas. Foi tal a animação que despertou esta organização e tão grande o esforço que fizeram as zelosas paroquianas que, no curto espaço de um ano, 100 moças receberam o diploma de Catequistas.

Algumas destas tinham a seu cargo centros de Catecismo em lugares distantes e viam-se obrigadas a fazer longas viagens a pé e atravessar o rio, de canoa, para cumprir seu dever de apostolado.

Um seu paroquiano assim nos escreve:

«A atuação do P. Francisco como vigário foi de grande atividade e dedicação, a ponto do sacrifício. A obra do Centro Catequístico, se outras não houvesse para provar seu trabalho, bastaria. Os Srs. Padres Redentoristas que aqui pregaram missão em 1947 disseram: «temos andado de paróquias em paróquias entre elas muitas florescentes e modelares mas em nenhuma encontramos

esta obra tão bem organizada e dirigida, e em tão pouco tempo, como aqui na Paróquia de São João Bosco». Zeloso e cumpridor dos seus deveres paroquiais, manso, humilde e simples, tornava-se o P. Francisco um gigante diante do mal, combatendo-o sem tréguas e sem recuar diante de quem quer que fosse. No Bairro de Matosinhos, em sua paróquia, construiu-se um grande prédio destinado a bailes e cinema. Padre Francisco afrontando tudo, escreveu uma carta condenando a obra e os autores, e «exigindo» se transformasse em obra social cristã a finalidade daquele prédio. Tal foi a sua insistência e ameaça que o edifício, depois de pronto, tornou-se a sede de mais um Grupo Escolar para os filhos dos operários daquele bairro industrial».

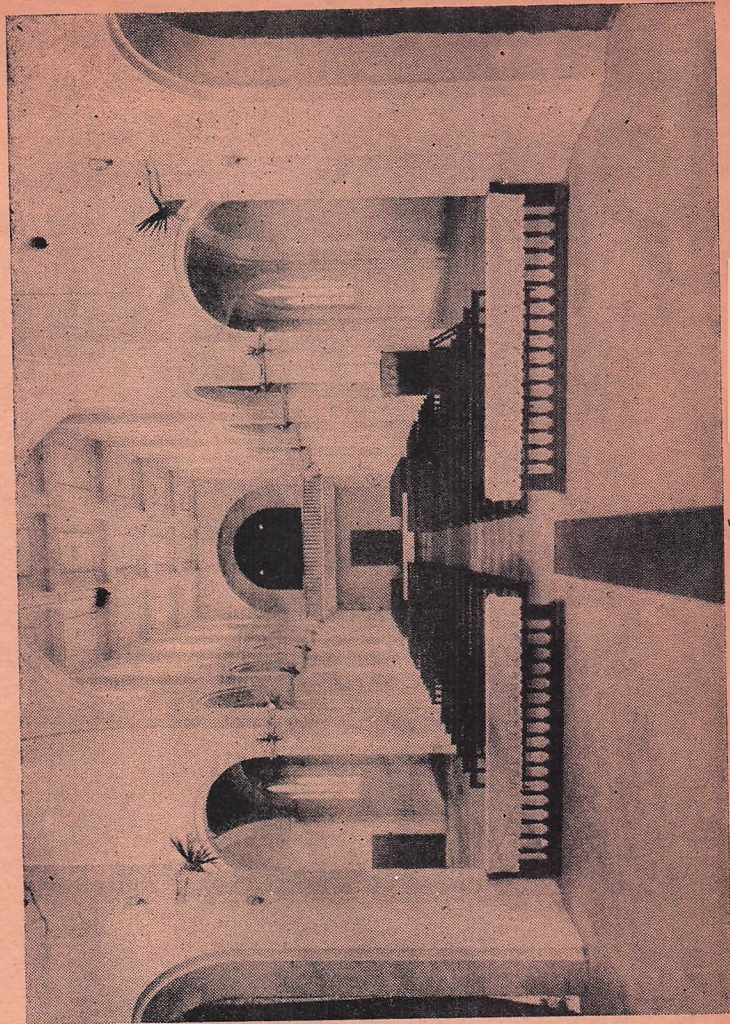
Era grande a sua preocupação pela classe operária e tudo fazia para lhes minorar os males morais e físicos. Não havia, porisso, em sua paróquia, o perigo nefasto do Comunismo. A caridade de Cristo que o impelia era mais forte que tudo.

Quando viajava pelo interior da Paróquia, notando a falta de um centro de Catecismo, reunia num instante as crianças do lugar, dizia-lhes umas palavras de animação e entregava-as aos cuidados de alguma catequista.

Neste ano mostrou também grande zelo em preparar os paroquianos para a Comunhão pascal, com tríduos preparatórios para crianças, senhoras, moças e homens.

Nas viagens, visitando as capelas, simples como era o nosso Vigário, cativou inúmeras simpatias. Em todos os lugares deixava o sinal de seu zelo imensurável.

Na vila de Caburu, conforme nos refere o Sr. João Otaciano de Oliveira, o P. Francisco tendo notado os estragos da igreja local, deu logo ordem ao procurador para que começasse as obras de reforma. Como êsse lhe dissesse que não havia dinheiro, P. Francisco respondeu: «Dinheiro Deus dá». No primeiro sermão que fez àquêle povo disse-lhe o P. Francisco, entre outras cousas, que cuidassem da casa de Deus para que Deus cuidasse das suas casas. Foi o suficiente para que todos concorressem com donativos valiosos. Ninguém podia resistir àquêle



Interior do Santuario S. João Bosco

padre. O povo de Caburu o chamava de «o nosso São Geraldo». Achavam-no parecido com êste santo. Um dia foi o mesmo Sr. João Otaciano pagar ao Vigário alguns trabalhos de ministério. O P. Francisco separou o que era das taxas da Cúria, e o resto, que lhe devia caber, entregou ao zelador dizendo-lhe: «esta é a minha **vaca**, isto é, o meu auxílio para a capela».

Em menos de um ano foi grande o benefício que êle fêz ao povo de Caburu. Além dos enormes bens espirituais, promoveu a reforma externa da capela, a colocação de um novo sino no lugar do velho que estava rachado, pintura do fôrro da capela, construção de um novo cemitério, novos ornamentos para a capela, novos quadros para Via Sacra, e, finalmente, presenteou aquêlê povo com uma bela estátua de São João Bosco.

Por estes e muitos outros motivos tornou-se êle muito admirado e respeitado pelos habitantes simples e bons de Caburu.

Em maio de 1946 soube o P. Francisco que havia um espírita em sua paróquia, o qual procurava iludir o povo atendendo consultas e fazendo certos embustes. O Vigário mandou dizer ao tal homem que o viesse procurar pois queria conversar com êle. Tendo vindo o espírita, P. Francisco procurou convencê-lo do mal que fazia à sua alma e à do próximo, ensinando e fazendo cousas proibidas pela Igreja. O homem, porém, parecia obstinado. Disse-lhe por fim o P. Francisco que de modo algum havia de permitir que êle continuasse a permanecer em sua pároquia. Uma vez que não queria reconhecer o mal que estava fazendo, que se afastasse então de lá, do contrário êle o faria afastar. O espírita vendo-se assim ameaçado, pediu ao padre que esperasse um pouco mais, pois, exercendo aquêlê pobre mistér, cumpria ordens de outros dos quais dependia. Disse-lhe então o padre que trouxesse todos os outros à sua presença pois desejava falar a cada um dêles. O homem se despediu, mas nem êle nem seus chefes tiveram coragem de se apresentar diante daquêlê padre cujo olhar, inflamado de zêlo, parecia querer fulminá-los.

Com os doentes e com os pobres P. Francisco parecia esquecer-se de todas as suas ocupações, lutas e canseiras, para fixar toda sua atenção nas queixas dêstes coitados, para fazer seus os sofrimentos dêles.

Havia junto à matriz provisória um albergue de velhos e velhas aos cuidados das virtuosas e abnegadas Irmãs Carmelitas. Estes velhos encontraram no P. Francisco um amigo e um conselheiro.

Um clérigo salesiano que fazia uma vez o «rendimento» com o P. Francisco em seu escritório nos narra uma cena do seguinte modo:

«Estava eu sentado junto ao P. Diretor que me ouvia pacientemente. Sobre sua mesa de trabalho, vários papéis e cartas para responder. No mesmo momento em que o pedreiro chegava à janela para lhe perguntar alguma coisa sobre cal e areia, toca o telefone: era um senhor que desejava colocar o filho no aspirantado. Neste ínterim chega um velho do albergue. Quis então eu sair para deixar os dois mais à vontade, mas o padre disse que não era preciso.

«Logo que desligou o telefone e atendeu ao pedreiro, voltou-se o padre afavelmente ao velhinho para escutá-lo. O pobre velho, bastante exaltado, despejou várias queixas sobre o P. Francisco, dizendo-lhe, afinal, que não ficaria mais no albergue e se iria embora no dia seguinte. O padre silenciou por algum momento e depois lhe deu, com a mesma ternura e bondade que usava com os salesianos e aspirantes, os conselhos mais amigos. Disse-lhe que tivesse paciência e resignação pois, deixando o albergue, sem dinheiro e sem parentes como era, ia se expor a maiores sofrimentos, os quais, velho como estava, não poderia suportar, e que, se lhe dava aqueles conselhos era porque desejava unicamente o seu bem. Quando o padre acabou de lhe dizer isto, vi que duas lágrimas desciam dos olhos cavados do ancião. Este, quase sem poder falar, apenas balbuciou: «Obrigado, seu Vigário. Eu vou ficar». Tomou-lhe a bênção e partiu enxugando as lágrimas. Em seguida o padre sorriu para mim e disse: agora vamos continuar nossa conversa».

Este fato que nos mostra a bondade do coração de P. Francisco, dá-nos também uma idéia da vida de trabalho que levava em seu escritório, obrigado a vários negócios.

Durante a Páscoa fazia questão de atender a todos os pedidos dos doentes para Confissão e Comunhão. Tinha a lista com o nome de todos eles, interrogava de seus ajudantes se já tinham sido atendidos, e não ficava sossegado enquanto não soubesse que todos tinham feito sua páscoa.

Certa vez, estando ele com muito trabalho, pediu ao seu Coadjutor que fôsse em seu lugar levar o Viático a um moribundo. Como este não conhecesse a rua, mandou com ele um aspirante. Depois de terem procurado em vão a casa, por algum tempo, voltaram os dois pelas 9 da noite. P. Francisco se entristeceu por não terem encontrado a residência e quis ir ele mesmo para procurá-la. O Vigário Coadjutor, porém, não permitiu, dizendo que voltaria com seu ajudante para ver se a encontrariam. Desta vez foram e encontraram e ao voltarem ao Ginásio, embora já fôsse bastante tarde, o P. Francisco ainda estava de pé para saber se tinham sido felizes na segunda viagem e se o enfermo fôra atendido.

Os meninos, quase sempre aspirantes dos maiores, que o acompanhavam enquanto levava o Viático, dizem que ele ia sempre muito recolhido e rezando. Quando voltava, aproveitava para dizer-lhes pelo caminho: «Vejam como é bela e sublime a missão do Padre: salvar almas, abrir as portas do Céu para os moribundos». Este mesmo pensamento repetia ele nas «boas-noites» sempre que atendia a algum doente, afim de mais e mais animar os jovens na vocação sacerdotal.

Era grandemente procurado no confessionário onde ficava, de boa vontade, horas e horas, a ouvir os penitentes, a dar-lhes a orientação segura, a tranquilizar-lhes as consciências comunicando-lhes grande paz.

P. Francisco era um vigário eucarístico. Não compreendia uma Missa sem um grande número de Comu-

nhões fervorosas. Não cessava, porisso, cōmo filho de Dom Bosco, de inculcar a Comunhão frequente e bem feita.

Para fazer com que os fiéis compreendessem sempre melhor as extraordinárias vantagens da Santa Missa, mandou imprimir o folheto «Maravilhoso valor da Santa Missa», que distribuiu em quantidade. Neste folheto estavam explicados os grandes efeitos do Santo Sacrifício cuja assistência será, na hora da morte, nossa maior consolação, que nos alcança perdão junto da justiça divina, que nos preserva de muitos perigos e desgraças e que nos alcança um maior gráu de glória no Céu.

Para facilitar ao povo a assistência à Santa Missa aumentou mais uma aos domingos, às 6 horas. A matriz provisória, pequena demais, não comportava o povo que a ela afluía. Aos domingos os fiéis a enchiam literalmente e uma grande parte ainda ficava do lado de fora para poder assistir à Santa Missa. Urgia, pois, se continuasse a construção da nova matriz, o santuário de São João Bosco.

Nos fins das Missas dominicais fazia êle apêlo aos bondosos paroquianos para que ajudasse aquela obra grandiosa e necessária.

Escreveu êle mesmo a alguns cooperadores, inclusive ao Sr. Benjamim Guimarães, pedindo auxílios, e, com seu «jeitinho», conseguiu boas ofertas.

Foi assim que, em julho de 1946, viam-se subir pela ladeira da rua Frei Cândido, carregadas pelos aspirantes, as vigas de ferro e os sacos de cimento para o reinício dos trabalhos. Dentro em breve o santuário estaria todo coberto e rebocado.

Ainda em 1946, P. Francisco adquiriu para a matriz uma nova estátua de São João Bosco e de Nossa Senhora Auxiliadora, benzendo-as e entronizando-as solenemente em meio aos cânticos de milhares de vozes de crianças e paroquianos que recebiam, com o coração aberto, o Pai e Mestre da juventude e a Virgem Imaculada, Auxiliadora dos Cristãos. Do altar-mór da matriz,

Dom Bosco, como sempre, sorria. Mas parecia sorrir de um modo especial para o P. Francisco, para aquêlê filho fiel e zeloso por propagar suas glórias, por fazê-lo sempre mais conhecido e amado pelos paroquianos.

O RELIGIOSO EXEMPLAR

«In eadem permaneamus regula».

(Phil 3,16)

«Permaneçamos na mesma regra».

A santidade do religioso não está na sua profissão religiosa, mas na fiel observância das santas Regras e dos santos Votos.

O religioso exemplar é, pois, aquêlê que cumpre fielmente as Regras de sua Congregação e os Votos, de Pobreza, Obediência e Castidade, com que se ligou a Deus para sempre.

O voto simples de Pobreza tira ao religioso a faculdade de dispôr de qualquer coisa temporal que tenha preço, sem o consentimento do legítimo superior. É um desprendimento das cousas terrenas que o religioso faz espontâneamente. Seus dotes, seus talentos e habilidades êle entrega à Congregação.

Nosso Senhor Jesus Cristo diz: «Quem não renunciar a tudo o que possui não pode ser meu discípulo» — **Qui non renuntiat omnibus quae possidet, non potest meus esse discipulus** (Lc 14,33). O religioso, desprezando os seus bens, faz-se digno do Divino Mestre e torna-se seu discípulo.

Desde o noviciado, como clérigo, P. Francisco amou esta virtude que nos torna tão semelhantes ao Nosso Salvador que, para nascer não teve mais que um estâbulo e que, durante sua vida, nem sequer possuía onde reclinar a cabeça (Mt 8,20). Naquela época propunha o noviço Francisco «nunca dispor de coisa alguma sem

licença dos superiores, não conservar consigo nada de supérfluo, desapegar o coração de tôdas as comodidades pessoais e ter o máximo cuidado para não gastar ou estragar os objetos de seu uso».

Propunha ainda, com grande generosidade, «praticar **com amor** a santa pobreza, procurar sempre o pior para si e nunca se queixar de nada».

Foi êste o seu teôr de vida com relação à esta virtude que êle tanto amava e da qual sabia falar com tanto sentimento, principalmente por ocasião do Santo Natal. Ao falar da Pobreza do Menino Deus no presépio usava palavras tão ternas, tão piedosas que dir-se-ia ter o Senhor lhe concedido uma graça especial para sentir tão bem o que exprimia sôbre o mistério da Incarnação.

Padre Francisco era pobre, gostava de parecer pobre e se alegrava na pobreza.

Tinha por norma de vida e ensinava aos salesianos o seguinte, conforme consta em seu caderno de conferências:

«1.º — Não dar, nem receber, nem emprestar coisa alguma sem licença.

2.º — Não conservar nada de supérfluo.

3.º — Mesmo das cousas necessárias usar com parcimônia, evitando desperdício e excessivas comodidades.

4.º — Não me revoltar, antes, me alegrar se alguma vez me faltar até o necessário, e quando a comida e vestuário não forem de meu gôsto.

5.º — Conservar o coração desapegado de todos os bens e comodidades terrenas».

Nos primeiros anos que passou em São João del-Rei, jamais o ouvimos queixar-se da casa sem conforto, do quarto tão acanhado e das dificuldades por que passava. Vimo-lo, sim, sempre alegre por causa disso e repetia muitas vêzes que tudo aquilo além de ter muita poesia, fazia com que o início de nossa obra se parecesse com o início do Oratório de Valdocco, o primeiro fundado por Dom Bosco.

Nestes anos teve oportunidade de mostrar quanto amava esta virtude.

Uma tarde — narra um seu aluno de 1940 — fomos passear no morro do Albergue, no lugar onde está agora o novo edifício do Aspirantado. Ao atravessarmos o vale que passa no fundo do atual Colégio, caíram no meio do capim os óculos que o P. Francisco usava. Os aspirantes se puseram todos a procurá-los em companhia do padre, mas inútilmente. Os óculos não foram encontrados, e, daquele dia em diante, o P. Francisco não mais usou óculos».

Este fato que nos conta o seu aluno chegou aos ouvidos de alguns cooperadores vizinhos que vieram ao P. Francisco perguntar se precisava de novos óculos. Ele agradeceu e desculpou-se dizendo que enxergava bem, mesmo sem óculos.

Ainda no princípio do aspirantado, não tendo a casa água encanada, era preciso, para lavar o rosto de manhã, usar água do córrego e servir-se de uma bacia pequena. Era com alegria que o P. Francisco, como os meninos, servia-se desse meio.

Sua pobreza, como a de Dom Bosco, era sempre decente e assejada. Sua batina, embora pobre e bem usada, estava sempre limpa, sem rasgões, e com todos os botões nos lugares.

Por muito tempo, em casa, usou uns sapatos de pano preto que lhe custavam muito barato.

Para não gastar graxa, usava nos sapatos somente tinta que, dizia, era mais barato, e aconselhava os meninos a que fizessem o mesmo.

Ganhou, certa vez, de uma cooperadora, uma valiosa caneta-tinteiro. Sempre o víamos, no entanto, escrever com uma outra ordinária que o obrigava a molhar a pena vez por vez.

Deram-lhe, numa ocasião, uns sapatos modernos. Não quis, porém usá-los, embora não fossem de luxo. Deu-os para outro padre.

Seu quarto era pobre e simples, sem nenhum adorno. Um tinteiro artístico que lhe deram de presente, para

ter sôbre sua escrivaninha, mandou que o colocassem no quarto de hóspedes, tendo feito o mesmo com uma cômoda poltrona.

Se acontecesse receber um presente vistoso mandava-o a algum cooperador ilustre e, se fôsem cousas que não destoassem com a pobreza salesiana, dava-o aos salesianos que com êle conviviam.

Seu agasalho em tempo de frio era uma capa de soldado. Ganhou-a de um cooperador militar e mandou pintá-la de preto. Usava «voltinha» de celulóide por lhe parecer mais econômico.

Todo o dinheiro, esmolas de cooperadores que lhe passaram pêlas mãos, era escrupulosamente usado naquilo para o que fôra dado.

Se acontecesse ter em caixa certa quantia para comprar qualquer utensílio para o aspirantado, não o fazia enquanto não tivesse licença explícita do Sr. P. Inspetor. Consultava-o em todas as compras e, se por algum grave motivo, se visse obrigado a agir sem sua licença, comunicava-lhe logo ao depois, o mais cedo possível, dizendo-lhe: «se errei queira perdoar-me».

Não ousava sequer destruir ou construir uma parede em casa sem ter antes a licença do Sr. P. Inspetor.

Nas viagens mostrava também seu amor à pobreza. Trabalhou até conseguir um passe livre da Rede Mineira de Viação e procurava sempre obter passagens gratuitas ou com abatimentos para os aspirantes e salesianos quando deviam viajar por ocasião dos retiros espirituais. No percurso da viagem gastava o mínimo possível e anotava num caderninho tôdas as pequenas despesas que fazia, afim de, ao chegar, prestar contas ao P. Prefeito.

Houve um tempo em que o médico, em vista de sua fraqueza de saúde, recomendou-lhe uma alimentação especial. P. Francisco, porém, de modo algum queria se afastar da alimentação comum. Só depois de muita insistência do P. Catequista e de sua Mamãe que naquela ocasião dirigia a nossa cozinha, foi que êle, concordou em seguir a prescrição médica. Isto foi por pouco tempo

pois arranjou logo um pretexto para se ver livre daquela exceção que nos parecia tão justa.

Como religioso exemplar P. Francisco amava e praticava a virtude da obediência, salvaguarda do voto que, segundo Sto. Tomás, «constitui a essência da vida religiosa, aquilo que faz o religioso».

Como Jesus, o religioso obediente pode dizer que sua vontade é fazer a vontade do Pai celeste. «Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou» (Jo 4,34).

P. Francisco estava certo de que a obediência era o meio mais seguro para se fazer a vontade de Deus e que esta virtude torna o homem perfeito imitador de Cristo.

Desde o noviciado fizera o propósito de «obedecer aos superiores em tudo, prontamente, com alegria, com submissão da vontade e do juízo, e com espírito de fé».

Em toda a sua vida religiosa não quis jamais fazer a sua vontade mas somente a dos superiores que era, para êle, a vontade de Deus. Estes pensamentos P. Francisco repetia frequentemente e, quando tinha que dar alguma ordem dava-a porque era seu dever, porque assim queriam as Regras, os Regulamentos, os superiores. «Neste caso — dizia êle — estamos obedecendo a Deus e não às criaturas».

Jamais recusou algum cargo. Reconhecendo-se pouco, sem forças para alguma incumbência, manifestava com simplicidade aos superiores suas dificuldades e acrescentava: «se o senhor achar que eu deya aceitar, farei a sua vontade que é para mim a vontade de Deus».

E esta vontade êle cumpria à risca. Quando uma vez nós lhe dissemos que estava se matando com tanto trabalho no aspirantado e na paróquia, em 1946, êle respondeu: «Não posso fazer de outro modo; entregaram-me o trabalho, sou eu agora o responsável por tantas almas e devo cumprir o dever, mesmo a custa de minha vida».

Um desejo dos superiores era para êle uma ordem. Para com o Sr. P. Inspetor foi sempre submisso, mas de

uma submissão verdadeiramente filial e carinhosa. Estava sempre pronto a seguir suas ordens e sugestões ainda que alguma vez isto lhe custasse.

Em julho de 1945, com as obras do novo pavilhão do aspirantado, construções no Oratório São Caetano e na Escola Agrícola, ficou a casa com alguma dificuldade para pagamento do material e dos operários, P. Francisco, confiado na bondade dos cooperadores a quem a Divina Providência sempre inspirava, desejava prosseguir os trabalhos. Mandou-lhe, entretanto, o Sr. P. Inspetor, prudentemente, que parasse logo tudo, enquanto não houvesse dinheiro em casa. No mesmo dia em que recebeu tal ordem, P. Francisco fez cessar todos os trabalhos e escreveu uma carta ao Sr. P. Inspetor dizendo-lhe que embora com muito pesar, tinha cumprido todas as suas ordens.

Sua obediência era alegre. Embora sentisse algumas vezes seu pêso, nunca o víamos acabrunhado quando era contrariado em algum desejo.

Os superiores tinham nêle um filho amoroso e leal. Não permitia, de nenhum modo, que se criticasse ou censurasse a atitude de algum superior. Tomava a defesa destes diante de quem quer que fosse.

Filho amoroso era também êle para com a nossa Congregação de quem falava frequentemente com entusiasmo sempre maior. Nas «boas-noites» era com santa ufania que falava dos progressos das obras salesianas em todo o mundo. Queria que os aspirantes soubessem de-cor os nomes de todos os superiores maiores da Congregação e repetia-os nas «boas-noites» especificando o cargo de cada um.

Seu apostolado foi sempre desenvolvido em campos tipicamente salesianos: oratório festivo, aspirantado, escola para meninos órfãos e pobres, ginásio (Cachoeira do Campo), pregações de retiros e tríduos e, finalmente, a paróquia.

Alimentava em seu coração grande desejo de ir para as Missões e, principalmente, para a Colômbia, Agua de Dios, cuidar dos leprosos.

Como bom religioso salesiano amava e difundia a boa imprensa e o ensino do Catecismo. Jamais vimos em seu zelo alguma imprudência, alguma atitude que não fôsse salesiana. Agia sempre dentro das nossas regras, as quais êle considerava como um presente que Dom Bosco lhe tivesse entregue pessoalmente ao morrer. Lia, diariamente, pelo menos um dos seus artigos e recomendava com insistência aos salesianos que fizessem o mesmo.

Quando nas viagens algum desconhecido lhe perguntava se era salesiano, P. Francisco, ao chegar em casa, contava isso com alegria aos irmãos. Ficava satisfeito por ser conhecido como filho de Dom Bosco mesmo exteriormente, pelo modo de conversar, pelas atitudes simples e afáveis, pelo modo de andar, pela simplicidade do cabelo e das vestes.

Nos discursos que fazia em nossas festas íntimas nunca deixava de lembrar os nossos superiores, o Reitor maior e o Santo Padre. Como digno filho de Dom Bosco estava disposto a defender o Papa não só do púlpito mas também nas ruas e nas viagens.

Certa vez ia êle de trem a juiz de Fora em companhia de alguns aspirantes quando ouviu que alguém falava contra o Sumo Pontífice. Padre Francisco levantou-se logo de seu lugar, postou-se ao lado daquele audacioso e lhe perguntou que motivos tinha para atacar o Santo Padre. É excusado dizer que em poucas palavras derrubou por terra os fracos argumentos do adversário.

Como bom religioso tinha também um grande amor ao trabalho e ao espírito de mortificação. Não fôsse sua vida de tanta união com Deus, seu espírito de sacrificio e sua piedade sólida a se consubstanciar com as células mais íntimas do ser, seria impossível que êle, tão franzino, tão fraco de saúde, pudesse suportar os trabalhos que tinha.

Com tantas obras para cuidar via-se obrigado a pensar nelas e nos seus problemas de dia e de noite. Sua presença era exigida em vários lugares: no aspi-

rantado, na escola agrícola, nos oratórios, na paróquia, nas construções.

Sacrificava boa parte do repouso noturno trabalhando até tarde e, durante o dia, muitas vezes era obrigado a sair do refeitório após o almoço ou o jantar para ir ao escritório responder alguma carta ou atender a alguma pessoa. Muitas vezes nós o vimos abatido, oprimido pelo cansaço, mas êle não se queixava, não soltava um gemido e ainda sorria para nos tirar a impressão.

Quando adoecia ia para a cama só quando de todo a febre não lhe permitia manter-se de pé. Ainda no leito procurava ficar apenas recostado e aí fazia todo o possível para dar expediente aos seus afazeres.

As mortificações e penitências extraordinárias êle as fazia discretamente e sem que os outros percebessem. Desde o noviciado tinha se exercitado em fazer pequenas mortificações sem que os outros vissem, e fazia consistir a maior de tôdas elas na mortificação da vontade e do amor próprio.

Foi com grande surpresa que, em 1946, um salesiano fazendo uma limpeza no quarto do P. Francisco, estando êste ausente, encontrou debaixo do seu colchão, bem escondido na tela da cama, um cilício cheio de pontas de arame, de comprimento tal a se ajustar perfeitamente com sua cintura. Devia incomodar bastante àquele que usasse. O salesiano deixou-o no mesmo lugar e nada disse ao padre. Depois da morte dêste, foi o mesmo cilício encontrado no armário do seu quarto. Padre Francisco nunca tocara neste assunto em suas conversas. Não sabemos quem lhe tenha fabricado aquêle instrumento de penitência nem por quanto tempo dele se tenha servido.

Êle, como Dom Bosco, não queria que os salesianos se entregassem a penitências corporais extraordinárias. Nossa penitência há de ser o cumprimento exato dos deveres, a boa disposição para suportar o frio, o calor, a séde, a fome, sempre que fôr preciso.

O Papa Bento XIV disse que colocaria no altar um

noviço que praticasse bem as suas Regras durante o noviciado. Se o Papa daria tanta glória a um noviço, por um ano de cumprimento da Regra, que prêmio não merecerá um religioso como o P. Francisco que observou integralmente, não por um ano de noviciado, mas por todos os seus dezoito anos de vida religiosa?

O bom religioso deve trabalhar para perseverar na vocação e alcançar a perfeição. Ainda aqui somos obrigados a enaltecer as virtudes dêste religioso exemplar que com 16 anos deixa sôzinha a mãe em lágrimas para seguir a voz de Deus e que se serve de mil indústrias para corresponder, com uma vida pura e santa, à grande graça da vocação.

Que a perfeição, a santidade o tenha preocupado e que para alcançá-la tenha êle feito todos os esforços, já o temos observado no correr destas páginas.

«Não basta — dizia êle — ser salesiano; mas é preciso ser santo salesiano».

Padre Francisco nos seus esforços para alcançar a santidade conseguiu, com o auxílio da graça divina, um harmonioso equilíbrio de virtudes.

Muitos santos se distinguem nesta ou naquela virtude. P. Francisco se distinguiu no equilíbrio admirável de tôdas elas. Podemos dizer que êle, pela união com Deus, pelo amor a Nosso Senhor, reuniu as virtudes como se reunem as flôres numa grinalda.

Dizia Pascal: «Não dou valor ao excesso duma virtude se não vir, ao mesmo tempo, o excesso da virtude oposta, como em Epaminondas que aliava à extrema bravura a extrema benignidade. Doutra forma não se sobe, desce-se. Ninguém é grande por estar num extremo, a não ser quando toca os dois extremos e preencha o espaço intermédio».

Confirmando êste pensamento diz o P. Petitot que «o que constitui a santidade é precisamente o conjunto harmonioso de virtudes e dons, emanados da caridade como do seu centro».

No P. Francisco as virtudes aparentemente opostas caminhavam sempre duas a duas.

A **austeridade** com que dominava a si próprio e aos outros êle unia uma **alegria** salesiana, simples e sincera, com um sorriso sempre a lhe aflorar nos lábios.

A **piedade** sólida e firme aliava uma **desenvoltura** espontânea, própria de um filho que confia no pai a quem muito ama.

Ao lado da **exatidão** com que cumpria à risca todos os deveres colocava a **liberdade** de espírito de quem não se amarra por escrúpulos ou ninharias.

Laborioso ao excesso, mas **desinteressado**. Tudo para os outros, nada para si.

Sua **castidade** tão visivelmente mortificada andava de par com uma **sociabilidade** que a todos atraía.

Tinha a **simplicidade** de uma criança, fazendo-se pequeno com os pequeninos, mas, ao mesmo tempo, a **prudência** dos anciãos e dos sábios, daqueles que são feitos para dirigir.

Humilde, gostava de ser esquecido, mas **magnânimo** em obras grandiosas para a glória de Deus.

Brincalhão e provocador de hilaridade (basta lembrar seus espirros em família), entretanto, **heróico** a ponto de dar a própria vida pelo bem das almas.

Era tão **pobre** que nada tinha para si, no entanto, sempre **caritativo**, fundando obras para proteger os pobres e abandonados.

Temperante e mortificado em tudo, mas **discreto**, sem extravagâncias ou exquisites.

Era **modesto**, tinha horror aos cargos e às honras, mas **empreendedor** de grandes obras quando haviam de reverter em progresso da Congregação.

A **doçura** materna com que tratava os dependentes, juntava a **firmeza** do pai intransigente em afastar o mal.

Era **franco** no agir e no falar, mas **respeitoso**, media bem as palavras para a ninguém ofender.

Nesse equilíbrio estável e harmonioso das virtudes aparentemente antinômicas está, segundo o parecer de muitos, o aspecto característico da santidade do P. Francisco.



Uma das suas ultimas foto-
grafia

A VIRTUDE ANGÉLICA

«Hi sequuntur Agnum quocumque ierit»

(Apoc 14,4)

«Estes seguem o Cordeiro para onde quer que vá».

Dom Bosco na Introdução das Santas Regras assim escreve aos Salesianos: «A virtude angélica, a que servem de coroa tôdas as outras, é a virtude da castidade. Quem tem esta virtude pode aplicar-se a si mesmo as palavras do Espírito Santo: «E vieram-me juntamente com ela todos os bens» (Sab 7,2). O Salvador assegura-nos que quem possui êste inestimável tesouro, ainda nesta vida mortal se torna conforme e semelhante aos Anjos de Deus».

Era a virtude característica do nosso santo Pai e Fundador, aquêla que êle sempre inculcava e à qual chamava com os nomes expressivos de «cândido lírio», «rosa preciosa» e «inestimável pérola».

Segundo o testemunho de autorizadas pessoas que conheceram o P. Francisco desde os seus primeiros anos, e conforme o que sempre observaram os que com êle conviveram na vida religiosa, podemos afirmar que êle levou para o Céu, intacto e perfumoso, o cândido lírio de sua pureza, a veste branca de sua inocência batismal.

No período da infância que passou com a família, os irmãos não encontram, em sua vida, a mínima atitude que não servisse para edificar.

De sua vida de aluno em Cachoeira e aspirante em Lavrinhas, tôda ela a trescalar o perfume lilial de sua virtude, dão testemunho seus superiores todos e o seu

próprio irmão Antônio, seu colega em Cachoeira, que diz estar certo de que, após a morte, foi êle para o Céu com a veste cândida da inocência batismal.

Com 14 anos fez o voto de Castidade, que renovou todos os anos até fazê-lo por 3 anos, no fim do noviciado e, finalmente, perpétuo em 1933.

Durante o noviciado aprendeu que «quem não tem fundadas esperanças de poder conservar, com o auxílio de Deus, esta bela virtude, nas palavras, nas obras e até nos pensamentos, não deve se fazer salesiano porque, do contrário, — diz Dom Bosco — muitas vêzes se encontrará em perigo».

Para provar o quanto êle levou em consideração este artigo das Santas Regras é suficiente ler no seu regulamento de vida o que êle se propôs praticar para tornar seu coração sempre mais puro e mais digno do amor divino:

«Guardarei com todo o cuidado o lírio da castidade. Mortificarei sempre os sentidos, principalmente a vista. Os afetos de meu coração hão de ser todos para Jesus e Maria».

Foi com estas firmes resoluções, e com o auxílio efficacíssimo da graça de Deus que nunca falta aos que se esforçam, que êle venceu tôdas as dificuldades que lhe vieram ao encontro no curso de Filosofia e de Tirocínio prático.

Foi esta virtude, conservada a custo de uma vontade firme a tôda prova, que lhe fez alcançar de Deus a grande graça do Sacerdócio.

Quem deseja ser sacerdote deve ter conservado a inocência batismal ou, pelo menos, há de tê-la recuperado por uma penitência verdadeira e pelo exercício constante de uma virtude sólida.

«Deus é espírito (Jo , 4,24), daí — acrescenta o Santo Padre Pio XI (*Ad Catholici Sacerdotii Fastigium*) — aparece a conveniência de que, quem se dedica e se consagra a seu serviço, se despoje em certo modo do corpo».

Esta virtude que, para o Salesiano é sinônimo de

Santidade, brilhava em tôdas as atitudes, gestos, conversas e olhares do P. Francisco. Dava-lhe uma força extraordinária à autoridade e uma eficácia tôda especial às suas palavras.

No trato com os meninos era afável, delicado, sempre a sorrir e conversar com êles nas horas de recreio ou mesmo em seu escritório, mas jamais alguém viu que se excedesse em carícias com quem quer que fôsse. Não se lembram, os que com êle conviveram, de tê-lo visto nem sequer com as mãos apoiadas nos ombros deles. Sua delicadeza neste ponto fazia lembrar a de Dom Bosco.

Seu escritório tinha a janela sempre aberta para o pátio e a porta envidraçada; os que passavam por fora podiam ver com que recato atendia êle aos meninos e às outras pessoas que lá iam.

Mortificava os olhos com tanta simplicidade que dir-se-ia ser nele aquilo uma cousa natural.

Com as pessoas de fora, o P. Francisco primava nas normas da boa educação e da afabilidade. Era um verdadeiro «gentleman» sem, porém, o menor sinal de afetação ou de familiaridades. Tratava com grande respeito as pessoas de outro sexo, conservando-se com muita reserva e modéstia, sem, porém, faltar às normas da boa educação.

Como diretor do Ginásio e como vigário era, em certas circunstâncias, obrigado a participar de algumas reuniões e festas cívicas da Cidade. Era com grande sacrifício que cumpria êste dever e, sempre que podia, se esquivava. Gostaria de ficar em casa, recolhido, a cuidar de seus múltiplos afazeres.

Uma vez fôra convidado pelas autoridades locais para assistir um filme natural sôbre os progressos de São João del-Rei. Achavam-se com êles vários outros sacerdotes. Infelizmente com êste filme passou-se um outro, também natural, que não era, porém, tão decente como devia ser. P. Francisco ficou bastante aborrecido com êste fato e, chegando ao Ginásio, redigiu um artigo sôbre os incon-

venientes do mau cinema e fê-lo publicar na primeira página do principal jornal da cidade.

Esta virtude que nêle brilhava tão admiravelmente êle inculcava constantemente aos seus dependentes. Aproveitava tôdas as ocasiões para salientar seu valor, sua beleza.

Apreciava tanto a pureza das almas dos jovens e tinha tão grande horror ao escândalo que um dia, com grande firmeza e seriedade, chegou a dizer a um salesiano: «seria capaz de estrangular um escandaloso se o encontrasse».

Era seu desejo que o aspirantado fôsse um jardim de lírios e que todos os aspirantes estivessem bem longe até da sombra do pecado. Em mais de uma «boa-noite» disse que estava disposto, como Dom Bosco, a se colocar de joelhos diante de qualquer aspirante e pedir-lhe, de mãos postas, que nunca manchasse sua alma com o pecado. Acrescentava que, se por acaso, houvesse entre os ouvintes, alguém que cometia faltas, conscientemente, êle pedia a essa pessoa para se apresentar quanto antes a seu escritório e pedir para ir embora pois naquela casa não havia lugar para quem cometia pecados.

Falava em, seguida, da sublimidade da virtude, da facilidade para conservá-la com a graça de Deus, com a piedade e com o cumprimento dos deveres; falava da beleza sem par de uma alma que conservava a inocência e do bem extraordinário que poderia fazer na vida religiosa e sacerdotal.

Outras vezes, ao ver o altar-mor todo enfeitado de lírios, tirava daí assunto para a «boa-noite» e dizia:

«Como estes lírios brancos e perfumados assim devem ser o aspirante que deseja um dia subir ao altar e estar ao lado de Nosso Senhor. A brancura das toalhas do altar, a brancura da Hóstia Santa, a brancura dos lírios devem ser o reflexo de nossas almas puras, cândidas e perfumadas».

Extasiava-se diante de uma turba de fiéis que se aproximavam da mesa eucarística com a alma pura: «Aquêles espetáculo comovedor — falava êle aos paro-

quianos — capaz de enternecer, de arrancar lágrimas, que contemplamos nesta paróquia eucarística: aquêlê grupo, aquela falange branca de 500 corações brancos, inocentes, lírios a adornar o altar do Cordeiro Imaculado, a dar seu ósculo de amor a Jesus Hóstia».

Aos assistentes recomendava a máxima vigilância afim de nunca deixar aos meninos a oportunidade de cometer faltas. Recomendava-lhes que, no dormitório, enquanto assistissem, estivessem rezando o terço. «Isto — dizia êle — muito me agrada. Os meninos vendo seu assistente rezando, sentir-se-ão levados a fazer o mesmo e, terminando a limpeza, pegarão também êles o seu terço e rezarão».

Não permitia, de modo algum, a oíiosidade. Em tempo de férias explicava êle mesmo as lembranças para passá-las bem. Em geral eram conselhos para a piedade, trabalho e estudo. Não permitia, nem mesmo neste tempo, que os meninos ficassem sem nada fazer: gostava que houvesse, nas férias, pelo menos uma aula por dia, trabalhos ao ar livre, passeios e recreios animados e favorecia à leitura de bons livros.

Era inimigo acérrimo das amizades particulares entre aspirantes. Não queremos com isto dizer que êle via faltas onde não havia. Aliás não gostava que os assistentes afastassem os meninos que andavam sempre juntos. Chamava êle mesmo o mais criterioso dos dois companheiros e fazia-lhe ver que andando sempre com o mesmo colega tornava-se antipático aos demais e que seria melhor que se fizesse amigo de todos e que brincasse e conversasse com todos, os colegas. Muitas vêzes bastavam estas palavras para que tudo se consertasse. Se, por acaso, não fossem suficientes estes argumentos, usava êle de outros meios e, alguma vez, chegou a mandar para a casa alguns que não se corrigiam dêste defeito. Quem quer ser religioso deve ter fôrças para equilibrar os afetos do coração para amar a Deus sôbre tôdas as cousas e tratar os companheiros indistintamente com a mesma afabilidade.

Os meios de que se servia para educar os jovens

na pureza não se afastavam em nada dos ensinamentos dados por Dom Bosco. Falando-lhes em público punha em relêvo a beleza e os atrativos da virtude, evitando falar do vício oposto.

Procurava fortificar-lhes a vontade e fazia-os crescer sempre na piedade, no amor de Deus. Parecia persuadido daquelas preciosas palavras de Pio XI na admirável encíclica **Divini Illius Magistri**: «nomeadamente nos jovens, as culpas contra os bons costumes são efeito não tanto da ignorância intelectual quanto e principalmente da fraqueza da vontade, exposta às ocasiões e não sustentadas pelos meios da Graça».

Como fortificava o P. Francisco a vontade dos seus meninos? Colocando-lhes, com frequência, diante dos olhos, o seu ideal, o seu fim. «Onde há um fim, um valor, um motivo, lá está a força de vontade», diz Lindworsky (*L'educazione della volontà*). Falava-lhe muitas vezes da grandeza do sacerdócio, da beleza da vida religiosa salesiana, do noviciado e, assim, os aspirantes, entusiasmados, tendo diante de si este motivo, se esforçavam sempre mais por empregar os meios para conseguir o ideal. Tudo então se lhes tornava fácil e agradável: a disciplina, o estudo, a piedade, o regulamento, porque tudo concorria para a consecução do seu fim.

Trabalhando para fortificar a vontade dos jovens P. Francisco lhes ia formando o caráter pois diz Guilbert: «Ter vontade é ter caráter; se não tens vontade não tens também caráter» (*Le Caractère*).

Nas conversas particulares com os meninos, recomendava grande cuidado na prática da bela virtude, dizendo, aos mais crescidos, os obstáculos que poderiam encontrar e dizia-lhes que um aspirante puro é um aspirante santo. «Santidade é pureza».

Como bom salesiano, como legítimo filho de São João Bosco, P. Francisco ensinava a pureza em todo o momento, pois todos os seus sermões, «boas-noites», conferências, pareciam ter em mira a salvaguarda deste

tesouro inestimável que, entretanto, carregamos em depósito tão frágil.

Quando falava desta pérola preciosíssima mudava de aspecto, arranjava os mais belos adjetivos, tomava, sem perceber, novas atitudes, seus olhos adquiriam novo brilho, parecia que seu corpo se ia elevar. Era um extravasar daquilo que lhe enchia o coração. Só uma alma angélica pode falar dignamente da virtude angélica. Padre Francisco foi uma destas almas que com verdadeiro heroísmo, conservou e levou para o Céu, a depositar aos pés do Cordeiro Imaculado, daquele **qui pascitur inter lilia** (Cant 2,16), o lírio alvo, intacto e perfumado de sua pureza, de sua inocência batismal.

Em 1942 achava-se em Belo Horizonte o P. Eustáquio van Lieshout, da Congregação dos Sagrados Corações, ao qual recorriam inúmeras pessoas para receber conselhos e orientações. A fama da santidade desse padre corria por todo o Brasil.

Padre Francisco tendo ido àquela cidade procurou o santo sacerdote para fazer uma confissão geral, de toda a sua vida.

Feita a confissão, retirou-se à um canto da capela para cumprir a penitência.

Padre Eustáquio sai do confessionário, aproxima-se do P. Francisco, abraça-o ternamente e lhe diz sorrindo: «Padre, meus parabens! O senhor possui a inocência batismal!»

A PIEDADE

«Pietas autem ad omnia utilis est»

(I Tim 4,8)

«A piedade é útil para tudo».

A piedade, diz Sto. Tomás, consiste na «vontade firme e decidida de se entregar prontamente a tudo aquilo que diz respeito ao serviço de Deus».

É um ato continuado de amor filial para com Deus. O varão piedoso vive em união com o Senhor e tudo faz para a sua maior glória, até as cousas mais insignificantes. O verdadeiro devoto é aquele que mais sabe amar.

A piedade salesiana é simples e agradável. «Como as comidas alimentam o corpo e o conservam, assim as práticas de piedade sustentam a alma e a tornam forte contra as tentações», diz Dom Bosco.

O salesiano, pelas múltiplas ocupações de sua vida ativa, não pode se entregar a muitas práticas de piedade em comum; todavia, a compostura exterior, a pronúncia clara, devota e distinta das palavras nos ofícios divinos, a modéstia no falar, nos olhares, no modo de andar, tanto em casa como fora, devem nele brilhar de tal modo que nisto se distinga particularmente dos demais. (Const. art 150-151).

Padre Francisco podia ser denominado o «padre piedoso». Era uma piedade verdadeiramente salesiana, simples, alegre, natural, sumamente agradável a quem dele se acercava. Os meninos sentiam-se levados a imitar seu modo de rezar e até seus atos mais insignificantes.

Quando rezava o officio divino ou cumpria outras práticas de piedade, não as deixava antes de ter acabado. Muitas vêzes vinha o porteiro chamá-lo para atender a alguma visita e êle mandava pedir que esperasse até que terminasse o dever sagrado.

Era fiel a tudo o que as nossas Regras prescrevem acêrca dos exercícios de piedade.

Confessava-se semanalmente e fazia-o na nossa capela, à vista dos alunos e de tôda a comunidade.

Dava a máxima importância à Santa Missa, que êle considerava a mais importante das práticas de piedade. Jamais ia para o altar sem rezar as orações preparatórias e celebrava com visível fervor, executando bem as mais pequenas cerimônias. Após a ação de graças que fazia por alguns minutos na sacristia, vinha para a capela e tomava o livrinho «Jovem Instruido» e, no ultimo banco, junto aos alunos mais crescidos, rezava as orações da manhã.

Parecia bem compenetrado do enorme valor e da sublimidade do Santo Sacrifício e celebrava sempre piedosamente, quer estivesse numa igreja cheia de fiéis quer estivesse só com seu ajudante.

«Uma vez — conta um aspirante, hoje clérigo salesiano — P. Francisco chamou-me para ajudar à Santa Missa que êle, naquela manhã, devia celebrar às 3 da madrugada, pois devia embarcar às 4 para Belo Horizonte. Acordou-me e fomos para a matriz provisória de São João Bosco. Antes da Missa não me disse uma palavra. A igreja estava completamente vazia mas êle executou as cerimônias com tôda a calma e devoção, compenetrado de que no altar estava se renovando o Sacrifício do Calvário. Nem sei descrever o quanto fiquei edificado ao vê-lo celebrar assim tão devotamente e com tanto espírito de fé. Só depois que terminou a Missa foi que êle, falando baixinho, ousou quebrar o silêncio sagrado, despedindo-se de mim»

«Em outra ocasião — conta-nos o mesmo clérigo que o ajudava, como aspirante, nos serviços paroquiais — depois de ter atendido a um doente e ter feito um

casamento, convidou-me para ir com êle ao bairro de São Geraldo, onde ia pregar uma espécie de missão. Nós fomos. Pelo caminho êle me ia falando do que tinha acontecido durante o dia, dizendo-me como era bonita a vida do padre, confessando, distribuindo a SS. Eucaristia aos doentes e quantas cousas mais. Tendo chegado ao fim do caminho êle entrou na capelinha e fêz um bellissimo sermão, deu a bênção com o Santíssimo Sacramento e, em seguida, foi para o confessionário onde passou uma hora e tanto. Voltamos depois para casa. Tudo escuro por aquelas ruas e só nós dois caminhávamos. Ele, então, para não acontecer que chegássemos em casa e fôssemos dormir sem rezar as orações da noite, convidou-me para rezá-las com êle. Viemos assim rezando pelo caminho e eu fiquei mais uma vez edificado com a sua piedade, certo de que, naquele dia todo consagrado ao Senhor, êle adquiria mais uma pérola para a sua coroa de glória no Céu».

Era pontualíssimo nas práticas de piedade que se faziam em comum. Embora fôsse em casa o salesiano mais ocupado, entretanto, era sempre o primeiro a chegar à capela.

Seu porte era grandemente edificante. Sempre que caminhava pela capela tinha as mãos juntas ao peito, com os dedos entrelaçados, tal como vemos nas imagens de São João Bosco. Sentado, conservava sempre o corpo firme, encostado ao espaldar, as pernas quase unidas e os pés nunca sôbre o genuflexório. De joelhos conservava as mãos postas, apoiando sômente os punhos no banco da frente. Nunca o vimos com os cotovelos apoiados no banco. Rezava com a mente e o corpo.

Passando pela capela, enquanto se rezavam as orações, olhava os meninos como um pai zeloso do respeito à casa de Deus e, se percebia algum distraído, fazia-lhe sinal. Quando, porém, chegava em frente ao tabernáculo fixava nêle os olhos e fazia com tôda unção a genuflexão. Recomendava o sinal da cruz bem feito e, principalmente, fazia-o êle mesmo. Jamais se poderia conjecturar que o fizesse menos atentamente, pois se

via, nos olhos baixos, nos movimentos pausados, a atenção que lhe prendia a mente. Muitas vezes ficava à porta da capela para corrigir alguns meninos que não fizessem bem este sinal, distintivo do cristão.

Recomendava com frequência aos salesianos que fizessem bem a meditação, dando-lhes normas práticas nas conferências. A estes e aos meninos recomendava com insistência as orações jaculatórias, meio efficacíssimo para nos conservarmos em união com Deus.

«Um religioso — dizia ele — ou reza sempre ou não reza nunca. As orações jaculatórias são um ótimo meio para nos conservarmos sempre em oração, em união com Deus».

Dava grande importância às cerimônias litúrgicas e as executava com a máxima perfeição. Exigia dos aspirantes que aprendessem a ajudar bem à Santa Missa e chegava a tirar o atestado de ótimo procedimento àqueles que não aprendiam bem as palavras e as cerimônias no tempo que ele determinava.

Tinha também em grande consideração o canto sacro. Preparava sempre a sua parte para as Missas cantadas e solenes, o canto da Epístola, do Evangelho, Prefácio, Ite Missa est. Para entoar bem o «Gloria in excelsis Deo» copiava as notas em gregoriano num cartãozinho que levava consigo ao altar.

Gostava imensamente de que todos cantassem na igreja e também na sua paróquia fomentava o canto coral de todos os fiéis, levando, para acompanhá-los ao harmônio, um aspirante e proporcionando-lhes ensaios coletivos.

Compreendia bem o valor do canto litúrgico e sua importância no apostolado. Ao ouvir as vozes de seus alunos e paroquianos muitos puderam dizer ao Senhor como Santo Agostinho em suas Confissões: «Quanto eu ficava comovido, quantas lágrimas me corriam dos olhos quando eu ouvia ecoar na vossa igreja o cântico melodioso dos hinos e dos cânticos que ele eleva incessantemente para Vós! Enquanto aquelas celestes palavras me penetravam nos ouvidos, a vossa verdade me entrava por

elas docemente no coração; o ardor da minha piedade parecia tornar-se mais vivo, as lágrimas me corriam sempre e eu sentia prazer em vertê-las».

As vozes dos aspirantes exerciam também sobre êle um grande atrativo, conforme confessou várias vèzes, principalmente quando entoavam cânticos religiosos, Missas, motetos eucarísticos.

Apreciava e entusiasmava, quanto podia, o canto gregoriano. Em -941 tendo o clérigo mestre de música dificuldade de ensaiar o Credo III com alunos, principiantes do curso de admissão, o P. Francisco deixou seus afazeres de escritório e veio em pessoa cantar com os meninos, entusiasmando-os com sua voz possante de baixo.

Na capela, se o canto se tornava um pouco fraco, êle se levantava do banco e passava cantando junto aos meninos para sacudi-los de alguma moleza ou tirá-los, talvez, de uma distração.

No seu entusiasmo pelos cantos sacros bem parecia um outro Davi a convidar os meninos e os fiéis: «Vinde, cantemos ao Senhor com alegria! Eleve-nos nossos cânticos de júbilo até Deus, nossa salvação! Apressemos-nos em apresentar-lhe cânticos de louvor; entoemos hinos em sua honra!»

Fazia questão de que nas festas a Missa e as Vésperas solenes se realizassem com todo o brilho e esplendor litúrgico.

Propagava muito entre os aspirantes a «Via Sacra», prática que êle, sempre que podia, fazia com os meninos e, muitas, vèzes, fazia à noite, depois que todos se iam deitar. Era o seu amor à paixão de Nosso Senhor, amor que também mostrava jejuando tôdas as sextas-feitas. Como diretor nunca quis pedir dispensa deste jejum, embora já tivesse antes tal dispensa e sua saúde não suportasse bem tal mortificação.

Dava tôda a importância a qualquer prática de piedade, por menor que fôsse. Exigia que se respondesse bem ao «Deo gratias» nas ocasiões determinadas.

Na véspera do Santo Natal êle não dormia antes

da Missa da meia-noite. As 11,30 ia por todos os dormitórios acordar os meninos e assistentes para a Missa com um vibrante «Benedicamus Domino». Durante os 7 anos em que foi diretor fez questão de, em tôdas as noites de Natal, fazer este serviço que, dizia, lhe dava muita satisfação. Era o primeiro convite para bendizer ao Menino Jesus que em breve nasceria em nossos corações na Sagrada Comunhão da meia-noite.

Para o exercício da «boa morte» costumava escolher um patrono para cada mês e um bom pensamento para praticar. Considerava êste dia como o de um verdadeiro retiro, conservando-se muito recolhido e exigindo também dos salesianos e aspirantes muito recolhimento e silêncio. Não permitia, até a hora do almoço dêsse dia, que os meninos se aplicassem a outra coisa que não fôsse uma piedosa leitura. Na noite precedente fazia a conferência regulamentar aos salesianos e, no dia seguinte, na última meia hora do estudo da manhã, falava aos aspirantes, excitando-os ao bem e à virtude.

Nos retiros espirituais redobrava sempre seus esforços para crescer na perfeição. Desde o noviciado até depois de sacerdote, como diretor, anotava o que ouvia nas pregações e instruções. Costumava dizer: «De um retiro nunca saímos como entramos; ou sairemos piores ou melhores».

Dava gosto ver com que devoção rezava o Breviário nas viagens. Muitas vêzes convidava um aspirante para fazer-lhe companhia nesta récita.

«Sempre que viajamos com êle — conta um aspirante — deixava transparecer seu amor a Deus e a Maria Santíssima. Queria que todos rezassem o terço e êle era o primeiro a dar o exemplo. Logo que chegávamos a uma cidade levava-nos a uma igreja para aí rezarmos e cantarmos ao Santíssimo Sacramento. Gostava também de ouvir-nos cantar loas sacras no trem e cantava também êle conosco».

Sua devoção ao Santíssimo Sacramento transparecia claramente no modo de celebrar a Santa Missa e nas «visitas» que fazia durante o dia, após as refeições e

nos intervalos das aulas. Percebia-se que aí sua alma se sentia tranquila e no lugar que mais lhe agradava.

Depois das orações da noite, após percorrer os dormitórios, voltava à capela e aí, de joelhos junto à balaustrada da comunhão, com as luzes apagadas, ao bruxolear da lâmpada de óleo, ele se punha em profunda adoração a Jesus Sacramentado. Sua alma, que ele considerava uma gotinha, parecia, naquele momento, absorvida pelo oceano infinito da grandeza daquele Deus ali oculto, daquele Deus por quem ele vivia e para o qual se afadigava todos os dias.

O aspirante que era sacristão em 1946 e que tinha naquela hora alguns trabalhos a ultimar na sacristia afirma tê-lo visto muitas vezes nesta ocasião com os olhos fitos no tabernáculo esquecido de tudo o mais, como num êxtase de amor.

Recomendava insistentemente a Visita ao Santíssimo Sacramento sem, porém, obrigar a isso os meninos. «Os amigos — dizia ele — gostam de se verem, de se visitarem; devemos pois mostrar a Jesus que somos seus amigos, visitando-O muitas vezes». Gostava de citar Dom Bosco quando dizia: «Se quereis poucas graças visitai poucas vezes a Jesus Sacramentado; se quereis muitas graças visitai muitas vezes a Jesus Sacramentado».

Gostava que os meninos se apresentassem para a Sagrada Comunhão bastante recolhidos, com as mãos juntas e os olhos baixos e que meditassem bem no que iam receber.

Nas viagens proporcionava sempre aos aspirantes a comodidade de receber a Sagrada Comunhão. Em janeiro de 1947 não podendo os aspirantes que iam para o noviciado receber a Sagrada Eucaristia por motivo independente de suas vontades, assim lhes falou o P. Francisco: «Hoje não podemos comungar, não podemos oferecer a Deus o ouro, pois então ofereçamos-lhe ao menos a prata que é a comunhão espiritual».

Ao lado de sua devoção a Jesus Sacramentado bri-

lhava nele a devoção à Virgem Santíssima Auxiliadora e Imaculada.

Gostava de falar de Maria e o fazia com tanta união que deixava transparecer seu grande amor à Virgem Mãe.

Quando estávamos no prédio velho, sugeriu que se construísse no jardim uma gruta de Nossa Senhora de Lourdes. Todos os domingos após o passeio da tarde com os aspirantes, mandava que parássemos diante da gruta para cantarmos uma loa mariana.

Queria que as festas de Nossa Senhora fossem celebradas com a maior solenidade, especialmente a de Nossa Senhora Auxiliadora, para a qual organizava imponentes procissões, Missa e Vésperas solenes com participação do povo das duas paróquias. Seu zelo em espalhar a devoção a N. Senhora Auxiliadora fazia-o sempre disposto a dar a sua bênção a quantos lhe pediam. Mandou imprimir estampas de N. Senhora Auxiliadora com a novena aconselhada por D. Bosco, as quais distribuía em grande quantidade.

Na véspera dos dias 24 de cada mês anunciava a comemoração mensal de Nossa Senhora, contando sempre algum fato da proteção da Virgem Auxiliadora na vida de Dom Bosco.

No mês de maio sabia entusiasmar os aspirantes explicando nas «boas-noites» as flôres espirituais sorteadas. Gostava de que cada divisão armasse no dormitório um altarinho, diante do qual, tôdas as noites, cantava-se uma loa e um aluno lia uma pequena composição literária sobre N. Senhora.

Queria que os aspirantes fôssem devotos de Maria, que a Ela atribuísem sua vocação e que d'Ela esperassem a perseverança. No mês de maio costumava dizer: «Meus caros aspirantes, estamos no mês de nossa querida Mãe. Procuremos celebrá-lo bem e prepararmo-nos bem espiritualmente para a sua festa. Lembrem-se de que N. Senhora costuma «varrer» do aspirantado, neste mês, aqueles que não se esforçam por amá-la. Se todos estão aqui é por que foram trazidos por Ela. Ninguém

vem para uma casa salesiana sem ser trazido por nossa querida Mãe, Maria Auxiliadora».

Era fiel à récita do terço e rezava-o sempre que passava pelos dormitórios. Queria que os assistentes fizessem o mesmo. Se visse um menino sem terço, na capela, perguntava-lhe logo onde o tinha deixado.

«A verdadeira devoção é imitar a quem cultuamos» A prova mais forte da devoção mariana do P. Francisco não encontramos somente em seu caderninho íntimo, através dos propósitos que fazia, nos seus esforços para propagar sua devoção, mas sim na sua vida toda ela de imitação das virtudes de Maria, principalmente daquela virtude que mais resplandescia na Virgem Mãe, sua pureza lilial.

A devoção a Nossa Senhora é um privilégio que Deus concede às almas a quem destina uma grande glória no Céu; e «quem sabe amar a esta Virgem e é seu devoto já pode estar tão certo de ir para o Paraíso como se lá já estivesse».

Este pensamento muito agradava ao P. Francisco. Estando uma vez a escolha de umas frases para colocar no verso de um programa de festa, encontrou essa e ficou a fitá-la satisfeito, por muito tempo, com um sorriso nos lábios. Escolheu-a para o programa dizendo que era uma frase não só bonita mas grandemente consoladora. É que em sua alma, certamente, já havia uma certeza do Paraíso, fruto de sua devoção filial a Nossa Senhora, àquela Virgem a quem ele, com 14 anos, havia oferecido os afetos de seu coração adolescente, àquela Virgem a quem ele se consagrou por toda a vida.

Quis ser sepultado no cemitério de Nossa Senhora do Carmo... Aí seu corpo, no dia do juízo universal, ressuscitará ao lado da Virgem Imaculada que o amparará debaixo de seu manto e o conservará a seu lado no cortejo daqueles que «cantam, diante do trono, um cântico novo que nem todos podem cantar» (Apoc 14,3).

Como autêntico salesiano possuía também ele um amor verdadeiramente filial a São João Bosco.

Trabalhou incansavelmente para a inauguração do

seu santuário, «o qual — dizia êle — há de ser um centro de irradiação da devoção ao Apóstolo da juventude por todo o Estado de Minas».

«Conhecer a Dom Bosco — dizia o P. Francisco — é amá-lo. Fazamos porisso tudo o que pudermos para torná-lo cada vez mais conhecido».

A devoção que a cidade de São João del-Rei tem a Dom Bosco, podemos dizer que é, em grande parte, devida ao P. Francisco.

Foi êle quem distribuiu grande quantidade de suas estampas, que contava sua vida em vários sermões, quem o citava todo instante nas pregações, quem entretinha os meninos por longo tempo a contar as aventuras do pastorzinho de Becchi.

Podemos pois dizer que, graças ao zêlo do P. Francisco, tôda São João del-Rei conhece e ama Dom Bosco.

Afim de torná-lo sempre mais conhecido, P. Francisco mandou, em 1942, um pedido ao Sr Prefeito Municipal para que collocasse o nome de Bairro Dom Bosco no então Bairro da Fábrica. O Dr. Antônio Viegas, ao receber aquêlê pedido que foi de encontro aos seus desejos, lavrou um decreto e leu-o publicamente no dia 9 de dezembro de 1942, declarando que, daquela data em diante, chamar-se-ia Bairro Dom Bosco a parte da cidade que abrangia a Avenida Leite de Castro e adjacências.

Além da Paróquia, do Bairro e do Colégio que têm o seu nome, São João del-Rei possui ainda Fábrica Dom Bosco, Laboratório Dom Bosco, Casa Dom Bosco, Farmácia Dom Bosco, Bar Dom Bosco e Sapataria Dom Bosco, para citar apenas o que é mais conhecido.

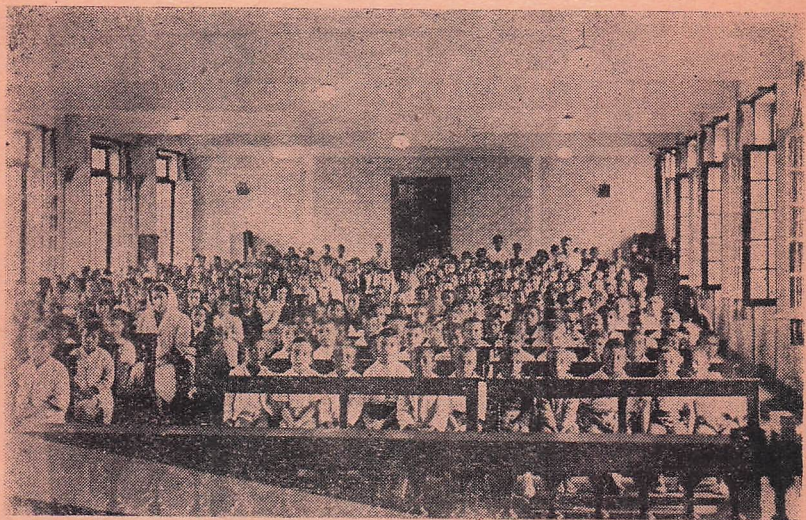
O nome de nosso Pai, escrito em grandes caracteres nas fachadas dos edifícios, está a atestar que êle é naquella cidade conhecido e, por conseguinte, amado, graças ao zêlo de um seu autêntico filho — o P. Francisco Gonçalves.

Na cidade encontramos ainda inúmeros meninos com o nome de João Bosco, a maior parte deles sugeridos pelo P. Francisco o qual não deixáva de recomen-

dá-lo para os meninos, como o de Maria Auxiliadora para as meninas.

Falava de Dom Bosco com maior entusiasmo do que falaria um filho de um general vitorioso. O zelo de nosso Pai impressionava-o extraordinariamente e assim dele falou em seu discurso por ocasião do cinquentenário das Escolas Dom Bosco de Cachoeira do Campo:

«Dom Bosco será sempre o nome insubstituível com o que o mundo todo o conhece e ama, com que nós o conhecemos e amamos. Dom Bosco, nome pequeno na forma, grande na significação, evoca-nos com efeito um cúmulo de obras admiráveis maravilhosamente várias, heroicamente difusas, santamente consolidadas! Dom Bosco, êsse nome símbolo, significa Oratórios Festivos, Orfanatos, Escolas de Ciências e Artes, Escolas Profissionais e Agrícolas, Casas de Formação, Escolas Secundárias e Superiores, Colégios e Institutos Missionários, Igrejas, Hospitais e Leprosários, Tipografias, Casas Editoras, obras sociais, Missões e obras muitas outras para a juventude, máxime para a juventude pobre e abandonada. Tudo isso e mais do que tudo isso significa êste nome tão pequeno e tão grande, tão familiar e tão querido, dêste apóstolo do bem, pai e mestre da juventude, gênio criador da pedagogia divina do amor: Dom Bosco».



Uma concentração de Oratorianos na antiga Capela
do Ginásio S. João em 1946

SEUS DOTES DE EDUCADOR

«Attingit... fortiter, et disponit omnia suaviter».

(Sap, 8,1)

«A sabedoria se estende fortemente e tudo dispõe suavemente».

A Congregação Salesiana é eminentemente educadora. Os Salesianos enquanto cuidam de sua perfeição devem se entregar ao apostolado entre a juventude nos colégios, ginásios e, principalmente, nos oratórios festivos. O bom salesiano deve, pois, ser também um bom educador. O bom educador salesiano é aquele que no seu trato com os jovens pratica o sistema preventivo de Dom Bosco, tesouro invejável que nosso Fundador nos deixou por herança. «Consiste este sistema — são palavras de Dom Bosco — em tornar manifestas as prescrições e os regulamentos do Instituto, e então vigiar de modo que os alunos se tenham sempre sob o olhar vigilante do diretor ou dos assistentes, que, como pais amorosos lhes falem, sirvam-lhes de guia em toda a eventualidade, deem conselhos e amorosamente corrijam; o que equivale a dizer: colocar os alunos na impossibilidade de cometerem faltas» (Reg. art. 88).

No sistema pedagógico de Dom Bosco o verbo «educar» significa: salvar as almas do mal, fazendo-as conhecer e amar a Deus, não pondo obstáculo à ação de sua graça.

Significa restaurar no homem a imagem de Deus, formar uma humanidade iluminada pela fé, alentada pela esperança, santificada pelo amor.

O educador é, portanto, antes de tudo, um apóstolo e não um empregado.

Este sistema que se apoia todo na razão, na religião e no carinho, que exclui todos os castigos violentos e afasta até os leves, exige grandes sacrifícios da parte do educador, e Dom Bosco quer que estes, antes de tudo, se façam amar pelos alunos. É um sistema, pois, de bondade. Não porém uma bondade condescendente em tudo, que gera relaxamento e moleza, mas uma bondade firme e enérgica, pronta a premiar a virtude e a corrigir o erro.

O Salesiano educador tem de ser, portanto, um tipo equilibrado. Será um mestre, um assistente ideal quando souber temperar perfeitamente bem as duas virtudes primordiais do educador: **firmeza e bondade**.

Um Papa tomou por lema: «**Sit vigor, sed non exasperans; sit amor, sed non emolliens**»: firmeza sem aspeireza: amor sem moleza».

Santo Inácio diz que a melhor educação é aquela que é «suavemente eficaz e eficazmente suave».

São Francisco de Sales afirma que «o melhor governo é aquêle que se caracteriza por uma suavidade firme e uma firmeza suave».

Não se pode negar que a característica do P. Francisco como educador estava na admirável harmonia com que êle sabia entrelaçar a doçura com a firmeza. Tinha a firmeza de um diamante e a ternura de uma mãe. Como a sabedoria divina, êle agia **fortiter et suaviter**, com firmeza e com bondade.

Deus o dotou com estes dotes extraordinários de educador. Como Dom Bosco, foi no regaço materno que êle recebeu as primeiras lições de pedagogia. Cresceu na escola severa e terna de sua virtuosa mãe, robustecido principalmente na vontade, costumado ao trabalho e ao sacrifício. Jovem ainda, pôe-se em contacto com os Salesianos e, observador como era, vai aprendendo novas regras pedagógicas com o exemplo dos superiores. As aulas de pedagogia que o mestre lhe ministra no Noviciado põem em ordem suas idéias, ilustram seus conhecimentos e reforçam suas convicções.

Como assistente e como conselheiro escolar em Cachoeira do Campo, alcançou ótimos resultados em seus trabalhos. Como diretor em São João del-Rei suas atividades iam tomar um novo aspecto. É aí que nós vamos encontrá-lo na plena exuberância de um perfeito educador salesiano.

Como já dissemos êle se caracterizava pela bondade e pela firmeza.

«A firmeza — diz Gentilini — é aquela força moral mediante a qual o educador previne e reprime a desordem».

A firmeza do P. Francisco não era rigor, dureza, inflexibilidade, mas uma força de ânimo empregada pela razão para dirigir os meninos pela senda do bem e obrigá-los ao cumprimento dos seus deveres. Era uma firmeza saturada de bondade que nele estava para inspirar nos meninos um justo temor. Um temor respeitoso, necessário para poder conter a irreileição e leviandade da idade juvenil. Esta firmeza estava, porém, bem longe de ser severidade.

Tornava-se, às vezes, um pouco mais severo quando havia algum perigo da ofensa de Deus ou mesmo quando percebia algum deslize na disciplina dos alunos. Gostava de repetir o pensamento de Mons. Dupanloup: «A disciplina é a protetora da piedade e da fé dos nossos alunos, a guarda dos bons costumes, a defensora dos estudos, a inspiradora do caráter, a dispensadora e a tesoureira do tempo, o nervo de todo o regulamento».

No início do aspirantado, nos anos de 1940 a 1942, o P. Francisco tinha de fazer o papel de conselheiro escolar ao lado do de diretor. Todos os domingos aparecia no salão de estudo à noite, para ler aos alunos as notas de procedimento semanal e dar-lhes as merecidas observações. Era a hora em que o P. Francisco era mais temido. Suas repreensões eram sérias e graves. Poucas palavras, em geral, mas, às mais das vezes, suficientes para uma mudança de vida do repreendido. Falava mais com o olhar que com a boca.

Um clérigo salesiano, aspirante em 1940 nos dá a seguinte notícia:

«Em maio de 1940 entrei para o aspirantado de São João del-Rei que ainda funcionava na casa velha. Desde que conheci meu novo diretor P. Francisco, comecei a admirá-lo e a ter para com êle uma espécie de veneração. Em breve tempo êle me conhecia e entendia perfeitamente bem. Isto favoreceu a sua ação sobre mim.

«Tendo eu vindo de um ambiente diferente do aspirantado, tendia para uma espécie de relaxamento. Eu gozava com isto e pensava poder, dêste modo, alegrar os companheiros, sacrificando até a religiosidade do silêncio. Não sei onde iria parar se não fôsse o auxílio do P. Francisco. No salão de estudo eu costumava emitir certos chiados. Antes, eu respondia aos que ouvia. Outras vezes esticava um arame por baixo da carteira e, dêste instrumento improvisado, arrancava sons fascinadores e perturbadores.

«Chegou o dia da leitura de notas. A chamada do meu nome levantei-me tranquilo. O P. Francisco **olhou-me** por sobre os óculos e disse-me somente estas palavras: «Seu moço, cuidado com estes chiados no estudo». Confesso que não foram necessárias outras palavras. Aquêlê olhar valeu-me por toda a vida e, pela primeira e última vez, recebi uma observação em público».

O clérigo salesiano Antônio Corso que esteve ajudando no aspirantado de São João del-Rei, nas férias de 1941-42, assim nos escreve sobre o olhar disciplinador do P. Francisco:

«Quando êle passava pelo refeitório dos meninos, embora estivessem todos em conversas animadas, ficavam silenciosos à medida que o padre os fitava. Bastava, porém, que lhes sorrisse e voltava toda a alegria e animação.

«Em uma noite, embora fosse diretor, leu as notas de procedimento dos aspirantes. Os meninos sustinham até a respiração quando êles os fitava ao chamá-los. Como assistente pude observar a transformação que se operava nos meninos de um dia para outro.

«Outra vez estava eu dando aula de catecismo a uns 50 meninos do Oratório, na capelinha. Alguns sorriam um pouco o que me pareceu coisa natural, acostumado como estava com oratorianos menos disciplinados de outros lugares onde estive. Naquele momento chega o P. Francisco pelo lado de fora, à janela e vê os poucos brincando. Chamou-lhes a atenção e dirigiu-lhes tal olhar que ninguém mais se mexeu até o fim da aula.

«Chegou ao auge minha admiração no dia da distribuição de prêmios aos oratorianos. Ele, quase sozinho, pôs em ordem mais de 300 meninos em menos de meia hora. De cima de uma cadeira gritou no pátio com voz forte: «Os meninos que têm mais de 200 pontos fiquem nesta fila, os de 150 aqui, os de 100 nesta, e os de menos na outra». Bastou isto para que aquelas crianças, irrequietas até então, se dispusessem em silêncio, impressionadas por aqueles olhos negros que os seguiam daquela pequena altura».

Como professor exigia as lições bem sabidas. Se o aluno titubeasse demais, dizia-lhe: «meu caro, assim não serve; no fim da aula você me dê outra vez a lição mas bem sabida».

Mais do que no salão de estudo e nas aulas ele exigia disciplina no dormitório e na capela. Um seu aluno do curso de admissão de 1940 assim nos conta:

«Uma vez, ainda me lembro, era o dia 23 de maio de 1940, véspera da festa de N. S. Auxiliadora. Já estávamos os alunos na cama há alguns minutos, prontos a dormir à fraca luz da «vigia». Tendo o único assistente se afastado para fazer sua limpeza, puseram-se alguns meninos a tossir e pigarrear de propósito.

«O P. Francisco escutou de seu escritório que se achava debaixo do dormitório, subiu correndo a escada, acendeu a luz, e falou alto aos aspirantes mostrando-lhes o desgosto que davam a N. Senhora na véspera de sua festa. Depois disso todos se quedaram em perfeito silêncio.

«No dia seguinte, depois da Missa, ele passou pelo refeitório dos aspirantes a conversar com todos e com

o seu sorriso paternal. Era mesmo uma nota característica do P. Francisco: era enérgico na correção mas, obtido o efeito desta, tudo esquecia».

Um outro aspirante nos conta um pormenor de um passeio de um grupo de cantores à Colônia do Marçal, aprazível recanto de São João del-Rei. O assistente e o mestre de música não puderam ir, de forma que a cantoria, o harmônio e a banda estavam por conta dos próprios aspirantes que foram sós com o P. Francisco. O padre os assistiu o tempo todo mas teve de se afastar por alguns momentos para atender a algumas pessoas que desejavam se confessar. Deixou, pois, os aspirantes no côro da capelinha e foi à sacristia confessar os fiéis sem, porém, perder de vista os meninos

Depois de algum tempo percebeu que, no côro, alguns riam e conversavam. Saiu imediatamente do confessional, veio ao côro e repreendeu os aspirantes dizendo-lhes: «Vocês que deviam dar bom exemplo a este povo, ficam conversando e brincando aqui na igreja? Onde se viu um aspirante brincar na igreja?» Foi o suficiente para que todos ficassem em ordem e para que os aspirantes compreendessem ainda mais quanto o P. Francisco amasse a disciplina na casa de Deus.

Recomendava sempre aos assistentes muita vigilância em tôda a parte. O assistente salesiano não é um polícia mas um irmão mais velho que deve estar noite e dia ao lado dos meninos para prevenir qualquer falta. «Jamais aconteça, dizia êle, que, por descuido dos assistentes, os nossos meninos quebrem a disciplina e cometam faltas».

Ele gostava de viver em perfeita união com os assistentes. Sempre que voltava das viagens ia ao pátio conversar com êles e saber o que se passara em sua ausência. Dava sempre importância às suas queixas e os apoiava em tudo.

Dizia-nos muitas vezes: «O nosso sistema de educação é admirável mas é preciso que haja muita união entre os superiores. Se os meninos alguma vez percebe-

rem que não há entre nós um mútuo apoio, tôda a disciplina irá água abaixo».

Procurava satisfazer aos assistentes em tudo que podia. Sempre os deixou agir com certa liberdade de ação quando se tratava de animar as divisões, os recreios, incrementar o estudo e a piedade. Ouvia-lhes as propostas, corrigia alguma cousa e depois dizia com firmeza: «façam».

Quando queria trocar de divisão os assistentes conversava com cada um deles em particular para ouvir os prós e os contras e depois agia de modo a satisfazer a todos.

Era mestre abalizado no conciliar os ânimos dos dependentes e fazia-o sempre de modo a contentar a todos.

P. Francisco era um pai vigilante. Com um simples olhar pelo pátio tornava-se ciente das atitudes de todos os meninos e, muitas vêzes, contava aos assistentes cousas de que estes nem suspeitavam.

Trabalhando em seu escritório em horas de recreio levantava muitas vêzes a cabeça para ver como brincavam os meninos no pátio. Percebendo algum inconveniente corrigia êle mesmo, paternalmente, de seu escritório.

Tôdas as noites ante de se ir deitar passava por todos os dormitórios. Em noites de tempestade era êle sempre o primeiro a se levantar, precedendo os assistentes no fechar as janelas.

«O bom educador, dizia êle, é o Anjo da Guarda de seus alunos. Não há um só instante em que não tenha obrigação de velar pela sua conduta».

Sua vigilância era ativa em observar, pronta em corrigir mas sempre paternal, sincera, alentadora.

Bastava fixar seu olhar penetrante no distraído ou no leviano para pô-lo em ordem, estimulá-lo ao trabalho, ao estudo e à piedade.

O pensamento de ter desgostado ao P. Francisco era um dos castigos mais penosos para os seus alunos. Como pôde êle alcançar isto? Com sua inteira abnegação aos interesses deles.

«O exemplo, diz Alfani, tem toda a autoridade de uma ordem e, ao mesmo tempo, toda a doçura de um convite».

Sobre todas as idades tem o exemplo um poder maravilhoso, mas sobre a infância e a adolescência ele pode tudo porque os meninos creem muito mais o que veem do que o que escutam. «Não pensemos, diz Dupanloup, poder ocultar a seus olhos os segredos de nossa vida».

Quem é indulgente consigo não pode ser exigente com os demais. O inconstante não pode exigir a constância. Quem não toma a peito suas obrigações, em vão tratará de infundir nos seus alunos o sentimento do dever. Quem não é senhor de seus afetos não pode alcançar autoridade sobre os seus subordinados.

Tudo que o P. Francisco exigia dos salesianos e aspirantes, praticava-o antes ele. Daí a autoridade extraordinária da sua palavra: vinha sempre precedida do exemplo. Este exemplo ele estava sempre pronto a dar até em cousas mínimas.

Em 1940 quando começava nossa obra em São João del-Rei e só havia aí aspirantes vindo recentemente das próprias casas; P. Francisco pegava ele mesmo do escovão e punha-se a lavar o pórtico para ensinar aos meninos e estimulá-los ao trabalho com o exemplo. Ensinava os meninos a brincar brincando com eles e ensinava-os a trabalhar pegando também ele na enxada para capinar a horta ou desbarrancar os pátios.

Padre Francisco possuía o verdadeiro «self-control». Toda sua pessoa era bem controlada, seu caráter retíssimo, sua conduta irrepreensível. Este domínio de si aumentava-lhe ainda mais a firmeza e lhe dava uma autoridade realmente extraordinária. Sem dúvida o seu primeiro trabalho fôra a conquista de si. O homem que venceu a si mesmo vencerá facilmente os outros. Já dissera Públio Siro: «Queres ter um grande império? Manda a ti mesmo».

É preciso, porém, mostrar o outro lado da medalha,

o da bondade e da mansidão, o que faremos mais largamente no capítulo seguinte.

Logo que o Ginásio São João ganhou um conselheiro escolar em 1943, P. Francisco deixou para este a parte disciplinar da casa, as correções e repreensões. Sendo exclusivamente diretor podia incarnar mais a bondade, a mansidão, sem, contudo, desprezar aquela firmeza que também faz parte da bondade.

Sua mansidão nada tinha de artificioso. Era uma demonstração simples e espontânea do que êle sentia para com os meninos. As carícias de que êle usava eram um sorriso, um olhar mais meigo, uma palavra de animação. Tudo isso desinteressadamente, visando unicamente o bem dos meninos, era o suficiente para deixar todos satisfeitos.

O modo gentil e sorridente com que recebia os novatos deixava-os logo à vontade como se estivessem em casa.

Nos pátios, onde êle sempre estava quando não o prendia alguma obrigação, era sempre visto a conversar com um e com outro menino, dando algum conselho, consolando algum tristonho, ou então conversando com vários sobre os progressos da obra salesiana ou contando algum episódio interessante.

Não gostava de que os meninos o temessem e fazia todo o possível para fazê-los compreender que, quando corrigia, era para o bem deles. Aliás não era isto coisa difícil de se entender. Todos os aspirantes sabiam perfeitamente que no P. Francisco tinham um pai muito bondoso, entregue inteiramente ao bem de suas almas.

Durante três ou quatro anos deu aulas de Filosofia para alguns clérigos. Como bom professor gostava de preparar bem aula por aula, recolhendo-se antes ao seu quarto para recordar a matéria que devia explicar. Antes da aula rezava devotamente..

Como educador salesiano P. Francisco propagava grandemente a alegria.

A um clérigo de temperamento inclinado à tristeza

deu este mote: «Devo estar constantemente alegre e serenamente otimista».

Na parede, bem em frente à sua mesa de trabalho havia um quadro com a palavra ALEGRIA em letras brilhantes.

Queria recreios alegres e animados e brincava êle mesmo com os meninos quando as forças físicas o permitiam. Quando encontrava um menino parado no pátio, sem brincar, perguntava-lhe o motivo.

Não queria que os assistentes obrigassem os meninos a brinquedos aborrecidos. «O melhor, dizia, é dar aqueles jogos que êles mais apreciam; dêste modo todos participarão dos brinquedos e teremos o pátio movimentado».

Quem não lembra a alegria das animadas partidas de «barra manteiga», «comprida», «genovesa», «cajado», «guerra» e outros brinquedos tradicionais salesianos? Havia prêmio para o partido vencedor e para os jogadores que conseguissem mais vitórias para o partido. Houve um ano em que, talvez por causa da animação dos brinquedos, apareceram alguns meninos com braço quebrado. Parecia uma nova «epidemia». Alguém notou ao P. Francisco que talvez o demônio estivesse zangado com a animação dos jogos que o obrigava a «jejuar» nas horas de recreio. P. Francisco respondeu: «se for este o motivo, deixemos então que se quebrem os braços. É melhor entrar no Céu com o braço quebrado ou sem êle, do que ouvir as insinuações do inimigo e perder a felicidade eterna».

Nos passeios com os aspirantes em tempo de férias, P. Francisco queria muita ordem e alegria. Levava sempre a banda de música e fazia os meninos cantar frequentemente.

Quem esteve a seu lado nestas ocasiões, quem conviveu com êle por algum tempo, tem a certeza de que estava em companhia de um homem destinado a educar, a conduzir as almas para o Céu. Em tudo que fazia percebia-se esta finalidade: educar. Essa tendencia tão grande para a educação era, indubitavelmente, fruto do

seu zelo, daquele amor de Deus que ardia em seu coração e precisava ser transmitido aos outros.

O zelo! Era esta a primeira qualidade do educador que nele brilhava. É a principal, sem dúvida, pois quem não possui esta virtude não é feito para o ministério da educação por mais que tenha diplomas, ciência e erudição.

CARIDADE SEM LIMITES

«In hoc cognoscent omnes quia discipuli mei estis,
si dilectionem habueritis ad invicem».

(Jo 13,35)

«Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos,
se tiverdes amor uns para com os outros».

Padre Francisco deixava todos arrebatados quando falava da caridade, principalmente no sermão do Mandato. Recordava aí as mais belas passagens dos Santos Evangelhos que se referiam a esta virtude que êle chamava de «beleza peregrina e glória perene, o que há de mais excelso nas concepções do espírito e de mais afinado nos sentimentos do coração».

«A caridade, dizia êle, é a alma da vida cristã. Nosso Senhor nos deu o exemplo e nos disse: **In hoc cognoscent omnes...** Mandou também que amássemos os nossos inimigos. Não podemos amar a Deus se não amamos o próximo. Quem ama cumpre a lei; quem não ama permanece na morte».

Em uma conferência aos salesianos êle dissertou sobre as várias virtudes e falando da caridade disse: «essa deve ser a virtude predileta das casas religiosas porque é a virtude mais cara a Nosso Senhor, o mais poderoso atrativo da vida religiosa. Ela une os vínculos da vida de comunidade, afasta a tristeza, mantém o espírito de família, dá à casa religiosa um encanto de paraíso. Tôdas as virtudes têm os seus encantos, mas a mais bela de tôdas é a caridade, porque de tôdas é a rainha».

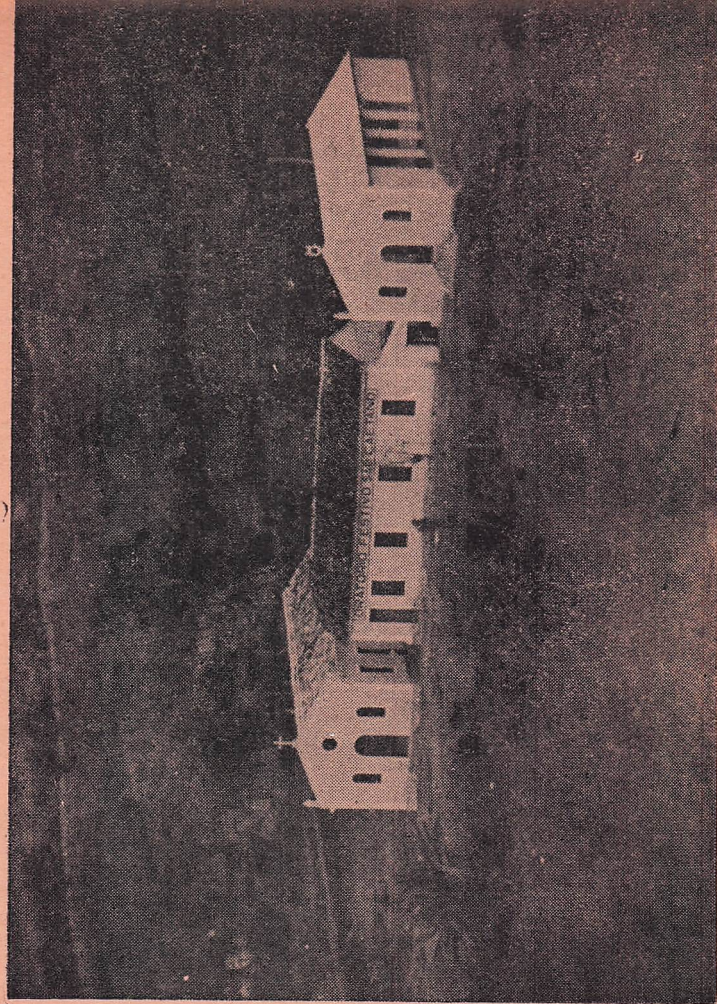
De seu amor para com Deus não o será preciso escrever mais nada. Tôda a sua vida foi um ato de amor de Deus. Amou-o desde os albores de sua existência, por êle deixou o mundo, a êle se entregou inteiramente com os votos religiosos, fêz-se seu ministro e para a sua glória se sacrificou em várias obras de apostolado.

«A caridade, diz Santo Agostinho, para alguns se inclina, para outros se eleva, é branda com alguns e com outros severa; mas de ninguém é inimiga, é mãe para todos» (De Catechizandis). Era assim a caridade do P. Francisco. Intransigente no corrigir e severo em afastar o mal; jamais, porém, alguém o teve por inimigo. Tinha para com todos a bondade e a doçura de uma mãe.

Esta bondade se manifestava principalmente nos «rendicontos» com os salesianos e nas conversas com os aspirantes em seu escritório.

Um seu aluno, hoje clérigo salesiano, nos escreve: «Padre Francisco foi sempre um pai carinhoso. Chamava os aspirantes para uma palestrinha no seu escritório e lhes falava como um pai, como um irmão mais velho. O mesmo acontecia nas conversas no pátio. Dirigia uma palavra a êste, uma pergunta àquêle, de modo que sempre admirei sua bondade paterna. Que dizer de sua delicadeza? Ele podia muito bem ser definido a delicadeza em pessoa. Uma delicadeza nobre que refletia sua união com Deus, o seu zêlo pelas almas».

«Quantas vêzes — escreve um outro clérigo salesiano — abatido pelo desânimo, pelas dificuldades, pelas tentações, triste e desorientado, eu como aspirante fui ao seu escritório afim de expor-lhe as minhas misérias. Logo ao entrar sentia-me transformado pêlo seu rosto alegre e sorridente. Expunha-lhe tudo e êle, sem perder sua serenidade de espírito, animava-me a seguir sempre sem medo a bela vocação que tinha recebido, indicando-me, com doces e paternais palavras, o seguro refúgio que é Maria Santíssima. Inculcava-me o pensamento: «Maria é minha mãe; a Ela recorrerei em tôdas as minhas dificuldades». Sim, o que devo ao P. Francisco é uma dívida que jamais poderá ser liquidada. Restituiu-me,



Oratorio Festivo São Caetano no
Bairro do Tijuco

CH. C. TORO AND CO. S. A. S. 1900
C. J. O. S. A. S.

muitas vèzes, com seus valiosos e santos conselhos, o mais precioso dos tesouros que há no Céu e na terra».

Sem escritório era um verdadeiro refúgio, um porto de consolação. Lá êle sempre estava para encorajar, animar e consolar. Um outro aspirante de 1946 escreve: «Quantas vèzes entrei naquela «camara caritatis» com o coração a bater fortemente como a querer escapar às cordas que o prendiam. Lá estava sempre um coração vivo a pulsar de afeto e amor. Êste tomava-me as dores para si e eu de lá saía contente, aliviado. O P. Francisco foi, nas mãos de Deus, um ótimo instrumento para me fazer o bem. Ainda me recordo do nosso primeiro encontro: a primeira vez que o cumprimentei retribuiu-me o cumprimento com um tão afetuoso, cordial e carinhoso sorriso que me senti grandemente atraído por êle».

Nestas conversas com os aspirantes êle os ia formando no genuíno espírito salesiano, dando-lhes normas seguras para triunfar dos inimigos da vocação.

Para conservar a vocação aconselhava a um deles: «confissão semanal, comunhão írequente e uma sólida devoção a Maria Santíssima».

Nas palestras com os mais crescidos punha-lhes à frente os perigos que poderiam encontrar, os meios de dominar as paixões nascentes e os modos de vencerem os obstáculos que se opunham à vocação.

Alguns lhe pediam santinhos no fim das conversas, no que eram sempre atendidos. Ficava êle muito atento a tudo que os meninos lhe diziam e, no momento oportuno, saía com esta: «isto mesmo: santidade é pureza». Como Dom Bosco êle não perdia oportunidade de inculcar esta virtude. «Uma vez, narra um postulante de 1946, num exercício da boa morte, estando eu na enfermaria, não pude assistir à conferência do Sr. P. Francisco. Logo que terminou esta, êle veio à enfermaria apresentou-me o trecho do livrinho «O Aspirante Salesiano» que fala da pureza (fôra o assunto da conferência) e me disse: **Hoc fac et vives**»

Seus modos afáveis e delicados ganhavam com facilidade os novatos.

«No dia 23 de março de 1943, narra um salesiano formado pelo P. Francisco, chegava eu, à tarde, à portaria do Ginásio São João com minha mãe e irmã. Não podia nem sequer falar porque tinha um duro nó na garganta. Entrava naquela tarde para o Ginásio São João. Foi me receber o padre risonho e meigo que anos antes eu conhecera no Grupo Aureliano Pimentel. Desta vez, sorrindo-me, abraçou-me e introduziu-me no santuário augusto do aspirantado salesiano. Naquele momento não podia compreender o que significa o sorriso daquele padre... Foi pois o bodoso P. Francisco que me ensinou os primeiros passos para uma vida mais santa, para uma vida toda de renúncias e sacrifícios. Oh! naquelas conversas tão de espírito salesiano em seu escritório, quanta coisa bonita aprendi d'ele... Só então pude compreender aquêlê sorriso que não era outro senão o sorriso de Dom Bosco que vinha até nós através do P. Francisco como nos vem um raio de sol através de um prisma».

Ao receber um novato um pouco tímido, dizia o P. Francisco a sorrir-lhe amavelmente: «Não receie. De hoje em diante esta é a sua casa. Esteja à vontade e bìnque alegremente».

«Um dia, nos conta um outro aluno, enquanto eu solitário derramava copiosas lágrimas, eis que escuto bem junto de mim uma voz a dizer-me: «filho, o que sente? Tem saudade? Tudo em breve passará e logo você estará contente». Olho e vejo bem junto de mim um rosto meigo e carinhoso e um sorriso paternal a acolher-me docemente. Daquele dia em diante vi nele a imagem de meus queridos pais que longe deixei e aquela sua primeira palavra foi um bálsamo para as minhas feridas».

P. Francisco tinha grande cuidado com a saúde dos salesianos e aspirantes. Tendo sido enfermeiro quando clérigo, adquiriu o hábito de ler o abatimento e mal-estar nos semblantes dos que o rodeavam.

A um salesiano dizia: «você está magro e abatido. Precisa de algum repouso? Não quer ir ao médico?» A outro clérigo que recebeu mais serviços no meio do ano

disse: «Vou lhe aumentar seis aulas por semana mas imponho a condição de que vá três vêzes por dia à dispensa para se reforçar, do contrário você não chegará vivo até o fim do ano».

Penalizava-o muito ver um salesiano ou um menino sofrer e tudo fazia para minorar-lhes as dores.

Tinha uma natural aversão a ver sangue e, como clérigo, desmaiou ao assistir uma pequena operação. Como diretor êle achou que era sua obrigação estar ao lado dos seus dependentes naquelas circunstâncias. Fez tal esforço que, nos últimos anos, assistia com calma a tôdas as operações, estando ao lado do paciente a confortar-lhe com sua presença e suas palavras.

Em 1942 um aspirante teve uma crise aguda de apendicite de tal modo que devia ser operado imediatamente, durante a noite. P. Francisco, ouvido o parecer dos médicos, acompanhou o doente até a mesa de operação; a tudo assistiu e aí passou a noite, vindo para casa no dia seguinte, deixando o menino assistido por outro salesiano.

No passeio que demos à hospitaleira e pitoresca cidade de Resende Costa, em princípio de 1945, um aspirante apareceu com alguns sintomas de pneumonia. P. Francisco fêz tudo o que pode por êle: chamou médico, colocou-o em lugar mais cômodo, ia visitá-lo sempre que podia e mandou que cuidassem bem dele. Era um pai carinhoso e dedicado.

Andando pela casa em hora de limpeza repreendia os meninos que trabalhavam sem cuidado pela saúde. Um aspirante de 1946 diz: «Recordo-me de seu primeiro aviso: «O' meu **nêgo**, não fique ajoelhado neste cimento frio que lhe pode fazer mal».

Tivemos um aluno que não tinha coragem de ir ao dentista para tirar um dente. Padre Francisco como um pai bondoso e paciente, deixou sua mesa de trabalho cheia de carta, para responder e contas para pagar e foi em companhia do medroso até a cadeira do dentista para aí assistir à «perigosa» operação.

Não é preciso multiplicar mais fatos para que

compreendamos a caridade paterna, doce e amável do P. Francisco.

E como êle sabia unir bem o papel de pai ao de irmão. Os salesianos que com êle conviviam não tinham entre êles e o P. Diretor nenhuma barreira. Ali estava um pai mas também um irmão franco, alegre, no qual se podia colocar tôda a confiança, com quem se podia desabafar nas horas de tristeza e brincar expansivamente, sem rodeios nem receios, nas horas de alegria.

Era, porisso, o diretor ideal, o diretor salesiano que sabe exigir o dever como um pai e sabe cativar a confiança e a simpatia dos dependentes fazendo-se irmão deles.

Em fevereiro de 1945 levou os aspirantes a passar as férias em Resende Costa. Por causa do mau tempo tiveram que permanecer por muitas horas em Coroas e só puderam tomar o caminhão quando já anoitecia, por uma estrada muito lamacenta. Era necessário fazer assim pois em Coroas não havia acomodações para todos os alunos que, ao invés, eram aguardados em Resende Costa. Padre Francisco foi com os maiores no primeiro caminhão e depois voltou para buscar os menores. Tal era a sua dedicação que não podia abandonar os filhos numa viagem um tanto perigosa. Só foi descansar à meia-noite quando todos estavam seguros.

Nas conversas com os meninos e salesianos mostrava sempre grande interesse para que nada lhes faltasse e quando se lhe expunha algo que pudesse redundar em bem da comunidade, anotava imediatamente e avisava na «boa-noite».

Preparou carinhosamente, em 1946, a primeira turma de clérigos para o noviciado. Fazia-lhes uma conferência semanal e recomendava-lhes insistentemente a caridade, a união com os outros companheiros. A última recomendação que fez a esta turma quando os deixou foi que evitassem a mínima conversa sobre regionalismo. Conselho dado muito a propósito pois, no noviciado, iam se encontrar noviços de vários estados e formados em diferentes aspirantados. Padre Francisco que os queria

todos unidos pelo vínculo da caridade fraterna não tolerava o regionalismo inútil e, quase sempre, pernicioso, destruidor que é da caridade fraterna.

Seu grande cuidado pela vocação dos aspirantes levava-o a ser intransigente em não deixar passar as férias em casa, segundo as normas dadas pelos nossos superiores. Diz um seu aluno, hoje clérigo: «P. Francisco era santamente rigoroso, pelo que me parece, em não deixar os aspirantes passar as férias com a família. Mãe até o chamava de «ranzinza» neste ponto. Havendo, porém, motivos graves, como a doença de papai e sua morte, um 1944, aconselhou-me e até mandou-me ir à casa».

Esta exigência outra coisa não era senão uma manifestação de seu amor aos aspirantes, do cuidado que tinha em preservá-los dos perigos do mundo.

Seus dependentes se sentiam todos satisfeitos aos seus cuidados. Tinham certeza de que possuíam um pai vigilante, alguém que velava por eles carinhosa e amorosamente.

«Vigiar, diz Lacordaire, é velar sobre alguém. Não se vela senão o que se ama. Vigiar é, antes de tudo, um ato de amor».

E no amor que o P. Francisco dedicava ao próximo estava seu distintivo de verdadeiro discípulo de Cristo: «Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns para com os outros».

COM OS COOPERADORES SALESIANOS

«Multitudinis autem credentium erat cor unum et anima una».

(Act 4,32)

«E a multidão dos que creram tinha um só coração e uma só alma».

Na família salesiana há um grupo de heróis que não podem jamais ser esquecidos: são os nossos cooperadores, aqueles que se sacrificam pelo crescimento da obra salesiana com sua esmola, com suas orações e com o seu trabalho.

São eles o braço direito dos salesianos em todo o lugar. Sem eles é impossível desenvolver uma obra porque a nossa Congregação vive de seus auxílios.

São vários os meios de cooperação. Aquêles que têm recursos pecuniários cooperam com o auxílio material. Outros, cujos afazeres lhes deixam algumas horas livres, trabalham com os salesianos, ajudando-os em suas inúmeras obras de apostolado. Outros que não podem tirar de seus bolsos a esmola ou dispendem algumas horas de seus trabalhos diários fazem propaganda de nossas obras e rezam por nós.

Todos estes são cooperadores salesianos. Pertencem à família salesiana, são também ramos desta gigantesca árvore plantada por Dom Bosco no formoso jardim da Santa Igreja Católica.

A casa salesiana de São João del-Rei sendo pobre e para meninos pobres, devia ser amparada pela caridade dos cooperadores. Com isto, de fato, contou o Sr.

P. Inspetor e com isto sempre contaram os salesianos que por lá passaram, conhecedores que eram da generosidade do povo sanjoanense.

Nosso Senhor, sempre bondoso, sabia suscitar inúmeras pessoas caridosas que vinham ajudar o P. Francisco naquela obra que então tentava crescer. Tudo naquela casa pequena era dádiva dos cooperadores. Foram eles que a mobiliaram e forneceram de tudo que parecia útil aos meninos e aos salesianos.

Esta generosidade dos primeiros cooperadores de São João del-Rei que nada deixavam faltar àquela obra incipiente fazia-nos lembrar a comunidade dos primeiros cristãos que se ajudavam mutuamente, unidos num só coração e numa só alma.

Logo após os primeiros meses de sua residência em São João del-Rei, P. Francisco escrevia uma carta ao Sr. P. Inspetor, contando-lhe algo da bondade daquele povo.

«Em um dia, escreve o P. Francisco, estávamos sem lenha para preparar o jantar e eu não sabia como nos iríamos arranjar. Eis que entra um caminhão pelo nosso portão e despeja uma grande quantidade de lenha em nosso quintal. Fiz ver que não tinha encomendado mas o portador dizia que tinha recebido ordem para lá deixar, sem contudo querer dizer o nome do remetente». Na mesma carta ele conta: «Precisávamos de uma máquina de escrever e eis que uma pessoa generosa nos comprou uma. Precisávamos de um piano para o clérigo Emílio ensinar aos aspirantes e eis que uma outra pessoa generosa nos comprou também um. Não tínhamos quem cozinhasse e uma «Mamãe Margarida» se prontificou a cozinhar para os nossos meninos».

O Sr. P. Inspetor costumava dizer que P. Francisco tinha um «jeitinho» especial para conseguir bons cooperadores. E tinha realmente. Quem não se simpatizava com aquele padre tão simples e humilde que nada pedia para si mas só para os seus meninos? Quem teria coragem de negar um óbulo diante daquele sorriso que

parecia mais do Céu que da terra, feito todo êle de caridade?

Nos primeiros anos do aspirantado o P. Francisco via-se obrigado, muitas vezes com sacrifício, a fazer viagens para pregar e confessar em paróquias distantes. Era um meio de que êle se servia para fazer bem às almas, atrair vocações e arranjar algumas esmolas para a casa. Por tôda a parte em que passava conseguia boas amizades e ótimos cooperadores.

Ao receber alguma oferta agradecia prontamente, enviando algum cartão ou mesmo algum presente como um bom livro ou algum objeto de arte que êle achava não condizer com a pobreza religiosa.

A gratidão sincera que êle manifestava a quantos lhe prestavam benefícios atraía ainda outras ofertas e novos amigos.

Entre estes amigos devemos lembrar mais uma vez a figura admirável do Sr. Nascimento Teixeira. Foi o nosso primeiro cooperador em São João del-Rei, pois já o era antes de irem os salesianos para lá. O Sr. Nascimento foi o verdadeiro amparo do Ginásio São João. Era um papai para os salesianos. Entrava em nossa casa e ia até a cozinha abrir as panelas e verificar se a comida estava sendo bem preparada. Não nos deixava faltar nada do necessário e, nas nossas festas modestas, fazia questão de alegrar os meninos com balas e guaranás. Os primeiros sapatos que calçaram os alunos da Escola Padre Sacramento foram presentes do Sr. Nascimento. Inauguraram-nos no dia do seu enterro. Era êle o nosso amigo de todas as horas. Cantava com os meninos as Vésperas aos domingos, conversava com êles nos pátios como se fôsse também êle salesiano. E o era de coração. P. Francisco venerava aquela figura de verdadeiro amigo e sofreu um grande abalo por ocasião de sua morte a 6 de agosto de 1943. Alguns meses depois quis colocar na sala de visitas do novo edifício o retrato do seu inesquecível amigo e cooperador, com a presença da família do extinto e diante de todos os alunos e salesianos da casa. Começou a dizer algumas palavras apropriadas ao

momento mas teve que fazer uma longa pausa pois que a comoção lhe embargava a voz.

O Sr. Nascimento não só cooperou diretamente tirando do seu bolso, mas ainda nos arranjou inúmeros cooperadores entre eles o Sr. Benjamim Ferreira Guimarães, cujo coração caridoso já era tão conhecido em várias obras de beneficência em todo o Estado de Minas. Ajudou grandemente na construção do Ginásio São João, no Santuário de São João Bosco, na Escola Padre Sacramento e ainda em outras obras salesianas.

Padre Francisco sempre que recebia alguma oferta deste bondoso cooperador comunicava à comunidade nas «boas-noites», pedindo as orações de todos por este que tão generosamente abria sua bolsa em auxílio dos meninos pobres e das vocações sacerdotais. Em 1947 faleceu o Sr. Benjamim Ferreira Guimarães. Mas como o Sr. Nascimento Teixeira deixou também ele aos filhos, como herança, um grande amor às obras salesianas.

Os filhos destes dois insignes cooperadores ainda hoje trabalham ao lado dos salesianos em São João del-Rei e alhures com seu auxílio material, com seu apoio fraterno e desinteressado.

Todos os médicos de São João del-Rei abriram as portas de seus consultórios aos meninos do P. Francisco. Se fôssemos citar nomes teríamos que nomeá-los todos. Trabalhavam com todo o carinho para os «meninos de Dom Bosco» como eles mesmos os chamavam. Estes, embora chegassem atrasados, eram sempre atendidos por primeiro. Mui frequentemente aquêle que se ia consultar voltava para casa com o remédio debaixo do braço sem ter gasto um tostão.

P. Francisco não perdia oportunidade para demonstrar sua gratidão a estes auxílios tão valiosos.

Em uma carta a um salesiano, filho do Dr. Martins Ferreira, médico nosso cooperador que se tinha mudado para Juiz de Fora, escreve: «Estamos sentindo aqui muita falta do Dr. Martins Ferreira, de sua amizade e de seu trabalho. Que ótimo amigo e cooperador não era ele para nós. Paciencia! Fiat voluntas Dei».

Visitando São João del-Rei tempos depois o Dr. Martins Ferreira manifesta por carta ao filho salesiano a impressão que teve do P. Francisco e de suas obras: «Quando estive em São João del-Rei aproveitei um instante e fui fazer uma visitinha ao P. Francisco Gonçalves. Que homem grande naquele corpo franzino! Só vendo o que êle tem feito no Colégio São João. É um gigante podes crer, meu filho! E como é bom! Como foi bom para com teu pai!»

Eram estas, em geral, as impressões que os cooperadores tinham do P. Francisco. Êle sabia fazer-se amigo de todos que dele se aproximavam.

Indo a Belo Horizonte hospedava-se em casa do Sr. Bernardo Vasconcelos, também cooperador salesiano, que dele nos dá a seguinte impressão: «Sempre humilde, alegre, com seu sorriso permanente e gostava muito de nos contar casos interessantes que nos faziam rir. Durante anos foi nosso hóspede e nunca nos aborreceu. Era pontual nos horários. Na doença da mãe foi de um carinho e dedicação que encantavam. Preocupava-se muito com o ensino de Catecismo de sua paróquia. Estava sempre pedindo informações de livros que pudessem orientar as catequistas».

Padre Francisco pedia insistentemente aos meninos que rezassem pelos cooperadores. Pedia-lhes ainda que procurassem viver sempre em tal estado de modo a atrair sempre as bênçãos de Deus sobre aquela casa afim de que nada lhe viesse a faltar do necessário.

Nosso Senhor mostrava-se contente com o procedimento dos aspirantes e sempre lhes mandava em auxílio pessoas generosas. Uma vez, em 1945, o P. Duarte Costa, salesiano, colega do P. Francisco desde o curso primário, deu uma «boa-noite» aos aspirantes, como Prefeito dizendo-lhes, bastante comovido:

«Eu estava em sérios apertos. Tinha que pagar hoje mesmo a importância de 6.000 cruzeiros e não tinha dinheiro em casa. Nossa Senhora Auxiliadora veio, porém, em nosso auxílio mandando-nos uma cooperadora que me entregou esta tarde um envoltório dizendo-me: são

para os meninos de Dom Bosco. Eu agradei e depois que ela se retirou abri o envoltório tirei o dinheiro e contei. Eram 6.666 cruzeiros! Como Nosso senhor é bom para conosco!»

Quem não vê neste fato a proteção visível da Divina Providência? Como veio aquela cooperadora que nada sabia das dívidas do Ginásio trazer a quantia necessária?

Por esta e por outras razões o Sr. P. Inspetor costumava dizer que a casa de São João del-Rei era a «casamilagre» da Inspetoria.

Em 1941 o P. Francisco inventou a cruzada do tostão. Todos os que dela faziam parte se comprometiam a dar um tostão por dia para as obras salesianas. Surtiu ótimo resultado entre os operários, os quais, de boa vontade, tiravam de seu ordenado aquele dinheirinho para os meninos de Dom Bosco, para as obras daquele padre que tão bem lhes queria. Padre Francisco agradecia a todos êles e muitas vêzes nas «boas-noites» ensinava os meninos a avaliar aquêlê sacrifício, a serem gratos àquêles operários e operárias e a rezarem por êles. «Que não aconteça, dizia, que os nossos cooperadores se sacrifiquem por nós e nós desperdicemos ou estraguemos o que êles nos dão».

A estes cooperadores P. Francisco mandava a seguinte circular em 1945, agradecendo-lhes o bem que vinham fazendo e pedindo-lhes que aumentassem o seu óbulo para 20 centavos diários.

«São João del-Rei, julho de 1945

Benemérito Cooperador,

Louvado seja N. S. Jesus Cristo!

Auguro-lhe e à sua família as melhores bênçãos de Deus.

Há muito estamos sendo beneficiados pela sua caridade com as suas contribuições mensais para meninos

pobres dêste Ginásio. Só N. Senhor é que lhe poderá pagar essa caridade.

Tenho o prazer de lhe informar que já são mais de 200 êsses meninos que aqui se preparam para o sacerdócio. Como vê, já duplicou o seu número. Por isso venho, com a presente, consultar se V. S. estará disposto, também, a duplicar a sua caridade, contribuindo com vinte centavos por dia ou sejam seis cruzeiros por mês para a Cruzada das Vocações em vez de dez centavos diários como caridosamente tem feito.

Estou certo de que N. Senhor duplicará também suas bênçãos para V. S. e sua querida família.

Conte sempre com as orações diárias desses duzentos meninos que estarão assim beneficiados com as suas esmolas.

Com todo o apreço e gratidão me professo,

seu servo em N. Senhor

P. Francisco Gonçalves».

Em 1943 iniciou êle uma campanha interessante, a que chamou «campanha das vacas». Pediu a vários cooperadores da vizinhança uma vaquinha para fornecer leite aos aspirantes e alunos da Escola P. Sacramento. Foi ótimo o resultado. Muitos fazendeiros se fizeram nossos cooperadores e amigos. Animado com êste resultado o P. Francisco escreveu uma outra circular mimeografada, em julho de 1945, que mandou também a vários amigos da obra salesiana em São João del-Rei. Suas palavras eram as seguintes:

«Exmo. Sr.

Respeitosas saudações.

Quem tem o prazer de se dirigir a V. S. é o diretor do Ginásio São João, de São João del-Rei.

Este Ginásio é destinado a educar meninos pobres para a carreira sacerdotal. Já temos aqui mais de 200 alunos internos formando-se para êsse fim. Visto que são todos pobres, o Colégio não tem renda fixa e se mantém pela caridade de pessoas caridosas que vêm em nosso auxílio numa obra tão bela e tão meritória como é essa, de cooperar para a formação de futuros sacerdotes e educadores.

Confiado porisso na sua conhecida bondade, venho com a presente fazer um apêlo à sua caridade, pedindo-lhe, também, um auxílio para os meninos pobres deste Colégio.

Esse donativo poderia ser em dinheiro ou em gêneros alimentícios como: arroz, feijão, milho, etc. ou alguma criação como: um bezerro, um porquinho, alguma galinha, etc.

Qual cousa que nos puder oferecer aceitaremos com muita gratidão e estes 200 meninos, agradecidos e beneficiados pela sua generosidade, irão rezar diariamente por sua intenção.

Nosso Senhor o recompensará por nós largamente, abençoando ao senhor, e à sua querida família, pois «quem dá aos pobres, empresta a Deus».

Com todo o apreço me professo
seu servo no Senhor

P. Francisco Gonçalves».

Estas palavras nos mostram a humildade do P. Francisco, seu amor à pobreza e sua simplicidade e franqueza que tanto agradavam às pessoas com quem êle mantinha relações.

Poucos dias depois êle comunicava ao Sr. P. Inspetor com seu costumeiro bom humor:

«Depois da campanha das vacas e das galinhas vamos iniciar agora a campanha dos porquinhos. É a luta pela vida...»

Com o grande aumento de alunos em 1945 agravou-se o problema das roupas para estes que, na maior parte, estavam em idade de crescimento. Além disso nossa capela, pobre, precisava ser melhorada com relação aos paramentos, toalhas e adornos.

P. Francisco que já conhecia a bondade de suas cooperadoras mandou-lhes uma cartinha em 16 de julho de 1945, convidando as costureiras a trabalharem para os meninos e para a capela. Eis as suas palavras:

«São João del-Rei, 16 de julho de 1945

Exma. Sra.

Respeitosas saudações.

Conhecedor de sua bondade e caridade, venho, por meio desta, fazer-lhe uma proposta ou um pedido.

Por motivo de economia e decôro da igreja fundamos aqui, no Ginásio São João, uma sala de costuras para alfaias para a igreja e roupinhas para os nossos meninos.

Sabendo que a senhora tem muita habilidade para tais trabalhos, venho consultá-la se a senhora poderia prestar o seu valioso concurso nesta «Sala de costura Dom Bosco», algumas horas por semana à sua escolha.

Se puder ficar-lhe-emos muito gratos por essa grande caridade que fará em benefício de nossas capelas e destes nossos meninos pobres, os quais rezarão sempre por sua intenção e N. Senhor lhe pagará por nós essa caridade.

Com todo o apreço me professo

seu servo no Senhor

P. Francisco Gonçalves».

O resultado desta nova campanha êle transmitia por carta ao Sr. P. Inspetor, pouco tempo depois:

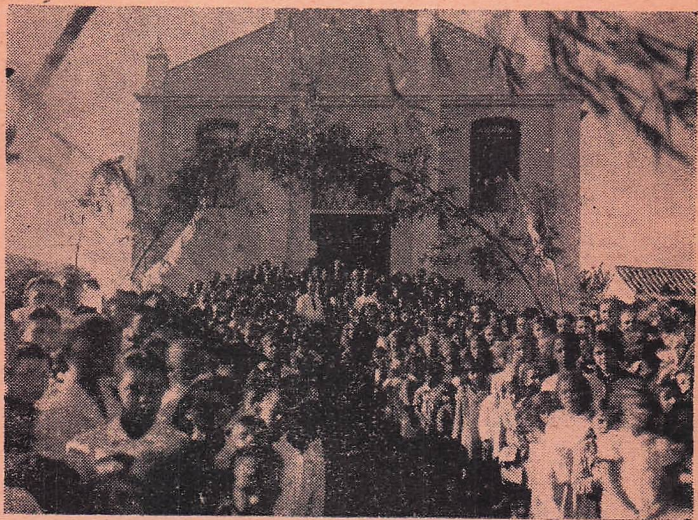
«Sr. P. Inspetor:

Já está funcionando a sala de costuras Dom Bosco com um bom número de cooperadoras e real proveito para a casa e para a capela. Compramos uma máquina, mas as operárias são muitas. O P. Inspetor está convidado a cooperar para essa sala de costuras oferecendo-nos mais uma máquina. (Tenho dito)».

Foi com êste «jeitinho», com esta habilidade tão sua característica que o P. Francisco soube angariar tão bons cooperadores e amigos para a obra salesiana de São João del-Rei.

Esta obra se ufana de pertencer aos cooperadores e estes, com razão, a consideram sua.

Cada tijolo daquela casa, cada ladrilho, cada parede, cada móvel é obra dos cooperadores. Mais ainda: todo cooperador poderá dizer aos futuros padres formados no Colégio São João e aos futuros moços da Escola Padre Sacramento: eu contribuí para a formação dêste sacerdote que vai dar nova glória à Igreja de Deus; eu ajudei a formação dêste jovem que será útil, a sua família e à nossa pátria!



Inauguração do Oratorio Festivo Sta. Teresinha

HUMILDADE E SIMPLICIDADE

«Nisi conversi fueritis et efficiamini sicut parvuli,
non intrabitis in regnum coelorum»

(Mt 18,3)

«Se não vos converterdes e não vos fizerdes como
pequenos, não entrareis no reino dos céus».

A humildade é a estrada do paraíso. Onde há humildade, diz Santo Agostinho, há grandeza, porque o humilde é unido a Deus. E a humildade não consiste em aparecer mesquinhos no vestir, no agir, no falar: mas em estarmos prostrados, com toda a mente, com todo o coração, com toda a alma, na presença de Deus, cônscios do nosso nada, implorando continuamente a sua misericórdia. Humildade é, antes de tudo, verdade.

O mesmo santo nos diz: «Na alma em que não há humildade não pode haver nenhuma outra virtude, a não ser que só de aparência. Esta é a disposição mais própria para que possamos receber todos os dons celestes. E é tão necessária para a perfeição que, entre todas as vias para chegarmos a ela, a primeira é a humildade, a segunda a humildade, a terceira a humildade. E se cem vezes fôsse eu interrogado a tal respeito, outras tantas responderia a mesma coisa».

Padre Francisco soube bem compreender o valor desta virtude. «A humildade, dizia êle, é virtude básica. Nosso Senhor assim nos ensinou: Se não vos fizerdes pequeninos não entrareis no reino do Céu».

Desde o aspirantado e o noviciado começou a fazer sérios esforços para vencer seu amor próprio, para com-

bater o orgulho, vício inato em todos os homens. Pedia insistentemente a Deus que o fizesse bastante humilde e gostava de se considerar como uma criancinha nos braços de seu Pai Celeste.

Em seu regulamento de vida feito em agosto de 1929 propôs-se com relação a esta virtude:

«1.º — Procurarei tôdas as ocasiões para me humilhar e mortificar o amor próprio.

2.º — Pensarei sempre na minha fraqueza e que nada posso sem o auxílio de Deus.

3.º — Evitarei falar de mim mesmo.

4.º — Esforçar-me-ei para não me desculpar ainda que tenha razão.

5.º — Agradecerei a Deus quando me mandar alguma humilhação.

6.º — Nunca procurarei sobressair ou aparecer diante dos outros.

7.º — Farei uma mortificação sempre que fizer um ato de amor próprio ou de vanglória.

Este esforço iniciado no ano de noviciado tornou-se norma prática de sua vida.

Fruto de uma sincera humildade era a sua piedade filial para com Deus, seu porte sempre modesto e recolhido, sua confiança ilimitada na Divina Providência. Atribuía a Deus todo o bem que fazia e dele esperava todo o auxílio para os seus empreendimentos. Sempre se julgou um pobre instrumento nas mãos da Providência.

«A medida que avançaes em humildade, diz Schrijvers, Deus fará brilhar a sua luz nas tuas trevas e verás os teus defeitos».

Em um quarto escuro não percebemos o desarranjo dos móveis e a poeira que pousa sobre eles. Basta, porém, que a penetre um tênue raio de luz e veremos grande quantidade de pó pelo ar. Padre Francisco, em sua alma iluminada pela luz do Espírito Santo, estava sempre a descobrir as mínimas partículas de poeira, destas imperfeiçõeszinhas que até os grandes santos tiveram.

Não satisfeito com seus exames de consciência e

com as descobertas que ele mesmo fazia, gostava de ser avisado de seus defeitos exteriores.

Em uma de suas «boas-noites» disse aos meninos: «Devemos gostar de que nos avisem dos nossos defeitos e é conveniente que sempre tenhamos um bom monitor para nos avisar. Eu sei que também tenho muitos defeitos e gosto de ser avisado. Para isto prometo dar um santinho para cada aspirante que me apresentar amanhã um defeito de que me deva corrigir».

No dia seguinte, embora fôsse grande a liberdade, que os meninos tinham com ele, um só aspirante se apresentou para lhe mostrar um defeito, ou antes, para ver se conseguia a estampa prometida.

Em fevereiro de 1945 os aspirantes passavam as férias em Resende Costa. Em certo dia notaram todos que a Santa Missa celebrada pelo P. Francisco estava um tanto vagarosa, bem diferente da dos outros dias. Após o café alguém lhe perguntou o motivo e ele, sorrindo satisfeito, respondeu: «Um menino me fez notar que eu, nos dias passados estava celebrando a Missa muito depressa. Porisso estou me esforçando por me corrigir». Depois daquele dia notamos todos que a sua Santa Missa foi sempre celebrada sem o mínimo sinal de precipitação. Foi uma bela lição de humildade que ele nos deixou.

No corrigir algum irmão ou aluno sentia-se um pouco constrangido e receiava fazer aparecer sua autoridade própria. Não dizia «eu quero assim, eu mando assim», mas procurava arrazoar, dizendo: «não está bem que você faça assim, é melhor se corrigir e fazer dêsse modo». Se tinha que usar a palavra «eu» nas «boas-noites» dizia sempre o «Padre Eu». Parecia-lhe que assim não era o seu «eu», o seu amor próprio que falava mas o padre, o sacerdote, o diretor.

Sua humildade demonstrava-se bem na sua submissão e obediência aos superiores. Nunca atribuiu a si poderes que não tinha. Pedia licença para tudo ao Sr. P. Inspetor. Frequentemente se submetia à vontade dos

sacerdotes que com êle trabalhavam, preferindo a vontade deles à sua.

Muitas vezes percebíamos que êle ia tomar tal providência e depois mudava de opinião. Iamos saber a causa e, geralmente, era esta: algum outro superior não estava de acôrdo e ele, de boa mente, tinha trocado seu parecer pelo daquele.

Não se agastava por nenhuma observação que se lhe fizesse, antes, muitas vezes retribuía com um sorriso amável e um muito obrigado.

Em 1941 estando êle sentado à mesa de seu escritório precisou tirar uma moeda da gaveta. Como era coisa de poucos instantes não se levantou para puxar a cadeira, mas, afastando o peito empinou a cadeira firmando-a sôbre os dois pés de trás. Nesse instante passa por aí o nosso irmão coadjutor Sr Antônio Santana que, familiarmente diz ao padre: «Padre Francisco, dêsse jeito essa cadeira não vai durar muito tempo». O padre, sorrindo, respondeu: «É verdade, seu Antônio, vou já trocar a posição». E lá se foi seu Antônio com as mãos juntas balançando a cabeça a dizer: «o santa povertà, o santa povertà...»

Em 1946 para chamar o porteiro usava uma campainha que, tocada em seu escritório, soava na portaria. Precisando de um recado urgente P. Francisco apertou o botão da campainha várias vêzes sem ser atendido. Em vista disso foi êle mesmo à portaria e repreendeu o porteiro que lá estava tranqüilo. Desculpou-se êste dizendo que a campainha não estava funcionando. Foi o suficiente para que o padre logo se serenasse e ainda lhe pedisse humildemente desculpas pela repreensão imerecida.

Tinha aversão às honras. Em 1941, seu segundo ano de diretor em São João, desconfiou que os salesianos da casa e alguns cooperadores planejavam uma festa em sua homenagem. Ele devia passar uns dias em São Paulo para o Certame de Catecismo e a festa do Sr. P. Inspetor. Na véspera da viagem chamou os três salesianos da casa ao seu escritório e aí, com uma seriedade

fora do comum, proibiu-lhes terminantemente fazer qualquer festa para o diretor naquele ano e nos anos seguintes, alegando os motivos de aquela casa não ser regular e que não era justo fazer festa num tempo de dificuldades. Um dos salesianos objetou que seria uma festa muito simples, sem gastos e que, além disso, fazia parte da tradição salesiana, aprovada por Dom Bosco e seus sucessores. De nada valeram tais argumentos. P. Francisco ficou ainda mais sério e exigiu ainda uma vez que nada se fizesse. Ninguém teve coragem de retrucar. Os salesianos voltaram cada um para o seu posto um pouco acabrunhados «com a viola no saco» como quem volta de uma festa que nem chegou a começar...

Estávamos tão certos de que aquela homenagem ia desgostar à sua humildade que, no ano seguinte, ninguém teve coragem de nem sequer pensar em festa do P. Diretor. Seria um mau pensamento aquele de querer fazer o P. Francisco contrair as sobranceiras e falar sério como naquela noite de novembro de 41.

Em 1943, inaugurado o Ginásio, havendo mais salesianos em casa, arriscou-se a preparar-lhe uma festa grandiosa aproveitando sua ausência.

Quando lhe foi tudo anunciado na véspera, suas feições contrairam-se tôdas como quem sente um grande desgosto. Mas como êle bem sabia que a humildade para ser verdadeira deve andar sempre unida à caridade, não teve coragem de recusar, pois tudo já estava preparado. Seria um desgosto geral para tôda a comunidade e para os meninos que ansiosamente vinham aguardando aquêlê dia. Disse que aceitava, não como homenagem à sua pessoa, mas ao Diretor da casa, ao representante do P. Inspetor, do Reitor Maior e de Dom Bosco.

Um aspirante que esteve com êle 5 anos, hoje clérigo salesiano, diz: «Nele víamos uma humildade verdadeira. Era-lhe difícil assistir à uma homenagem que lhe fôsse prestada. Lia-se-lhe no rosto o descontentamento em tais ocasiões. Terminado o triênio de diretor costumava falar que era preciso outro diretor. E quando alguém aludia ao desenvolvimento colossal que dera à obra

salesiana em São João del-Rei, não podendo negá-lo saía com esta: «até agora houve um diretor que deu um pouco de incremento às obras materiais; agora é preciso um outro que dê incremento às espirituais». Reservava dêste modo para si o menos importante».

Prevendo o grande aumento da nossa obra em 1943 com o início do curso ginásial, inauguração do novo edifício e Escola Padre Sacramento, P. Francisco sentia-se cada vez mais pequenino e incapaz de continuar como diretor. Embora fizesse tudo sãbiamente, achava-se sempre indigno de ocupar aquêlo cargo, ainda mais agora em que seria colocado num candelabro mais alto como diretor não de um curso de admissão de 40 meninos mas do Ginásio São João, de mais de 200 aspirantes.

Foram estes sentimentos que lhe inspiraram esta humilde carta que êle mandou ao Sr. P. Inspetor em 11 de agosto de 1942, após a visita inspetorial.

«Querido Sr. P. Inspetor.

Viva Jesus.

Pego-lhe permissão para fazer-lhe com esta um pedido que não saberia fazer a viva voz.

Visto que falamos algo sôbre a distribuição de pessoal para o próximo ano, também para o Colégio São João, venho respeitosamente mas **sinceramente e de coração** pedir a V. Revma. a **grande caridade** de me dispensar do cargo de diretor ao terminar êste ano que é o último do meu triênio, consoante a nomeação de Turim que tenho em mãos.

Creia-me, P. Inspetor, o motivo que me leva a fazer-lhe insistentemente êsse pedido, não é o desejo de me esquivar ao trabalho, mas é quase um motivo de consciência porque sinto dificuldades realmente grandes e quase insuperáveis no desempenho dêste cargo. Concedida esta graça que lhe peço, V. Revma. poderá dispor de mim para qualquer trabalho que puder fazer nesta casa ou em qualquer outra da nossa querida Inspetoria.

Queira desculpar a insistência dêste pedido que lhe faço porém com a liberdade e **confiança de filho**.

Aguardando a caridade de sua resposta com todo o afeto me professo seu in Corde Jesu,

P. Francisco».

A humildade do P. Francisco era aquela ensinada por São Francisco de Sales que «recusa os cargos mas não se obstina».

Não sendo atendido no seu pedido de remoção, não teimou, redobrou sim suas forças para levar sempre avante a obra grandiosa que os superiores lhe puseram em mãos. Qualquer observação dêstes era por êle acatada com prontidão e espírito verdadeiramente submisso.

Em 1945 escrevera ao Sr. P. Inspetor propondo-lhe algumas modificações na planta do novo lance de edificio que se estava construindo. Suas idéias, porém, não vieram de acôrdo com as do P. Inspetor o qual lhe escreveu reprovando os novos projetos.

Padre Francisco logo que percebeu que o P. Inspetor não estava de acôrdo lhe escreveu humildemente pedindo perdão e prometendo não mais dar palpites a respeito das plantas. Eis suas palavras:

«Querido Sr. P. Inspetor,

Laudetur Christus!

«Respondo hoje sua carta de 15 que me deixou um tanto **desconsertado** não pelo conteúdo, mas pelo teor da mesma, pelo qual percebi claramente a impressão que lhe causou a minha última carta. Mas percebendo a justiça de tudo, novamente **me consertei**. Pego, pois, me perdoe e prometo não inventar mais palpites a respeito de plantas. Bem razão tinha o velho poeta: **ne sutor ultra crepidam...**»

Sua humildade levava-o a considerar-se o servo de todos, estando sempre pronto a qualquer trabalho para

o próximo. Como diretor fez muitas vezes o ofício de enfermeiro. Em quase tôdas as cartas que escrevia assinava como «seu servo no Senhor».

Unida à sua humildade havia uma candura e simplicidade de criança. Com os meninos P. Francisco parecia um outro menino. Do mesmo modo que sabia manter uma palestra com as grandes autoridades civis e religiosas, mantinha conversas amistosas com os pequenos descalços e de camisa rasgada do Oratório Festivo.

Frequentava o Oratório São João em 1941 e 1942 um garoto de seus 7 anos que tinha tôda a aparência de um índio. Pele bronzeada, olhos arregalados, cabelos esticados e barrigudo. Os oratorianos chamavam-no «Bororo». P. Francisco sabia se abaixar com facilidade a êste pequeno. Quantas vêzes vimos os dois em prosas animadas e prolongadas como se fôsem dois coetâneos.

Um outro amigo do P. Francisco era o «Mussolini», tipo também de seus 7 anos, levado da breca, assíduo frequentador do Oratório desde o seu início. Era uma amizade grandemente necessária pois o tal «Mussolini» não obedecia a ninguém a não ser ao P. Francisco que tão bem o compreendia.

Foi com esta simplicidade que êle conseguiu atrair tantas almas juvenis para Deus, preservando-as do mal caminho e fazendo voltar outras já desencaminhadas.

Um aspirante, seu aluno por 4 anos, hoje clérigo salesiano, nos dá uma notícia que nos vem provar mais uma vez a sua simplicidade.

«Nas viagens e passeios P. Francisco conversava com os meninos como se fôsse um deles. Uma vez ia a São Paulo com alguns aspirantes para o Certame Catequístico. Cansado pelos muitos trabalhos dos dias anteriores e pela viagem longa, êle dormiu no trem, colocando a cabeça para trás e ficando com a bôca meio aberta. Querendo brincar com êle e movidos pela confiança que nêle depositavam, puseram-lhe um rebuçado na bôca. Quando acordou, tendo sabido do que se passara não se agastou, antes, riu contente como faria um menino de bom humor».

Seu porte tão humilde, simples e modesto impedia que pessoas estranhas vissem nele o diretor do Ginásio São João, o tão falado P. Francisco cujo nome em poucos anos tornou-se conhecidíssimo em São João del-Rei e em Minas Gerais.

Um dia chegou um senhor à portaria do Ginásio. Queria falar com o diretor. P. Francisco que o tinha atendido em lugar do porteiro disse-lhe «sou eu mesmo».

— «Como?» — disse o outro boquiabrindo-se, bastante admirado — é o senhor? Desculpe-me então; eu pensava que o diretor fôsse um padre de mais... **competência**».

O nosso amigo queria certamente dizer de mais **aparência** ou **imponência** mas ficou tão admirado diante daquele diretor moço e simples que usou mal o termo **competência**.

P. Francisco contou-nos graciosamente êste episódio na «boa-noite», tirando dele motivo para se humilhar, referindo-se à sua suposta **incompetência**.

Nas vésperas da semana santa chamava o clérigo professor de música ao seu quarto e aí, ainda com mais simplicidade que uma criança, cantava vários **oremus** e entoava algumas antifonas pedindo ao clérigo que lhe corrigisse os erros. Apenas corrigido, êle, como o mais aplicado e humilde aluno repetia a entoação, às mais das vêzes sem nenhum resultado pois sua voz não era das mais afinadas.

Sendo um dia elogiado pelos esforços que fazia para executar dignamente o canto sacro, êle respondeu sorrindo: «Que fazer? Eu gosto da música mas ela não gosta de mim...»

Padre Francisco deixava qualquer pessoa sem cerimônia à sua presença. Entre encontrar-se com êle uma vez e ser seu amigo não havia diferença. Conversava com os pedreiros da construção, com os carreiros da estrada, com os velhos do Albergue, com os operários das fábricas, com os meninos do oratório, com os cooperadores e cooperadoras importantes, com a maior natu-

ralidade, amoldando-se facilmente à mentalidade de cada um.

Esta humildade e simplicidade sinceras eram, sem dúvida, o imã admirável com o qual ele atraía Deus até sua alma, pois, diz Sto. Agostinho: «Deus é alto: se tu te elevas Ele foge de ti; se tu se humilhas, Ele desce a ti».

Eis porque no sorriso, no olhar e no trato do Padre Francisco havia tantos vestígios da bondade de Deus. Ele era humilde. Deus morava nele e lhe inundava o coração de suas graças sem fim.

SACERDOTE ZELOSO E TRABALHADOR

«Ego autem libentissime impendam et superimpender ipse pro animabus vestris».

(2 Cor 12,15)

«Eu de mui boa vontade darei o que é meu, e me darei a mim mesmo pelas vossas almas».

Padre Francisco parecia vivamente compenetrado daquelas palavras de Sto. Agostinho: «Ó dignidade sublime do sacerdote, em cujas mãos o Filho de Deus se reveste de carne, como no seio da Virgem».

Nas «boas-noites» e conferências muitas e muitas vezes deixou transparecer estas suas convicções.

Esforçava-se sempre para ser um sacerdote piedoso, instruído e zeloso, certo de que o padre que possui estes três dotes coopera grandemente para — a glória de Deus. Pela santidade pessoal alcança a própria salvação, edifica o próximo; pela ciência esclarece os fiéis; pelo zelo torna-os participantes da preciosa herança de Jesus Cristo.

«Mais puras que os raios do sol, diz São João Crisóstomo, hão de ser as mãos que dividem a carne de Cristo, a bôca que se inflama em fogo espiritual e a língua que se empurpura no sangue adorável do Deus feito homem».

Para o P. Francisco o sacerdote devia ter essa pureza de Anjo mais resplandescente que os raios do sol. Sempre que falava do sacerdócio falava da virtude angélica porque não se compreende aquêle sem esta.

Já falamos em outro capítulo do como esta virtude

brilhava em toda a sua pessoa. Ele era, na verdade, um sacerdote angélico.

Achava, e com razão, que o padre deve ser um santo. Não perdia por isso a menor oportunidade para praticar atos de virtude para agradar a Deus, para se santificar sempre mais e fazer maior bem às almas.

Acolhia bem e praticava o conselho de São Bernardo: «Honrarás teu ministério com a gravidade de teus costumes, a sabedoria de teus conselhos e a honestidade de tuas ações. Isto é o que enobrece e adorna infinitamente o ministério».

Estava sempre disposto a qualquer sacrifício pelo bem das almas e não admitia a mínima perda de tempo no serviço divino.

«O pouco que lidei com ele, nos diz o P. Luiz Girola Carlos, Vigário de Barroso, somente pude aprender a reta intenção em todos os atos, fazendo-se tudo para todos em Nosso Senhor e sem perda de tempo. Notei sempre que o P. Francisco era o mesmo para grandes, pequenos, ricos, pobres... sempre delicado e atencioso, de larga visão, não deixando escapar nada».

Seu espírito de fé tornava-se bem visível quando falava da dignidade sacerdotal, da grandeza da Santa Missa e quando administrava os Sacramentos.

Fazia tudo isso com grande recolhimento e a máxima seriedade, compenetrado de que agia como verdadeiro ministro de Cristo.

Dizia que o bom padre deve pregar sempre. Por isso ele nunca se calava quando podia ou devia corrigir.

«Em 4 de novembro de 1946, narra um seu aluno hoje clérigo, fomos a São Paulo para o Certame Catequístico com o P. Francisco e paramos em Lavras (Minas). Passando diante da capelinha de N. S. Auxiliadora, encontramos um grupo de meninos que jogavam futebol. O P. Francisco voltou-se para um que não estava convenientemente vestido e lhe falou: «Que é isto, menino? Ponha camisa! Parece índio!» Mais adiante um pouco, disse-nos o Sr. P. Francisco: «Viram? Assim é que deve ser o padre: pregar **opportune et importune**». Voltando



O Colegio S. João em 1950

de São Paulo reparei que os meninos, jogando como antes, estavam bem vestidos».

«Fazia com gosto qualquer trabalho do ministério sacerdotal. Num passeio da banda à Colônia do Marçal — nos conta o mesmo clérigo — acompanhei-o a levar os Santos Óleos e o Viático a um enfermo grave. Na ida para a casa do doente êle ia muito recolhido e rezava no Breviário. Acompanhei a administração da Extrema Unção. O enfermo confessou-se e comungou. Saindo daquela casa externei ao P. Francisco a boa impressão que me deixara aquêlê acontecimento. Disse-lhe que ficara comovido e animado na vocação. Êle me respondeu: Viu como é bonita a missão do padre?»

A expressão mais viva do seu espirito de fé era o seu zêlo extraordinário pelas almas.

«O zêlo, diz Sto. Tomás, provém da intensidade do amor». Ê o amor dinâmico. Quem mais ama a Deus mais necessidade tem de se desdobrar em obras de zêlo.

O zêlo do P. Francisco era aquêlê ensinado por São Francisco de Sales no Tratado do Amor de Deus: «constante, firme, doce, laborioso, amável e incansável, nunca turbulento, afanoso, insolente, soberbo, colérico, passageiro, impetuoso ou inconstante».

Como Dom Bosco êle parecia anelar reunir todos os meninos do mundo para ensinar-lhes o Catecismo e fazê-los amar a Deus.

Nas viagens e nos passeios não perdia oportunidade para inculcar o ensino da Doutrina Cristã e recomendar os bons costumes.

«Um padre é sempre padre, dizia Dom Bosco, e tal se deve manifestar em tôdas as suas palavras. Ora, ser padre quer dizer: ter por obrigação, continuamente em vista o grande interêsse de Deus, isto é a salvação das almas. Um sacerdote não deve jamais permitir que alguém dele se afaste sem ter ouvido uma palavra que manifeste o desejo da salvação eterna de sua alma».

Era êste o teor de vida do P. Francisco como sacerdote. As crianças, principalmente, nunca deixava de lhes inculcar um bom pensamento e dar-lhes um bom

conselho. Perguntava-lhes, como Dom Bosco, o nome, a idade, se já tinham feito a primeira Comunhão, se sabiam o Catecismo e cousas semelhantes. Aos que terminavam o Grupo Escolar perguntava se não queriam ser padres.

Viajando certa vez com um grupo de aspirantes passou pela estação de Aureliano Mourão (Minas). Veio a êle um grupo de meninos da rua pedir dinheiro para comprar uma bola. P. Francisco conversou um pouco com êles e só lhes deu dinheiro quando lhe prometeram que iriam ao Catecismo.

Seu zêlo sacerdotal era também bastante visível quando, nos sermões ou na aula de Religião, falava do Céu. Parecia querer arrebatar todos para a Pátria Celeste.

Um outro clérigo, seu aluno em 1945, nos conta: «Cursávamos o terceiro ano ginasial. P. Francisco era o nosso professor de Religião. Nossa lição daquele dia eram os últimos artigos do Credo. Quando chegamos ao último dêles que fala da vida eterna, P. Francisco, depois ter tomado a lição de quase todos, como era de costume, nã-la explicou. Depois de nos ter falado admiravelmente do Céu nos disse: «Será que todos nós iremos para o Céu? Irei eu, irá você, você, você...» e ia apontando todos os alunos e dizendo-lhes os nomes. Depois acrescentou: «Espero me encontrar com vocês todos no Paraíso!»

Foi o seu zêlo pelo ensino do Catecismo que o levou a organizar e fundar os 3 Oratórios Festivos de São João del-Rei. O último deles, o de Santa Teresinha, foi objeto de suas atenções nos últimos meses de sua vida, sendo inaugurado poucos dias antes de sua morte.

Muitas vêzes os aspirantes o viram do lado de um dos pátios, com o olhar perdido lá em baixo, ao longe. Fitava o terreno em que se construiria a capela e parecia já vê-la pronta, rodeada de crianças em santa algazarra.

Sabia entusiasmar grandemente os meninos para os Certames de Catecismo. Queria que as provas finais se realizassem com tôda a solenidade, com música, de clamação e valiosos prêmios para os vencedores. Ele mesmo os acompanhava até São Paulo para o certame inspetorial.

Nas sessões acadêmicas catequísticas falava entusiasticamente do Catecismo e gostava de citar os formosos versos de Amélia Rodrigues do Hino à Doutrina Cristã:

«Do oceano da vida no abismo
Não receio jamais naufragar,
Se os preceitos do meu Catecismo,
Eu, bem firme, cumprir e guardar».

Para os Certames dos Oratorianos ia êle em pessoa aos Grupos Escolares convidar os meninos para concorrerem, não perdendo a oportunidade de mostrar-lhes o grande valor da Doutrina Cristã.

Logo que tomou posse da Paróquia de São João Bosco, como vigário, em 19 de março de 1946, seu primeiro pensamento, conforme êle mesmo disse a alguns paroquianos que o foram visitar, foi organizar um Centro Catequético, reorganizando e intensificando os sub-centros já existentes (5) e fundando outros (10). Realizou plenamente êsses projetos.

No mesmo mês de março reuniu algumas catequistas, traçou os planos de organização do novo centro encerrando a reunião com estas palavras: «Que a sementinha hoje lançada se torne uma árvore gigantesca e frondosa, à cuja sombra se venham abrigar e de cujos frutos possam aproveitar todas as criancinhas da Paróquia».

Quatro dias depois desta reunião, empossava a diretoria do Centro e fazia a primeira reunião para as catequistas.

Dentro de pouco tempo a árvore crescia e se agigantava, produzindo os mais consoladores frutos, concretizando admiravelmente o augúrio que êle fizera no termo de abertura do livro de atas do Centro Catequético: «Fazemos votos que êste esperançoso Centro Catequético produza os mais consoladores e copiosos frutos de sólida instrução religiosa, de virtude feita de convicções e de

piedade sincera para o Conselho dirigente dêste Centro, para as zelosas e dedicadas catequistas e para milhares de crianças, porção eleita de Nosso Senhor, que por êste Centro da Doutrina Cristã hão de receber os saluta- res influxos dos sublimes ensinamentos do Catecismo».

P. Francisco era incansável no seu apostolado. Percorria a paróquia de um a outro extremo, animando, consolando, advertindo. É êste o testemunho de seus paroquianos. Os centros de catecismo ficam em pontos bem distantes. Para visitar muitos dêstes centros, o que fazia constantemente, tinha que fazer longas caminha- das a pé, ou a cavalo, no trezinho de subúrbio ou de barca na travessia do rio.

«Fazia tudo isso rindo e brincando, narra uma cate- quista, nunca se mostrava cansado ou contra-feito. Sabia lidar principalmente com a gente simples do campo que o idolatrava e, muitas vêzes, rodeado pelas crianças do catecismo, distribuindo balas e palavrinhas boas, parecia Dom Bosco. Muitos paravam para contemplar aquela cena».

Mostrava-se ainda pastor atento e zeloso nas suas visitas aos Grupos Escolares e Escolas isoladas da Pa- róquia, onde fazia reuniões para as professoras, estimu- lando e incentivando o ensino religioso.

Uma dessas professoras nos conta que êle «acom- panhava de perto o ensino do Catecismo nas escolas da Paróquia, chegando a enviar semanalmente às professo- ras planos de aula de religião, ou melhor, verdadeiras lições escritas, deixando-lhes apenas o trabalho de expli- cá-las às crianças».

Uma vez por semana enviava um padre às escolas afim de dar aula de Catecismo aos alunos.

No fim do ano promovia uma festa para o encer- ramento do ano letivo dos Grupos Escolares. Celebrava a Santa Missa por intenção das crianças e professoras. Ao Evangelho, com palavras repassadas de bondade, dirigia-se às crianças, ensinando-lhes como passar bem as férias. Nesta Missa todos comungavam e, finda a mesma, distribuía lembrança para todos.

Essa dedicação constante pelo Catecismo que êle declarava sempre ser a obra mais importante da Paróquia, não excluía o seu desvêlo intenso pêlas outras associações paroquiais como: alguns círculos preparatórios de Ação Católica, Filhas de Maria, Congregação Mariana, Associação das Mães Cristãs, Apostolado da Oração, Arquiconfraria de Nossa Senhora Auxiliadora e outras associações religiosas.

Com tantas obras de zêlo e ainda mais com a direção do aspirantado mal se pode compreender como o P. Francisco desse conta de tanto trabalho. Acrescentese a isso a sua pouca saúde e seu corpo tão franzino.

Ê que êste padre, como Dom Bosco, desejava morrer no trabalho. Era o sacerdote zeloso e trabalhado-que de mui boa vontade dava o que era seu e dava-se a si mesmo pelo bem das almas.

Êle gostaria, como falou uma vez, que no frontispício de nossa casa se escrevesse o que se lia na frente da casa de Santa Joana D'Arc: **viva o trabalho!**

Para êle os principais títulos de nobreza de um religioso deviam ser: pobreza, recolhimento e trabalho.

Nas «boas-noites» e conferências gostava de lembrar que «o trabalho e a temperança farão florescer a Congregação Salesiana».

Quantas vêzes nos repetia aquêle brado de Dom Bosco que êle tão bem realizou: «quando se disser que um salesiano morreu no trabalho então se poderá dizer que a Congregação conseguiu um grande triunfo».

Em um seu caderno de conferências deixou transcrito o seguinte diálogo do volume VII das Memórias Biográficas de São João Bosco:

«Um benfeitor disse a D. Bosco: Seus filhos trabalham demais.

— Viemos à Congregação para trabalhar.

— Está bem, mas a corda demasiadamente tesa se rompe. Êles precisam de vez em quando um pouco de descanso.

— Descansarão no Paraíso.

— Entretanto pelo excesso de trabalho êles perdem a saúde.

— Não é uma perda, é um ganho.

— Mas não vê que muitos estão abreviando a vida e morrerão moços?

— Tanto melhor. Receberão o prêmio mais depressa. Feliz de quem morre por tão nobre causa».

Dir-se-ia que o espírito de trabalho do P. Francisco foi todo êle informado por estas palavras do nosso Pai e Fundador. Tão cuidadoso para que os irmãos não trabalhassem demais, entretanto, todos que o conheciam bem sabiam que êle parecia ter vindo à Congregação só para trabalhar... que desejava descansar só no Paraíso... que considerava um ganho perder a saúde no trabalho... que achava melhor morrer cedo por causa do trabalho e que se sentiria feliz se morresse por tão grande causa.

Repetia com frequência que o trabalho é uma fonte de alegria e, não só, mas de santidade. Recomendava insistentemente o trabalho santificado e dava o exemplo rezando sempre que entrava em seu escritório e ao terminar as ocupações. Não queria que os salesianos e aspirantes perdessem alguma vez o tesouro das indulgências do trabalho santificado.

Em uma conferência dizia: «Trabalho e oração são uma cousa só. O trabalho é oração e a oração é trabalho. O trabalho de nada vale para a eternidade se não estiver unido com a oração; e esta para que seja aceita por Deus exige o exercício de tôdas as faculdades da alma. O trabalho e a oração são inseparáveis e devem andar **pari passu** na vida ordinária».

Não é preciso citar aqui o exemplo de sua vida laboriosa. A história de sua vida é a história de seu trabalho porque, para êle, viver significava trabalhar.

Do Padre Francisco se pode muito bem fazer o elogio que fêz de Dom Bosco o P. Caviglia: «Não é exagerado dizer que êste homem não conheceu outro repouso que o da tumba».

Sua vida foi, para todos nós que convivemos com
êle, um rosário intermimo de trabalhos e sacrificios.

Jamais pediu aos superiores que o mandassem
descansar. Dizia, sim, que seu trabalho era demasiado
mas nunca pediu que o diminuíssem. Se desejava livrar-
se do cargo de diretor, não era para se poupar ao tra-
balho mas unicamente porque temia a responsabilidade
que tal cargo lhe acarretava. Sentia-se indigno, incapaz,
incompetente. Tudo isso se chama humildade mas nunca
frouxidão.

SEUS SERMÕES, CONFERÊNCIAS E «BOAS-NOITES»

«Ecce exiit qui seminat seminare».

(Mt 13,3)

«Eis que um semeador saiu a semear».

Outra manifestação do zêlo do P. Francisco era seu amor à pregação.

Santo Agostinho diz que «a palavra de Deus não é menos importante que o corpo de Cristo».

Santo Tomás ensina que a boa pregação deriva da plenitude da oração e o P. Mateus Crawley diz que «o apóstolo é um cálice transbordante da vida de Jesus Cristo, cujo excedente se espalha sobre as almas».

Por aí se vê que o bom pregador é aquele que possui a vida interior, a união com Deus.

Os sermões do P. Francisco outra coisa não eram, pois, senão o transbordamento daquela vida de união com Deus que constituía o seu paraíso aqui na terra. Era também porisso que falava tão espontaneamente, quase sem nenhum esforço, pois «a bôca fala do que está cheio o coração» (Mt 12,34).

A força de sua pregação estava na vida interior e na oração. Antes de pregar recolhia-se ao seu quarto e rezava devotamente. Nunca subia ao púlpito sem rezar uma Ave Maria. Seguia a norma de Sto. Agostinho que diz: «o pregador deve ser antes orador que locutor (*orator antequam dictor*), e deve fortificar o fervor com a oração quando se aproxima o momento de pregar, afim de que seu discurso não seja outra coisa senão uma efusão de santos afetos tirados da oração».

Sua voz era bastante forte, clara e grave. Falava pausadamente e com ótima dicção. Seus gestos eram moderados. Notava-se nele, sobretudo, uma grande naturalidade e facilidade para se adaptar a qualquer auditório. Contava, com frequência, fatos do Antigo e do Novo Testamento.

Para os aspirantes, sendo quase todos eles ginasianos, enfeitava um pouco o português e gostava de citar muitas frases latinas das Sagradas Escrituras, dos Santos Padres ou da Imitação de Cristo. Não o fazia, porém, por ostentação mas por fim educativo e pelo amor que tinha aos textos latinos dos livros sagrados.

«Uma vez, narra um aspirante, contei dezenove frases latinas que o P. Francisco citou em um só sermão. Depois da Missa disse-lhe isto no pátio. Ele me respondeu: mas você aproveitou?...»

Era muito procurado para a pregação de tríduos e retiros na cidade e fora. Não podia, porém, aceitar todos os pedidos por causa dos afazeres que o prendiam em casa ou na paróquia.

Em uma cidade do interior pregava ele uma meditação sobre a morte num retiro espiritual quando, durante a prédica, entrou um féretro na igreja. P. Francisco sem titubear continuou a falar, adaptando-se às circunstâncias: «Ouvi, meus irmãos, a eloquência muda deste corpo que aí jaz. Ele nos diz: fui o que sois, sereis o que eu sou...» Os retirantes disseram que jamais ouviram uma tão salutar pregação sobre a morte como aquela do P. Francisco.

Era frequentemente convidado para pregar os sermões da semana santa e das dores de Nossa Senhora. Falava com uma unção toda especial da Paixão de Nosso Senhor e das dores de Maria. Demonstrava como seu coração sabia sentir os sofrimentos atrozes por que passou o nosso divino Salvador. E estes sentimentos sabia ele muito bem transmitir aos fiéis que saíam da igreja compungidos.

Falando aos soldados numa Missa pelas vítimas

da última grande guerra fazia-os ver que quem não serve a Deus também não pode servir à pátria.

«Com efeito, dizia, não pode amar a pátria quem não ama a seu próximo, porque a pátria não é o indivíduo, mas o conjunto dos indivíduos, vinculados pelos estreitos liames da fraternidade. Não pode amar a pátria quem não ama a Deus, porque o patriotismo ou amor de pátria é cumprimento do dever, é ordem, é respeito mútuo, é obediência às leis e às autoridades. Ora, não cumprirá seus deveres para com a pátria quem não souber antes cumprir seus deveres para com Deus, o Senhor da pátria».

Em suas instruções para o povo percebia-se que sua primeira preocupação era fazer-se entendido. Falando da confissão assim arrazoava: «Alguns dizem: não me confesso porque depois pecarei de novo. Então você não deveria comer porque amanhã terá que comer novamente. A confissão não exige a impecabilidade mas o desejo de não mais pecar. Outros dizem: eu não tenho pecado; não mato, não roubo, não desejo mal... Mas se até as almas piedosas, religiosas que levam vida santa, sempre acham faltas para acusar, e você, no meio do mundo não encontra faltas? Dizem ainda outros: eu não me confesso porque o padre se zanga. Ora, o padre não pode se zangar porque nós não o ofendemos... Meus irmãos, do mesmo modo que pela pedra de toque se distingue o verdadeiro do falso ouro, assim pela pedra de toque da confissão é que se distingue o verdadeiro do falso cristão. A confissão, continuava, é o túmulo dos vícios, a mãe das virtudes, o remédio poderosíssimo e eficaz para curar todos os males da humanidade...»

Algumas vezes fazia perguntas inesperadas ao auditório: «No Calvário havia três grupos de pessoas; umas piedosas, outras curiosas e outras perversas. A qual destes grupos pertencemos nós?»

Suas conferências aos salesianos, aspirantes e associações paroquiais eram sempre práticas. Seu falar era muito simples. Dava de início alguns avisos e logo em seguida entrava no assunto. Reconstruindo essas confe-

rências, principalmente as que fazia aos salesianos, poderemos muito bem descobrir aí seu perfil de sacerdote e religioso salesiano.

Embora muitos pensamentos expostos nestas confissões ele os tenha tirado de vários livros de formação espiritual, especialmente do «Vade mecum» do P. Júlio Barberis, refletem, no entanto, suas idéias dominantes e nos traçam a regra do seu viver, pois tudo o que ele ensinava, praticava antes.

Falando da meditação assim se exprimia o P. Francisco: «A meditação é um trabalho da inteligência e da vontade. É uma farmácia espiritual onde podemos encontrar todos os remédios para curar qualquer doença da alma». Depois de citar vários exemplos da Sagrada Escritura e da vida dos Santos prosseguia: «Ela é ainda mais necessária para aqueles que devem ensinar, porque ninguém dá o que não tem. O religioso deve se santificar conformando-se com Nosso Senhor e é na meditação que ele faz este confronto. Assim como a meditação é princípio de santificação a sua falta é princípio de ruína. Quem trabalha em perfumarias mesmo depois de seu trabalho leva consigo o perfume das essências; assim quem faz bem a meditação leva consigo durante o dia o «bom odor de Cristo» (2 Cor 2,15).

Salesiano exemplar, autêntico imitador da santidade de Dom Bosco, P. Francisco sentia-se à vontade quando falava da santidade salesiana, apoiando-se nos exemplos do nosso Fundador. Eis as suas palavras:

«Jesus Cristo é o fundamento de toda a santidade e de toda a perfeição religiosa. Sem a graça não há vida cristã e sem vida cristã não há vida religiosa. Jesus Cristo é a fonte primeira e imediata da graça divina. É por esta graça que nós estamos encorporados em Nosso Senhor que é a cabeça do grande corpo de que somos membros. Formamos, portanto, um corpo só. Viver assim integrados em Nosso Senhor é a perfeição da vida cristã. E a perfeição religiosa salesiana não pode ser outra coisa senão a perfeição cristã, de acordo com o primeiro artigo das nossas Regras. Viver vida cristã é viver de Cristo:

mihi vivere Christus est (Phil 1,21). Vida cristã e vida religiosa são, portanto, a mesma coisa. Uma e outra manda que nos identifiquemos com Nosso Senhor. Era essa a ascética de Dom Bosco como nos diz o Cardeal Cagliero: *êle era a verdadeira imagem de Jesus Cristo, na doçura, na caridade, no trabalho e no amor às almas. Dom Bosco quer que a nossa piedade seja sólida, espontânea, simples e alegre. Êle nos quer ainda perenemente tranquilos: niente ti turbi. A piedade que êle nos ensinou foi uma piedade unida a uma grande operosidade, ao zêlo indefesso. Tudo isso, porém, supondo uma grande união com Deus de que nosso Pai nos deu tão admirável exemplo». Terminava citando Dom Bosco que dizia: «Êde se lamentar que muitos religiosos, embora querendo tender à perfeição, não se empenham em ser cristãos fervorosos; com efeito, por vêzes encontramos mais espírito de fé em um camponês ou mesmo nos nossos alunos do que em alguns sacerdotes ou religiosos».*

As palavras do P. Francisco calavam fundo em nossas almas porque víamos na santidade salesiana descrita o retrato de sua própria santidade. Este exemplo dava uma autoridade extraordinária à sua palavra.

Falando da caridade fraterna êle lembrava os sublimes ensinamentos do Divino Mestre, de Dom Bosco e aproveitava para dar preciosas normas pedagógicas aos assistentes e professores. Foi assim que êle nos falou em uma conferência de 1944:

«Bom Bosco foi todo caridade, todo bondade, todo paterno, todo solícito pelo bem e pelas necessidades de seus filhos e alunos, de tal maneira que um célebre pedagogo o chamou «admirável exemplo vivo de amor educativo»

«Como o Divino Modêlo, Dom Bosco diz a seus filhos: eu vos dou um novo mandamento (Jo 13,34), ou como São Paulo: sêde meus imitadores como eu o sou de Cristo (1 Cor 4,16). Sem dúvida, a caridade, o amor educativo é uma característica da nossa Congregação. Embora seja verdade que tôda casa religiosa deva ser como um jardim da Igreja onde viceja o espírito de amor

e bondade de Nosso Senhor, tem, entretanto, cada Congregação a sua nota característica que a distingue de todas as outras e parece que Dom Bosco determinou bem essa nota distintiva no artigo 12 de nossas Regras que reza assim: Nesta Sociedade... todos os sócios levam vida comum, ligados unicamente pelo vínculo da **caridade fraterna** e dos votos simples, vínculo este que os une de tal modo a formarem **um só coração e uma só alma** para amar e servir a Deus com as virtudes da pobreza, da castidade e da obediência e com uma vida fervorosamente cristã».

«A caridade, ensina a teologia, começa pelos mais próximos e tem uma gradação. Assim sendo, maior deve ser o nosso afeto e nossa veneração o nosso amor pelos nossos superiores os representantes mais autênticos e imediatos de Deus. Estende-se, depois, a todos os nossos irmãos e até ao último dos nossos alunos, porque se a caridade não for universal deixa de ser caridade porque lhe faltaria uma nota essencial. A caridade não deve ser só universal mas deve ser ainda imparcial. Vejamos o exemplo de Nosso Senhor: se teve preferência foi para os mais pobres, os mais pequeninos, os mais miseráveis, os mais pecadores. Não veio para os justos mas para os pecadores. Essa era também a preferência do nosso pai Dom Bosco e deve ser também a nossa. Igualdade para todos e se se houver de fazer alguma distinção esta seja para os mais desfavorecidos pela natureza ou pelos dotes.

«Diz a nossa pedagogia: se os alunos perceberem no seu educador qualquer particularidade ou preferência, por menor que seja, estará frustrado todo o seu trabalho educativo».

P. Francisco terminou esta conferência fazendo um belo elogio aos nossos irmãos coadjutores, salientando o valor do seu trabalho e do seu apostolado, e dizendo que eles devem ser sempre objeto especial de nossa predileção e dos nossos cuidados.

Mestre de vida espiritual, P. Francisco sabia dar normas seguras para se alcançar a perfeição cristã. Não

a fazia consistir em cousas acidentais, em muitas práticas de piedade ou mortificações mas «primária e essencialmente no amor de Deus, a se desenvolver no cumprimento exato das obrigações do próprio estado». Era comum terminar as conferências com um pensamento salutar sôbre a morte ou sôbre o Paraíso.

Em 1945, falando da perfeição, dizia aos salesianos: «Dom Bosco quer que procuremos a santificação de nossa alma e depois a santificação dos nossos dependentes. Só santifica quem é santo. A santificação de seus membros é o fim principal da nossa Congregação. A perfeição consiste essencialmente na caridade: amor de Deus e amor ordenado do próximo. O amor ordenado do próximo leva ao amor de Deus e à perfeição. O amor desordenado, sensível e afetivo arrefece às vêzes e destrói o amor de Deus. A razão é que um ser tanto é mais perfeito quanto mais êle atinge o seu fim. Assim um relógio é perfeito quando marca bem as horas; perfeito é o artista quando desempenha bem a sua arte; assim o homem será tanto mais perfeito quanto mais atingir a Deus, aproximando-se d'Ele pela caridade, e do próximo que é a manifestação visível de Deus entre nós. São Paulo nos dá uma prova dessa asserção quando nos diz que «a caridade é o vínculo da perfeição» (Col 3,14). Erram portanto aquêles que imaginam que a perfeição consiste no espírito de oração, na penitência, ou na prática de grandes atos de virtudes. Em matéria de perfeição é muito fácil trocar a causa pelo efeito, o principal pelo acessório, o fim pelos meios, «Por minha parte, diz São Francisco de Sales, não conheço outra perfeição senão esta de amar a Deus de todo o coração e ao próximo como a nós mesmos».

«A perfeição não consiste em muitas cousas nem em grandes idéias mas em uma total **renúncia** de si mesmo, numa **sincera** disposição de trabalhar e sofrer tudo por amor de Deus. Daquí se conclui que o melhor exercício de perfeição, a penitência maior e mais agradável a Deus, consiste na renúncia da própria vontade para se conformar com a vontade de Deus pela caridade.

Bela é a oração porque une a nossa mente a Deus, porém mais belo ainda é fazer a vontade de Deus porque então é o nosso coração que se une a Deus. A perfeição, portanto, só existe no amor de Deus e tôdas as outras virtudes são vaidades se não são efeitos do amor de Deus ou não conduzem a esse amor.

«A união de nossa vontade com a vontade de Deus se realiza quando praticamos fielmente aquilo que Ele quer e pede de nós. Ora, nós sabemos o que é que Nosso Senhor quer e pede de nós, pois Ele nos manifesta a sua vontade por meio de nossos superiores e das nossas Regras. No perfeito cumprimento dos nossos deveres está, portanto, a nossa perfeição. Daí podemos concluir que o perfeito religioso é aquêle que cumpre perfeitamente os próprios deveres. Um religioso que cumpre os próprios deveres morrerá confortado».

Seu espírito de religioso amante da vida comum e da observância religiosa está bem impresso numa conferência que fez à comunidade em 1946 sobre a «vida comum» que Ele considerava a alma da vida religiosa.

«O bom religioso, dizia Ele, ama a vida comum, ama a casa a que a obediência o destinou, desapega-se das próprias comodidades e interesses pessoais, buscando unicamente o interesse da comunidade. Pelo exercício da vida comum o bom religioso se sentirá feliz em dividir com os irmãos as fadigas do trabalho cotidiano, as alegrias, as penas, e nada terá tanto a peito como o amor à Congregação.

«A vida comum só é difícil para aquêles que pouco observam e praticam as obrigações impostas pelos votos e pelas santas Regras. O salesiano fervoroso não sente necessidade de exceções desnecessárias, não se esquivia dos deveres da vida comum. Estará plenamente convencido de que a sua perfeição consiste sobretudo na observância exata de todos os deveres da vida comum.

«Uma das mais expressivas manifestações da vida comum, depois das práticas de piedade, é o refeitório salesiano. Como é desejada e como é agradável aquela alegre conversação que há em nosso refeitório depois da

leitura regulamentar. Os irmãos que não se haviam encontrado senão ligeiramente, depois de várias horas de aula e de trabalho, se reúnem, trocam suas impressões, as notícias, brincam uns com os outros e ficam assim aliviados de suas fadigas. É preciso conservar sempre a alegria dessas nossas amenas conversações na mesa, sem contudo esquecer as normas do decôro e da discreção. Inimigo destas alegrias de vida comum é a política que divide deploravelmente os ânimos.

«Nossa vida comum deve se manifestar também no repouso. Os salesianos devem se deitar logo. Aquêles que leva seu trabalho até altas horas da noite prejudica a si mesmo e às suas atividades do dia seguinte. O assistente e o professor que se deitam tarde não poderão cumprir bem seus deveres no dia seguinte. Estarão cansados e nervosos.

«As dúvidas, as tentações, as deserções nascem do desprezo da vida comum. É aí que vem a faltar a coragem para fazer os sacrifícios que ela exige e o indivíduo sentirá porisso necessidade de suavizar a disciplina, procurando outras consolações e exceções».

Um seu autêntico «auto retrato» de religioso amante da piedade se acha nesta outra conferência feita também em 1946:

«Ninguém pode dar o que não tem. Não podem comunicar calor os que são frios. O salesiano fervoroso, que alimenta em seu coração a chama da piedade e do amor de Deus encontra sempre modo e ocasião de difundir em torno de si tesouros de bem aos alunos que a Providência lhes confiou. O salesiano piedoso ama e vive a sua vocação; ao passo que a primeira origem da perda da vocação é o arrefecimento do espírito de piedade. Sem uma piedade sólida não é possível ao salesiano ter constância no bem e na sua laboriosa missão de mestre, assistente e educação.

«O salesiano que descuida das práticas de piedade está fadado a um trabalho estéril e não terá as bênçãos de Deus em meio à suas inúmeras fadigas, visto que a

eficiência do nosso apostolado vem da piedade, vem de Deus.

«A caridade é a rainha da virtude; a devoção, a flor da caridade; a piedade, a flor da devoção, pois torna filial e afetuosos o serviço de Deus, o que há de mais sublime na religião.

«É a piedade que regula sãbiamente as nossas relações com Deus, que satisfaz as nossas relações com o próximo, pois, segundo São Francisco de Sales, as almas realmente piedosas têm asas para voar até Deus pela oração, têm pés para caminhar entre os homens por meio de maneiras amáveis e caridosas. Assim entendida, a piedade nada tem de austero, difícil ou penoso. Nossa devoção deve ser forte, corajosa, humilde e confiante.

«A verdadeira razão das fraquezas do coração que tanto mal causam nas famílias religiosas está na falta de piedade, pois o coração humano tem necessidade imprescindível de amar e não amando a Deus pela piedade vai mendigar o amor das criaturas, disfarçando, às vezes, êsse afeto sob a aparência de zelo».

Há na vida salesiana a tradição de o superior da casa, ou outro padre por êle, dirigir aos meninos algumas palavras publicamente depois das orações da noite. Esta prática inventada por Mamãe Margarida e seguida por Dom Bosco, foi transmitida a todos os salesianos que dela fizeram uma de suas tradições mais eficazes e agradáveis: a «boa-noite». A palavra do superior naquela hora encontra o ânimo dos meninos quase sempre bem dispostos. Depois da «boa-noite» o aluno vai para o dormitório onde permanece em silêncio até a manhã seguinte após a Missa. Ao se deitar passam-lhe pela mente as últimas palavras do superior e êle vai aplicando a si alguns conselhos, alguma máxima ouvida.

«As «boas-noites» do P. Francisco eram sempre aguardadas com ansiedade e ouvidas com sumo prazer por todos os salesianos e aspirantes. Eram sempre formativas, paternas. Falava frequentemente da vocação religiosa, do sacerdócio e da obra salesiana com o fim de animar os meninos em sua vocação. Muitas vezes

terminava as «boas-noites» com uma curta frase latina que, em geral, resumia todo o assunto tratado.

Nas vésperas dos dias 24 de cada mês falava sobre a devoção a Nossa Senhora Auxiliadora e nas vésperas das últimas terças-feiras do mês sobre Dom Bosco. Mais de uma vez, em suas «Boas-noites» cheias de salesianidade citou o nome do nosso Reitor Maior e de todos os membros do Capítulo Superior da nossa Congregação, dizendo em seguida aos aspirantes que procurassem decorar todos aqueles nomes que ele, no dia seguinte, no pátio, lhes iria interrogar.

Na festa de São Francisco de Sales após ter falado da grande força de vontade do santo aplicou para si e para os ouvintes aquilo de Sto. Agostinho: **si ille cur non ego?** — se ele alcançou tal coisa, porque também eu não alcançarei?

Alguma vez aproveitava-se da «boa-noite» para corrigir algum inconveniente. Fazia-o sempre com seriedade e firmeza. Certo, porém, de que ia ser atendido, trocava, no final, o tom da voz, sorria e dizia: «não penssem, porém, que estou dando pito».

Eram suas «boas-noites» sempre breves e atraentes de forma que sempre se sentia o desejo de que se prolongassem mais.

Alguma vez um ou outro dos mais pequeninos tentava cochilar durante as suas palavras. Padre Francisco, ao perceber, dizia entre uma frase e outra: *acorda, menino!* Não citava entretanto o nome do dorminhoco o qual, porém, tudo percebia e se esforçava por estar atento.

Os assuntos prediletos de suas «boas-noites» eram algum conto ou parábola, impressões de suas viagens, donde tirava sempre ótimos ensinamentos para os alunos.

Contando suas viagens não raro narrava algum pormenor para despertar a hilaridade. «Desta vez, dizia ele, encontrei-me com um senhor em certo povoado que me deu algum dinheiro dizendo-me: isto aqui, seu Virgário, é para mecê matá o bicho».

De volta de uma das visitas que fizera às capelas

do interior de sua paróquia contou na «boa-noite» um episódio que prendeu muito a atenção de todos pelo colorido e simplicidade da narrativa. Um seu aluno da segunda série ginásial assim não-lo reproduziu:

«Quando eu acabava de fazer uma visita a uma das capelinhas da nossa paróquia, acercou-se de mim um homem pobre, de roupas remendadas, que assim me chamou: «Sô Vigaro, vancê tá lembrado daquele dia que eu fui na sua casa e vancê me arrecebeu numa sala de visita bunita que tinha na parede o retrato do sô Bispo e de São João Dão Bosco e me mandou sentá naquela cadera bunita?» — Sim, respondi. «Pois bem, sô Vigaro, eu fiquei muito satisfeito com vancê e agora quero que vancê vá também na minha casa tomá o meu cafezinho de pobre». — Com muito prazer, respondi. Acompanhei-o. Ao chegarmos perto de um casebre êle me disse: «Vamos entrá, sô Vigaro. Só peço não arrepará porque é casa de pobre». Respondi que não me encomodaria e que lá estava muito bem. Mandou-me que sentasse num banquinho de madeira e, tomando-me o chapéu, dependurou-o em uma ripa da parede esburacada. Depois que tomei o cafezinho êle me disse: «agora, sô Vigaro eu e meu filho vamô cantá uma modinha pra vancê». Tomando então de uma viola e o filho de um pandeiro começaram a tocar, dansar e cantar um estribilho mais ou menos assim:

«Sua casa é perfumosa
Como o cravo e como a rosa;
Mas cá neste barracão
Vancê tem meu coração.

Beleza de Vigaro, aro, aro!
Beleza de Vigaro, aro, aro!»

Depois do canto queriam que eu me demorasse mais; como estava com pressa tive que deixar aquela casa onde fui acolhido de um modo tão interessante. Antes de terminar a «boa-noite» P. Francisco lou-

vou a gratidão daquele homem simples que pagou como pôde o tratamento que lhe fôra dispensado.

Era com estas narrativas simples e alegres que o P. Francisco ia inculcando nos aspirantes o amor às virtudes, à vocação religiosa e ao sacerdócio.

Algumas vêzes anunciava na «boa-noite» uma grande novidade que estouraria uma semana mais tarde. Era o suficiente para que nos pátios os meninos tivessem assunto para uma semana inteira.

Podemos afirmar que êle, como fiel discípulo de Dom Bosco, sempre considerou as «boas-noites» e dela se serviu como sendo realmente a chave da moralidade, do bom andamento e do bom êxito da educação.

ÚLTIMO ANO DE ATIVIDADES

«Nunc dimittis servum tuum, Domine, secundum verbum tuum in pace, quia viderunt oculi mei salutare tuum».

(Lc 2,29-30)

«Agora tu, Senhor, despede em paz o teu servo segundo a tua palavra; porque os meus olhos já viram a tua salvação».

A 27 de outubro de 1946, dia dedicado a Cristo Rei, os salesianos, aspirantes e cooperadores fizeram ao P. Francisco sua última festa. Esperavam todos que fôsse aquela a sua última festa como Diretor do Ginásio São João, pois, de acôrdo com as nossas regras, não pode o Diretor permanecer no cargo por mais de seis anos na mesma casa. Por uma exceção êle ia completar já o sétimo ano. Era, portanto, cousa já esperada a sua troca de ocupação no ano seguinte. Ficaria provavelmente em São João del-Rei como Vigário pois os paroquianos manifestaram ao Sr. P. Inspetor êste desejo. Entregaria assim a outro o cargo de Diretor do aspirantado. Parecia isto uma necessidade pois não seria possível cumprir os dois cargos dado o acúmulo de serviço.

Nas vésperas de sua última festa inaugurou-se uma artística exposição catequística na sala onde se encontravam também valiosos presentes oferecidos por alguns cooperadores e pais de alunos. Após ter visitado a exposição e benzido um novo paramental branco, P. Francisco de dentro do refeitório, com ar tristonho, conforme pareceu a alguém, olhava os pórticos iluminados e enfeita-

dos de bandeirinhas. A um clérigo que lhe dirigiu certa brincadeira respondeu: «é a minha última festa». Logo depois, às 18,45, oficiou as Primeiras Vésperas solenes de Cristo Rei e deu a Bênção com o Santíssimo Sacramento.

No dia seguinte despertaram todos ao som festivo da banda de música dos aspirantes. Celebrou às 6 horas a Missa da comunidade distribuindo a todos a sagrada Comunhão. As 9,30 na capela do Aspirantado, solene Missa cantada pelo Sr. Conego Dr. Francisco Tortoriello, antecessor do P. Francisco como vigário. O Sr. P. Januário Goulart, salesiano, vindo de Pará de Minas, pregou à estação do Evangelho. Todos os aspirantes, ajudados por um grupo de cooperadores nas vozes viris, num conjunto de 260 cantores executaram a «Missa Pontificalis Secunda» de Perosi, a 3 vozes desiguais. Padre Francisco, de sobrepeliz, assistia ao Santo Sacrifício, muito recolhido no fundo da capela. Um possante alto-falante colocado na torre do santuário em construção transmitia o canto sagrado para todo o Bairro Dom Bosco.

Ao meio dia houve um almoço íntimo no pátio do novo pavilhão de aulas que fôra inaugurado a 10 de março deste ano. Por esta ocasião falou, em nome dos cooperadores, o Sr. Prefeito Municipal, Dr. Antônio Viégas. Suas palavras foram bem as de um amigo sincero e devotado. Agradeceu ao P. Francisco o grande bem que tinha feito a São João del-Rei com a direção do aspirantado, da escola agrícola, dos oratórios festivos e da paróquia. «Um só pedido, uma só súplica, disse êle, desejava fazer ao P. Francisco: é que êle não nos abandone no próximo ano e que esta não seja, como dizem, a sua última festa».

E aquela foi, de fato, a sua última festa aqui na terra... No ano seguinte uma festa infinitamente mais bela e duradoura o aguardava em outra «Pátria».

Saudaram-no ainda, durante o almoço, um salesiano e um aspirante. À noite, após a exibição da opereta «Marcos, o pescador» de D. Cimatti, P. Francisco, que já falara no fim do almoço, falou novamente agradecen-



O Colégio S. João em 1951

do tudo o que lhe tinham feito, frisando mais uma vez, com seu sorriso inalterável, que aquela seria, realmente, «sua última festa».

Todos os aspirantes lhe escreveram uma cartinha nesse dia, abrindo-lhe os corações de filhos. A um deles assim respondeu: «Caríssimo... Agradeço muito sua cartinha do dia 27, o ramilhete espiritual e o seu atestado. Que Deus lhe pague e o faça bom, piedoso e perseverante. Reze sempre pelo seu amigo em N. Senhor.

P. Francisco Gonçalves

São João, 30 — 10 — 46».

No mês seguinte uma notícia vinda de Ponte-Nova fez cair um véu de tristeza sobre o Ginásio São João. Lá se achava, bastante doente, Da. Mariquinhas, a bondosa mãe do P. Francisco que, por três anos, dispendera suas forças trabalhando com abnegação e grande sacrifício pelos salesianos e aspirantes no Ginásio São João. P. Francisco viajou na mesma noite em que recebeu a notícia, enquanto todos os aspirantes rezavam suplicantes pela saúde daquela que eles consideravam a sua «Mãe Margarida».

A melhora não se fez esperar por muito tempo e pôde o Sr. P. Francisco voltar logo ao Ginásio para presidir aos exames finais, à premiação dos alunos e dar início às férias.

Na festa do Natal de 1946 o grupo dramático dos aspirantes levou à cena o drama «Último Natal!» Por uma coincidência aquêle era também o último Natal do P. Francisco aqui na terra.

Raiou, afinal, ao som jubiloso do «Te Deum laudamus», o ano de 1947. Era um ano bastante promissor para o P. Francisco. A um clérigo êle dissera poucos dias antes do fim do ano: «No ano que vem, 1947, poderei dar largas ao ministério sacerdotal entre o povo e a juventude». Esperava, pelo que se percebia, ser apenas Vigário e ajudar ao aspirantado.

Ao mesmo clérigo, durante o Retiro que juntos fizeram em Campinas, em janeiro de 1947, disse confidencialmente: «Já sei onde vou ficar este ano». Como o clérigo quisesse saber algo mais, êle disse: «Vou lhe contar, mas guarde segredo: vou continuar como vigário em São João e serei também confessor dos aspirantes». Disse tudo isso o P. Francisco com simplicidade e visível alegria. Nada acrescentou, porém, sobre o futuro diretor do aspirantado pois o Sr. P. Inspetor talvez ainda não soubesse quem colocar como seu substituto naquele cargo. Neste Retiro, nas horas livres, P. Francisco lia frequentemente as Santas Regras. Durante os recreios maiores conversava salesianamente no pátio com os superiores, com seus antigos companheiros de estudos, com alguns clérigos e coadjutores, dispensando a todos um trato verdadeiramente fraterno. Sem perder ocasião de dizer uma boa palavra, aconselhava a um clérigo que partia para o Instituto Teológico: «aproveite bastante este tempo para crescer na ciência e na piedade. O curso teológico deve ser para você um segundo noviciado».

Vindo para este seu último Retiro espiritual, P. Francisco trouxera até Lavrinhas uma turma de 20 aspirantes que deviam começar, naquele ano, em Pindamonhangada, o noviciado. Seriam aquêles os primeiros novigos formados em todo o período do aspirantado pelo P. Francisco. Preparou-os com todo o carinho, fazendo-lhes semanalmente uma conferência sôbre assuntos de vida religiosa. Muitos choraram ao despedirem-se dele em Lavrinhas. A isso os forçava o grande amor que devotavam àquêle que por 4 ou 5 anos tanto se desvelara por êles.

Em fevereiro, já em São João del-Rei, de volta do Retiro espiritual, P. Francisco, sempre mais sobrecarregado de serviço, aguardava, ansioso, a vinda do novo Diretor. Era uma necessidade real. Multiplicavam-se os trabalhos da Paróquia com a fundação de novas associações e a construção do Santuário e de capelas sucursais, aumentavam os trabalhos do aspirantado e o P. Francisco a se desdobrar em mil afazeres, preocupado

ainda com a saúde de sua mãe que novamente inspirava sérios cuidados.

Na noite de 3 para 4 de fevereiro, sentindo o pêso doloroso de sua cruz, assim escreveu ao Sr. P. Inspetor:

«São João del-Rei, 3 para 4 de fevereiro de 1947.

Querido P. Inspetor

Laudetur Christus!

Precisaria escrever-lhe hoje uma longa carta mas já são altas horas da noite ou da madrugada... por isso limito-me a escrever-lhe estas duas linhas afim de pedir-lhe respeitosamente, porém insistentemente uma providência com a possível urgência para o «caso» de São João del-Rei; ou seja a designação do diretor do Ginásio São João pois, em consciência, devo dizer-lhe que que não dou conta mais de tôdas as minhas atribuições na situação em que me acho e nas condições em que nos encontramos. Situação essa que se resolveria logo satisfatória e perfeitamente com a designação do diretor.

«Esperando ser atendido, peço-lhe bênção.

P. Francisco».

Vê-se, por estas palavras, o quanto estava êle sobrecarregado de serviço. Acabrunhava-o ainda mais o temor de não estar cuidando do aspirantado ou da paróquia como devia, em virtude dos múltiplos trabalhos. Apesar de tantas preocupações conseguiu arranjar umas férias para os aspirantes na vizinha cidade de Tiradentes. Para lá partiram alguns alunos e salesianos no dia seguinte.

Em fins de fevereiro foi novamente chamado à Ponte-Nova para assistir a mãe que novamente piorava de saúde. Transportaram-na para um hospital de Belo Horizonte, aonde a acompanhou, como bom filho, o P. Francisco.

Impressionou vivamente a uma irmã religiosa que cuidava de Da. Mariquinhas, os cuidados e as delicadezas do P. Francisco para com sua mãe, Mostrava ainda grande gratidão para com aqueles que dela se ocupavam.

Após uma noite em que a mãe, com febre, delirava, o padre disse-lhe sorrindo em presença de todos: «O' Mãe, a senhora me chamou de cabeçudo!» Da. Mariquinhas respondeu: «Mas, meu filho, é verdade mesmo; você foi sempre cabeçudo...»

Tendo a doente manifestado o desejo de voltar à família, decidiu-se a viagem para Ponte-Nova em carro especial. Acompanhava-a o P. Francisco, sua irmã Nair, Filha de Maria Auxiliadora, seus irmãos e uma outra irmã religiosa. Viajaram das 5 horas da manhã às 5 da tarde. A doente estava bem acomodada em um leito e o P. Francisco não a abandonava a não ser por breves instantes.

A irmã religiosa que os ajudava no cuidado da mãe nos dá o seguinte pormenor desta viagem:

«Em dado momento, perto da doente que repousava estávamos nós três assentados: o P. Francisco, a Irmã Nair e eu. Conversávamos à meia voz, quando o padre falou do P. Luiz Mertens, morto em odor de santidade em Liege, Bélgica, em 1920. Disse-lhe então que o havia conhecido e o Padre Gonçalves me perguntou pormenores de sua morte e lhe contei como o Padre Mertens se tinha oferecido como vítima pela paróquia no fim de uma missão... Interrogou-me o P. Francisco sobre todas as particularidades (eu era membro da comunidade que fazia parte da casa dos salesianos), e depois percebi que estava contente com aquilo que acabara de saber...»

Ao sair do trem P. Francisco ajudou transportar sua mãe para o automóvel e para a residência onde ela, no dia 9 de março, entregava sua bela alma a Deus.

Padre Francisco que tinha nela um tesouro, sofreu muitíssimo ao perdê-la. São êstes sofrimentos que a pena não sabe descrever e que o silêncio diz muito mais que a eloquência.

Os salesianos sentiram também grandemente a

morte de Da. Mariquinhas. Em 1943 chegava ela a São João del-Rei para ajudar o filho no Ginásio que se iniciava, como Mamãe Margarida a Dom Bosco naquela casa Pinardi onde faltava quase tudo. Embora fraca de saúde trabalhava o dia inteiro pelos meninos e salesianos. Por três anos dirigiu nossa cozinha e copa sem aceitar a mínima remuneração. Aliás nenhum dinheiro pagaria tanto trabalho, tanto sacrifício, tanta abnegação. As obras feitas por amor não se podem pagar com o dinheiro da terra. O valor infinito que elas adquirem só pode ser resgatado no Céu. Ao deixar o trabalho, já noite, Da. Mariquinha passava pelo escritório do filho para se reanimarem mutuamente. Era uma cena delicadamente poética aquela em que os dois se abençoavam: «A bênção, Mamãe — a bênção, meu filho»... e lá se ia para o repouso no modesto quarto da casa das Irmãs Carmelitas, repouso que, quase sempre, era empregado nos consertos das roupas dos aspirantes e das batinas e capotes dos salesianos.

Da. Mariquinhas nos fazia também lembrar Nossa Senhora Auxiliadora que vela lá do Céu. noite e dia, pelos salesianos e nos «auxilia» em todos os trabalhos.

Parecia-se ainda com Mamãe Margarida na educação sólidamente cristã que deu aos filhos, nos grandes sacrifícios que, viuva, fez por eles. Só o Cristianismo é capaz de formar mulheres da têmpera destas heroínas que, privadas do esposo, tomam-lhe elas mesmas o lugar no lar, servindo de pai e de mãe a seus filhos. Já que estes não podem mais desfrutar os carinhos do amor do pai falecido, elas os amam com um duplo amor: o materno e o paterno. Não é também por outra razão que as mães viúvas são as mais amadas e idolatradas do mundo. É que também elas são amadas com um duplo amor..

O trabalho tão caridoso e espontâneo que Da. Mariquinhas dispensou aos salesianos em São João del-Rei ganhou o coração de todos quantos a conheceram. Não poderia porisso a sua morte deixar de ser dolorosa e sinramente sentida por todos os salesianos, aspirantes e cooperadores de São João del-Rei.

No dia 15 de fevereiro fizeram celebrar duas Missas por intenção de sua alma; uma na Matriz às 6 horas e outra na Capela do Ginásio às 8,30, solene, cantada pelos aspirantes.

O Sr. P. Inspetor dizendo numa «boa-noite» que ela foi uma das maiores cooperadoras da nossa obra em São João del-Rei, sugeriu a idéia de colocarem seu retrato numa sala do Ginásio São João.

No dia 12 voltou o Sr. P. Francisco de Ponte-Nova bastante abatido. Estava porém calmo e resignado e, no dia seguinte, teve ânimo para responder uma cartinha a alguns seus noviços que lhe tinham escrito:

«São João del-Rei, 13 de março de 1947.

Caríssimos...

Viva Dom Bosco!

«Estou lhes devendo resposta de várias atenciosas cartinhas, repassadas de muitos sentimentos de gratidão aos superiores daqui e principalmente para com o Padre Eu. Impossibilitado de lhes responder separadamente, ainda que com grande atraso involuntário, venho saldar hoje esta dívida, escrevendo-lhes esta carta coletiva.

«Muito obrigado a todos. Gostei muito de suas ótimas notícias, principalmente de saber que começaram com tanto fervor o santo noviciado. Deo gratias! Deo gratias!

«Vocês nada têm que me agradecer; bem queria ter feito muito mais pela primeira e querida turma de noviços do Ginásio São João. Somos apenas instrumentos de Deus, «servi inutiles sumus». Agradeçam portanto somente a Nosso Senhor a **graça imensa** que lhes concedeu chamando-os para o seu santo serviço e ainda mais na Congregação de Dom Bosco e sob o manto de N. S. Auxiliadora. Urge que correspondamos a tão assinalada graça com uma vida santamente salesiana, não é?

«Agradeço também com muito reconhecimento o lindo e preciso ramallete espiritual que tiveram a car-

dade de me oferecer no dia 21. Foi o mais belo presente daquele dia. Que Deus lhes pague. Antecipadamente lhes envio afetuosas felicitações pela vestidura e recepção de medalha... Imagino a justa e santa alegria de vocês neste dia tão belo, um dos mais belos de nossa vida salesiana, que marcará para cada um de vocês, sem dúvida, uma verdadeira ascensão na piedade, na virtude e nos grandes ideais salesianos! Parabens! Parabens dos salesianos e aspirantes de São João del-Rei, extensivos a todos os noviços. Infelizmente não seria possível atender aos repetidos e insistentes convites que me fizeram para assistir à vestidura. Seria realmente para mim uma grande satisfação, mas me seria de todo impossível ausentar-me nesta ocasião; além disso a santa pobreza ficaria lesada. De aqui, porém, os acompanharemos todos com nossas preces nesta data feliz.

«Aqui vamos indo, sem novidades e com a casa cheia de novatos. Os aspirantes neste ano serão cerca de 250. Não se esqueçam de rezar por eles e pelos salesianos de aqui.

«Reitero meus agradecimentos pelas cartinhas que para mim foram motivo de muita satisfação e verdadeira alegria. Peço-lhes **muito e muito** um «memento» especial em suas orações fervorosas do noviciado pelo irmão em D. Bosco.

P. Francisco».

Conforme diz nesta carta não pôde estar presente à solene vestidura dos seus primeiros clérigos. Não deixou porém de lhes mandar outra cartinha no dia 19 de março, com estes dizeres:

«Queridos noviços.

Laudetur Christus!

«Impossibilitado de levar-lhes pessoalmente o meu abraço neste dia tão belo e tão feliz, faço-o por meio

de nosso grande amigo Sr. Soares que aí me representa e a todos os salesianos e aspirantes do Ginásio São João, que hoje os acompanham com suas preces, fazendo votos a Deus que hoje, com a santa batina e a santa medalha, revistam-se realmente do Homem Novo, segundo o espírito de nosso Pai D. Bosco. Abraços do

P. Francisco».

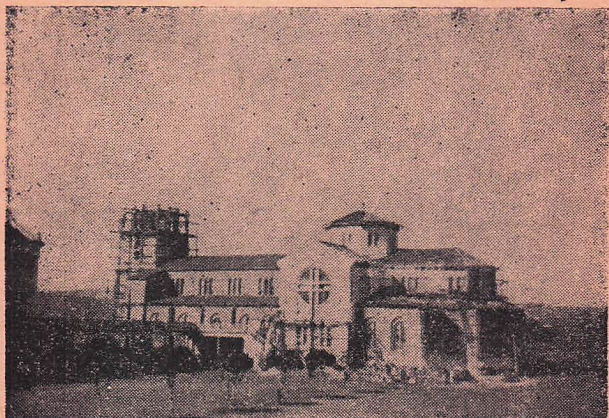
Após o sofrimento moral que suportou com a morte da mãe, P. Francisco ainda naquele mês de março tinha que passar por um grande sofrimento físico submetendo-se a uma delicada operação. Internou-se para isso na Santa Casa da cidade, no dia 21 de março, ficando aos cuidados do Dr. Antônio de Andrade Reis, ex-aluno e cooperador salesiano. Foi uma operação bastante dolorosa e, referindo-se a ela, disse o P. Francisco a um salesiano que nunca tinha sofrido dor tão forte em toda a sua vida.

Tendo-se restabelecido, já no dia de sair da Santa Casa, embora estivesse completamente bem, disse a uma pessoa que o fôra visitar e que lhe assegurara ainda viver muito: «Qual nada! A minha cova já está pronta...» Teria êle algum pressentimento de que só lhe restavam 4 meses de vida?

No dia 25 de março chega de Turim a carta do Sr. P. Pedro Ricaldone, nosso amado Reitor Maior, confirmando-o diretor do Aspirantado. Os superiores, portanto, não acharam conveniente afastá-lo daquele cargo para ficar somente Vigário como se esperava.

la ele então exercer o seu oitavo ano como diretor da casa de São João del-Rei.

Em princípio de maio, os salesianos da casa vendo-o ainda bastante abatido pelos últimos sofrimentos e pêlo muito trabalho, insistiram, sugeridos pelos médicos, para que êle fôsse descansar alguns dias na cidade de Prados, afim de se restabelecer melhor. Padre Francisco aceitou e lá ficou, ajudando na Paróquia de 9 a 14 de maio.



O Santuario S. João Bosco
em setembro de 1951

No dia 17 embarcou para Pindamonhagaba afim de conversar com o Sr. P. Inspetor que lá se encontrava, e resolver alguns assuntos de interesse da casa e da paróquia. Aproveitou para ver, pela última vez os «seus futuros salesianos». Em princípio de 1946, quando êle voltava com os aspirantes das férias de Cachoeira do Campo, dissera aos que lhe estavam perto: «Daqui a dois anos terei também os meus salesianos...». Não lhe permitiria, porém, o Senhor abraçar no ano vindouro os «seus salesianos». Naquela visita eles eram ainda novinhos e foi aquêle o último abraço, a última lembrança, a despedida. Mas êles serão sempre os «seus salesianos». Dêste título sempre se sentirão honrados e, juntamente com a grande turba de outros salesianos, aspirantes, oratorianos e paroquianos formados pelo P. Francisco, não de constituir sua coroa de glória no Céu.

O mês de maio, o piedoso mês de Maria, em que êle tão bem sabia afervorar os fiéis e os aspirantes, ia ser o mês da oferta da vítima. Era o início do sacrifício...

Naqueles dias 15 Padres Redentoristas pregavam as santas Missões em tôdas as igrejas e capelas de São João del-Rei. Eram grandemente consoladores os frutos de conversão e de fervor. Padre Francisco tanto se entusiasmou e em tanto zêlo se desdobrou que, no fim das mesmas, impressionava a todos pelo seu visível abatimento. Convidado para fazer, com sua palavra inflamada o discurso após a procissão de encerramento, contou ao povo o fato do servo de Deus P. Luiz Mertens que ofereceu sua vida pelas almas da paróquia.. Depois disso falou:

«Senhor, se quereis uma vítima para perpetuar os frutos das santas Missões nesta cidade, pela perseverança dos bons e pela conversão dos pecadores, aqui me tendes».

Ditas estas palavras prosseguiu em seu discurso. Não mais puderam ouvir alguns dos assistentes que, consternadíssimos, derramavam abundantes lágrimas

Estava feita a oferta. E o Senhor a aceitara. Antes, porém, que se consumo inteiramente o sacrificio deverá

êle ter ainda um grande consôlo aqui na terra com a inauguração do Santuário de São João Bosco, já todo coberto e rebocado graças às atividades do P. Francisco e à generosidade de seus paroquianos.

Começaram em junho os preparativos da festa inaugural. Para isto foi êle à cidade de Mariana no dia 17 afim de combinar tudo com o Sr. Arcebispo, S. Excia. Dom Helvécio Gomes de Oliveira. Chamado a Cachoeira do Campo para conversar com o Sr. P. Inspetor de lá voltou dia 26 trazendo a notícia de que êste não poderia estar presente à inauguração por causa de sua próxima viagem à Europa para o Capítulo Geral da Congregação Salesiana.

A 6 de julho realizou-se a festa inaugural do Santuário de São João Bosco e da Capela e Oratório Festivo de Santa Teresinha, anelos do P. Francisco naqueles últimos meses. As festas foram brilhantíssimas. Veio de Mariana S. Excia. Dom Helvécio, grande amigo e protetor da obra salesiana em São João del-Rei. Compareceram ainda outras personagens importantes como o Sr. Benjamim Ferreira Guimarães, Dr. Cristovão de Abreu Braga, prefeito da Cidade, Sr. José Nascimento Teixeira Filho e Dr. Ivan de Andrade Reis, nossos grandes amigos e cooperadores. Após o almoço o P. Francisco externou num discurso o seu contentamento pela inauguração do Oratório Santa Teresinha e a bênção do Santuário. O Sr. Conego Francisco Tortoriello que começara a construção saudou ao Sr. Arcebispo, ao Sr. Benjamim Guimarães e aos amigos e benfeitores a quem era devido o acabamento daquelas obras.

A noite, como encerramento dos festejos, efetuou-se a entrega da Bandeira de Campeão das Vocações ao Ginásio São João. O Sr. Arcebispo foi convidado a entregá-la ao P. Francisco por ser o diretor do Ginásio; êste disse porém que a Bandeira era devida não aos salesianos mas aos benfeitores dos salesianos. Convidou porisso o Sr. Benjamim Guimarães a recebê-la. Seu gesto tão sincero e espontâneo foi acompanhado de aplausos gerais.

Com a inauguração do Santuário P. Francisco, embora tão jovem, com apenas 36 anos, ia cantar, como o velho Simeão, o seu **Nunc dimittis**: «Agora tu, Senhor, despede em paz o teu servo segundo a tua palavra; porque os meus olhos já viram a tua salvação»

ÚLTIMOS DIAS

«Pater, in manus tuas commendo spiritum meum».
(Lc 23,46; Ps 30,6)

«Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito».

Foram muitos os que notaram, nestes últimos meses, no P. Francisco, um maior desprendimento do mundo. Era-lhe muito mais frequente o pensamento da morte. Dir-se-ia mesmo que êle pressentia um próximo vôo para a eternidade.

Alguns meses atrás, no refeitório, um clérigo lhe dizia que gostaria de morrer bastante velho para poder desenvolver maior apostolado. Outro salesiano disse que queria, pelo menos, ver sacerdotes os aspirantes para cuja formação trabalhou. Padre Francisco, porém, só disse isso: «eu desejava ser padre; já o sou, estou satisfeito e posso morrer». Mostrava nisso um desprendimento da terra e de suas obras.

Depois da oferta que fizera de si a Deus, em maio, êste pensamento parece que se lhe foi tornando cada vez mais frequente.

Após a inauguração do Santuário êle, como quem vai fazer uma longa viagem ou mudar de residência, fez uma limpeza geral em suas gavetas e armários rasgando vários papéis que lhe pareciam inúteis e deixando tudo em perfeita ordem.

No dia 13 de julho, domingo, 10 dias antes de sua morte, presidiu a reunião da Congregação Mariana de sua Paróquia. Desta reunião o Sr. Djalma Assis, presidente dos Congregados, nos conta o seguinte:

«Nessa ocasião P. Francisco começou a ensinar-nos as orações em latim e frisou bem o **De Profundis**, fazendo-nos ver a necessidade de sufragarmos os nossos irmãos. Disse depois a seguinte frase: «Estou lhes ensinando e quem sabe se vocês não rezarão breve para mim?!...» Após esta reunião ele se dispôs de boa vontade a tirar uma fotografia (o que ele sempre evitava) com todos os Marianos, dizendo-lhes risonho: «É preciso ficar meu retrato entre os Congregados como uma lembrança».

Só o P. Francisco podia compreender porque assim falava. Os outros, certamente, levavam em brincadeira as suas palavras. É verdade que o viam magro, sempre cansado e abatido, mas não era isto novidade pois aquele fôra, quase sempre, seu estado normal. Já tinha se restabelecido da última operação e ninguém, por certo, esperava sua morte tão iminente. Além disso, suas atividades prosseguiram entusiasticamente. Entregava-se ainda com todo o ardor à Obra Catequética fundando, poucos dias antes, um outro sub-centro numa Colônia vizinha. Atravessou o rio de barca e lá, cheio de esperanças, lançou do outro lado a sementinha que germinou, cresceu e muitos frutos vem produzindo.

Como o servo bom e fiel que quer ser encontrado em ordem, fizera, poucos dias atrás, um regulamento de vida que bem exprime as belas disposições de sua alma, o estado em que o Senhor o irá encontrar. «Felizes os servos a quem o Senhor encontrar vigiando quando vier», diz a Escritura (Lc 12,37).

Eis o regulamento na íntegra:

- 5 hs. Levantar. Jaculatórias
- 5,30. Meditação
- 6,00. Rezár a Santa Missa
- 6,30. Assistir à outra Missa (Orações da manhã,
- Prima, Terça, Sexta e Noa)
- 7,15. Café. Recreio
- 7,45. Revistar a casa

- 8,00. Atender os aspirantes no escritório.
- 10,30. Leituras ascéticas (salesianas).
- 10,45. Recreio
- 11,00. Almoço. Visita ao Santíssimo.
- 11,30. Recreio
- 12,30. Vésperas e Completas.
- 12,45. Correspondência
- 14,00. Merenda. Visita ao Santíssimo. Recreio.
- 14,45. Expediente no escritório.
- 15,30. Estudo de Teologia.
- 16,15. Matinas e Laudes
- 16,45. Recreio
- 17,00. Jantar. Visita ao Santíssimo. Recreio.
- 18,30. Bênção do Santíssimo. Terço. Leitura espiritual.
- 19,15. Atender os salesianos no escritório.
- 20,30. Orações da noite. Visita aos dormitórios.
- 21,00. Via sacra. Exame de consciência
- 21,30. Leituras ascéticas
- 22,00. Descanso.

Programa: Vida interior, Desprendimento, Renúncia, Sacrifício, Abandono, Confiança, Alegria, **Amor.**

«Meu Deus e meu tudo».

A este horário, feito talvez em maio ou princípio de junho, êle se referia em uma cartinha que mandou à sua Irmã Nair em 27 de junho deste ano, dizendo que o estava seguindo à risca. Nesta mesma carta, a última que escreveu à irmã, deixa transparecer seu desejo de crescer sempre mais numa santidade alegre e operosa.

Eis suas palavras:

«São João del-Rei, 27 — 6 — 1947.

Querida Irmã Nair

Viva Jesus Eucarístico!

Desejo que esteja muito bem de saúde, muito ale-

gre e muito fervorosa nesse belo mês do Coração de Jesus.

Fiz agora o meu horário diário e estou seguindo à risca. Nêsse horário há uma hora fixa diária para correspondência. Assim sendo, espero não deixar mais Irmã Nair muito tempo sem notícias do padre, o qual sugere a Irmã que faça também o seu horário para não deixar também o padre muito tempo sem suas notícias. Eu vou indo **muito bem de verdade**. Há muito não passo tão bem de saúde como agora. Quanto ao trabalho também estou mais aliviado pois temos mais auxiliares neste ano: 8 padres, 5 clérigos e 8 coadjutores. Espiritualmente também não estou pior, creia. Estou procurando mesmo me converter de fato e ficar «bonzinho» de verdade».

Depois de dar notícias da próxima inauguração do Santuário, termina sua carta com êste precioso pensamento:

«Adeus, querida Irmã. Continue a **rezar muito** pelo seu padre. Santifiquemo-nos para santificar as almas que Nosso Senhor nos confiou. Sômente quem é santo pode santificar, ou melhor cooperar pêla santificação de outrem.

«Um afetuoso abraço do seu

P. Francisco».

A hóstia oferecida estava, como vemos, bem preparada. Resta-nos agora saber como se realizou o sacrifício total. Para isso acompanhem os seus últimos dias de vida.

No dia 15 de julho, às 8 horas da noite, mandou o P. Francisco chamar um aspirante, ajudante do enfermeiro, dizendo que lhe preparasse uma injeção contra gripe, pedindo-lhe ainda água morna para lavar os pés que, dizia, estavam frios. Passou assim o dia 16 e 17.

No dia 18 notaram todos que êle mancava de uma perna quando caminhava pelo pórtico. Brincou com vários salesianos e aspirantes dizendo que estava ficando

velho. Mesmo assim trabalhou todo aquêlê dia, tanto no Ginásio como na Paróquia e no Oratório, onde passou a maior parte do dia auxiliando na construção de gangorras, campos de volei e outros jogos para as crianças estrearêem no próximo domingo.

Dia 19, pela manhã, tentou levantar-se da cama mas quando tocou os pés no chão percebeu que não podia andar. Fêz novo esforço mas caiu no corredor, entre a porta do quarto e a do escritório. Um dos salesianos coadjutores que descia para o Santuário para fazer sua meditação aí o encontrou. Não podendo levantá-lo sôzinho chamou o ajudante do enfermeiro e, assim, o colocaram na cama, estando o corpo um pouco sem movimento. Eram 6 horas da manhã. Sem se perturbar o P. Francisco tentava fazer o «Em nome do Padre». Não conseguindo, ria como uma criança.

Os salesianos da casa, por indicação do doente, mandaram chamar o Dr. Ivan de Andrade Reis. Êste examinou-o bem e receitou remédios enérgicos. A primeira vista o diagnóstico pendeu para uma polinevrite, doença de que morrera sua mãe.

P. Francisco, no entanto, mostrava-se disposto, passando o dia um pouco na cama e um pouco numa cadeira de braços e conseguiu alimentar-se bem, sendo os alimentos colocados na bôca por outrem.

Aproveitou quase todo o dia para fazer meditação pelo livro «Meditações Sacerdotais», lidas por um aspirante. Conta-nos êste que êle mandava repetir várias vêzes alguns trechos como se quisesse compenetrar bem dêles.

Seu quarto apresentava-se cheio de brinquedos que êle adquiriu para as crianças do Catecismo. Iam estreá-los no dia seguinte, domingo. Estando imóvel na cama queria ouvir de seu quarto a algazarra da criançada.

Nesse mesmo dia ditou umas cartas, entre elas esta que mandou à Presidente das Catequistas:

«Entrego-lhe com êste bilhete alguns brinquedos que arranjamô, ou melhor que deram para o nosso querido Catecismo.

A bola branca é para o volei. Amanhã (domingo) um moço colocará lá a rede. Talvez seja mais próprio e mais interessante para as meninas mais crescidas. A bola grande pintada é para jogarem com a mão. As duas bolas de borracha pequenas são para aquela espécie de tennis que está perto do muro; podem jogar quatro de cada vez. Por enquanto vão estas raquetes pequenas; na próxima semana virão outras maiores. As meninas devem ter cuidado para não jogar bolas e petecas nos fios nem dentro do muro das Irmãs afim de não incomodá-las...

Vão três cordas de pular individuais e duas para mais de uma. E mais seis petequinhas. Enfim mais uma bôca aberta que batizaram de «Maria Joana», para o brinquedinho das bolas. Infelizmente o balanço já começado não ficou pronto e ficará para o próximo domingo. Talvez mais prático seja incumbir uma catequista de cada um desses brinquedinhos, para haver ordem, interessê e agrado por parte das crianças.

Esses pequenos sabonetes são para o armário.

Espero que os sub-centros não fiquem zangados com o Vigário. Pretendemos fazer a mesma coisa em todos êles. É preciso que o Catecismo da Matriz seja organizado antes para servir em tudo de modelo aos demais, não é?

Ditei e não assinei esta carta porque não posso nem sequer mover as mãos e muito menos os pés...

Reze por mim sômente com esta intenção: Que se faça em tudo e sempre a santa e adorável vontade de Nosso Senhor.

Agradece o P. Francisco».

Nesse mesmo estado deu várias ordens para a direção da casa e da Paróquia e fêz o projeto de passar o Santo Retiro na cadeira a atender os Aspirantes. A tarde começou a sentir a cabeça um pouco pesada e voltou para a cama. Foi chamado novamente o Dr. Ivan o qual, retornando, ficou um pouco alarmado com um

novo aspecto da doença que o ameaçava a modificar o diagnóstico para mielite. Convocou logo a presença de outros médicos. Foi chamado com urgência o Dr. Cid Rangel e, logo após, o Dr. José Gaudêncio Neto. Chegou também logo o Sr. José Nascimento Filho que prestou preciosos serviços com a sua experiência e abnegação.

Ouvindo de seu quarto que na sala vizinha os médicos tratavam de seu caso, P. Francisco, brincando, perguntou ao aspirante que lhe fazia companhia o que estava aquêlo pessoal tramando lá fora.

As 8,20 da noite chegaram os dois pregadores do Retiro espiritual dos aspirantes que se iniciaria no dia seguinte. Eram o P. Roque dos Santos e o P. Antônio Lages. Fizeram, ao chegar, uma breve visita ao P. Diretor.

As 8,30 os progressos da moléstia eram tão rápidos que os médicos, reunidos na sala de visitas, deixaram entrever a possibilidade de um desenlace iminente. Em vista disto os sacerdotes capitulares da casa, ali presentes, pensaram em sugerir ao querido doente a recepção dos Sacramentos ao que o enfermo acedeu com inteira tranquilidade. Fêz chamar o P. Lages que o ouviu em confissão. Em seguida o Sr. P. Prefeito (P. Duarte) ministrou-lhe o Sacramento dos Enfermos e o Santo Viático. No quarto estavam algumas pessoas que respondiam às palavras do sacerdote com lágrimas nos olhos. Sòmente êle, o enfermo, olhava a todos com um olhar que exprimia um misto de tristeza, alegria e consòlo.

Neste interim os médicos providenciaram um balão de oxigênio e, por telefone, tomavam-se duas providências: pedir de Belo Horizonte um especialista em neurologia e avisar em São Paulo ao Sr. P. João Resende, que fazia as vèzes do Sr. P. Inspetor, achando-se êsse em Turim para a reunião do Capítulo Geral.

Na madrugada do dia seguinte, domingo, 20, dia que o P. Francisco esperava ansioso para poder passear entre a criança do Oratório Festivo e do Centro de Catecismo, nos pátios que rodeam a Matriz, o enfermo parecia mais sossegado, embora a respiração continuasse

um tanto penosa. De manhãzinha voltaram os médicos e verificaram que a moléstia parecia querer estacionar. Seu estado de saúde foi comunicado aos paroquianos nessa manhã. O mesmo se fez, por telefone, a todas as casas de formação da Inspetoria. Foi, então uma enorme turba de corações que subiam incessantemente ao Céu para pedir a Deus a saúde do P. Francisco. Rezavam todos: os salesianos, os noviços, os aspirantes, os cooperadores, os paroquianos, os ricos, os pobres, os velhos, os moços, os operários, os molequinhos da rua. E eram preces sinceras e ferventes por aquêle que se fizera o pai, o amigo, o irmão de todos.

A notícia se espalhou por toda a cidade e, em poucas horas, a portaria do Ginásio estava cheia de pessoas amigas. Esta afluência durou ininterruptamente todo o tempo da moléstia. Um registro colocado na portaria para as visitas encheu-se logo com mais de 500 assinaturas.

Foram chamados pelo telefone sua irmã religiosa Nair e seus irmãos Antônio e José que residiam em Viosa e Ponte Nova, respectivamente.

As 11 horas chega de avião, de Belo Horizonte, o Dr. Nagib Abdo que se dirigiu imediatamente para o quarto do enfermo. O exame foi minucioso e prolongado. O diagnóstico foi mielite; ainda incerto se difusa ou ascendente. Para identificar a causa da moléstia, o médico fez, com autorização do enfermo, uma punção para a extração do líquido raquidiano. Esperavam os presentes que o P. Francisco fôsse gritar, porisso lhe seguraram os membros. Ele, porém de nada se queixou. Suportou tudo pacientemente.

O especialista aprovou a terapêutica antecedente, ordenou novas medicinas e penicilina em alta dosagem.

Seu tormento maior era a respiração que se ia tornando sempre mais penosa pois a paralisia tomara o diafragma e começava a atingir os intercostais. O doente não sentia, porém, nenhuma dor nos membros.

Tôdas as visitas que vinham vê-lo diziam que estavam rezando por êle. P. Francisco respondia: «Vocês estão querendo tomar meu passaporte... talvez em ou-

tra ocasião eu não me encontre tão bem preparado para morrer».

As 7,15 da noite abria-se o Retiro espiritual dos aspirantes.

No noite de 20 para 21 não conseguiu dormir. Sobreveio-lhe uma tosse seguida de um pigarro do qual não se podia livrar de nenhum modo. Na madrugada do dia 21 chega do Caraça, onde se achava em uma reunião de ex-alunos, o Sr. Aristóteles do Nascimento Teixeira. Ao saber do estado do P. Francisco viajara de automóvel ininterruptamente do Caraça a Belo Horizonte e, logo em seguida, até São João del-Rei (mais de 12 horas) para correr ao leito do enfermo ao qual se mostrava ligado por tantos títulos.

Nesta manhã o P. Francisco pediu a Santa Comunhão e recebeu-a com todo o fervor de uma alma prestes a demandar seu vôo às moradas celestes. Qual teria sido o seu colóquio com Jesus naquela manhã, certo como já estava de que a morte era iminente?

Durante o dia sofreu sempre de forte dispnéia, aumentada pelo catarro que não conseguia expelir.

Os seus aspirantes que não cessavam de suplicar a Deus a saúde do seu amado diretor, pediam insistentemente para visitá-lo mas os outros superiores não deixaram, temendo que isto aumentasse os males ao P. Francisco.

Em frente do doente foi colocado um crucifixo. Depois de olhá-lo piedosamente mostrou-se mais alegre e confortado.

Pelas 3 horas da tarde começou a variar um pouco. Chamou a um dos enfermeiros e disse: «Por quê os meninos não c'egam as carteiras para frente? Assim não enxergam no quadro negro». Dêste momento em diante teve pesadelos quase que constantemente, e variava de tanto em tanto. Isto, dizia êle ao enfermeiro, muito o encomodava; porisso preferia não dormir.

Pelas 4 horas da tarde, em plena lucidez, fez chamar o P. José de Vasconcelos, catequista da casa e seu futuro sucessor como diretor do aspirantado, e, tendo

feito sair tôdas as pessoas do quarto, disse-lhe estas textuais palayras, interrompidas muitas vêzes pela comoção e pela dificuldade de respiração:

«Se Deus me der vida e fôrças, quero trabalhar ainda mais pela glória de Deus e da nossa querida Congregação.

«Se Deus me levar consigo, ofereço minha vida pela nossa Congregação, pela nossa Inspetoria, pela perseverança e santificação dos salesianos, pela obra das vocações salesianas.

«Quero pedir perdão aos meus irmãos, aos aspirantes e às pessoas com quem tratei, das minhas faltas e dos sofrimentos causados por mim. Diga-lhes que os amo muito.

«No Céu, se Deus me conceder esta graça, hei de me lembrar de todos os salesianos, aspirantes, paroquianos, dos queridos e beneméritos benfeitores de nossa Casa e das nossas obras»

De sua parte o P. Vasconcelos pediu igualmente perdão das faltas suas e dos súbditos da casa, assegurou-lhe da estima e das orações que todos elevaram a Deus pelo seu restabelecimento. Deu-lhe, em seguida, notícias do santo Retiro que estava sendo feito com muito recolhimento pelos aspirantes.

Pelas 6 da tarde teve novo pesadelo que durou uns 10 minutos. Parecia sofrer muito e ter entrado em agonia. Chegou, nessa ocasião, de Caburu, o saudoso P. Franz Eigmann, venerando salesiano ancião, que fazia parte da comunidade de São João del-Rei desde 1943. Ao saber do estado do P. Francisco, o P. Franz dirigiu-se apressado para o quarto do doente, traçou aí uma grande cruz sobre o leito e pôs-se a chorar como uma criança. Seu pranto tão sentido arrancou lágrimas de todos os presentes. Os salesianos tiveram de levá-lo de diante do doente para evitar-lhe maiores comoções.

Depois disso P. Francisco livrou-se do pesadelo e disse: «Agora consigo localizar-me. Parecia estar em uma grande igreja cheia de meninos, com muitos altares e vários bancos». Sempre que variava falava cousas que

se referiam ao colégio, ao santuário, aos oratórios e aos «rendicontos» dos salesianos e conversas com os aspirantes. Mandou vários conselhos a muitos destes nestas ocasiões.

Passou toda a noite de 21 para 22 entre alternativas de lucidez e pesadelo que lhe impediam o sono. A respiração sempre muito penosa fê-lo temer a morte por sufocação pelo que disse repetidas vezes: «Estou resignado com tudo; só peço a Deus que me poupe a falta de ar».

«À uma hora da madrugada do dia 22, conta-nos o aspirante que vigiava a seu lado, êle beijou o crucifixo que trazia no peito como lembrança de sua mãe. Como eu guardasse o crucifixo sem beijá-lo êle me perguntou porque não o beijava. Depois, parece a propósito, começou a falar que a mãe estava presente, que ia partir e perguntava se o automóvel estava pronto».

As 4,10 da manhã chegam o Sr. P. Alcides Lana, diretor do Ginásio Dom Bosco de Cachoeira do Campo) atual Inspetor Salesiano), o irmão José e a Irmã Nair, F. M. A.. Dirigiram-se logo para o quarto do doente o qual ficou muito confortado com a presença dos irmãos e com a do P. Alcides a quem êle sempre se sentiu ligado, desde os inícios de sua vocação. O irmão Antônio não pôde vir por causa de um incômodo de saúde.

As 6 horas P. Francisco recebeu a Santa Comunhão. Jesus veio visitá-lo mais uma vez, enchendo-lhe o coração com seu amor, avivar-lhe a fé e a esperança. Dentro em pouco aquêle amigo voará para o seu lado para um amplexo de amor que não terá fim. Dentro em pouco se romperá o véu das espécies eucarísticas e P. Francisco será feliz com a visão da glória sempiterna.

Pelas 9 horas chegou de São Paulo, o Sr. P. João Resende, diretor do Instituto Teológico Pio XI e representante do Sr. P. Inspetor. Visitou carinhosamente o enfermo, confortando-o com palavras animadoras. Entre outras cousas lhe disse o P. Resende, brincando, que êle tinha sido desobediente em se oferecendo como vítima». Padre Francisco não retirou, porém, seu oferecimento.

O Sr. P. Resende conseguiu em São Paulo e trouxe a estreptomycin, que os médicos resolveram tentar afim de salvar o doente.

A tarde conseguiu mover uma perna e os pés que tinham estado inteiramente paralisados desde o dia 19, o que encheu a todos de otimismo e de esperanças.

Não conseguiu, entretanto, dormir na noite de 22 para 23.

«De vez em quando, — escreve o aspirante enfermeiro, — mostrava-me alguma cousa pêlo lado da porta e, como eu não soubesse o que era, procurei interpretar abrindo a porta. Mas êle acenava a cabeça negativamente. Depois de repetir várias vêzes tal atitude descobri que êle mostrava o crucifixo como um sinal de resignação.

«Às 3,30 da madrugada do dia 23 êle teve uma melhora tão repentina que deixou em todos certa desconfiança. Falava e estava mais alegre. Aos que perguntavam êle respondia: «estou muitíssimo melhor».

«O médico, tendo vindo, achou-o melhor e disse-lhe algumas palavras animadoras. Depois que êste saiu êle pediu que colocassem o cobertor no chão para experimentar andar. Como todos que ali estavam recusassem, êle não insistiu. Depois, porém, que saíram todos — continua o enfermeiro — pediu-me que pusesse o cobertor no chão para êle andar. Fui constrangido a desobedecer. Ordenou-me, então, que pusesse o tamborete perto da cama. Depois que coloquei mandou-me que pusesse suas pernas em cima do banco. Tudo fiz. P. Francisco empregou tôdas as fôrças que ainda tinha mas não conseguiu firmar-se. Fechou os olhos, soltou um suspiro e nada disse, permanecendo nesta posição até que resolvi voltá-lo à posição antiga. Pêlas 11 horas, saindo novamente todos do quarto para o almoço, fiquei novamente sozinho com o doente, colocando e tirando, como sempre a bomba de oxigênio. Era triste ver ali na cama, sem movimentos, um homem que antes não parava por todos os lados. Agora só lhe restavam os movimentos dos olhos e da bôca para indicar que ainda estava vivo.

Pedi-me naquela hora para colocar minha cabeça no seu coração e perguntou-me se as palpitações eram demasiadas. Respondi que estavam um pouco precipitadas pois, na verdade, chegavam a 102 por minuto. Ele repetiu então esta frase que já dissera em outra ocasião: «Estamos no começo do fim». Perguntei-lhe várias vezes o que sentia e ele respondia sempre que só a falta de ar, a dor de cabeça e o corpo como se não o tivesse.

«Às 3 horas da tarde, após ter aplicado mais uma dose da injeção, deixei o quarto, despedindo-me do P. Francisco com a saudação «Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo», à qual ele respondeu com um aceno de cabeça».

Depois das 3 da tarde sossegou quase completamente num estado de meio adormecimento. Dêste estado de solonência quase não saiu até a noite. Não sentia dores nem a respiração era penosa.

As 8,30 da noite ainda respondia com lucidez às perguntas dos médicos.

É preciso abrir aqui um parêntesis para contar um pouco, ao menos, do que se passava em volta do quarto do P. Francisco nesses últimos dias.

Era verdadeiramente impressionante e edificante o plebiscito de interesse não só dos paroquianos, mas de toda a cidade durante a moléstia. Os registros se enchiam num instante com assinaturas de todos os feitores. Várias pessoas fizeram a Deus o sacrifício de sua vida, em lugar da do P. Francisco: assim alguns aspirantes e muitos cooperadores. Comovente a oferta de dois esposos, ambos cooperadores, que, de comum acordo, ofereceram a Deus, nesta intenção, a vida de qualquer um dos filhos conforme Deus quisesse escolher.

Era admirável a dedicação da Família Nascimento Teixeira. Da. Mariquinhas (Viuva Nascimento Teixeira) passava os dias na sala de visitas cuidando de tudo e providenciando sobre a alimentação do querido doente. O Sr. José Nascimento Filho, dia e noite, com dois autos a servir, a providenciar, a aconselhar, a pagar tudo com

um afeto de filho. Como se encarnam neste homem admirável a caridade e grandeza do seu progenitor!

O Sr. Aristóteles, depois da estafante viagem, seguiu diretamente para o quarto do doente e ali ficou a servir, a ajudar, passando dias e noites a fio, em cuidados para que nada faltasse ao P. Francisco. E assim todos os demais membros da Família Nascimento Teixeira.

Igualmente admirável a dedicação do Sr. Antônio Soares e Djalma Assis, íntimos amigos e cooperadores que, nesses dias, se sublimaram em heroísmos. A esposa do primeiro passava também as noites na cozinha cuidando do que pudesse ser necessário ao doente e aos médicos.

Não menor a dedicação dos médicos, de modo particular Dr. Ivan e Dr. Cid. O primeiro, ótimo ex-aluno, além de cooperador, chegou até a passar a noite no aspirantado, dormindo na sala de visitas. A família salesiana de São João del-Rei ficará para sempre vinculada de gratidão para com estes caros amigos.

Trabalho heroico foi também os dos enfermeiros: Coadjutor Aldo Maia (da casa de Pará de Minas), aspirante Mário Antônio Raimundo (hoje clérigo salesiano), Coadjutor Geraldino da Silva e o enfermeiro Clemente, da Santa Casa. Nada se pode dizer da dedicação destes enfermeiros que, chefiados pelo abnegado P. José Guidoreni, tudo fizeram para minorar os incômodos do amado enfermo.

Ao lado do doente, como verdadeiros irmãos, velavam, continuamente, o P. José Vasconcelos (catequista) e o P. Duarte Costa (prefeito) apesar dos afazeres do Aspirantado e da Paróquia.

.....

Aproximava-se a hora da partida.

As 8,50 da noite do dia 23, P. Francisco parecia cair, de súbito, em estado de coma.

Chamados, se reuniram no quarto, quase todos os salesianos da casa, os irmãos do enfermo, os cooperado-

res e amigos mais íntimos. Avisados pelo telefone acorriam todos ao leito do querido moribundo. Do lado de fora só se ouvia o barulho dos carros que chegavam. Em menos de 5 minutos estava cheia de pessoas a sala de visitas, o corredor, o quarto e o escritório vizinho. Estavam também presentes o Dr. Ivan e o Dr. Cid.

O enfermo não dava nenhum sinal de sofrimento. Imóvel, com a cabeça um pouco voltada para o lado direito, parecia mesmo uma inocente vítima pronta a se entregar inteiramente ao sacrifício. Sentia-se que a respiração se enfraquecia pouco a pouco.

De joelhos, à sua cabeceira, o P. Resende rezou todas as orações dos agonizantes, o terço, renovou a absolvição e a bênção papal e sugeria jaculatórias, enquanto o P. Duarte enxugava o suor que brotava do rosto do moribundo. Só os olhos pareciam mexer um pouco.

Esfriou-se o corpo pouco a pouco e, às 21,50 sem um estertor, sem um gemido, desprendeuse sua bela alma. Foi tão suave o traspasse que para verificá-lo foi preciso que os médicos auscultassem atentamente o coração.

Proficiscere, anima christiana! Parte, alma cristã, para a tua morada, para junto d'Aquêle a quem tanto amaste e serviste na terra, para Aquêle por quem te sacrificaste em mil obras de apostolado, Aquêle a quem tu te ofereceste como vítima pela salvação do próximo!

A SAUDADE E A PERSUAÇÃO DOS QUE FICARAM

«In memoria aeterna erit iustus».

(Ps III,6)

«O justo será recordado por todo o sempre».

Poucos minutos após a morte do P. Francisco diziam algumas pessoas presentes: não, não é possível que ele tenha morrido. Fôra, na verdade, tão rápido o progresso da doença e era tão grande a dor que seu desaparecimento deixava que essa expressão saía espontânea de várias bocas.

Depois de composto foi o cadáver exposto à visitação na sala de visitas, transformada em capela ardente, onde ficou até ser transportado para o Santuário no momento da Missa solene.

Na manhã de 24, antes das orações da manhã, o Sr. P. João Resende deu à comunidade a lutuosa notícia. Houve, em seguida, a Meditação do Retiro e a Missa da comunidade.

Os aspirantes, como já se esperava, sentiram profundamente a morte de seu Diretor a quem amavam como um pai carinhoso. Passaram, porém, aquêle dia numa tristeza que diríamos santa. Padre Francisco na última «boa-noite» que lhes deu falou-lhes contra a tristeza, terminando com o pensamento do Salmista: Sirvamos ao Senhor em santa alegria (Sl 99,2). Lembrados desta última recomendação procuravam, de algum modo, disfarçar a dor imensa que sentiam.

No dia seguinte ao do enterro, 25 de julho o «Diá-

rio do Comércio» de São João del-Rei publicou o seguinte artigo, expressão da grande saudade que o P. Francisco deixava no povo sanjoanense:

«Faleceu o P. Francisco Gonçalves!... A notícia correu dolorosamente célere pela cidade.

«Há dias, um véu negro parecia descer sobre a cidade, e ontem êste véu desceu e envolveu tôda São João del-Rei. O véu do luto...

«Morreu o P. Francisco Gonçalves... Ninguém balbucia a frase: «Quem é êle». — Não! Todos sabem. Conhecem êste sacerdote. Porque o Padre Gonçalves era aquêle sacerdote jovem, cheio de vida, risonho, alegre, trabalhador, amigo de todos.

«Cheio de vida, jovem. 36 anos de idade. Moço portanto. Sacerdote relativamente novo: oito para nove anos de padre.

«Risonho, sim! Para todos um sorriso. Para todos a encantadora bondade de seu coração a aflorar nos seus sorrisos e a desabrochar em seus atos ungidos de caridade.

«Alegre... Alegria contagiante, alegria em tudo símbolo da paz sua e de seu espírito.

«Trabalhador... O trabalho era o seu grande amigo. Foi êle um homem de trabalho intenso. São João del-Rei assistiu sempre esta extraordinária transformação de sua gente, em especial, de sua juventude. Ai está o Colégio São João como atestado eloquente de seus trabalhos. Ai estão os Oratórios Festivos, a conclusão do magnífico santuário de São João Bosco, que testificam o valor do homem que as idealizou e as concretizou. Ainda há pouco, em meio às alegrias, êle, satisfeito entoava o seu «Deo gratias», — pois inaugurava-se solenemente a Paróquia.

«Amigo de todos... Quem o não conhece através de inúmeros benefícios que sempre prodigalizou!? São

tantos, tantos. São João del-Rei tôda deve a êste padre grande parte de sua elevação espiritual e moral.

«Não será preciso dizer que foi piedoso e virtuoso, pois se o edificio de suas obras é tão grande e magnífico é porque se assentaram em bases firmes e mais extraordinárias — as virtudes.

«Por isso a cidade se cobre de luto. Não só os salesianos, os do Colégio São João que o choram; nem só a Congregação de Dom Bosco, mas tôda a São João del-Rei. Em cada família, em cada coração há uma dor, uma saudade, uma lágrima. Porém, em cada lábio uma prece e um súplica.

«Chora a Congregação, porque perdeu uma das suas colunas, porque um a menos em suas fileiras, um que era o orgulho da Congregação, um íman de almas para Cristo.

«Choram os Salesianos, os alunos do Colégio São João, porque perderam um amigo dedicado, um mestre justo e sábio, um pai, sobretudo, diretor carinhoso que não media sacrifícios e lhes dava o próprio coração.

«Chora o povo da Paróquia de São João Bosco. Agora que fôra inaugurada oficialmente, entre alegrias e graças. E ele perdeu o seu Vigário, seu pastor. Choram as almas órfãs de seu pai espiritual, seu consolador e amigo de tôdas as horas.

«Chora tôda São João del-Rei, porque o Padre Gonçalves deu-lhe tudo: coração, trabalho suores, alegrias, lutas. São João del-Rei católica sempre soube admirar os sacerdotes, principalmente aquêles que são campeões da fé e do trabalho.

«Enfim todos choramos o mesmo homem, um mesmo amigo, um mesmo pai, um mesmo sacerdote benfeitor: Padre Gonçalves.

«Todos nós rezamos, fazemos a mesma prece, a mesma súplica. O descanso de sua bela alma. Em cada coração uma saudade profunda do P. Francisco Gonçalves».

Este mesmo jornal publicou o belo artigo do sale-

siano P. Antônio Lages, artigo que mais tarde foi reproduzido pela Revista Dom Bosco do Liceu Coração de Jesus, de São Paulo, e que segue aqui transcrito na íntegra:

«Aquêlê sacerdote mocinho veio ontem à cidade de São João. Trazia no corpo franzino uma alma inquebrantável. E um coração tão grande como as areias do mar!

Mas não trazia dinheiro.

E que queria aquêlê padre moço, cujos olhos irradiavam inteligência e diziam sinceridade e cujo sorriso fascinava e vinculava?

Que queria? Almas. Queria almas para salvar e corações para êle incendiar com a chama da caridade que estuava no coração. E vós ouvistes, Sanjoanenses, subir aos céus a algazarra nova da criançada do Oratório com quem e para quem êle rezava, com quem êle se identificava naquele característico elevado rebaixar-se do educador salesiano aos pequeninos.

Ah! O Oratório de São João! Essa página que sabe as coisas extraordinárias... Que reproduziu muita vez o maravilhoso tão natural nos empreendimentos de Dom Bosco Santo.

O Oratório! Na história da cidade se alteia como indelével marco da generosidade dos Cooperadores Salesianos, que, arrastados, fascinados, se viram envolvidos na onda de Trabalho e Caridade, a fazer, a dar, a rezar, a admirar... e a receber! Se Nosso Senhor não deixa sem paga um copo de água...

E o Padre Francisco galgou a meia encosta da colina (atrás dêle, ao redor dêle, num corpo só com êle — os Cooperadores). E ergueu-se o Ginásio. Onde vivem os seus filhos bem amados: as alminhas de eleição que Jesus chamou e confiou-lhe — flores singulares — aos cuidados amorosos dêle, o Jardineiro experimentado.

E a colina transformada no Seminário do Senhor, dignificada, santificada, é o grande turíbulo da cidade, é o grande órgão cuja salmodia perene lembra um cantinho do Céu.

E surgiu também o Santuário de São João Bosco! E vós cantastes com êle, e vós triunfastes com êle. Como foram solenes as festas da bênção litúrgica!

Mas o Santuário de São João Bosco — a Matriz — ainda mal despido das galas da inauguração e bênção, alijou as flores para dar o adeus ao seu Pároco, que, tão moço, o Senhor veio buscar.

Nosso Senhor aceitou a oferta que fizera de si mesmo para o bem de seus filhos!

Grande até para morrer!

Morto!

Vede êste plebiscito de amor! O povo todo que se abala ao vê-lo ali, imóvel o padre cujo estado era o mais admirável dinamismo. Que na véspera de tombar da cama, já de pés meio amortecidos, se arrastava apoiado em dois alunos a dirigir, ativo e vigilante. Que no delírio resolvia, dirigia, animava, providenciava, admoestava.

Olhai esta procissão ante o morto queridíssimo. Todos vieram. Todos! O rico e o pobre. O de letras e os iletrados. Os da alta esfera e os pequeninos. E há lágrimas... Elas vão cantando estrofes, tão belas, de gratidão e veneração. Eu vi o garotinho do Oratório, rasgadinho e sujo, de olhitos brilhando, brilhando com a lágrima teimosa. Que precioso diamante não era! E ao lado dele eu vi o sacerdote venerando de olhos marejando também.

E eu, com os outros, cheguei-me e toquei o meu terço naquele corpo que dizem que morreu.

Foi a primeira Missa de **corpo presente** no Santuário!

Presente! A alma também!

Oh! eu sei que daqui a pouco vão levá-lo... Os seus irmãos sacerdotes vão carregá-lo. Mas êle fica. Tenho certeza que fica. Presente!

Não foi atoa que Nosso Senhor veio convidá-lo. Tem para êle uma missão — eu vejo tão claro isso! —

a missão de Anjo tutelar da Obra Salesiana em São João del-Rei.

Mas já não percebeis sua Presença nessa Tranquilidade, nessa Suavidade, nessa Calma que o mundo desconhece? Que a dor não conseguiu perturbar? E' um luto tranquilo o desses meninos, ou é a Tranquilidade enlutada?

VITA MUTATUR, NON TOLLITUR.

Muda-se a vida, não se tira!

E a Fé que não morre».

«A morte escolhe sempre o melhor». É o que nos diz, neste testemunho, a palavra saudosa do P. Domingos Cerrato, ex-diretor e ex-inspetor do P. Francisco:

«Eu o conheci em julho de 1925 quando visitei pela primeira vez as Escolas D. Bosco de Cachoeira do Campo. Conversei com êle nesta ocasião e depois muitas vezes quando êle aspirante em Lavrinhas, noviço, filósofo, tirocinante, estudante de teologia, padre, conselheiro escolar, Diretor... Sempre fiquei admirando seus continuos progressos nas virtudes próprias de sua condição e de sua aspiração. Chamou-me mormente a atenção a sua confiança filial, completa; o amor à Congregação Salesiana, a Dom Bosco... a sua sêde por adquirir sempre novos conhecimentos relativos à obra salesiana, não só no imenso Brasil, mas também em todo o mundo; o seu são otimismo no juízo que emitia acêrca das pessoas e das coisas... a sua falta completa de respeito humano, sem pessimismo, porém, no modo de tratar os seus companheiros, máxime no curso filosófico e teológico... a sua não comum habilidade, unida ao contínuo empenho para se tornar cada vez mais digno filho de D. Bosco no trabalho, no estudo... a sua angelical pureza que resplandecia de todo o seu porte, de seus olhares, palavras... Quando, porisso, ainda muito novo, foi colocado no candelabro de Diretor e Fundador do Ginásio São João em São João del-Rei, pareceu-me mui acertada a

escólha do nosso mui hábil Sr. P. Inspetor. E os fatos deram razão... Os triunfos conseguidos por êle em São João del-Rei dão claro testemunho... Pena que Deus Nosso Senhor o tenha chamado tão cedo ao prêmio eterno... mas isto vem confirmar... «la morte i miglior fura».

Após a morte do P. Francisco foram inúmeros os testemunhos como êste que apareceram a respeito de sua pessoa.

Se transcrevêssemos aqui tudo quanto seus aspirantes e noviços narraram, seria um novo livro, um poema que haveria de se chamar o poema da saudade e da gratidão.

Para sintetizar os sentimentos dos aspirantes bem podem servir estas impressões de um dos aspirantes de 1947, hoje clérigo salesiano. Era o aspirante que trabalhava como seu secretário, ajudando-o na correspondência.

«Quanto devo ao P. Francisco. Quantas noites prolongava seus trabalhos até 10... 11 horas. E tudo isso por quem? Pelos aspirantes. Quantas vezes, quando a cruz lhe pesava, limitava-se a dizer-me com sua jovialidade costumeira: «Dou-lhe um conselho: é que você nunca queira ser diretor», e ajuntava: «e ainda mais diretor e vigário, ao mesmo tempo...» Realmente era um bom pastor. O bom pastor que se imola diàriamente na ara sagrada do dever cumprido e bem vivido.

«Muitas vêzes eu era tomado de grande admiração para com o meu P. Diretor. Imitava-o. Procurava, quase sem perceber, copiar em mim sua fisionomia moral, seu andar, seu sorriso, aquelas atitudes das horas graves, aquêlê gesto de um sermão. Procurava assimilar seu estilo epistolar. Procuraria até, acho eu, copiar em mim um seu defeito se nele eu tivesse, claramente, encontrado. Tudo que se relacionava com o meu sublime ideal devo ao P. Francisco.

«Nosso Senhor, porém, quis transplantá-lo para uma pátria mais bela, para um jardim mais formoso. E na noite de 23 de julho levou-o para a Eterna Jerusalém. Êste seu vôo precoce lá para o Céu veio abrir em

meu derredor um vácuo tão profundo! Uma clareira tão extensa! Fiat voluntas Dei.

«Entretanto, lá do Céu, êle me pode valer mais do que quando estava aqui na terra. Nos instantes difíceis da vida, lembrar-me-ei de que tenho junto de Deus e de Nossa Senhora, quem me compreende e me conhece e que muito me poderá ajudar.

«Sòmente duas palavras poderiam terminar estas impressões. Uma que, embora não seja do vocabulário salesiano sintetiza a dolorida recordação que me ficou do amado Diretor. Outra, muito nossa, muito de Dom Bosco, que resume tudo o que lhe devo.

«Ei-las: saudade e gratidão».

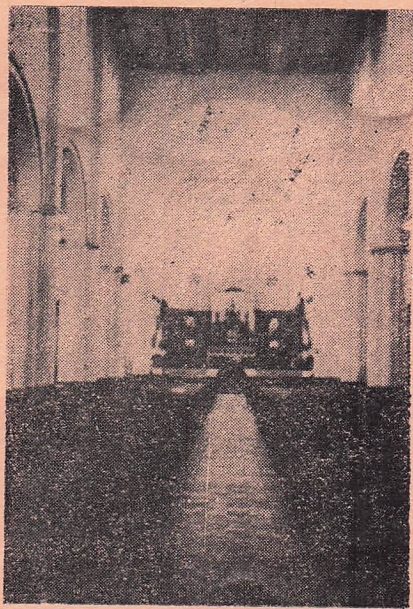
Diz o provérbio popular que «só se avalia o bem depois do bem perdido». P. Francisco, em vida, já era bastante estimado e suas virtudes eram tidas em grande consideração. Após sua morte, porém, compenetrados todos da enorme lacuna por êle deixada, multiplicaram-se os juízos sôbre a sua figura extraordinária e sua santidade.

Só se avalia o tamanho e a copa da árvore gigante depois que ela tomba. Aí é que se pode ver de perto a extensão do seu tronco e o espaço desmesurado que sua copa deixou aberto no ar, entre as demais árvores.

Contam que ao raiar do dia do enterro do P. Francisco, 24 de julho, em São João del-Rei, um pai de família anunciava a morte do querido sacerdote aos filhinhos ainda no leito. Uma ingênua criança de 4 para 5 anos, retrucou imediatamente: «então êle agora é santo Francisco!»

Esta frase, pronunciada talvez inconscientemente pela criança, foi repetida muitas e muitas vêzes por inúmeras pessoas que conheceram as virtudes do grande sacerdote.

Comunicando de São João del-Rei a notícia da morte à comunidade do Instituto Teológico Pio XI, o Sr. P. João Resende atual Inspetor da Inspetoria de N. S. Auxiliadora, escrevia entre outras cousas: «Todos di-



Parte interna do Santuario
S. João Bosco—1951

zem que o P. Francisco era um santo. Contam as conversões ralizadas por êle, proclamam sua caridade, sua dedicação, seu espirito de sacrificio. Afinal estamos diante de um fato que é ao mesmo tempo tristeza e glória.

«Peço que rezem todos e muito para que tudo se encaminhe bem, e não seja demasiado forte o abalo produzido pelo desaparecimento dêste gigante de atividade que, em oito anos, organizou nesta terra o Ginásio, a escola agrícola, a paróquia, 8 capelas, 3 oratórios festivos e 15 centros de catecismo com mais de cem catequistas organizadas e preparadas que dão catecismo a um número enorme de crianças».

S. Excia. Dom Helvécio Gomes de Oliveira, Arcebispo de Mariana, a quem o P. Francisco se sentia ligado por sinceros laços de amizade e gratidão, escrevia ao Sr. P. Inspetor que se achava ainda na Europa: «Estamos inconsoláveis com a prematura morte do santo Padre Gonçalves».

É bem verdade que êle deixou saudades em todos porque a todos soube amar.

S. Excia Dom Orlando Chaves, atual Bispo de Corumbá, então nosso muito amado Inspetor, ao receber em Turim a notícia da morte do P. Francisco sentiu profunda dor. Era o pai que perdia um dos filhos mais queridos. Em 15 de setembro de 1947 escrevia êle, ainda de Turim a carta mortuária do P. Francisco, comunicando sua morte a todos os Salesianos do mundo. Desta carta tiramos o seguinte tópico que bem exprime o conceito que D. Orlando tinha do amado extinto:

«Tinha apenas chegado à Itália para o nosso Capítulo Geral e me encontrava aqui em Turim a gozar a íntima alegria dos primeiros contactos com os amadíssimos superiores e com os nossos preciosos tesouros de família, quando me chegou fulminante esta notícia, tanto inesperada quanto grave e dolorosa. **Seja abençoada sempre a santíssima vontade do Senhor.** Parece quase que êle tenha querido o sacrificio desta vida jovem e promissora, como sinal de aprovação da obra das vocações salesianas da nossa Inspetoria, obra na qual o P.

Gonçalves era um dos mais valerosos elementos. Dele se pode dizer com muita verdade aquelas palavras tantas vêzes recordadas: «**Brevi vivens tempore explevit tempora multa**» (Tendo vivido pouco tempo, viveu uma longa vida — Sab 4,13). Com efeito, na jovem idade de 36 anos e no breve tempo de 9 anos de sacerdócio, deixou um considerável número de grandes e benéficas realizações».

Após enumerar as obras do P. Francisco, S. Excia, conclui sua carta com estas palavras:

«É um herói que tomba no trabalho. Este é o nosso maior conforto».

.....

Conforto grande é também o pensamento de que, lá do Céu, o P. Francisco vai velar por nós.

Se tão grande foi o seu zêlo aqui na terra e se tanto êle aqui fez pêlas almas, o que não fará lá lo alto, livre de todos os impecilhos e angústias desta vida mortal?

Estamos certos de que êle, como Santa Teresa do Menino Jesus, há de passar o seu Céu a espalhar o bem sôbre a terra. Não foi outro, aliás, o seu desejo expresso ao P. Vasconcelos em seus últimos dias:

«No Céu, se Deus me conceder esta graça, hei de me lembrar de todos os salesianos, aspirantes, paroquianos, dos queridos e beneméritos benfeitores de nossa Casa e de nossas obras».

Só nos resta agora entoar ao Senhor, de todo o coração, o «Te Déum» de ação de graças por nos ter Ele permitido viver aqui na terra ao lado desta flor de virtudes tão excelsas e suplicar-lhe:

— Fazei, Senhor, que o perfume desta flor a muitos inebrie e atraia para os vossos caminhos. Suscitai novos heróis salesianos, êmulos do P. Francisco, amantes vossos e zelosos das almas, dispostos ao sacrifício e à abnegação, para maior glória e expansão da Congregação Salesiana e do Vosso Reino.

E, no côro harmonioso que no Céu canta incessantemente os vossos louvores, não faltem, ao lado da do P. Francisco, as vozes daqueles que querem seguir suas pegadas para celebrar também, um dia, os vossos louvores e as vossas misericórdias na Pátria dos Bemaventurados.

Te Deum laudamus!

Te Dominum confitemur!

— F I M —

